

Se no futebol, a gestão de Patrícia Amorim vai de uma crise a outra, na área social e nos esportes olímpicos, a evolução é reconhecida pela oposição. Em termos. Ambos drenam recursos do futebol. De quanto são esses recursos, o clube não informa.

O principal avanço está nas obras. Em dois anos, grande parte da Gávea passou por reformas. Banheiros, vestiários, bares, restaurantes, praças, quadras, ginásios...

– Este ginásio está no padrão NBA – disse o vice-presidente de patrimônio e social, Luiz Cláudio “Cacau” Cotta, em relação ao local onde o clube manda seus jogos de basquete. O exagero é evidente. Embora os pisos e as tabelas tenham padrão internacional e alguns painéis da decoração causem impacto, o ginásio continua acanhado. E nem poderia ser diferen-

te, já que a estrutura não foi mexida. Além dos equipamentos novos, pagos pela SKY e pelo BMG, levou pintura nova e reforma dos vestiários.

Essa obra é um bom exemplo de como o Flamengo tem investido: pouco dinheiro, parcerias com empresas e o uso de funcionários do clube. Se o resultado não é brilhante, é evidente a mudança em relação a 2009. Naquela época, gatos, ratos e até gambás circulavam pelo clube. Em alguns lugares o mato era alto.

E o problema não foi só da última gestão. Sucessivas diretorias não se mexeram para atender aos sócios.

A areia das piscinas, uma das áreas mais populares, não era trocada havia dez anos. Por causa disso, os filtros não funcionavam mais. Sem dinheiro, optou-se por reformá-los, ao custo de R\$ 160 mil.

O pior mesmo era uma quadra de futsal (veja quadro acima).

O sucesso de sua gestão tornou Cotta uma estrela ascendente.

– Não tivemos alguém como ele na nossa gestão –, afirma José Carlos Dias, vice de Finanças em boa parte da gestão de Marcio Braga (2004-09).

– Até agora, fizemos tudo quase sem recursos. Neste ano, o Flamengo começa a receber dinheiro novo. Agora poderemos mexer nas partes mais caras – diz Cotta.

Entre as reformas previstas para este ano, está a piscina olímpica. A situação é lamentável. A piscina vazava, obriga o clube a manter a torneira aberta o tempo todo. Mas o pior, e o que consumirá mais recursos, é que a piscina é rasa demais nas pontas. Vai ter que ser reconstruída.

E+ Mengão

Veja no LANCENET uma galeria de fotos com as reformas feitas na sede do Flamengo, na Gávea

LANCENET
www.lancenet.com.br

Esporte olímpico sobe e mira obter superávit

Além das reformas na Gávea, outra área que cresceu na gestão de Patrícia Amorim são os esportes olímpicos. Em basquete, natação e ginástica olímpica, o clube está no topo do país. Na natação, por exemplo, o clube voltou a ser o terceiro do país, depois de ter caído para 17º num Troféu Maria Lenk. O time de basquete é o terceiro na NBB.

O problema é que o gasto cresceu muito. Em dois anos passou de R\$ 5 milhões/ano, com parte em patrocínio, para 13 milhões/ano, metade saindo do caixa do clube. Quem comanda o projeto é a ex-nadadora Cristina Callou, contemporânea de Amorim nas piscinas e

mulher do ex-diretor de Futebol, Luis Augusto Veloso. Vice de Esportes Olímpicos, fez o clube investir em sete esportes (fora o remo, que tem gestão separada). Para reduzir a dependência do caixa do clube, foi buscar recursos na Lei de Incentivo. Como o Flamengo não tem CND, Amorim criou um artifício. Quem pede o dinheiro é o Instituto Atleta Rubro-Negro, criado por ela própria. Com um projeto, captou R\$ 3 milhões, o que fará o clube economizar.

– Sei que sou criticada por usar dinheiro do clube. Por isso, minha pega é tornar os esportes olímpicos auto-sustentáveis – diz Callou.

Dilma reúne junta para definir corte no Orçamento

NATUZA NERY
SHEILA D'AMORIM
DE BRASÍLIA

A presidente Dilma reuniu ontem pela primeira vez neste ano a Junta Orçamentária, conselho de ministros encarregado de definir o tamanho do ajuste fiscal de 2012.

O encontro dá a largada oficial nas negociações sobre o volume de cortes nas despesas. Embora o ponto de partida seja um bloqueio de R\$ 60 bilhões, cresce no Executivo a defesa por um corte menor.

Um dos argumentos usados na reunião é o de que não é preciso um contingenciamento dessa magnitude para emitir sinais de austeridade fiscal ao mercado.

Até mesmo no Planalto, há quem considere a soma salgada demais para uma presidente que deseja ver a economia crescer em patamar superior a 4%.

Dilma, inclusive, já disse a ministros que a tônica de 2012 é acelerar o ritmo do investimento público. Também avisou a Guido Mantega (Fazenda) que seu governo perseguirá a meta de superavit primário (3,1% ao ano), mas que não aceita nenhum centavo a mais de corte.

Receita vai liberar programa para declarar IR mais cedo

Objetivo é evitar congestionamentos no sistema; entrega começa no dia 1º de março

ANDRE DUSEK/AE-12/12/2011

Renata Veríssimo / BRASÍLIA

A Receita Federal começa a receber no dia 1.º de março as declarações do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) de 2012, ano base 2011. A novidade deste ano é que o programa estará disponível para "download" na página do órgão na internet a partir das 18 horas do dia 24 de fevereiro.

A Receita decidiu antecipar para evitar congestionamento no sistema no primeiro dia de entrega do documento, a exemplo do que ocorreu nos últimos anos. "O contribuinte poderá se programar e trabalhar com mais tranquilidade na sua declaração", disse o subsecretário de arrecadação e atendimento da Receita Federal, Carlos Roberto Occaso. A transmissão dos dados para o Fisco, no entanto, só poderá ser feita no primeiro dia de março.

Os valores dos rendimentos isentos da entrega da declaração e dos abatimentos no Imposto de Renda foram reajustados em 4,5% em relação ao ano passado. É obrigatória a entrega do documento pelo contribuinte que recebeu rendimentos tributáveis superiores a R\$ 23.499,15. A dedução no IR por dependente foi fixada em até R\$ 1.889,64 enquanto o limite de abatimento com gastos com educação é de R\$ 2.958,23. A dedução de gastos com empregada doméstica subiu para R\$ 866,60 em 2012. Para os contribuintes que optarem pela declaração de IR simplificada, o desconto é de 20% limitado a R\$ 13.916,36.

A entrega das declarações deve ser feita via internet ou por meio de disquete nas agências do Banco do Brasil ou da Caixa Econômica Federal.

O prazo de entrega termina



Folga. Para Occaso, subsecretário de arrecadação, contribuinte terá mais tranquilidade

● Tabela

R\$ 23.499,15

a partir desse valor torna-se obrigatória a apresentação pelo contribuinte da declaração de IR

R\$ 1.889,64

é a dedução no IR fixada por dependente

R\$ 2.958,23

é o limite de abatimento com gastos com educação

no dia 30 de abril. Em caso de atraso, o contribuinte terá de pagar multa de 1% ao mês-calendário ou fração de atraso, calculada sobre o total do imposto devido.

Digital. A Receita também estabeleceu que este ano os contribuintes com rendimentos tributáveis acima de R\$ 10 milhões estão obrigados a enviar a declaração apresentando certificado digital. O subsecretário disse que no ano passado 170 contribuintes estavam nessa faixa de renda.

A Receita permitirá ainda que as doações para projetos amparados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) feitas até 30 de abril de 2012 já possam ser abatidas na declaração deste ano. Até 2011, só era permitido abater as doações feitas no ano anterior. Occaso informou que o abatimento está limitado a 3% do imposto devido.

O pagamento do imposto de renda pode ser feito em oito parcelas, com vencimento da primeira cota em 30 de abril. No

caso de restituição de IR, a devolução será feita em sete lotes, a partir de junho.

A Receita estima que 25 milhões de contribuintes entregarão a declaração do IRPF em 2012. No ano passado, o número de pessoas que prestou conta ao Fisco somou R\$ 24,37 milhões.

Outra novidade este ano é a criação do portal do Imposto de Renda, que estará funcionando a partir de 1.º de março, pelo qual as pessoas poderão obter informações sobre o preenchimento da declaração.

estadão.com.br

Blog. Acompanhe tudo sobre seu imposto de renda

www.estadao.com.br/e/ir

Petrobras faz licitação bilionária de plataformas do pré-sal

Estatal recebe hoje propostas para construção dos módulos que irão para campos em desenvolvimento na Bacia de Santos

Ramona Ordoñez
ramona@oglobo.com.br

Hoje é um dia importante para os fabricantes de equipamentos e materiais para a indústria petrolífera no Brasil. A Petrobras vai receber hoje as propostas das empresas que estão participando de uma licitação para construção, montagem e integração dos módulos que serão instalados nas oito primeiras plataformas de produção de petróleo que irão para os campos do pré-sal já em desenvolvimento na Bacia de Santos.

O valor da encomenda é uma incógnita, mas alguns técnicos do mercado estimam que essa

licitação poderá representar investimentos entre US\$ 3,7 bilhões a US\$ 4 bilhões. A expectativa é de um índice de nacionalização elevado, acima de 60%. Os módulos são todas as instalações e equipamentos de produção (como a unidade de processo) que ficam em cima da plataforma.

Cascos das plataformas estão em construção

Neste caso, as bases das plataformas são cascos de navios. Os oito cascos para essas plataformas já estão em construção em Rio Grande, no dique seco da Ecovix, braço da Engevix Engenharia para construção naval, no Rio

Grande do sul.

Essas primeiras oito plataformas serão instaladas nos campos de Lula, Cernambi, Guará e Carioca, entre outros, todos localizados nos blocos no pré-sal BM-S-9 e BM-S-11, na Bacia de Santos. Nesses dois blocos a Petrobras é operadora e tem como sócios nos dois consórcios a BG Group, a espanhola Repsol, os chineses da Sinopec e Galp de Portugal.

A entrega das propostas técnicas e comerciais será em reuniões individuais por empresas, em horários pré-estabelecidos com cada participante. A companhia informou que espera assinar os contra-

tos de encomendas dos módulos dessas primeiras plataformas ainda no primeiro semestre deste ano.

Cada plataforma terá capacidade para produzir 150 mil barris de petróleo e 6 milhões de metros cúbicos de gás por dia. Quando estiverem em plena operação em meados desta década essas plataformas deverão estar produzindo cerca de 900 mil barris por dia de petróleo no pré-sal em Santos.

Esses campos foram os primeiros a serem descobertos na área do pré-sal na região. Os campos ficam a cerca de 300 quilômetros da costa e a mais de dois mil metros de distância do nível do mar ao solo. ■



AS PLATAFORMAS serão semelhantes a está em operação em Santos

Agência O Globo

not 2

op-1

DORA
KRAMER

E-mail: dora.kramer@grupoestado.com.br Twitter: @DoraKramer

Muito além do estilo

A questão da diferença de estilos entre a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pontuou o início do governo da sucessora e é tida como uma das principais razões dos altos índices de popularidade.

Por esse raciocínio, Dilma agradaria à parcela da população que Lula desagradava e, assim, agregaria novos admiradores sem perder os já conquistados, aumentando o capital político do mesmo projeto de poder.

A tese das diferenças entre um e outro já se prestou a várias leituras, sendo a mais equivocada delas a que enxerga sinais de ruptura em atos como o trato civilizado que Dilma dá à

oposição, a ausência de tagarelice diária ou a capacidade de reconhecer o momento em que um ministro perde a condição de permanecer no cargo.

Há que distinguir, no entanto, estilo de padrão. O primeiro guarda relação com a maneira de ser de cada um e o segundo diz respeito aos fundamentos de atuação para a execução de objetivos.

No cotejo com a realidade, o que se vê não são diferenças de padrão. Dilma não trata a imprensa como inimiga da democracia, mas não orienta o seu partido a deixar de lado a proposta de controle social da mídia.

Na política externa não celebra relações com agressores dos direitos humanos, mas ignorou o pedido da cubana Yoani Sanchez para que a ajudasse a con-

seguir autorização para viajar ao Brasil nem incluiu na agenda de sua próxima visita a Havana – onde acaba de morrer mais um dissidente da ditadura Castro – encontro com a oposição, conforme solicitado.

Campanha eleitoral mostrará se há mesmo diferença real de padrão entre Lula e Dilma

Quanto às demissões de ministros, Dilma mostrou seus limites ao fazer vista grossa às consultorias de Fernando Pimentel e às estripulias de privilégios a redutos eleitorais e familiares de Fernando Bezerra.

Na campanha eleitoral já em curso a

despeito dos parâmetros legais, o assunto das diferenças de maneiras entre Lula e a presidente voltará à baila. Dilma será ou não tão explícita no uso da máquina pública quanto foi o antecessor.

Os primeiros acordes da sinfonia indicam que no estilo pode ser – até por temperamento e vocação –, mas no padrão não necessariamente.

Ficou estabelecido que a eleição de Fernando Haddad para a Prefeitura de São Paulo é prioridade para o governo federal, o passo essencial para a derrubada da cidadela tucana.

A presidente começou as despedidas do ainda ministro da Educação na semana passada, em Angra dos Reis, aproveitando inauguração de creche para incluí-lo no panteão dos “maiores ministros da Educação deste País”, e hoje prepara uma cerimônia que, em termos de presença federal na eleição municipal, terá mais caráter de boas-vindas do que propriamente de adeus.

Tanto que o ato, no Palácio do Planalto, terá a presença de Lula – hoje não mais uma autoridade, mas um cabo eleitoral.

O gesto mais eloquente de que não obstante seja discreta está disposta a pôr o governo a serviço do projeto partidário, foi a transferência da realização

do Enem, o exame de avaliação de desempenho que tantos problemas causou aos estudantes do ensino médio, para depois das eleições.

A justificativa: o governo não consegue fazer duas edições do exame. Poderia ser uma decisão técnica fazer apenas a prova já marcada para abril. Mas assume caráter político-eleitoral quando é estrategicamente marcada para o mês de novembro.

Uma medida preventiva que acaba se caracterizando como estelionato eleitoral antecipado por tirar da pauta um tema importante apenas para proteger o candidato de si mesmo.

Área de proteção. Depois da movimentação de entidades de magistrados que resultou em ação judicial para reduzir os poderes do Conselho Nacional de Justiça, surge da mesma fonte uma ofensiva para limitar a área de atuação do Conselho de Controle de Atividades Financeiras.

Tanto o CNJ quanto o Coaf funcionavam sem contestação sobre as respectivas atividades. Isso até comecem a importunar excelências do Poder Judiciário, cuja reação parece exprimir o conceito de que legalidade nos olhos alheios é refresco.



A IMPORTÂNCIA DAS ARENAS

Estádio 'Shopping Center'

Em 1989 apresentei uma monografia sobre marketing esportivo na Universidade de São Paulo, defendendo temas como profissionalização da gestão do futebol, construção de arenas multiuso, tratamento do torcedor como consumidor e outras mudanças estruturais na administração do esporte no Brasil.

Com o passar do tempo fui reavaliando minhas ideias e se fosse escrever meu trabalho agora ele seria bem diferente do que fiz no final dos anos 80, o que é natural. Hoje tenho muito mais dúvidas que certezas. Certeza talvez só a da morte, embora até dela duvide de vez em quando.

Em troca de e-mails com internautas que seguem meu blog no LANCENET!, entrei em contato com Felipe Tavares Paes Lopes, doutorando em Psicologia Social pela USP e que estuda a violência envolvendo torcedores de futebol. Ele tem artigos e trabalhos interessantíssimos sobre o esporte. Um dos temas que aborda é a questão dos estádios, assunto de que venho tratando desde os anos 90, quando tive a oportunidade de observar várias arenas na Europa.

Arenas, porque até a denominação mudou. Não falamos mais exatamente de estádios e sim de arenas, com seus "naming rights", nomes vendidos a multinacionais. Que nada mais são do que o "estádio shopping center", termo usado por Felipe Lopes, onde o torcedor, ou consumidor, teria tudo à disposição. Serviço de camarotes, restaurantes, lojas, manobristas, monitores para entreter as crianças, cinema... Uma realidade de que, com passos tímidos, começa a alcançar o Brasil, copiando modelo norte-americano de anos atrás.

Mudar é necessário, mas desde que não se perca a essência. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, pois quando "saem de cena as gerais e entram os camarotes executivos, com poltronas confortáveis, televisores de última geração e petiscos finos", como colo-



ca Lopes, o que temos é o isolamento da massa. Ou como eu mesmo já dizia no final dos anos 90, início da década passada, o processo de elitização do futebol, que passava a ser um esporte de ricos. Não deixa de ser uma volta às origens, pois o futebol começou a ser praticado no final do século retrasado primeiro pela elite europeia e depois pela brasileira e só mais tarde ganhou a atenção do povão.

Mas por que teríamos que voltar às origens? Não é nada interessante a exclusão de boa parte da sociedade dos campos de futebol, embora, com o poder do dinheiro, o esporte tenha virado um produto de TV. E da TV paga também.

Com tantos serviços e preços abusivos, cidadão com pouca grana fica excluído dos estádios, e os geraldinos que fizeram história no Maracanã, fora de moda. Como a era dos radinhos de pilha passou, os mais endinheirados vão ao estádios com i-pods, i-phones e muitas vezes não acompanham o jogo nem a festa dos torcedores na geral, que começam a sumir. Passam a partida conectados, mandando e-mails, falando por celular com amigos e, quando avisados, dando um tchauzinho para a TV e assim ganhando seus 15 segundos (não são mais 15 minutos, não) de fama.

DORA KRAMER

E-mail: dora.kramer@grupoestado.com.br Twitter: @DoraKramer



Efeito efêmero

A eleição de um número significativo de prefeitos este ano é importante para os partidos, disso ninguém tem dúvida e nisso apostam as legendas ao investir no crescimento com vista à eleição de presidente, governadores, deputados e senadores em 2014.

Mas, cresce entre os políticos a percepção de que o efeito de uma vitória substancial agora não significa necessariamente que as estruturas municipais lhes garantirão uma colheita de votos tão boa quanto, daqui a dois anos.

Isso porque os partidos vêm notando que os prefeitos já não são indutores de voto – principalmente o majo-

ritário – como foram em outras épocas. Perdem relevância eleitoral.

E por vários motivos: o primeiro é que nas grandes e médias cidades o eleitor forma sua opinião independentemente da posição política do chefe do Poder Executivo local, com base nas informações dos meios de comunicação e, não raro, na conjuntura nacional.

Nesses casos o mais comum é ocorrer o oposto: o prefeito é quem embarca na tendência da maioria e se deixa conduzir por ela.

Outro fator é a mudança de posição, ou mesmo de partido, do prefeito que, aliado a um determinado grupo na eleição, muitas vezes se transfere com a máquina municipal para outra ala que lhe pareça mais forte, politicamente vanta-

josa, alegam as famosas razões de governabilidade e um abraço.

O aliado de hoje pode ficar a ver navios no meio do caminho e aquela vitória se transforma numa derrota.

Há que se levar em conta também o desgaste do eleito durante o mandato,

Resultado de 2012 não serve como medida antecipada para desempenho em 2014

que pode fazer do vitorioso um estorvo dois anos depois se nesse período tiver, por exemplo, aumentado muito a sua rejeição entre o eleitorado.

Isso não quer dizer que a eleição de prefeitos seja irrelevante para os parti-

dos. É muito importante para marcar posições, para formar “torcida” no processo de disputa, para serem vistos no palanque (eletrônico), para mostrarem força e, quando bem-sucedidos, serem apontados no dia seguinte pela imprensa como vitoriosos.

O efeito, porém, é efêmero. À exceção dos chamados grotões, onde o chefe político ainda é uma figura de influência determinante, nas grandes e médias a vitória ou a derrota nos municípios não são agentes definidores do desempenho estadual, muito menos nacional no futuro.

A tese não tem (ainda) comprovação, digamos, científica. A não ser um dado: o PMDB é o partido com o maior número de prefeitos – cerca de 1.300 – e, no entanto, não é competitivo no âmbito nacional.

Trata-se, isso sim, de um sentimento forte entre políticos que, naturalmente, não andam por aí a propagar a irrelevância eleitoral dos prefeitos.

Até porque eles têm, sim, a sua influência: na eleição proporcional, no domínio da máquina pública e sua repercussão na obtenção de recursos para as campanhas e são eles também que organizam as visitas dos candidatos às cidades e mobilizam gente para recepcioná-los nos aeroportos.

Perceba o leitor que são todos fatores relacionados com a eleição em curso. Não guardam relação de causa e efeito com o pleito seguinte.

Margem de manobra. Por enquanto vale o que tem afirmado o vice-presidente Michel Temer: Gabriel Chalieta manterá a candidatura a prefeito de São Paulo.

Mas há quem diga no PMDB que é melhor esperar um pouco antes de apostar que essa seja a última forma.

Indefensável. O governador Eduardo Campos organizou ativa contraofensiva em defesa do ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra Coelho, na questão da liberação de recursos antienchentes para Pernambuco. Tem sido bem-sucedido.

Só não conseguiu ainda demonstrar que Bezerra agiu corretamente ao liberar 100% das emendas do filho deputado federal, concentrar repasses em Petrolina (tradicional reduto da família) e manter por um ano o irmão (Clementino) na presidência da Codevasf – estatal subordinada ao ministério –, burlando a proibição da prática de nepotismo na administração pública.

Andar, conviver e dormir

SONINHA FRANCINE

Para chegar ao serviço às 8h, ela sai de casa às 4h – e não estará de volta antes das 20h ou das 21h.

Uma população de milhões de pessoas torra seis horas ou mais por dia em deslocamentos. É quase um dia de trabalho.

Assim, estudar, fazer atividade física, comer com calma, conversar com os filhos, ajudá-los na lição de casa, frequentar equipamentos culturais, criar laços de amizade com a vizinhança e todas as outras recomendações para uma vida saudável e equilibrada caem no ridículo.

Segundo pesquisa do Instituto AGP, dois terços dos paulistanos sequer dormem o mínimo necessário para se recompor de tão dura jornada e ter energia para a próxima. Como esperar deles disposição para a convivência pacífica e solidária? Pense no seu mau humor depois de uma noite mal dormida. Multiplique por “todas”.

Idas e vindas são tão penosas por duas razões. Uma é suficientemente amaldiçoada: o congestionamento. A outra ainda não é tão considerada: as imensas distâncias entre as casas e o trabalho, causadas principalmente pelo desequilíbrio na ocupação do espaço urbano.

Onde há muita atividade econômica —ou seja, postos de trabalho na indústria, no comércio e no setor de serviços—, mora pouca gen-

Quando a população torra seis horas por dia se deslocando, fazer obras na periferia não basta; é necessário trazer as pessoas para perto do trabalho

te. Onde a população incha (como na periferia da capital e nos municípios vizinhos), os empregos são escassos. A escandalosa desigualdade na oferta de serviços públicos e de infraestrutura urbana dispensa maiores comentários.

A solução proposta costuma ser tratar o sintoma: mais creches na periferia, por exemplo. Mas jamais teremos estrutura suficiente para crianças de quem a mãe se despede antes das 4h. É esse o mundo que queremos, com crianças sob cuidados profissionais por 13 horas?

Essa multidão que dorme na cidade B e tem de vir todo dia para a cidade A sabe que um sinônimo para insustentável é insuportável.

São Paulo pode ter uma boa nota naqueles testes antigos de QI, mas hoje se admite que não adianta ter bom desempenho intelectual e ser fraco em equilíbrio emocional e em capacidade de manter relacionamentos sãos.

Se até tecidos podem ser “inteligentes”, uma cidade tem de ser. Ela deve aproveitar melhor o que já tem,

não desperdiçar energia (começando pela das pessoas), dispor da tecnologia para cruzar informações e incentivar a criação de empregos conforme a necessidade, vocação e os recursos de cada lugar.

Tem também de olhar para um imóvel com o discernimento de um empreendedor e o interesse pelo conjunto da sociedade, assegurando o melhor uso possível.

Isso significa erguer um prédio para pessoas de menor poder aquisitivo no lugar de um estacionamento no centro, em vez de fazê-lo na casa do chapéu e deixar a região central só para o mercado de apartamentos de alto padrão.

Com mais gente morando perto do trabalho, há mais tempo para lazer, estudo, esporte, cultura, convivência, repouso. Com menos deslocamentos, há menos consumo de combustível, barulho e poluição. E mais espaço, mais gente a pé se conhecendo e se encontrando, mais saúde física e mental, maior possibilidade de bem estar.

Porque cidade inteligente é cidade feliz. Se as pessoas estão exaustas e não são felizes, de que adianta o resto?

SONINHA FRANCINE, 44, tem formação em magistério e em comunicação social. Foi vereadora em São Paulo (2005-2008) e subprefeita da Lapa. Atualmente dirige a Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades

meação para o Ministério das Cidades do deputado federal pela Paraíba Aginaldo Ribeiro (PP) não se pode perder no noticiário dos *faits divers* da política nacional, nem tanto pela falta de credenciais do indicado para exercer os papéis na direção de uma agência estratégica como essa – cabele, como se sabe, administrar o urbano, dimensão crucial da vida contemporânea –, menos ainda por já ter respondido em seu Estado a processos por improbidade administrativa, mas, sobretudo, pela sua linhagem política, a revelar de modo contundente o que há de reacionário na forma de imposição do nosso processo de modernização.

Certamente que atos dos nossos avoengos não nos comprometem – a responsabilidade por eles é puramente individual e não se transmite às futuras gerações. Contudo a sociologia já é uma disciplina científica estabelecida e há tempos fixou como critério na investigação social operações de escrutínio dos dados referentes às origens sociais dos atores sob sua observação. Na história recente da sociologia provavelmente ninguém melhor que Pierre Bourdieu, hoje no panteão da disciplina como um dos seus maiores, contribuiu para esclarecer o lugar do chamado capital social, conceito elaborado por ele, na produção e reprodução da hierarquia social numa dada sociedade.

Na sociologia brasileira, Sergio Miceli, ex-discípulo de Bourdieu, Leôncio Martins Rodrigues e Jessé de Souza, entre tantos autores relevantes, o primeiro na sociologia da cultura, os segundos na sociologia política, têm demonstrado em seus influentes trabalhos o papel explicativo, se bem que não determinante, da origem social a fim de dotar, ou de privar, os indivíduos do capital social que lhes vai demarcar, positiva ou negativamente, seus lugares em termos de poder ou de prestígio social.

O caso do deputado Aginaldo Ribeiro, novo ministro guindado ao vértice de nossas instituições republicanas, é exemplar não por sua trajetória pessoal, mas pelo significado, digamos, macroestrutural de que se investe. Nele, por inteiro, se põe em evidência o segredo de Polichinelo da modernização brasileira, que, desde sempre, de Vargas a JK, passando pelo regime militar e que ora se renova, conquanto de modo velado, nos go-

pôs no *hinterland*.

Com efeito, o deputado Aginaldo Ribeiro é neto – como registra oportuna matéria do jornalista Raphael Di Cunto (*Valor*, 3/2) – do tristemente famoso usineiro Aginaldo Velloso Borges, chefe de barão e cutelo do agreste paraibano, acusado de mandar matar, em 1962, João Pedro Teixeira, uma das maiores lideranças dos trabalhadores do campo, então à frente da Liga Camponesa de Sapé, quando se destacou nacionalmente pela firmeza na defesa dos direitos da

No caso de Aginaldo Ribeiro se evidencia o segredo de Polichinelo da modernização do País

sua categoria social. Em 1983, o mesmo usineiro Aginaldo foi, mais uma vez, apontado como responsável por mais um crime político, pois era disso que se tratava, com o assassinato sob encomenda de Maria Margarida Alves, símbolo das lutas feministas no País, cultuada na Marcha das Margaridas, que desde 2000, anualmente, desfila em avenidas de Brasília.

A saga de João Pedro Teixeira e de sua família foi objeto de um documentário, *Cabra Marcado Para Morrer*, obra-prima de Eduardo Coutinho, na época um jovem cineasta do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE), surpreendido, em meio à filmagem no sertão, pelo golpe de 1964, salvos, depois de muita correria, ele e o filme, que esperou quase 20 anos para ser finalizado.

A matéria do jornalista Di Cunto informa ainda que a mãe do deputado Aginaldo é prefeita de Pilar, pequena cidade paraibana, e Fábio Fabrini, repórter do *Estado*, em circunstanciada notícia (4/2) sobre a projeção na política regional da rede familiar do novo ministro, revela que sua irmã, hoje deputada estadual, é candidata à prefeitura da importante cidade de Campina Grande, sem contar outros membros da sua parentela em posições de comando na vida local e até na prestigiosa Embrapa, ponta de lança da moderna agricultura brasileira.

Está aí a mais perfeita

Editora Contexto, 2011) e que se vem atualizando por meio da conversão do imenso estoque de capital social, econômico e político do latifúndio tradicional, que se processa no circuito da política e mediante favorecimento da ação estatal, em que seus herdeiros se reciclam para o exercício de papéis modernos. Para quem é renitente em não ver, este é o lado obscuro do nosso presidencialismo de coalizão, via escusa em que os porões da nossa História se maquam e mudam para continuarem em suas posições de mando.

De fato, num país com as heterogeneidades sociais e regionais que nos são características, o andamento para a conquista do moderno nas relações sociais e políticas, num contexto de democracia institucionalizada, não pode deixar de consultar sua História e as forças da sua tradição, a fim de ajustar, interpretativamente, seu movimento a elas. Mas isso não se pode confundir com a reanimação – como a que acaba de ocorrer –, sem princípios e em nome de razões instrumentais, procedida por políticas de Estado, das sedimentações socialmente recessivas que recebemos do passado, com as quais é preciso romper.

*
PROFESSOR-PESQUISADOR
DA PUC-RIO. E-MAIL:
LWERNACK 096@GMAIL.COM

SINAIS PARTICULARES



Whitney Houston (09/08/1963 - 11/02/2012)

Exemplo e alerta que vêm da África

A histórica vitória de Zâmbia na Copa Africana de Nações serve de exemplo aos pequenos e alerta aos grandes. Resende, Boavista, Volta Redonda e Friburguense querem repetir o feito e acabar com o estigma de que a zebra sempre perde na final e conquistar a Taça GB.

No Grupo A, Botafogo e Flamengo se recuperaram. O alvinegro vem de duas goleadas, mostrando um futebol com maior toque de bola, importante para o esquema de Oswaldo de Oliveira.

A recuperação do Flamengo veio em vitórias magras, futebol sonolento e estreia esforçada de Wagner Love, que ainda teve o lampejo de participar do primeiro gol da equipe contra o Nova Igua-

Os clubes menores mostram que a graça do futebol é ser imprevisível

çu, na vitória por 2 a 0.

No Grupo B, o clássico de ontem teve em Alecsandro, que marcou os dois gols da virada vascaína, o destaque. Thiago Neves marcou seu primeiro gol no retorno ao Flu e Diego Cavalieri fez defesas milagrosas para impedir uma derrota maior. Mas quem ficou com os holofotes foi o árbitro Antônio Schneider, que não deu dois pênaltis para o Tricolor. Não havia forma melhor de ser o centro das atenções?

Na classificação, Boavista, Volta Redonda e Friburguense disputam a segunda vaga do grupo junto com o Flu. As três equipes também têm Somália, Jhonattan e Rômulo, respectivamente, na disputa da artilharia. Será que algum pequeno repetirá o feito de Zâmbia?

O governo federal acaba de receber cerca de 3,4 milhões de inscrições para as pouco mais de 100 mil vagas no ensino superior pelo Sisu (Sistema de Seleção Unificada). Foram 1,7 milhão de candidatos (os alunos podem se inscrever para mais de um curso). Em média, mais de 30 candidatos disputam cada vaga.

Trata-se do maior vestibular do país, e a sua forma de organização poderia sugerir um grande avanço ao poupar os alunos das gincanas dos múltiplos vestibulares. Mas tal processo seletivo constitui, de fato, um enorme monstro educacional, uma espécie de loteria.

O primeiro sintoma de anomalia é o fato de o Enem ser o instrumento de avaliação utilizado.

Mesmo quando realizado de modo absolutamente consistente, sem os desvios logísticos e conceituais que têm acompanhado o exame nas últimas realizações, o Enem não foi projetado para ser um processo seletivo. Ele não é adequado para classificações finas, como as que ocorrem nos vestibulares. A prova poderia até ser utilizada como um indicador, entre outros instrumentos, mas nunca como o elemento decisivo para a aprovação.

Os maiores desvios decorrem, no entanto, do modo atabalhado como o Enem tem sido realizado.

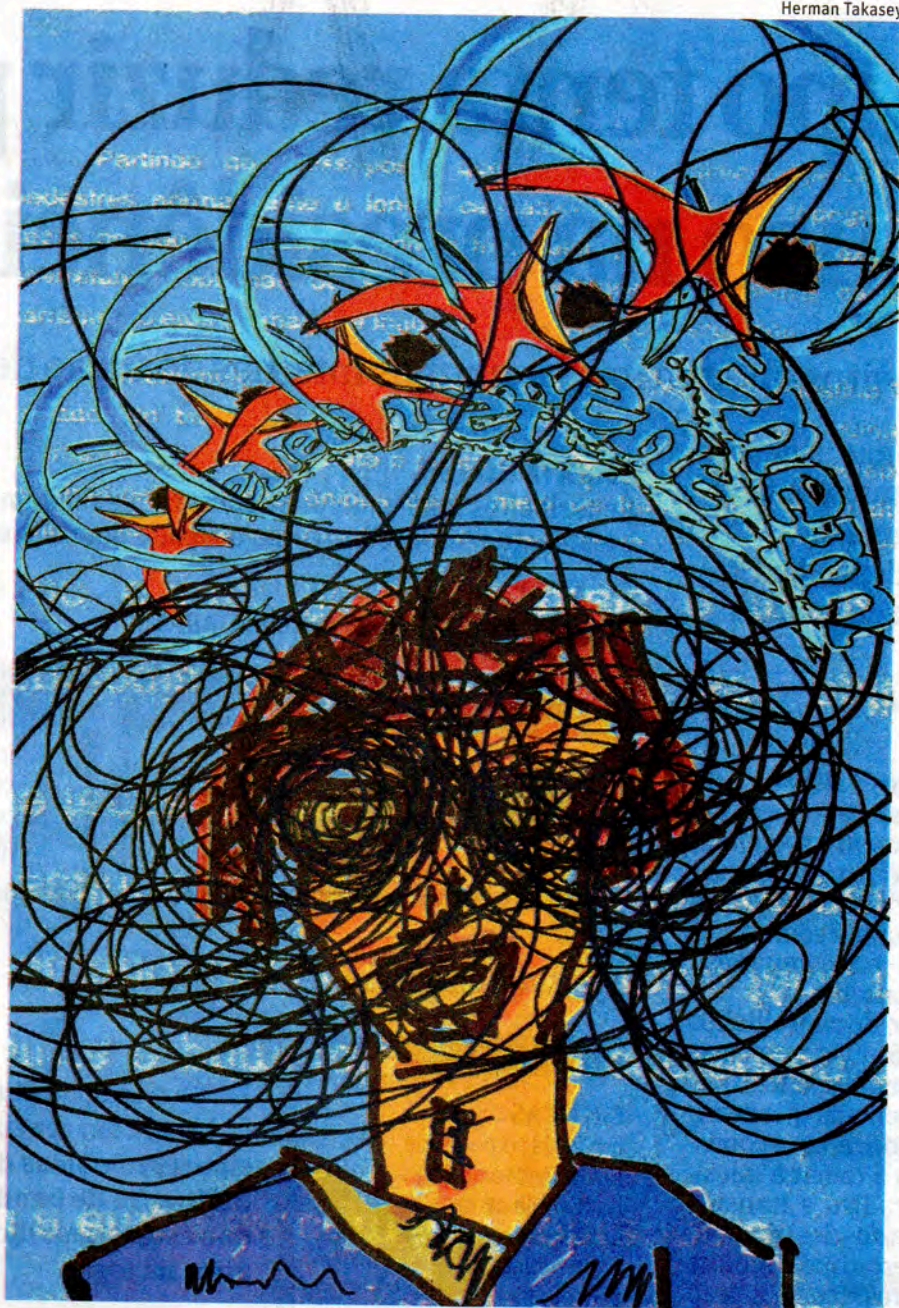
Problemas logísticos como roubos de provas, quebras de sigilo, inadequações na pré-testagem e nas dimensões dos bancos de itens têm se sucedido, ano a ano, minando a integridade e a credibilidade da prova. Além disso, há questões estruturais referentes às provas.

Com a transformação de uma única prova de 63 questões em quatro provas, uma para cada área em que se organiza o ensino médio, com 45 questões cada uma, o teste ficou excessivamente longo para o conteúdo que examina.

Ocorreu então um desbalanceamento, com uma supervalorização da prova de redação. Tal problema tem sido amplificado pelo fato de as incertezas nos critérios de correção da prova terem sido levadas aos tribunais competentes e estarem, hoje, no centro das discussões.

Há outras questões conceituais que eivam o processo de elaboração do Enem: a premissa de que as questões das provas devem ser "contextualizadas" é uma delas.

Em muitos dos itens da prova, a palavra "contexto" é tratada como se significasse uma abreviatura de "com muito texto". Os enunciados tornam-se desnecessariamente longos, levando alguns professores a dar um conselho excêntrico: sugerir que os alunos não leiam.



A prova tem falhas logísticas e há incerteza sobre os critérios de correção; as questões têm textos longos demais e apresentam filtros ideológicos

enunciados logo de início, indo diretamente à pergunta feita. Eles garantem que, na maioria das vezes, a resposta correta pode ser indicada, sem perda de tempo.

Outro desvio conceitual mais sutil é a interpretação da contextualização como filtro ideológico primário. De modo defensivo, quase cínico, os alunos "aprendem" e divulgam regrinhas do "politicamente correto", referentes, sobretudo, a questões ambientais ou aos direitos humanos, tais como definidos em catecismos partidários.

O mais grave dos desvios, no entanto, é a pretensão de utilização de uma sofisticada Teoria da Resposta

vas. As limitações na qualidade e na quantidade dos itens dos bancos de questões minam qualquer possibilidade de sucesso no recurso a tal parafernália matemática.

Objetivamente, o que se conseguiu foi a transformação da correção da prova em uma verdadeira loteria. Ninguém sabe, ao certo, quantos pontos vai obter. Aos alunos, cabe fazer o exame e torcer ou rezar por uma boa sorte.

O ponto mais notável em todos esses desacertos é a recepção passiva dos resultados do Enem como um tipo legítimo de credenciamento pela maior parte das escolas.

Já passou a hora de as boas escolas privadas manifestarem seu desapreço pela grande loteria que a prova se tornou, após serem depositadas tantas e tão justas expectativas sobre ela.

Os ataques a Leonardo

Diego Armando Maradona não tem poupado críticas a Leonardo, ex-São Paulo, Mengo, Milan e Seleção Brasileira, cartola, depois técnico, agora novamente cartola. Vê o brasileiro como bajulador cercado de poderosos e diz ser difícil entender o que faz no Paris Saint-Germain, onde é diretor esportivo desde que um xeque do Qatar comprou 70% das ações do clube francês.

Desconheço as motivações de Maradona, mas as críticas a Leonardo não são exclusividade do argentino. Torcida e boa parte da cúpula do Milan, time em que iniciou a carreira como dirigente, trata-o por traidor desde que resolveu tentar carreira de técnico na rival Inter de Milão, um direito do ex-jogador.

Apesar da fama de bom moço não é de hoje que Leonardo se mete em polêmicas. Em 1994 deu uma cotovelada em Tab Ramos, deixando o Brasil com dez ainda no primeiro tempo das oitavas-de-final contra os Estados Unidos, e acabou suspenso da Copa do Mundo. Cinco anos depois, convocado por Vanderlei Luxemburgo para defender a Seleção na Copa América, perdeu a braçadeira de capitão e anunciou que sua trajetória na equipe estava encerrada.

Leonardo, como todo ser humano pensante, tem dúvidas e está cheio de contradições. Erra, depois acerta, em seguida erra novamente para tentar acertar outra vez... A mim assustam mais aqueles que vivem bradando suas convicções, donos da verdade, presos a seus dogmas e ai dos que não estiverem de acordo com eles.

Até acho que muitas vezes Leonardo cai num lugar comum, típico de muitos políticos e dirigentes, adotando um discurso e agindo de outra forma. Foi o que aconteceu quando o técnico Antoine Kombouaré foi demitido pelo cartola por não ter glamour e fama suficientes para comandar o PSG. Apesar de tê-lo garantido no cargo e desmentido rumores de que havia contatado



outros profissionais, como Carlo Ancelotti, Leonardo acatou a decisão dos novos donos do clube e por fim sacou Kombouaré.

Conheci Leonardo no Mundial de 1994 e sentia que ele se aproveitava do fato de dominar idiomas para se aproximar da imprensa internacional e vender seu peixe. Mas estaria errado? De jeito nenhum. Quando a mídia quer sugar alguém, ela suga, então por que o então jogador não poderia usá-la em benefício próprio para ganhar espaço nos mercados europeu e asiático?

Como dirigente Leonardo tem que lidar com um mundo complexo, repleto de interesses, vaidade, ego, concorrência, pres-

são... Já trabalhou para Silvio Berlusconi e agora trabalha para os xeques do Qatar. Quem somos nós para julgar? Cada um sabe de si, conhece seus limites e objetivos na vida. E eles mudam com o tempo.

Leonardo foi jogador, atuou como comentarista, virou dirigente, resolveu trabalhar pelo "social", como costumam dizer por aí, fundando a Gol de Letra com seu amigo Raí, tentou a carreira de técnico, agora voltou a ser cartola... Se amanhã quiser seguir outros rumos é um direito que cabe a ele, não a Maradona, decidir. Porque o próprio argentino é cheio de contradições e poderia respeitar os outros.

DORA KRAMER

1^o op.

E-mail: dora.kramer@grupoestado.com.br Twitter: @DoraKramer



De aço ou renda

A falta de unidade no PSDB não é apenas de ação como maior partido de oposição e único concorrente em condições mais ou menos competitivas para enfrentar o PT e área de influência numa eleição.

A divergência é, sobretudo, de pensamento: dependendo da perspectiva do olhar, os tucanos usam punhos de aço ou de renda na análise sobre o que foi até agora o governo de Dilma Rousseff.

Tanto que o balanço sobre o primeiro ano tem duas versões. A original, encomendada pelo presidente do PSDB, Sérgio Guerra, ao ex-vice de José Serra no governo de São Paulo – depois governador durante a

campanha – Alberto Goldman, chegou a ser divulgada, mas foi recolhida e substituída por um texto mais ameno assinado pela Executiva, mas não submetido ao exame do colegiado.

As diferenças começam pelos títulos. A versão mais dura chama-se *Dilma Rousseff 2011, um governo medíocre*. A mais branda ganhou o nome de *2011: um balanço crítico*.

O primeiro documento tem oito páginas e o segundo duas a menos. Reduziu-se a introdução e boa parte dos textos em que o governo é analisado ponto a ponto, mostrando as discrepâncias entre o discurso oficial e a realidade da economia, saúde, educação, investimentos etc.

Mas é na apresentação que a diferen-

ça de concepção sobre o conceito da maneira de fazer oposição fica patente.

Vamos a alguns trechos do texto original.

“O primeiro ano caracterizou-se pelo desperdício do capital político obtido por ela com a vitória de 2010: foi amorfo e insípido. A presidente não parece alimentar ilusões sobre a dimensão de seu mandato. Não tem direção definida. Comporta-se como aquilo que é: uma atriz coadjuvante escalada, não para ofuscar, mas para refletir o brilho do ator principal e diretor do enredo.

“Dilma foi eleita presidente e se contenta com o papel de síndica do condomínio político constituído por Lula. Este não dá sinal de que pense em transferir o poder efetivo. Os condôminos, a

começar pelas múltiplas facções do PT, não admitem abrir mão dos cargos e verbas federais cujo rateio é a razão de ser de sua participação no governo.

“Mais do que o desempenho de sua criatura e curadora (*de Lula*), é o sistema que deve ser avaliado. O balanço é negativo e preocupante para o País.

“Outros presidentes, no passado, recorreram ao loteamento político da máquina estatal. Nenhum na extensão nem com a desfaçatez de Lula. O efeito mais visível do fisiologismo turbinado por ele foi a sucessão de escândalos no primeiro ano de Dilma.

“O espetáculo de corrupção impune enoja a opinião pública, desmoraliza as instituições, paralisa a administração pública, desvia recursos necessários às demandas da sociedade e desafia as pretensas intenções moralizadoras da própria presidente que troca de ministros quando não pode mais segurá-los, mas não muda a regra do rateio dos ministérios.”

Essa introdução foi substituída por outra em que não há referências críticas diretas a Dilma ou a Lula. Segue abaixo a escolhida pela direção do PSDB para divulgação.

“Em um contexto de fortes turbulências econômicas internacionais, se exige do Brasil, assim como do resto do

mundo, a adoção de medidas de austeridades e eficiência.

“Não há austeridade nem eficiências possíveis quando pedaços do Estado são entregues a partidos e facções políticas para serem usados como agências arrecadoras. As contas e indicadores de desempenho da máquina federal, registram o avanço dessa forma perversa de privatização do patrimônio público nesses nove anos.

“Ninguém entregou mais o Estado brasileiro ao apetite desmedido de sua base do que o atual governo.”

“A perversão não se limita à máquina estatal. Escândalos recentes puderam em evidência o aparelhamento de entidades da sociedade civil com comitês eleitorais e canais de desvio público por grupos instalados nos ministérios.”

A partir daí o texto segue mais ou menos semelhantes, voltando a discrepar na frase final da introdução.

Na concepção original, o balanço “registra uma constrangedora sucessão de fracassos”. Na versão amenizada, o primeiro ano foi marcado por “alguns sérios problemas em diversas áreas”.

A dupla Bebeto e Romário

Não é que Bebeto e Romário, que tantas alegrias nos deram como dupla de ataque em 1994, estão em lados opostos para 2014? Romário continua no ataque brigando, pelos motivos que for, por uma outra forma de condução do Mundial no Brasil e por mudanças no Comitê Organizador Local. Já Bebeto, que gosta de fazer o papel de “bom moço”, resolveu jogar na defesa. Defesa de Ricardo Teixeira, que o colocou no COL para “trabalhar” ao lado de Ronaldo. Trabalhar entre aspas porque Bebeto parece não saber o que está fazendo lá.

Sua primeira entrevista sobre de assuntos de Copa foi constrangedora, com o ex-jogador e atual deputado estadual no Rio limitando-se a repetir que Teixeira estava feliz da vida, sorridente e animado, ao contrário do que vinha sendo publicado pela imprensa. E que os estádios para 2014 ficarão prontos a tempo e serão todos maravilhosos.

Segundo a própria Fifa, porém, o maior problema para o Mundial no Brasil não é estádio. O setor aeroportuário e a mobilidade urbana são os que mais inquietam a entidade, pois quase nada foi feito para melhorá-los a pouco mais de dois anos do início da Copa. Em seguida vem a questão hoteleira, cuja rede é considerada insuficiente em todas as 12 sedes. Faltam principalmente opções de acomodação para o torcedor que virá ao Brasil disposto a não gastar muito com hospedagem.

A Fifa segue inquieta com a demora do governo brasileiro em votar a Lei Geral da Copa, que opôs a entidade à administração Dilma Rousseff. E também com a falta de interlocutores não só em Brasília, mas também no COL, que não disse até agora a que veio.

Em sua última visita ao Brasil, Jérôme



Márcio Caputo

Valcke, secretário-geral da Fifa, ficou impressionado com o discurso vazio de Aldo Rebelo e o despreparo de Ronaldo, que não conseguia responder as perguntas sobre a preparação do Brasil para a Copa.

É sempre bom lembrar que devido a denúncias de corrupção que derrubaram Orlando Silva do Esporte, Rebelo, o “especialista” em Código Florestal, ganhou a pasta de presente. Assim como Ronaldo e agora Bebeto foram jogados no COL simplesmente para dar a cara a bater no lugar da de Teixeira.

Sem planejamento para a Copa de 2014, mesmo tendo sido escolhido como sede do evento há mais de quatro anos, até hoje

ninguém no COL ou no governo sabe ao certo quanto o país gastará para abrigá-lo. Muito menos qual o legado será deixado ao povo brasileiro. Sem mexer na mobilidade urbana a solução encontrada é paliativa. Antecipação de férias escolares e decretação de feriados em dias de jogos. Perdemos uma bela oportunidade de discutir nossas metrópoles e o conceito de urbanismo, para ficar em um exemplo só. Como no Pan de 2007, que começou com orçamento de 400 e tantos milhões de reais e fechou as contas em mais de 3,7 bilhões de reais, deixando legado mínimo ao Rio, a história se repete. E assim a nave vai. À deriva.

Aposta certa

OP 1

ARMANDO VERGÍLIO

Dados recentes divulgados pelo IBGE revelam que é cada vez maior a importância do setor de serviços para a economia brasileira. E a expectativa é que a fatia correspondente a este setor cresça cada vez mais.

Mas o cenário poderia ser ainda mais promissor se houvesse vontade política do governo para incentivar inúmeras atividades econômicas que continuam sendo injustamente castigadas pelo descaso do Poder Público. Seja na imposição de uma pesada e cruel carga tributária, seja na adoção de políticas precárias, desconectadas com as reais necessidades do mercado e dos consumidores e insuficientes para permitir voos mais altos desses segmentos.

Posso citar o exemplo deste mercado de seguros, que conheço muito bem. Nos últimos anos, exerci a presidência de instituições tais como a Escola Nacional de Seguros e a Fenacor, além de ter ocupado o posto de superintendente da Susep. Pude ver, dos dois lados do "balcão", o quanto esse setor é discriminado pelas auto-

ridades governamentais e está abandonado à própria sorte.

Essa postura do governo é inexplicável diante do potencial que este mercado oferece como investidor institucional, gerando recursos que podem ser usados em grandes projetos de interesse público. Esse mercado também devolve elevados valores para a sociedade, assegurando a manutenção do patrimônio das famílias e das empresas, a continuidade dos negócios, a saúde e a vida do cidadão.

Uma rápida análise dos dados do mercado de seguros, previdência aberta, capitalização e resseguro permite ver o quanto é grandiosa essa contribuição para o bem-estar social. Segundo a Susep, em 2010 este mercado devolveu para a sociedade, na forma de indenizações, benefícios e resgates, mais de R\$ 85 milhões por dia útil — ou R\$ 2,7 milhões a cada hora. No total, foram R\$ 22,6 bilhões reinjetados na economia de janeiro a dezembro do ano passado. Mesmo assim, o seguro é esquecido ou visto com desdém pelo Executivo.

Vimos, há muito tempo, advertindo as autoridades a respeito das possíveis consequências, para toda

a sociedade, desse descaso. No entanto, o alerta ainda não foi ouvido. Não há, de nossa parte, qualquer pretensão de defendermos privilégios. Clamamos, sim, por justiça. O mercado de seguros tem muito a oferecer em contrapartida.

Pouco se tem feito no Brasil visando a oferecer a este mercado as condições adequadas para que ele possa cumprir o seu papel de investidor institucional, a exemplo do que ocorre em outros países, proporcionando os recursos necessários para os projetos que servirão de base para o desejado crescimento sustentado da economia brasileira. Diante da precariedade gritante na infraestrutura e na logística, o Brasil não pode abrir mão desse tipo de investimento.

É hora de dar um basta nessa situação. Não há tempo a perder. Vivemos uma situação limite, que põe em risco o tecido social. Não há por que sobrepujar demandas justas, que têm origem em setores produtivos da sociedade, em prol daquelas certezas que só existem nas mentes de burocratas insensíveis.

O mercado de seguros tem um enorme potencial para crescer e alcançar,

no Brasil, o mesmo patamar registrado em quase todos os demais países. Mas, é preciso remover o mais rapidamente possível as amarras que impedem o setor de alçar voo.

É preciso rever a absurda carga tributária que sangra o faturamento das empresas, impedindo novos investimentos na geração de empregos, na capacitação profissional e na adoção de tecnologias mais avançadas.

Nesse contexto, o corretor de seguros, particularmente, é um dos mais afetados pela descabida e insaciável política tributária que vem sendo posta em prática no Brasil. Proporcionalmente, a categoria paga de impostos quase tanto quanto as grandes instituições financeiras, embora muitas empresas corretoras de seguros sejam de pequeno porte, heroicamente mantidas pelos seus sócios.

É preciso inverter a lógica, e apostar na força e pujança do setor produtivo brasileiro.

ARMANDO VERGÍLIO é deputado federal (PSD) e presidente da Federação Nacional dos Corretores de Seguros (Fenacor)

A PALAVRA *luxo* no Brasil tem carga política compreensível num continente de imensas desigualdades. Mas, se políticos e intelectuais brasileiros querem distância da palavra *luxo*, sintomaticamente o povo pensa o contrário, como mostra de maneira clara a maior tradução do pensamento popular, o Carnaval.

Durante quatro dias, o povo investe suas economias para brilhar luxuosamente nas escolas de samba. Ele gosta de se vestir de rei, de princesa, de rainha, de conde, tudo com muita lantejoulas, paetês, caudas imensas.

Isso faz do desfile da escola de samba uma disputa de ritmo, criatividade, mas também de quem mais luxuosamente se apresenta. Essa realidade é refletida claramente na frase de nosso maior carnavalesco, o eterno Joãozinho Trinta: "Quem gosta de miséria é intelectual, o povo gosta de luxo".

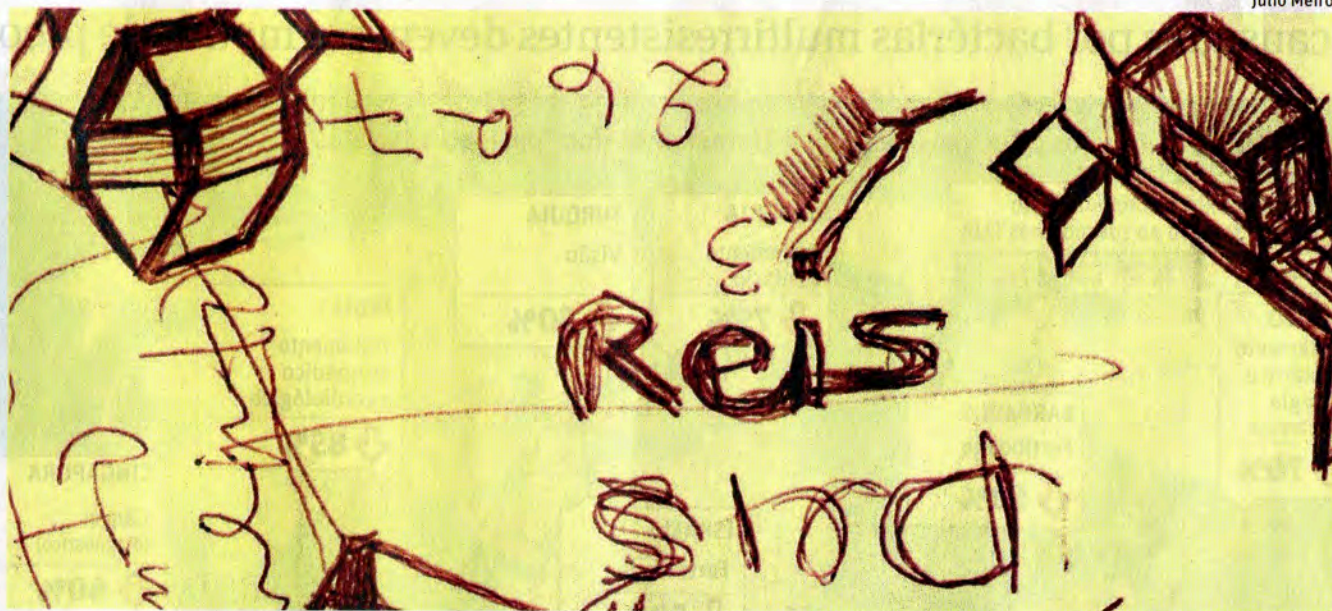
A crítica comum ao mercado de luxo é comparar o preço de uma bolsa ao salário mínimo, ao que se compraria em cestas básicas, esquecendo-se muitas vezes de lembrar quantas famílias a produção daquela bolsa emprega, os tributos que gera.

A França, um dos países mais associados ao mercado de luxo, é também dos mais associados aos direitos dos trabalhadores, a valores igualitários.

O luxo atrai milhões de turistas à França, contribui para as exportações, é parte relevante da carga de tributos. As marcas de luxo divulgam a França, assim como o nosso luxuoso Carnaval divulga o Brasil.

Manhã de Carnaval

NIZAN GUANAES



Julio Meiron

O Carnaval foi inventado por europeus, mas explodiu no Brasil. Ele diz muito da brasilidade, de nossa capacidade inventiva, de nossa vocação para a rua, alegre, solar.

Festejamos mesmo quando não tínhamos razão de festejar, quando o luxo era "fake". Mas o luxo evoluiu com o país, a evolução econômica que está levando milhões ao mercado de consumo.

Na cesta básica do brasileiro começaram a aparecer demandas que não são só a cesta básica.

O sonho do Brasil não é só o básico, é o luxo. A base da pirâmide não sonha em ser a base, sonha para cima.

O sonho do Brasil não é só o básico, é o luxo; a base da pirâmide não sonha em ser a base, sonha para cima

ma, o sonho é para cima. É um sonho de luxo e beleza, porque os dois caminham juntos. Pela passarela da moda e pela passarela do samba. Com uma exuberância que é natural no Brasil, nas nossas mulheres, nas formas de nossa natureza.

E o Brasil não será só mercado de consumo de luxo. Temos tudo para nos impor como mercado criador e produtor. O Carnaval mostra essa

vocação. Antes, não havia condições econômicas para isso e não aconteceu. Hoje, marcas brasileiras já são presenças nesse universo, como Fasano e Osklen.

Mas o mercado de luxo no Brasil tem três desafios:

1) Fugir da visão terceiro-mundista e maniqueísta do luxo que opõe cesta básica a Chanel.

2) Construir marcas dentro do imaginário brasileiro celebrando nosso "way of life", o passado brasileiro, a alma, o sonho.

Como Ralph Lauren construiu uma marca americana dentro do imaginário americano, celebrando

a realidade americana. É preciso cultivar o modo de ser brasileiro dentro do luxo, trabalhar nossas próprias originais.

3) Vencer os desafios industriais e tributários para existir como negócio.

O mercado de luxo precisa fugir do maniqueísmo para ser respeitado pelo establishment e tentar condições políticas de competir globalmente. Não pode ser associado à ostentação e ao desperdício, precisa ser respeitado como gerador de riqueza e emprego, que fortalece artesão e a pequena empresa.

A Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016 representam, juntas, a maior oportunidade de exposição global do Brasil, um cenário altamente propício para as marcas brasileiras, para criarmos marcas dentro do nosso imaginário.

Cada vez mais o mundo quer ser brasileiro. Nosso estilo de vida agita o mundo. O Brasil não odeia ninguém. O Brasil, tirando o futebol não quer derrotar ninguém. O Brasil é sorriso, e o mundo quer sorrir.

O Brasil não quer dominar o mundo, o Brasil quer conquistá-lo, sedi-lo.

Não somos apenas um mercado emergente, somos também um mercado emergente.

Vamos agora transformar essa energia em energia empreendedora.

NIZAN GUANAES, publicitário e presidente do Grupo ABC, escreve às terças-feiras, a cada 14 dias, nesta coluna.

AMANHÃ EM MERCADO:
Mario Mesquita



Sob a mira, as cadernetas

O governo Dilma não está interessado só em desestimular aplicações nos fundos referenciados ao DI (Depósito Interbancário). Pretende alterar, também, regras da caderneta de poupança, de modo a rebaixar sua rentabilidade.

O problema de fundo é conhecido. A caderneta paga remuneração quase fixa. Juros de 0,5% ao mês (ou de 6,17% ao ano, uma vez compostos em 12 meses) mais fração da Taxa Referencial de Juros (TR). Na prática, traz retorno entre 7,0% e 7,5% ao ano e disputa a preferência do aplicador com outras três vantagens: (1) liquidez imediata, ou seja, possibilidade de saques a qualquer momento (com perda de rendimento se não for no “dia certo”); e isenção de (2) taxa de administração; ou do (3) Imposto de Renda, cobrado sobre a

maioria das remunerações de aplicações.

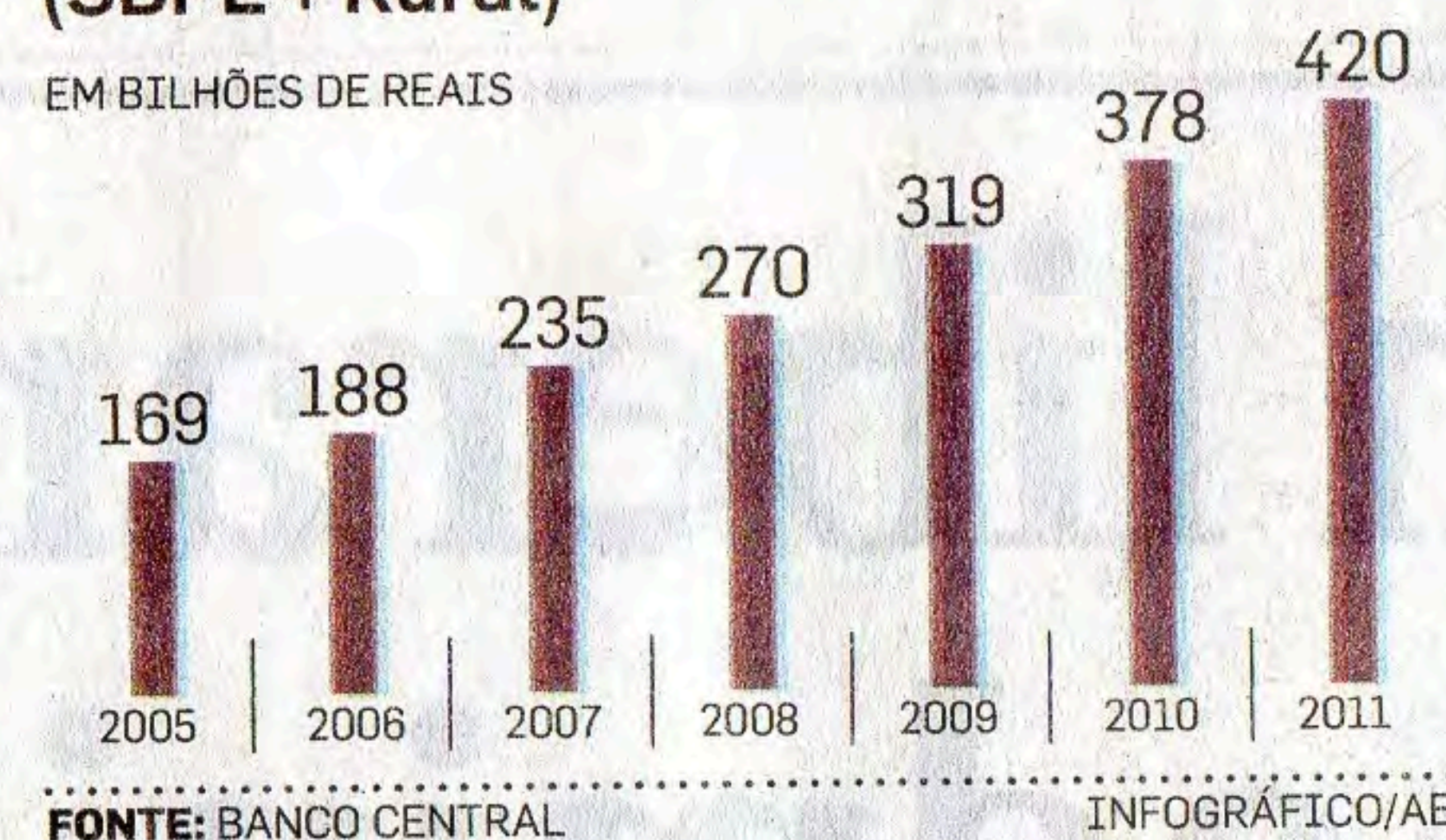
O governo tem pressa na derrubada dos juros básicos, hoje de 10,5% ao ano, pelo Banco Central – que, por sua vez, já avisou que estão próximos os dias em que alcançarão um dígito (abaixo de 10,0% ao ano). Outras manifestações dos dirigentes da área dão a entender que podem cair abaixo dos 9,75% ao ano, nível que caracterizaria a queda a um dígito.

Nessa paisagem, a caderneta passa a ser um problema. Mantido seu retorno de 7,5% ao ano, logo chegará o dia em que pagará mais do que os fundos de renda fixa, especialmente os fundos DI (atrelados à Selic) – cujo rendimento está sujeito ao Imposto de Renda e cujo patrimônio é reduzido pelo sistema “come-cotas” montado pelas taxas de administração. Assim, a migração das aplicações financeiras para cadernetas ficaria inevitável – a menos que o governo passe, como quer, a tesou-

PATRIMÔNIO

● Saldo em caderneta de poupança (SBPE + Rural)

EM BILHÕES DE REAIS



ra de poda na remuneração da caderneta.

O problema não será solucionado só com um passeio de caneta ao pé de um texto de medida provisória. Como ficou dito, a caderneta garante liquidez imediata. O aplicador pode buscá-la de volta

quando quiser. E, no entanto, só pequena parcela desses recursos está nos bancos. Foram emprestados ao tomador de financiamentos para a casa própria, que tem 10, 15 ou 20 anos para devolvê-los em prestações mensais, com juros e correção prefixados em contrato. Um dos riscos é o esvaziamento das aplicações em poupança, o que deixaria os bancos a descoberto.

Mas o aplicador poderia ficar sem opção e se manter fiel ao velho amor – rendimento a conta-gotas, mas confiável. Assim, no entanto, seria preciso prever possível reviravolta. Vamos que, adiante, seja preciso puxar novamente os juros básicos para cima. A aplicação das cadernetas poderia ficar desastrosamente para trás e, para evitar novo esvaziamento, o governo teria de voltar a puxar para cima o rendimento da caderneta. Nesse caso, o descasamento entre ativos (mais baixos) e ativos (mais altos) dos bancos viria por outro fator e abalaria o sistema.

O outro risco é político. A caderneta sempre foi considerada o investimento dos pobres e dos simples. O achatamento de sua remuneração poderia levar a crer que o governo estaria metendo a mão na aplicação do povão. Pelo seu forte impacto em ano eleitoral, essas mexidas provavelmente não sairão antes de novembro.



OUÇA DIARIAMENTE CELSO MING NA RÁDIO ESTADÃO ESPN

O Brasil se tornou independente de Portugal há 189 anos. Depois de uma história, como nação soberana, permeada por governos de exceção e regimes voláteis, o país, desde a campanha das "Diretas Já" (1984), parece ter consolidado uma firme democracia, que resiste às mais duras provas.

A liberdade política, contudo, parece não ter afastado de modo definitivo o estigma do colonialismo. Estamos trocando a antiga subserviência econômica ao fraterno povo lusitano por uma nova dependência da China.

A exemplo do que fazíamos há mais de dois séculos, quando éramos meros fornecedores de riquezas naturais e de minerais para Lisboa, recebendo em troca poucos bens de valor agregado, estamos exportando para Pequim produtos essenciais e de alta relevância nesta era da sustentabilidade, como petróleo, ferro e soja. Por outro lado, estamos importando um monte de quinquilharias. E pior: estamos pagando por elas preços de produtos de alto valor agregado.

Por conta desse equívoco estratégico em termos de política industrial, a indústria de transformação brasileira fechou 2010 com um déficit superior a US\$ 70 bilhões em sua balança comercial. Existe ainda o risco de que esse valor, fechadas as contas de 2011, ultrapasse US\$ 90 bilhões.

Apenas a indústria têxtil e de confecções terá saldo negativo de US\$ 5 bilhões. Em meio ao potencial de nossa economia em um mundo tomado por graves crises, parece que não estamos percebendo a corrosão de nossa manufatura, com um perigoso avanço da sinoddependência.

Graças a uma correta ação de nossa política econômica, temos reservas cambiais superiores a US\$ 350 bilhões e uma situação fiscal equilibrada. Portanto, não precisamos, como os EUA, que os chineses comprem títulos de nossa dívida.

Assim, não devemos temer qualquer represália à adoção de medidas mais eficazes de proteção comercial. Estamos sofrendo uma concorrência muito desigual no que se refere à qualidade dos produtos, à manipulação cambial, ao respeito às condições sociais e trabalhistas, aos cuidados com o meio ambiente, à utilização de insumos saudáveis e às práticas civilizadas no tocante às leis de mercado.

O governo brasileiro argumenta que a China é o nosso maior parceiro comercial e o principal comprador de nossos produtos.



Pequim é a nossa nova Lisboa; um política focada em exportar produtos primários à China leva à dependência e à corrosão da manufatura brasileira

ferir as suas suscetibilidades, pois isso poderia reduzir as importações chinesas, afetando a nossa balança comercial.

Ora, tal justificativa não é suficiente para fazer com que o Brasil se resigne à dependência, conformado em ser parceiro da África no fornecimento de produtos primários à potência asiática.

O ministro Guido Mantega já afirmou que o Brasil somente seria afetado pela crise se a China reduzisse as suas encomendas, algo que já demonstra a nossa dependência.

A indústria brasileira está fazen-

zação e na ampliação da sua capacidade. A indústria têxtil sozinha investiu US\$ 2 bilhões em 2010. Temos um parque industrial moderno e pujante, que garante uma pauta diversificada de exportações.

Mesmo que o país se imponha mais no comércio bilateral, os chineses continuarão precisando — e muito — de nossas commodities, dos nossos alimentos e do nosso aço, além de outros produtos.

É necessário, também, aproveitar e valorizar a força do ascendente mercado interno nacional. Há algum sentido estratégico em aumentar a exportação de fibras de algodão e, ao mesmo tempo, ampliar o volume de roupas importadas? Não temos nenhuma razão para reinstaurar o Brasil Colônia.

Durante a Copa de 2010 viajei a Israel com três amigos, que também foram aos territórios palestinos, a fim de fazer um documentário para discutir os problemas na região tendo o futebol e o Mundial como pano de fundo.

Na ocasião cheguei a acompanhar do Oriente Médio uma polêmica entre Juca Kfourri, jornalista que admiro muito, e Kaká, uma das esperanças do Brasil na Copa passada. Divergiam sobre o marketing religioso que tanto Kaká como outros jogadores da Seleção costumam fazer, provocando até reação da Fifa por conta dos excessos na comemoração da Copa das Confederações que os brasileiros venceram em 2009, derrotando os Estados Unidos na final.

Kaká fazia proselitismo de uma igreja a qual, pelo que me consta, acabou abandonando depois, o que não quer dizer que tenha deixado de ter fé em Cristo. Somos um país laico e a crença religiosa é um direito de todo cidadão que deve ser respeitada, como Juca sempre respeitou. E respeito também. Mas há algumas coisas que não entendo.

Toco no assunto porque não é só no futebol que os atletas, principalmente os brasileiros, reverenciam Cristo ao anotar um gol. Direito legítimo, mas que levanta algumas questões. Eu, que sou cheio de dúvidas e tenho poucas certezas na vida, fico indagando aos meus botões se Jesus estaria tão preocupado assim com um jogo de futebol. Com um gol. Com um título. Ou se não teria preocupações maiores, como as enchentes na região serrana do Rio, a fome na África, as guerras, catástrofes e desastres pelo mundo que nem precisamos enumerar.

Agora, além dos campos de futebol, virou moda também no octógono os brasileiros festejarem suas vitórias louvando Cristo e atribuindo a ele os murros, cotoveladas, pancadas na cabeça e todo o sangue que tiram de seus adversários.

O sujeito quebra o maxilar do rival, arra-



sa seu rosto, abre a testa, tira sangue da orelha, faz o adversário dormir e sai comemorando e agradecendo Jesus, dizendo que o mérito foi dele. Por ter apagado o outro? Teve o dedo de Cristo aí?

Ganha quem treina melhor, aprimora a força física e mental, está num dia mais propício quando sobe ao octógono para lutar, desenvolve técnicas de nocaute e finalização, não quem reza mais. Ou quem Cristo escolheu.

As religiões são usadas para tudo. Para justificar guerras (e isso não é de hoje), preconceitos e discriminações, "explicar" as injustiças e desgraças da vida, mas agora,

além de jogar bola, parece que Jesus entrou no octógono e partiu para a pancadaria. Colocaram Cristo neste papel. Acho curioso e tento entender o fenômeno. Como tento entender como é que deixaram abrir um templo perto do Aeroporto de Guarulhos, o principal do país, prejudicando centenas e centenas de pessoas no primeiro dia do ano e ainda prometendo mais confusão ao já caótico trânsito paulistano. Ônibus estacionados no meio da Dutra impedindo a circulação, uma situação lamentável e boa parte dos fiéis, em vez de se comportar como cidadãos, mais preocupada em orar.

As lições de Churchill or-1

RODRIGO CONSTANTINO

Winston Churchill faleceu no dia 24 de janeiro de 1965. Este artigo é uma homenagem a este que foi a figura política de maior destaque no século 20. Liderança inquestionável nos turbulentos anos 40, Churchill foi o maior responsável individual pela derrota nacional-socialista na Segunda Guerra Mundial. Não é pouca coisa.

De sua longa vida, podem-se tirar diversas lições importantes. Superação é uma das primeiras palavras que vêm à mente. A quantidade de adversidades e obstáculos que surgiram em seu caminho apenas fortalece o mérito de suas conquistas. Churchill não era de desistir, e usava cada tropeço para se reerguer com mais determinação ainda. Para ele, sucesso era a habilidade de sair de um fracasso para outro sem a perda do entusiasmo.

Como todo ser humano, Churchill tinha suas falhas e contradições. Nem sempre foi correto, e errou em suas previsões em importantes situações. Mas todos estes defeitos servem para torná-lo mais humano, e não eclipsam de forma alguma seus tantos acertos, fundamentais para preservar a liberdade naqueles ameaçadores anos.

Uma de suas maiores qualidades como estadista era seu realismo. Enquanto muitos preferiam o falso consolo de esperanças ingênuas, Churchill analisava os fatos com maior frieza. Como escreve Paul Johnson em sua biografia, "Churchill era realista o bastante para perceber que as guerras aconteceriam e, por mais terríveis que fossem, ele preferia vencê-las a perdê-las". Ele sabia ser pragmático quando necessário, mas sua essência era básica-

mente a de um liberal, defensor da democracia e também do livre mercado.

Sobre a democracia, aliás, Churchill tornou famosa a ideia de que se trata do pior modelo político, exceto todos os outros. Ele era realista o suficiente para não esperar escolhas democráticas fantásticas, e costumava dizer que o melhor argumento contra a democracia era uma conversa de cinco minutos com um eleitor médio. Esta postura cética é importante para limitar os estragos que podem ocorrer com o abuso de poder do governo, mesmo sob regimes democráticos.

Nas grandes batalhas do século 20, tanto ideológicas quanto físicas, Churchill esteve do lado certo. Ele abominava os monstros aparentados: o comunismo, o nazismo e o fascismo. Considerava a tirania bolchevique a pior de todas. Chegou a afirmar que "o vício intrínseco do capitalismo é a partilha desigual do sucesso", enquanto "o vício intrínseco do socialismo é a partilha equitativa do fracasso".

Ainda assim, soube fazer concessões práticas quando a própria sobrevivência dos valores ocidentais estava em jogo. Até mesmo com Stalin ele costurou um pacto para derrotar Hitler, após este trair o ditador soviético. Para Churchill, se Hitler invadissem o inferno até o diabo mereceria ao menos uma palavra favorável.

Churchill havia lido "Mein Kampf" e, ao contrário de tantos que consideravam Hitler apenas um aventureiro iludido, ele acreditou em suas promessas. O "pacifismo" era o credo da moda, mas Churchill soube enxergar melhor a realidade. Isso fez com que a Inglaterra estivesse preparada quando o inevitável ataque nazista ocorreu. O papel de liderança exer-

cido por Churchill neste momento de vida ou morte foi crucial para a vitória inglesa. "Nós nunca nos renderemos", enfatizou em seu famoso discurso.

Ele era a "personificação do entusiasmo", como explica Johnson. Sua retórica não era, entretanto, vazia, e suas ações incansáveis colocavam em prática sua mensagem. Sua coragem na liderança da máquina de guerra inglesa comprovava sua fala. Sua confiança era contagiante, e sua determinação, inspiradora. Segundo o historiador Paul Johnson, seria legítimo dizer que Churchill realmente salvou a Inglaterra (e, portanto, o Ocidente).

Além das medalhas militares, Churchill publicou quase 10 milhões de palavras em discursos e livros, pintou mais de 500 telas, construiu pessoalmente boa parte de sua propriedade particular, foi membro da Royal Society, foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, foi exímio caçador e jogador de pólo, criou cavalos vencedores e consumiu espantosa quantidade de champanhe, em companhia de seus charutos. Era muito espirituoso, com incríveis tiradas dignas de uma mente rápida e sagaz.

Para Paul Johnson, a vida de Churchill passa ao menos cinco lições importantes: pense sempre grande; nada substitui o trabalho árduo; nunca deixe que erros e desastres o abatam; não desperdice energia com coisas pequenas e mesquinhas; e, por fim, não deixe que o ódio o domine, anulando o espaço para a alegria na vida. Belas lições!

RODRIGO CONSTANTINO é economista.



O GLOBO NA INTERNET

OPINIÃO

Leia mais artigos

oglobo.com.br/opiniao

ATÉ OS mais pessimistas concordam que o Brasil vive um dos bons momentos de sua história. Atravessou sem traumas a crise financeira de 2008, provocada pelos Estados Unidos, e parece fazer o mesmo na atual crise da Europa.

Desde o início do século, a economia brasileira foi beneficiada pelo duradouro movimento de alta dos preços das commodities em geral, decorrente, em grande parte, da demanda da China. Por aqui, políticas eficientes de distribuição de renda, durante muitos anos desprezadas pelo poder público, acabaram sendo adotadas e deram importante impulso ao mercado interno.

Essa ampliação do consumo interno não ocorreu devido a nenhuma política genial. Fez-se o óbvio. Aos que sofrem pela miséria ofereceu-se uma renda mínima, por meio dos programas sociais, para que pudessem pelo menos ter acesso a itens essenciais. Aos assalariados de baixíssima renda concedeu-se um salário mínimo mais elevado, com reajustes anuais acima da inflação. Aos demais cidadãos, ampliou-se a capacidade de acesso ao crédito, ainda que as taxas de juros continuem altas demais.

Tudo isso se deu em um ambiente econômico de relativa estabilidade monetária, conseguido desde o lançamento do Plano Real, em 1994.

Não estou aqui para sustentar que o país não tem problemas. Na verdade, tudo o que foi feito é apenas o começo. Falta um eficiente sistema de educação pública, o atendimento no setor de saúde é vergo-

nhoso e a infraestrutura precária exige recursos e agilidade para ser transformada. A própria indústria, setor no qual sempre trabalhei, encontra-se em um momento crucial, sendo assolada pela competição externa e sem condições de reagir, à espera de mudanças no câmbio e nos custos internos.

Mas isso é outra história. O objetivo aqui é lembrar que o Brasil tem, apesar dos problemas, uma oportunidade histórica de enriquecer. Isso é o que pensam as pessoas que observam nosso país lá de fora. Há até um sentimento explícito de inveja nos comentários de quem com-

Países aproveitaram seus bônus demográficos para enriquecer; para o Brasil, a oportunidade é agora

para as condições de países europeus com as do Brasil de hoje.

Se prevalecer o bom-senso, vem aí, com toda certeza, um novo ciclo de prosperidade, decorrente dos pesados investimentos que estão sendo feitos no setor de energia, especialmente no de petróleo. A exploração das gigantescas reservas do pré-sal tendem a proporcionar grande afluxo de riqueza para o país.

Oportunidade

BENJAMIN STEINBRUCH



Julio Meiron

Não fosse tudo isso, o país vive um período de bônus demográfico, porque a maioria da população está em idade economicamente ativa. Há hoje, no país, mais de 130 milhões de pessoas na faixa de 15 a 64 anos, 67% da população total.

Ter essa parcela da população majoritária em relação à camada de dependentes (velhos e crianças) é uma dádiva que precisa ser aproveitada, porque ela vai durar apenas uns 20 ou 30 anos.

Em 2020, segundo as previsões do IBGE, esse bônus demográfico será ainda maior, quando a população em plena atividade alcança-

rá 71% do total dos brasileiros. A partir de 2025, o número de idosos começará a crescer, o que determinará a diminuição gradual dessa vantagem demográfica.

Entre 1965 e 1990, a Coreia do Sul, por exemplo, passou por um período de bônus demográfico e soube aproveitá-lo — seu PIB aumentou 8 vezes nesse período, de US\$ 3 bilhões para US\$ 264 bilhões. Os chineses se beneficiam neste momento de sua estrutura etária favorável, decorrente do rigoroso controle de natalidade imposto no país na segunda metade do século passado.

O Brasil precisa aproveitar essa benesse demográfica. Manter o crescimento do PIB em pelo menos 5% a 6% ao ano é fundamental. Políticas públicas devem ser capazes de absorver a mão de obra disponível em grande quantidade e dar incentivo à produção e à produtividade internas. Além disso, o momento exige planejamento cuidadoso das políticas para a educação da imensa massa de pessoas em idade produtiva e para cuidar de sua saúde.

EUA, França, Alemanha, Coreia, Japão e outros países aproveitaram seus bônus demográficos para enriquecer com democracia. Para o Brasil, pelo menos neste século, não haverá uma segunda janela demográfica. A oportunidade é agora.

BENJAMIN STEINBRUCH, 58, empresário, é diretor-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, presidente do conselho de administração da empresa e primeiro vice-presidente da Fiesp. Escreve às terças, a cada 14 dias, nesta coluna.

bvictoria@psi.com.br

AMANHÃ EM MERCADO:
Alexandre Schwartzman

A sobrevivência dos cartolas

Em 2004 o norte-americano Franklin Foer, editor da revista "New Republic", lançava nos Estados Unidos "Como o Futebol Explica o Mundo: Um Olhar Inesperado sobre a Globalização", traduzido no ano seguinte para o português. Para escrevê-lo, Franklin viajou por vários países, entre eles o Brasil, e pôde constatar "que, em vez de destruir as culturas locais, como preconizava a esquerda, a globalização deu nova vida ao tribalismo e que, longe de promover o triunfo do capitalismo apregoado pela direita, fortaleceu a corrupção".

Conheci o jornalista em sua passagem por São Paulo e ajudei-o na marcação de entrevistas no Rio. Almoçamos com seu primo brasileiro Marcelo Waimberg, que foi quem me procurou, e conversamos um bocado sobre a situação do futebol brasileiro. Franklin debruçou-se sobre os bastidores do esporte nacional, foi ao Rio atrás de Eurico Miranda e histórias do Flamengo, da Seleção, da CBF, de Pelé e de Teixeira. Quando recebi o livro notei que o capítulo sobre o Brasil, embora tenha sido um dos que menos gostei, recebera o título de "Como o Futebol Explica a Sobrevivência dos Cartolas".

O título, pelo menos, é sugestivo. Porque passa ano, entra ano e eles continuam aí, atolados por denúncias de corrupção e interligados, impedindo que nomes fora do meio possam ganhar força no esporte, perpetuando-se no topo, preparando terreno para entregar o clube, federação ou confederação a seus pares quando de sua saída, manipulando estatutos para favorecê-los, impedindo a rotatividade no poder.

Se a mentalidade dos cartolas continua a mesma, o futebol e a obra de Franklin Foer pelo menos me proporcionaram a oportunidade de conhecer muitos lugares e muita

gente interessante. Dentro e fora do Brasil.

Lembrei do livro de Franklin não por acaso, mas por conta da situação da CBF e de Ricardo Teixeira e também por causa do cinema e do Oscar. Pois estreou na sexta-feira o filme "Tão Forte e Tão Perto", do diretor inglês Stephen Daldry, o mesmo de "Billy Elliot". "Tão Forte e Tão Perto", indicado ao Oscar de melhor filme, é baseado na obra de Jonathan Safran Foer, irmão de Franklin, cujo título é "Extremamente Alto, Incrivelmente Perto". O livro é muito melhor do que o filme, incomparavelmente melhor, embora o segundo valha ser visto pelas atuações do garoto Thomas Horn, no papel de Oskar Schell, um menino que perde o pai no 11 de Setembro, e do veterano ator sueco Max von Sydow, sem falar nas lindas imagens de Manhattan e do Central Park.



Conheci Jonathan, que já havia escrito "Tudo está Iluminado" e preparava o lançamento de "Extremamente Alto, Incrivelmente Perto", por intermédio de seu irmão Franklin. Almoçamos em Nova York e conversamos sobre cinema, literatura e viagens, assuntos que me fascinam. Não falamos de futebol, muito menos de cartolas. Na vida as pausas são fundamentais e o silêncio, tão bem representado pelo trabalho de Von Sydow e especialmente por "O Artista", que conta a história de um astro do cinema mudo na Hollywood de 1927, também.



A força das classes médias

Todos os dias autoridades políticas e econômicas do mundo advertem que a geografia econômica global passa por radical processo de metamorfose e que os emergentes de hoje estarão entre as potências hegemônicas dentro de mais alguns anos.

O fenômeno subjacente é a enorme redivisão do trabalho no mundo. Bilhões de pessoas, antes marginalizadas do mercado de consumo, obtêm emprego e renda, à proporção de mais de 40 milhões por ano, apenas na Ásia.

Mas esse não é fenômeno circunscrito só ao continente asiático, depois que a China e os tigres que a cercam (Índia, Coreia do Sul, Vietnã, Indonésia, Taiwan, etc.) assumiram a corrida para o desenvolvimento econômico. O governo brasileiro se vangloria de que, em pouco mais de dez anos, nada me-

nos que 30 milhões de brasileiros ascenderam de estrato social.

Definir o que é classe média é tarefa tão complicada quanto definir nível de pobreza. Mas, do mero ponto de vista do mercado de consumo, entende-se que fazem parte das camadas médias pessoas que gastam entre US\$ 10 e US\$ 100 por dia.

Sob esse critério, o Instituto Brookings, de Washington, avalia que nada menos que 2 bilhões de pessoas (29% da população mundial) constituem hoje as classes médias. E a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) prevê que, por volta de 2030, as camadas da classe média atingirão 4,9 bilhões ou entre 65% e 80% da população global. A maior parte dessa gente viverá em países hoje considerados emergentes.

Já não dá para dizer, como ainda se repetia nos anos 90, que o atual sistema econômico e político global seja excludente. Ao

contrário, para o bem e para o mal, mostra-se essencialmente includente.

Pessoas mais bem nutridas, com mais saúde, mais informadas e politicamente mais integradas constituem grande avanço histórico que, no entanto, cobrará seu

A metamorfose da geografia econômica mundial trouxe grandes avanços históricos, no entanto, ela terá seu preço

preço. O primeiro deles é a transferência dos empregos dos países ricos para os emergentes. Independentemente dessa realocação, é preciso perguntar se haverá, onde quer que seja, postos de trabalho para tanta gente.

Em segundo lugar, é necessário prever o impacto do brutal aumento de consu-

mo mundial sobre suprimentos de alimentos, água doce, matérias-primas e energia. A referência para essa população são os atuais padrões de consumo das classes médias americanas, cujo símbolo é a existência de um carro em cada garagem. São crescentes as dúvidas sobre se o Planeta aguenta essa sobrecarga.

As classes médias não vivem somente da mão para a boca. Demandam cada vez mais serviços públicos de qualidade: educação, saúde, segurança, previdência, comunicações e transporte. E, com esses serviços, aumenta também a demanda por proteção social, como seguro-desemprego e auxílio-doença. A carga tributária, assim, crescerá em todo o mundo.

Do ponto de vista político, o fortalecimento das classes médias tende a favorecer a consolidação dos regimes democráticos – mas desde que suas aspirações não sejam frustradas. A História está farta de exemplos de como as classes médias descontentes podem também ser manipuladas por ditadores e regimes populistas. E esse é o maior risco. Se os Estados não derem conta da nova demanda, os regimes políticos abertos podem dançar.

Enfim, a geografia humana está mudando e essas mudanças impõem desafios às gerações que estão vindo aí.

*

OUÇA DIARIAMENTE CELSO MING NA RÁDIO ESTADÃO ESPN

A estupidez humana

DIVULGAÇÃO

O futebol e a Copa de 2014 são dois tópicos importantíssimos que servem como pano de fundo para discutirmos uma série de questões, como a de políticas públicas.

Antes de o Brasil ter sido oficializado como sede do Mundial, Ricardo Teixeira, o mandachuva do futebol brasileiro, dizia que não haveria um centavo de dinheiro público em arenas privadas. Como se viu, balela.

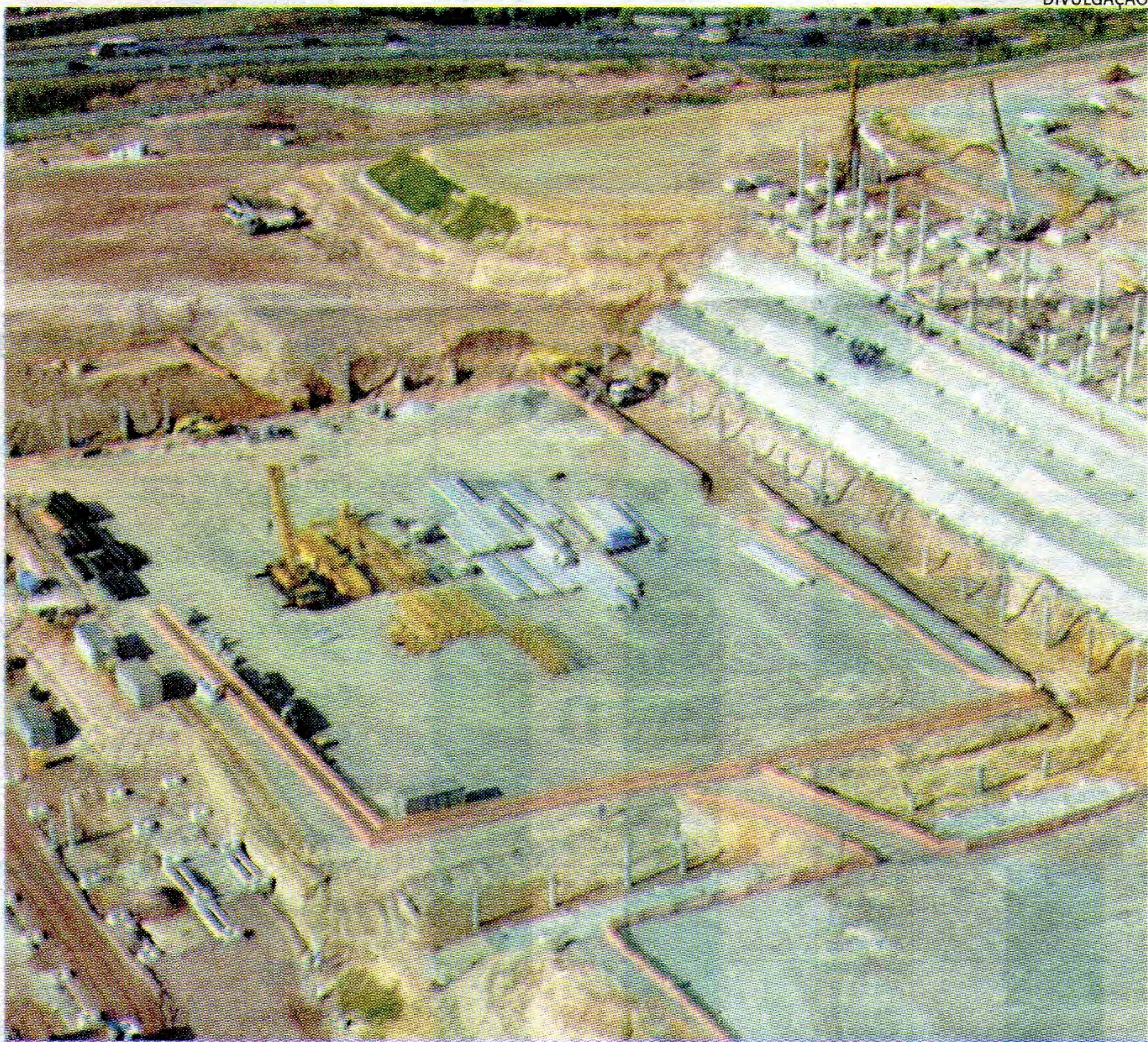
Para erguer sua arena em Itaquera, o Corinthians recebe benefícios públicos das três instâncias de governo: municipal, estadual e federal. O Maracanã, por sua vez, consome quase R\$ 1 bilhão dos cofres do Rio, sendo que, com o Pan de 2007, a promessa é que estaria adequado aos padrões exigidos pela Fifa para uma Copa do Mundo. Outra balela.

Como aconteceu com o Engenhão, que parou nas mãos do Botafogo, o estádio deve ter sua administração terceirizada seja por Flamengo/Fluminense, por Eike Batista, outro empresário ou multinacional. Em outras palavras, gastos públicos, lucros privados, afinal os investimentos para construção ou reforma das arenas ficam por conta do Estado e os bônus, com a iniciativa privada.

Casos como os do Corinthians e do Maracanã, que receberão a abertura e a decisão da Copa respectivamente, deveriam ser usados para debatermos pontos como privatização, papel do Estado, função da iniciativa privada, legado das obras para o país e outros mais.

Mas não. A discussão cai para um nível baixíssimo, que reflete a falta de educação e preparo de boa parte dos cidadãos de um país que pouco investe em escolas públicas e se esquece também da saúde.

Cada um parece mais preocupado com seu clube de coração do que com a sociedade como um todo. Há são-paulinos que defendem ajuda ao Morumbi com o argumento de que os corintianos ganharam Itaquera de



Fielzão: cada um parece mais preocupado com seu clube de coração do que com a sociedade

presente, esquecendo-se de que um erro não justifica o outro. Há rubro-negros e tricolores que querem o Maraca, patrimônio histórico e cultural do Brasil, argumentando que o Botafogo ganhou de presente o Engenhão. Há corintianos que dizem que não há um centavo de dinheiro público para a construção do Fielzão e que perdem a cabeça quando alguém afirma o contrário.

As paixões clubísticas cegam torcedores e ajudam a piorar o nível da discussão. Muitos partem para a ignorância e não aceitam críticas a seus clubes e dirigentes. Eles podem defenestrá-los, mas um adversário não. Defendem os cartolas quando

seus times se saem bem em campo, pressionando-os à conquista de mais e mais títulos, e com isso quase que os obrigam a fazer loucuras, gastando o que não têm e endividando o clube. Como se a vitória justificasse tudo e enquanto ela acontecer os reais problemas do futebol e da política brasileira pudessem seguir de lado.

É assim que se forma uma massa de manobra, que se contenta com a política do pão e circo. E é por essas e outras que dirigentes como Ricardo Teixeira se perpetuam no poder. Porque a estupidez humana não tem limites. E não tem mesmo.

País gasta muito com seguro-desemprego

JOSÉ PASTORE



O Brasil é o único país no mundo em que o emprego cresce e as despesas com seguro-desemprego disparam. O paradoxo decorre de instituições de má qualidade no campo do trabalho. Explico-me.

Para fazer jus ao seguro-desemprego, o empregado precisa ter trabalhado pelo menos seis meses com registro em carteira. Para poder sacar os recursos depositados no FGTS, o empregado necessita completar um ano de serviço, desde que dispensado sem justa causa.

Vejamos o que ocorre com um empregado que ganha R\$ 1 mil por mês e que completa um ano na mesma empresa. As estimativas a seguir são feitas com aproximações e sem considerar os descontos de lei.

Se ele for dispensado sem justa causa, terá acumulado R\$ 1.040 na sua conta do FGTS (inclusive a parcela do 13.º salário). No caso de ser desligado da empresa sem justa causa, sacará esse montante e receberá R\$ 400 a título de indenização de dispensa, perfazendo R\$ 1.440. Além do salário do mês, como parte das verbas rescisórias, ele terá direito a R\$ 1 mil de 13.º salário e R\$ 1.333 a título de férias e abono, o que no agregado soma R\$ 3.773. Uma vez despedido, ele receberá quatro parcelas no valor de R\$

763,29 a título de seguro-desemprego, ou seja, R\$ 3.053,16. Em resumo: para viver nestes quatro meses, o empregado em tela disporá de R\$ 6.826, o que dá uma média mensal de R\$ 1.706, ou seja, 70% a mais do que ganhava quando estava trabalhando.

Até aqui foi tudo legal. Mas, com a atual falta de mão de obra, o referido trabalhador pode se reempregar com facilidade. Para não perder o benefício do seguro-desemprego, muitos procuram um emprego informal. Digamos que o protagonista do exemplo consiga ganhar R\$ 1 mil nessa atividade, ou seja, R\$ 4 mil durante os quatro meses. O ganho total no período subirá para R\$ 10.826, que dá uma média de R\$ 2.706 mensais! Além disso, há o abono salarial.

Numa realidade desse tipo, não é à toa que tanta gente utilize esses expedientes. Isso ocorre principalmente entre os empregados de baixa renda. Os dados mostram que, em 2010, 85% dos saques do FGTS foram feitos em contas cujo saldo médio era de apenas R\$ 1 mil (tendo totalizado R\$ 12 bilhões). Para quem ganha R\$ 1 mil por mês, um acréscimo de renda de 170% é de extrema valia.

É assim que se explica por que os pedidos de seguro-desemprego aumentam numa hora em que (ainda) são abundantes as oportunidades de emprego. As despesas explodem. O pagamento do seguro-desemprego e do abono salarial consumiu em 2011 cerca de R\$ 32 bilhões – quase 20% acima do que se gastou em 2010.

Uma parte do estouro das despesas

foi devida à elevação do salário mínimo em 2011. E o que ocorrerá em 2012? O salário mínimo será de R\$ 622 mensais – um aumento de 14% em relação a 2010. O governo que se prepare. As despesas com seguro-desemprego e abono salarial explodirão.

Mas essa é só uma parte da história. A outra, de maior impacto, vem da combinação das estratégias acima descritas e ganha força num mercado de trabalho aquecido. A rotatividade aumenta porque muitos empregados “provocam” sua demissão (sem justa causa) e entram na ciranda das benesses.

Esse é um bom exemplo de como más instituições induzem a perigosas distorções. Está na hora de fazer uma boa revisão das leis que dão suporte a essas manobras. A exigência de aceitar um emprego oferecido pelo Ministério do Trabalho (criada em setembro de 2010) é uma boa medida, mas ainda é tímida. Uma reforma de profundidade exige a combinação do seguro-desemprego e do FGTS com programas de treinamento e com a própria aposentadoria. Mas esse é um assunto complexo que fica para outra oportunidade. Ademais, os recursos do FGTS pertencem aos trabalhadores, que já vêm sendo apropriados por uma taxa de juros ridícula, e a eles cabe a primeira palavra.

* PROFESSOR DA FEA-USP, MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, É PRESIDENTE DO CONSELHO DE EMPREGO E RELAÇÕES DO TRABALHO DA FECOMÉRCIO DE SÃO PAULO. SITE: WWW.JOSEPASTORE.COM.BR

A roda brasileira da produção

MICHAEL KLEIN

Herman Tacassey

O Brasil parece estar trilhando o caminho certo em direção a uma sociedade mais justa e afluenta.

Segundo estudo divulgado recentemente pela OCDE, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, o think tank das nações mais industrializadas do mundo, o quadro da distribuição de renda no Brasil vem apresentando melhoras significativas, ano após ano. E uma tendência dessa envergadura social certamente não poderia estar acontecendo por acaso.

Vivemos hoje, sem dúvida alguma, em um país mais justo, graças às políticas públicas dirigidas à baixa renda, como o Bolsa Família, mas também pela emergência de um extraordinário mercado interno consumidor brasileiro. É ele o grande motor gerador de nossa riqueza. Já incorporou 32 milhões de consumidores das classes C, D e E nos últimos anos e continua agregando novos contingentes populacionais antes excluídos do mercado.

Apesar dos enormes desafios à nossa frente — não podemos fechar os olhos para as injustiças e para a violência que ainda ameaçam a paz das nossas famílias —, o certo é que vivemos um momento único na história brasileira.

Finalmente, após décadas de maturação política e econômica, com marchas e contramarchas, golpes e contragolpes, desencadeamos o círculo virtuoso do desenvolvimento sustentável: em ação surge uma vibrante classe média, cada vez mais numerosa, girando a roda da produção e dos serviços.

Para atender a essa extraordinária nova demanda de consumo em massa, nosso mercado interno cresce a cada ano e, assim, cria mais trabalho, renda e dignidade para a população. De quebra, também acaba protegendo o país da grave crise que vem paralisando algumas das principais economias globais.

Assim como aconteceu na formação de grandes potências mundiais — e os Estados Unidos são sempre a melhor referência histórica de uma formidável democracia alicerçada sobre uma enorme classe média —, o palco socioeconômico brasileiro cresceu e amadureceu.

O que se vê hoje são os novos rostos brasileiros ocupando papéis de protagonistas na vida do país. São pessoas que passaram a deter capacidade financeira para comprar do carro zero ao computador, da casa nova ao pacote de viagens.

Ao mesmo tempo, a emergência



Para atender a demanda de consumo em massa, nosso mercado interno cresce a cada ano e, assim, cria mais trabalho, renda e dignidade

necessidade urgente de atender as novas demandas por educação, moradia, saneamento básico, transporte público, cultura e acesso à cidadania plena.

De extrema importância na formação da nova classe média — hoje com o poder de definir do próximo presidente da República às metas futuras de investimentos públi-

lo varejo popular e a revolução do crédito ao consumidor no Brasil.

Sem precisar entrar na questão do que veio antes, “o ovo ou a galinha”, não resta dúvida de que as linhas de crédito oferecidas pelas grandes redes varejistas possibilitaram à massa da população o acesso a bens de consumo antes restritos apenas às elites.

Ao impulsionar esse novo consumo, o comércio popular alavancou a produção industrial e desencadeou esse círculo virtuoso que está gerando uma sociedade mais dinâmica, consciente de seus direitos e deveres e, sobretudo, mais justa.

Caso das embalagens tem 4 partes diretamente afetadas

PRISCILA BORIN CLARO
ESPECIAL PARA A FOLHA

O acordo que restringe a distribuição gratuita das sacolinhas plásticas no comércio de São Paulo deixa dúvidas sobre quem saiu ganhando. Encontramos quatro partes diretamente afetadas: meio ambiente, comércio, governo e consumidor.

O meio ambiente tem sido um dos grandes motivadores das mudanças de comportamento dos cidadãos e das organizações, que repensaram estilo de vida e processo de produção, dado que a capacidade do planeta está cada vez mais comprometida pelo aumento da população e do consumo. A medida contra a distribuição das sacolinhas busca reduzir a quantidade de lixo plástico.

No entanto, parece-me que o impacto real em todo o ciclo de vida da sacolinha convencional e das alternativas disponíveis não foram devidamente considerados.

Várias pesquisas mostram o quanto a sacolinha convencional polui por ser derivada

de um recurso natural não renovável —o petróleo. Outras, no entanto, indicam que, se reutilizada, pode até ser mais sustentável.

Em relação ao consumidor, que em grande parte reutilizava a sacolinha para lixo de banheiro e de cozinha, a medida provocará uma mudança no comportamento e um aumento no orçamento mensal, com a compra de saco de lixo e de sacola biodegradável ou retornável.

O comércio teve de se estruturar para fornecer as novas sacolinhas biodegradáveis, bem como para “treinar” seus funcionários a respeito dos motivos da mudança.

O custo que antes lhes pertencia (alguns bilhões de re-



PARECE QUE RECURSOS NATURAIS E SUSTENTABILIDADE ESTÃO SENDO UM MEIO, E NÃO UM FIM

ais) está sendo repassado aos consumidores, aumentando a margem do setor.

Questiono se o que está sendo “gasto” em campanha promocional e todo o lixo gerado (panfletos, outdoors etc.) têm, na verdade, como motivador a sustentabilidade. Além disso, o slogan “Salve o planeta”, no caso das sacolinhas, é apelativo e vazio.

O governo, por sua vez, ao não ter uma estratégia articulada e estruturada em relação ao meio ambiente e à sustentabilidade de forma mais ampla, contenta-se com ações pontuais e fracas.

O que mais incomoda é que, ao analisar os interesses em jogo, parece que os recursos naturais e a sustentabilidade estão sendo um meio, e não um fim.

Tudo isso me lembra de quando morei na Holanda, onde existe um sistema a respeito da separação, do acondicionamento e da destinação final do lixo. Estrutura que o Brasil está longe de ter.

O varejo brasileiro, em parceria com os governos, poderia reverter parte da economia com as sacolinhas para apoiar o desenvolvimento de uma estrutura de gestão de resíduos adequada no país.

PRISCILA BORIN CLARO, professora do Insper, é doutora em gestão ambiental, social e desenvolvimento.

A notícia recente de que empregadas domésticas da Indonésia tinham escapado da pena de morte na Arábia Saudita, depois de ter matado filhos de seus patrões ou por praticar magia negra, me deixou curioso para saber por que havia esse movimento agora.

Os países árabes, especialmente os do Golfo Pérsico, têm sido grandes importadores de empregadas domésticas vindas de Filipinas, Indonésia, Índia e Sri Lanka, desde os anos 80. Elas enfrentam um grande choque cultural, especialmente na Arábia Saudita, longe das famílias delas em um país ultraconservador, com uma língua difícil, e com quase nenhum contato com suas compatriotas.

Elas não são cobertas por leis trabalhistas, pelo fato de trabalhar em casa; trabalham por muitas horas por dia; geralmente não têm um dia de folga; e muitas vezes são vítimas de maus-tratos e agressões físicas. Além disso, muitas vezes recebem os salários com atraso. Tudo isso é uma receita para depressão, doenças mentais e mágoas que, às vezes, são descontadas nas patroas e nas crianças delas.

Infelizmente, a Arábia Saudita parece ser a campeã em problemas com empregadas domésticas, já que ela abriga o maior número de trabalhadores estrangeiros no Golfo. É estimado que seis milhões de estrangeiros moram no reino, com um milhão de indonésios, 1,3 milhão de filipinos, um milhão de egípcios e um milhão de paquistaneses, entre outros. A maioria dos indonésios trabalha como empregados domésticos e motoristas particulares, e 200 mil filipinos trabalham como domésticas.

A imprensa saudita tem documenta-

do o abuso de domésticas no país, especialmente os jornais publicados em inglês voltados para os estrangeiros morando no país. Mas, apesar dessas campanhas de conscientização, a realidade de que domésticas estrangeiras são quase escravas dos seus patrões ainda prevalece entre certas pessoas no país. Oficiais raramente tomam o lado das domésticas em disputas com seus patrões.

Vale lembrar que o mau tratamento de empregadas domésticas não é uma exclusividade de árabes, tendo em vista os vários casos de maus-tratos de filipinos e indonésios trabalhando em Hong Kong e Cingapura.

Nos vinte anos em que atuei como jornalista na Arábia Saudita, o caso mais fantástico de abuso que encontrei foi de uma mulher das Filipinas, Leonora Somera, que foi contratada em 1987 para trabalhar como doméstica na casa de uma família saudita na capital, Riad. Logo depois, em 1988, ela foi levada para tomar conta das cabras que a família tinha numa pequena fazenda nas montanhas no Sul do país. Largada lá sozinha, Leonora enfrentou frio e solidão por 18 anos, sem ser paga regularmente e detida várias vezes pela polícia. O consulado das Filipinas em Jedah finalmente a resgatou de sua penúria, em 2007, e a ajudou a voltar para casa. O seu empregador devia a ela o equivalente a quase R\$ 30 mil em salários não pagos.

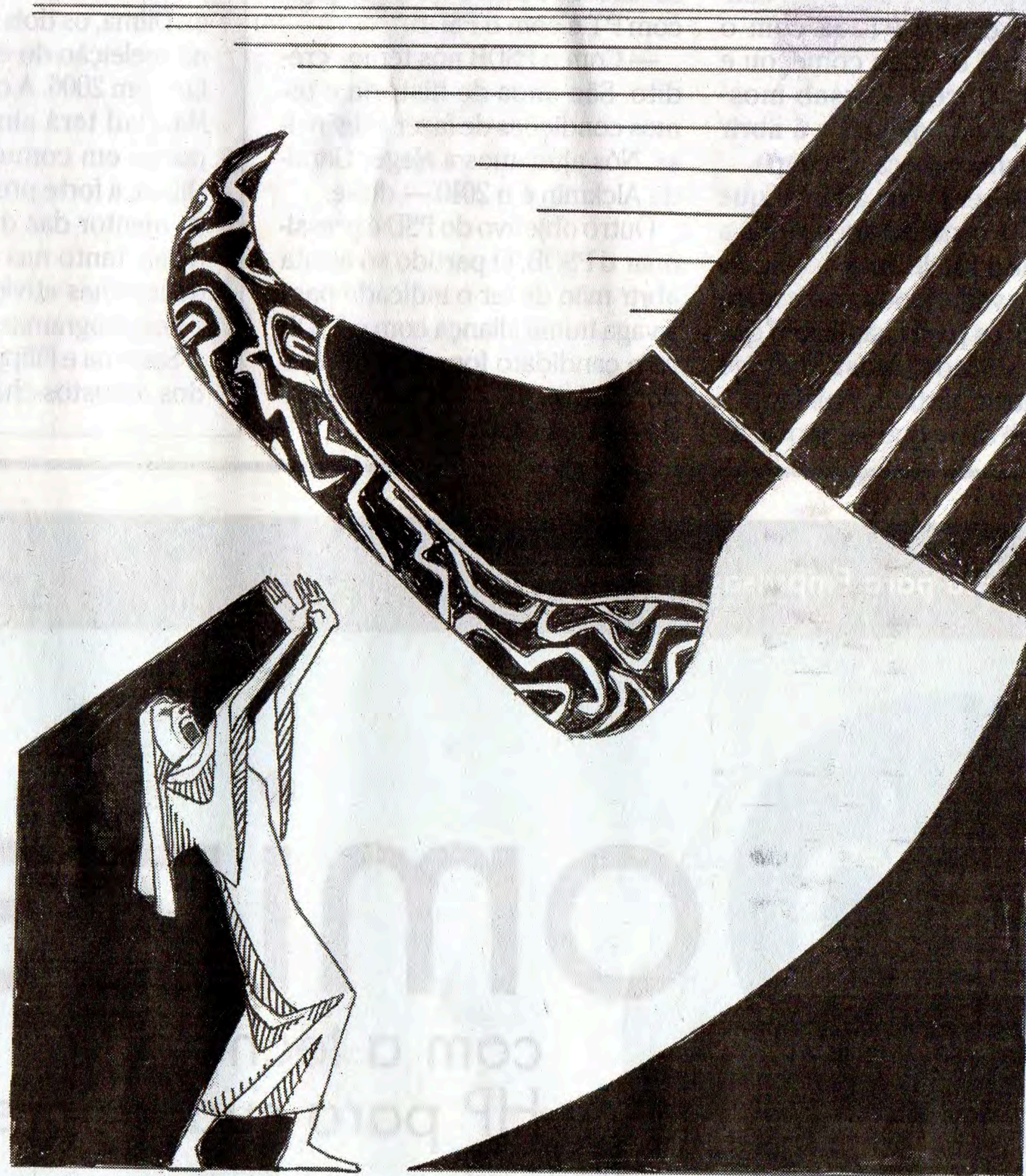
A ONG Human Rights Watch tem documentado maus-tratos de domésticas no mundo árabe, e tem feito campanhas para melhorar as condições de trabalho delas. Nisha Varia, uma pesquisadora senior da HRW na área de direitos de mulheres, me disse que o governo da Indonésia foi forçado a fazer apelos fortes junto ao rei Abdullah, da Arábia Saudita, para sal-

var a vida de domésticas da Indonésia condenadas à morte por matarem ou praticarem magia negra.

“Houve uma campanha orquestrada por grupos de migrantes da Indonésia para aumentar a conscientização sobre a situação dos indonésios na Arábia Saudita. Essas campanhas ganharam força após a execução de Ruyati Binti Sabupi, uma trabalhado-

ra doméstica de 54 anos, em junho de 2011”, disse Varia.

Mais cedo, em 2010, uma doméstica indonésia foi brutalmente espancada e torturada pela sua patroa saudita. Sumiati Binti Salan Mustapa, de 23 anos, chegou ao hospital em Madina com queimaduras pelo corpo e ossos quebrados. A polícia indiciou a patroa e o caso foi a julgamento. Em



uma decisão histórica, um juiz condenou a patroa a três anos de prisão. Infelizmente, depois de alguns meses, um outro juiz derrubou a condenação, alegando falta de provas. A patroa foi libertada.

Países como a Indonésia e as Filipinas já tentaram parar de enviar domésticas para a Arábia Saudita devido à causa desses maus-tratos. As Filipinas até tentaram exigir um salário mínimo de US\$ 400 por mês para suas empregadas (isso num país onde não há um salário mínimo), que empregadoras sauditas deem celulares a suas empregadas e forneçam mapas para suas residências, mas tudo em vão.

A realidade é que as economias desses dois países dependem economicamente das remessas dos trabalhadores no estrangeiro. Nos últimos anos, os sauditas receberam um recorde de US\$ 170 bilhões para as Filipinas em 2010 e US\$ 1,7 bilhão enviado somente para a Arábia Saudita. Indonésios mandaram US\$ 759 milhões para a Arábia Saudita em 2010, ou 44% de todas as remessas dos indonésios no mundo.

Apesar dos muitos problemas que os indonésios enfrentam no reino, os sauditas dizem que os filipinos vão continuar a procurar emprego lá como empregados domésticos. O que nos resta fazer é pressionar para que os países de origem sejam incluídos nas leis trabalhistas e que os abusos das famílias árabes sejam punidos de verdade nos tribunais do país.

RASHEED ABOU-ALSAMH é jornalista e colaborador do “Al-Ahram Weekly” e do site Tehran Bureau (EUA), foi co-editor do “Arab News” (Arábia Saudita) e do “The National” (Emirados Árabes Unidos). Blog: <http://www.rasheedsworld.com> Twitter: @RasheedsWorld.

Trabalho distante, problemas próximos

JOSÉ PASTORE



A Lei n.º 12.551, aprovada no fim de 2011, pretendeu explicitar que o trabalho realizado a distância, inclusive por meios telemáticos, deve ser remunerado. Nada mais necessário. Afinal, todos os tipos de trabalho precisam ser remunerados. Apesar da sua boa intenção, a nova lei gerou inúmeras discussões.

O trabalho a distância disparou nos últimos 20 anos, com ou sem telemática, e sob formas variadas.

Há os que trabalham como autônomos mediante contratos de prestação de serviços, de modo contínuo ou intermitente. Estão nesse caso os que desenvolvem atividades em casa, no transporte, no hotel – enfim, *anywhere*. Uns fazem cálculos de estruturas de concreto; outros, criam sistemas de informática. Há os que traduzem textos, costuram roupas, editam vídeos, compõem músicas, montam planos de viagens, enviam e-mails e outros que formam uma gigantesca rede de trabalhadores a distância. Por não terem vínculo empregatício, a Lei n.º 12.551 não os alcança. Eles são remunerados com base em contratos de prestação de serviços que firmam com os seus contratantes. Nesse ponto a lei é clara e se aplica apenas aos que têm vínculo empregatício – quando há subordinação, pessoalidade, onerosida-

de e habitualidade.

Mas aqui também há variações. São comuns os casos em que a atividade do empregado é realizada sempre em casa ou em plataformas de trabalho, ainda que vez por outra ele compareça na sede do empregador. Para eles, a jornada e a remuneração são definidas nos contratos individuais de trabalho ou em acordos e convenções coletivas.

Os casos mais complexos ocorrem quando o empregado trabalha na empresa e é acionado após a jornada normal por meios diversos, inclusive telemáticos. Alguns são mais claros do que outros. Por exemplo, é evidente que o profissional que fica online com seu chefe durante várias horas e após a jornada normal deve receber pelo que faz.

Mas, como a lei não define as regras de anotação de tempo trabalhado, as condições de trabalho ou o valor de remuneração, há muitos casos obscuros.

Será que uma simples pergunta que é respondida com uma frase (por telefone ou e-mail) justifica a cobrança de hora extra? O bom senso diz que não. Todavia, o que dizer se essas perguntinhas forem feitas de hora em hora, nos fins de semana ou durante as férias?

Como tratar o caso do empregado que, após a jornada normal, gasta três horas no computador em casa fazendo um curso para o seu aperfeiçoamento profissional e de utilidade para a empresa? Como o curso interessa às duas partes, não seria lógico ser remunerado pela empresa? Haveria um rateio do tempo?

A lei não detalhou essas regras nem

poderia fazê-lo em razão das peculiaridades dos setores de atividade, das profissões, dos cargos, dos horários, etc. O que serve para os profissionais de Tecnologia da Informação não serve para os enfermeiros, para professores, jornalistas ou estivadores, e assim por diante. Nenhuma lei tem condições de abranger todas as formas de trabalho no mundo atual.

Por isso, teria sido muito mais eficaz se o legislador tivesse estabelecido que, “no caso dos empregados, as regras para remunerar o tempo do trabalho exercido a distância, inclusive por meios telemáticos, serão definidas nos contratos individuais, nos acordos e nas convenções coletivas”. Na fixação dessas regras as partes teriam liberdade total para usar e abusar dos detalhes. E, no caso de impasses, os magistrados teriam sobre a mesa as regras estabelecidas pelas próprias partes (um excelente guia!) para orientar o seu julgamento.

Mais uma vez os parlamentares usaram de suas atribuições para aumentar a insegurança jurídica, deixando um verdadeiro “abacaxi” para a Justiça do Trabalho. Os magistrados serão desafiados a praticar uma complexa esgrima mental para chegar a um ato jurisprudencial que estabeleça regras homogêneas para situações tão heterogêneas.

* PROFESSOR DE RELAÇÕES DO TRABALHO DA FEA-USP. É PRESIDENTE DO CONSELHO DE EMPREGO E RELAÇÕES DO TRABALHO DA FECOMÉRCIO

Tropeços nos campos e nos pequenos

Nesta segunda rodada, dois times grandes não conseguiram vencer - Flamengo e Botafogo. Sendo que o Vasco chegou a sofrer o empate do Duque de Caxias e o Fluminense demorou a abrir placar contra o Voltaço. Sem dúvida, os gramados atrapalharam, mas não há desculpa que justifique o futebol apresentado por alguns times.

O Botafogo, por exemplo, não conseguiu criar jogadas mesmo com três meias de ligação, e as mexidas de Oswaldo de Oliveira pareceram não ajudar a isolamento do ataque.

E o Flamengo? Jogou com time reserva, tudo bem, mas levou sufoco do Macaé. Por pouco o time alvianil não saiu com a vitória. O

Os gramados estão à altura do futebol apresentado pelos clubes na rodada

Rubro-Negro deve o ponto do frustrante 0 a 0 ao goleiro Paulo Victor, que teve grande atuação.

O Fluminense, apesar do elástico 3 a 0 sobre o Volta Redonda, no sábado, só foi conseguir fazer o primeiro gol aos 26 do segundo tempo. Depois, deslanchou.

O Vasco teve de "trocar" de esporte. Com a forte chuva que caiu em Macaé no domingo, o campo do Moacyrzão ficou alagado e o futebol se transformou em polo aquático. O time fez o trivial e venceu por 3 a 1.

Destacaram-se ainda o Bonsucesso, que venceu o Madureira, de virada; o Resende, que não fosse um cochilada no fim, quando permitiu dois gols de Allan para o Olaria, teria vencido sem sustos; e o Friburguense de Rômulo, que fez os gols da vitória sobre o Bangu.

O espantoso leilão dos ares

VINICIUS TORRES FREIRE

DESDE O FIM do espantoso leilão de privatização dos aeroportos até o começo da noite de ontem, analistas financeiros faziam contas para entender como os consórcios vencedores esperam lucrar com seu empreendimento.

Os analistas, independentes das empresas envolvidas, não entendiam nem as contas das empresas nem concordavam com as contas de outros colegas.

Mas a frase de um deles resumia o espírito das conversas de gente do governo e de participantes do leilão, durante o dia de ontem. “Deve estar sobrando dinheiro barato em algum lugar. O governo deveria vender logo os outros aeroportos.”

Dados os preços de ontem, na verdade, o governo deveria vender qualquer coisa: aeroporto, estrada, porto, açude, trilha de vaca, cacimba ou até a Esplanada dos Ministérios (cedendo alguns ministros de

brinde, de preferência).

Os analistas podem estar errados, prevendo retornos baixos. Eraram, por exemplo, na conta das concessões de usinas hidrelétricas (Jirau e Santo Antônio), erraram em leilões mais recentes de rodovias. De resto, empresas que disputam concessões têm mais conhecimento do negócio que um isolado analista de instituição financeira.

De qualquer modo, a conta dos vencedores é pesada. No caso de Guarulhos, primeiro é preciso pagar a concessão: R\$ 16,213 bilhões, em parcelas distribuídas por 20 anos (tempo da concessão). Há ainda os investimentos (R\$ 4,6 bilhões) mais

Lances pelos aeroportos foram altíssimos; governo deveria aproveitar a onda e privatizar mais

10% da receita bruta anual. A receita atual de Guarulhos não dá nem para a saída.

Até 80% do investimento pode ser financiado pelo BNDES. Os vencedores de Guarulhos (fundos de pensão, OAS e a estatal sul-africana de aeroportos, Acsa) podem vender ações. Arruma-se financiamento (barato, no bancão estatal, mas que tem custo) e capital para o investimento (que, por meio de ações,

dilui o lucro). Ainda resta a questão do retorno.

Problema das empresas, certo? É, essa é a lógica do leilão. Mas, mesmo com as multas pesadas em caso de descumprimento de contrato, as melhorias podem atrasar ou não ser tão “melhores” assim.

O consórcio vencedor de Guarulhos é 90% dos fundos de pensão Previ (funcionários do Banco do Brasil), da Petros (Petrobras), da Funcef (da Caixa Econômica Federal) e da empreiteira OAS.

Haveria mão do governo aí, nos lances altos (o governo indiretamente nomeia parte do conselho desses fundos, pois as empresas são esta-

tais)? Não parece, pois as propostas derrotadas, se menores, também eram espantosas. De resto, há uma empresa privada no grupo.

De resto, esses três fundos são os maiores do país, têm 45% do patrimônio dos fundos de pensão brasileiros, foram feitos para isso mesmo, juntar poupança, e, pois, precisam colocar o dinheiro em algum lugar, além de terem metas de rentabilidade para cumprir. Não é tão fácil inventar teorias conspiratórias.

Por fim, além de haver “dinheiro sobrando” para privatizações, é preciso lembrar que aeroportos fazem parte de um sistema nacional: adianta arrumar três se os outros não funcionam (aviões saem de qualquer lugar, precisam chegar a um outro —bidu). Quando serão concedidos os aeroportos do Rio, de Minas e do Rio Grande do Sul?

op-1

O BRASIL cresce, mal ou bem, desde 2005, como não crescia fazia 30 anos. O tamanho das empresas cresce ainda mais rápido. É o que ocorre também com as farmácias, negócio ainda pulverizado em termos nacionais, mas nem tanto nos Estados.

As farmácias passaram a atrair empresas financeiras do porte de BTG e Gávea. Ontem, o braço "farmacêutico" do BTG, a Brazil Pharma, fechou uma proposta para comprar a rede baiana Sant'ana.

Farmácia não é negócio pequeno. Segundo dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (IBGE) mais recente, remédios e produtos de higiene pessoal levam quase 6% das despesas de consumo dos brasileiros (quase o dobro do gasto em educação, mais que o dobro em eletrodomésticos, mais que em vestuário).

Em 2008, a Gávea investira na Droga Raia, desde o ano passado Raia Drogasil. A empresa disputa a

Farmácias vitaminadas

VINICIUS TORRES FREIRE

liderança nacional (em faturamento) com a DPSP, resultado da fusão, também em 2011, da Drogaria São Paulo com a Pacheco.

Desde 2009, sete das 15 maiores empresas do ramo se aglutinaram. Em 2004, as cinco maiores redes tinham 16% das vendas. Em 2010, 23%. No ano passado, talvez 30%. "Talvez", pois as estatísticas do setor são um tanto confusas.

Segundo dados do IBGE, o varejo de remédios, perfumaria, produtos médicos e ortopédicos cresce em média 10% ao ano desde 2005. As farmácias crescem mais que isso, segundo associações do setor.

Renda crescente, povo mais ido-

Onda de fusões e aquisições prossegue no setor, que desde 2009 fica mais concentrado e profissional

so, formalização do negócio (com as notas eletrônicas), tudo isso estimulou o interesse pela consolidação.

O mercado começa a ficar concentrado? Não parece, mas a medida é difícil, depende de estudos muito complexos, com lupa em mercados regionais. Mas, para começar, os dados são confusos.

O Conselho Federal de Farmácia diz que existem cerca de 82 mil farmácias. As associações comerciais

falam em cerca de 62 mil. Mas há estudos desse setor de varejo que falam em 52 mil pontos de venda.

Segundo a Abrafarma, associação das redes de farmácia, suas associadas, com mais de 3.600 lojas, faturam 41% do setor. A DPSP e a Raia Drogasil teriam, cada uma, cerca de 9% do faturamento do setor estimado pela Abrafarma (R\$ 42 bilhões). Mas cada rede tem em torno de 700 lojas cada uma.

Num mercado ainda amador e pulverizado como o de farmácias, a consolidação tende a ser um progresso. Ganhos de escala e gestão moderna podem tornar o negócio mais eficiente e até melhorar os pre-

ços para o consumidor.

Por outro lado, as empresas menores serão devastadas e, provavelmente, expulsas para rincões de baixa renda.

Na média, os preços de produtos farmacêuticos têm subido menos que a inflação geral (IPCA). Em 2005, a inflação dos farmacêuticos foi de 4,4%, ante 6,5% do IPCA. Desde 2005, os farmacêuticos subiram em equivalente a 61% do IPCA.

A média pode distorcer altas feições de preços em remédios importantes (PODE: não quer dizer que distorça). Além do mais, as farmácias modernizadas deixaram de ser drogarias. Podem vender mais produtos e oferecer mais serviços.

Mas o negócio de farmácias ficou vitaminado. Precisa de um "check up" da supervisão da concorrência. Por ora, só um exame de rotina

O retorno da Laranja Mecânica

Você não precisa ter nascido na década de 70 para se lembrar do Carrossel Holandês de Johan Cruyff & Cia., tampouco do filme Laranja Mecânica, de Stanley Kubrick. Basta gostar de futebol ou cinema. Falemos então do primeiro caso.

A Laranja Mecânica, hoje, é o Nova Iguaçu. A equipe da Baixada Fluminense lidera, invicta, o Grupo A da Taça Guanabara. Detalhe: esta chave conta com a presença de Flamengo e Botafogo. Sim! Os dois com apenas uma vitória em quatro jogos e que, aliás, fizeram o clássico da rodada – empataram em 0 a 0. Na partida, o Alvinegro foi melhor, mas não conseguiu bater o rival mesmo tendo um homem a mais por 15 minutos.

O Vasco será o único grande a ir para a semifinal da Taça Guanabara?

Mas não é só o Nova Iguaçu que tem se destacado entre os pequenos. O Resende é vice-líder do mesmo Grupo A.

O único grande que conseguiu acumular a gordurinha antes da

ceu as quatro partidas que disputou, de maneira convincente. E o Fluminense? Venceu duas partidas contra times fracos, perdeu de virada para o Boavista e ainda deixou o Duque de Caxias empatar. Thiago Neves estreou neste último jogo, mas com uma atuação bem abaixo do esperado. Porém, como era seu primeiro jogo, ainda pode ser perdoado.

Para fechar, Pedrinho desencantou ao marcar, de falta, o primeiro gol da vitória do Olaria sobre o Madureira. Até aqui, o campeonato está surpreendente.

Ninguém sabe quanto custará a Copa

OP. 1

GIL CASTELLO BRANCO

A Torre de Babel, segundo a Bíblia, foi construída na Mesopotâmia, pelos descendentes de Noé. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta sobria provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra. O mito vem à tona no acompanhamento dos gastos da Copa 2014. Para começar, existem pelo menos 5 portais na internet com dados globais sobre o evento, criados pela Controladoria Geral da União (CGU), Senado Federal, Tribunal de Contas da União (TCU), Ministério do Esporte e Instituto Ethos. Apesar da louvável intenção de dar transparência ao megaprojeto, faz-se necessário o trânsito permanente de informações entre os governos municipais, estaduais e federais para que os sites sejam sempre atualizados, o que infelizmente não está acontecendo. Assim, ganha um doce amargado não conseguir dizer quanto custará a Copa do Mundo 2014.

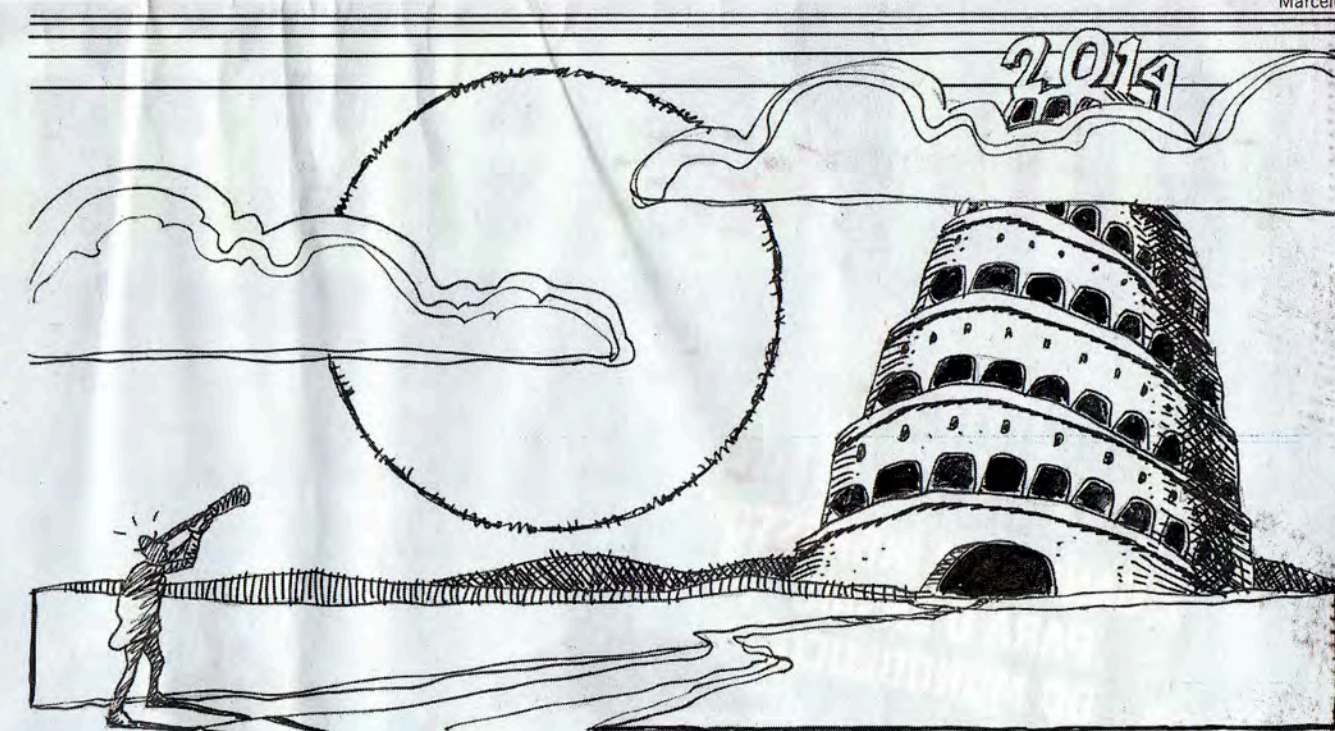
A Controladoria Geral da União (www.portal-transparencia.gov.br), por exemplo, informa que os investimentos em aeroportos, portos, estádios, mobilidade urbana e os financiamentos para novos hotéis custarão R\$ 27 bilhões. Aliás, faltando 28 meses para o início do mundial, o próprio site do governo federal evidencia o atraso na programação, ao mostrar que somente R\$ 9,9 bilhões (37%) foram

(5,2%) foi pago.

Lentidão à parte, convém ressaltar que os R\$ 27 bilhões correspondem somente ao chamado Primeiro Ciclo, não incluindo itens como segurança, telecomunicações, infraestruturas energética e turística, saúde e qualificação profissional.

Mesmo o valor previsto para a etapa inicial (R\$ 27 bilhões) está longe da realidade. Os financiamentos públicos para hotelaria, por exemplo, deverão ser muito maiores do que os que estão lançados no portal. Os R\$ 350,1 milhões contratados até agora destinam-se à implantação de dois novos empreendimentos, em Botafogo e Copacabana, à revitalização do Glória e à instalação de hotel em Aparecida do Norte (SP). Muito provavelmente, outros hotéis serão construídos. O valor total disponibilizado pelas linhas de financiamento do BNDES e dos Fundos Constitucionais (Norte, Nordeste e Centro-Oeste) para essa finalidade é de R\$ 1,9 bilhão, podendo ser ampliado conforme a demanda.

Outro exemplo de discrepância gritante entre o valor orçado e o real é o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha. O custo frequentemente divulgado é de R\$ 688,3 milhões. Nesse montante, porém, não está incluída a cobertura da arena que acaba de ser licitada, elevando o dispêndio para cerca de R\$ 850 milhões. Também não constavam da previsão original as despesas com o gramado, a iluminação, as cadeiras



lhes". Ou seja, a estimativa do Governo do Distrito Federal refere-se, basicamente, à estrutura de concreto. Algo como se fosse possível calcular o custo de uma casa sem telhado, piso, luz etc...

De fato, encontrar o custo real do elefante branco em construção na Capital não é tarefa fácil. O valor de R\$ 688,3 milhões (sem cobertura, gramado etc..) ainda é informado nos sites da CGU e do Ministério do Esporte (www.copa2014.gov.br). No site do Instituto Ethos (www.jogoslimpos.com.br) encontra-se R\$ 745,3 milhões. No site do Senado (www.copa-transparente.gov.br) consta R\$ 671,1 milhões. Até mesmo a foto do estádio que ilustra os portais do Tribunal de

são inicial do projeto, já completamente alterada. Quanto à execução financeira, embora estejamos em fevereiro de 2012, os dados mais recentes computados no portal do Senado (30/6/2011) mostram que foram pagos R\$ 223,8 milhões dos R\$ 671,1 previstos (33%). No site da CGU os valores executados até 9 de novembro de 2011 somam R\$ 73,99 milhões dos R\$ 688,3 milhões previstos (11%). Para o governador Agnelo Queiroz, as obras já estão na metade.

Assim como ocorre com o estádio em Brasília, os portais divulgam informações desatualizadas, incompletas e até contraditórias sobre outros empreendimentos, nas diversas cidades-sede. A promessa de que qual-

os custos da Copa ainda não foi cumprida. É urgente, portanto, que seja criada uma sistemática regular de atualização e atualização desses portais, para que atendam à finalidade para a qual foram criados.

Até porque — ao contrário do que foi dito inicialmente — os recursos públicos é que irão custear a festa. Assim, é natural que os brasileiros queiram saber o total dessa conta. Com a verdadeira "babel" de informações, não se chegará ao céu. Na prática, até agora, ninguém sabe quanto custará a Copa, nem mesmo a Dilma que chegou do Haiti.

GIL CASTELLO BRANCO é economista e fundador da organização não governamental Associação Contas Abertas. Email:

Marcelo

Pequena empresa não elege ninguém



PAULO
FELDMANN



Faz parte das regras de todos os países que praticam formas saudáveis de capitalismo defender suas pequenas empresas. Porque, se isso não for feito, é inevitável que a grande maioria dos setores econômicos acabe sendo dominada pelas grandes empresas. Estas, justamente por causa de seu tamanho, conseguem ter características que lhes conferem vantagens enormes. Nada contra as grandes, só que elas não carecem de proteção especial. As pequenas, sim, necessitam dessa proteção, caso contrário a competição será desigual. Vejam alguns exemplos internacionais.

Nos Jogos Olímpicos de Londres, em julho, a maioria das atividades de apoio, bem como os serviços de atendimento ao público, será prestada por pequenas empresas. Aliás, os estádios, as edificações e a maioria das obras que serão sede de eventos também foram construídos ou estão sendo montados por pequenas construtoras. Isso tudo porque em 2008 o governo britânico baixou um decreto – *Small Business Act* – definindo que era imperativo priorizar a utilização das pequenas empresas como forma de apoiar seu crescimento e diminuir o predomínio das grandes.

Uma das maiores redes mundiais de supermercado é francesa e tem forte

atuação no Brasil. Porém, quem já foi a Paris estranhou não ter encontrado nenhuma loja da megarrede na cidade. Ocorre que, para não prejudicar o pequeno comércio, o governo francês proíbe a atuação das megarredes nos perímetros urbanos. Elas só podem abrir suas lojas nas estradas e, assim mesmo, bem afastadas das grandes cidades. Por sinal, a maior empresa do mundo é uma rede de supermercados norte-americana: quem já foi a Nova York, Chicago ou qualquer grande cidade dos EUA certamente não viu nenhuma loja dessa megarrede. As razões são as mesmas.

Os números do Sebrae dizem que, de cada 100 pequenas empresas que são criadas em nosso país, apenas 24 conseguem completar o 5.º aniversário. Esse número não pode ser maior porque o Brasil não oferece nenhuma proteção às pequenas. Se não existirem medidas de apoio, quem vai dominar os mercados é a grande empresa. E é por isso que na Alemanha e na Itália, por exemplo, a pequena empresa representa mais de 60% de toda a produção econômica, ou seja, do PIB. No Brasil as pequenas não conseguem ter nem 20% do PIB. Apesar de serem 99% do número total de empresas brasileiras. Ou seja, 80% da produção brasileira está com as grandes e médias, que são apenas 1% do total de empresas existentes.

O Brasil é o paraíso da grande empresa. Por quê? Justamente porque faltam políticas públicas de apoio aos pequenos empresários. Por isso não temos estímulos à formação de consórcios, não temos agências desenvolvendo inova-

ção e tecnologias e muito menos políticas de compras governamentais destinadas aos pequenos. A causa está na legislação eleitoral. Graças a ela, nossos governantes e parlamentares são apoiados em suas campanhas eleitorais pela grande empresa, que é quem tem condições de canalizar recursos para elas. O pequeno empresário não tem a mínima possibilidade de apoiar as campanhas eleitorais porque está permanentemente correndo o risco de fechar suas portas. O pequeno empresário brasileiro só consegue pensar na sobrevivência da sua empresa, pois sua família dela depende.

Ocorre que, quando eleitos, nossos políticos precisam retribuir a ajuda que tiveram e nisso está a perversidade do modelo atual, pois eles acabam fazendo leis e governando sempre a favor da grande empresa, pois foi esta que apoiou suas campanhas.

A verdadeira democracia é aquela que impede o abuso do poder econômico, como o fazem a Holanda, a Alemanha e a Suécia, onde inclusive as campanhas eleitorais são modestas. Precisamos rever nossa legislação eleitoral nos baseando nos países desenvolvidos que simplesmente proíbem empresas de todo e qualquer tamanho de apoiar campanhas eleitorais. Aí, sim, poderemos dizer que somos uma verdadeira democracia.



PRESIDENTE DO CONSELHO DA PEQUENA EMPRESA DA FECOMÉRCIO, É PROFESSOR DA FEA-USP

O otimismo do secretário de Política Econômica



No primeiro Relatório de Inflação do ano passado, o Comitê de Política Monetária considerava que havia 50% de possibilidade de o Índice de Preços ao Consumidor

Amplo (IPCA) fechar o ano entre 4,8% e 6,3%. Na realidade, fechou em 6,5%, mais do que a previsão relativa a 30% das possibilidades. Isso mostra as dificuldades de prever a taxa de inflação no início do ano. O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Márcio Holland, numa entrevista ao jornal *Valor*, não teme correr o risco de afirmar que este ano a pressão sobre os preços será menor.

Para o secretário, no ano passado o Brasil enfrentou a conjunção de dois fatores que elevaram os preços: a alta de preço das commodities e o quadro de dificuldades nos países ricos. Ele reconhece, porém, que o modelo de política econômica brasileiro baseado no crescimento da demanda interna teve responsabilidade na inflação.

No momento há uma queda de preço das commodities em razão, basicamente, do arrefecimento econômico da China - queda mais sensível no caso dos minérios do que no dos produtos agropecuários, cujo destino não são apenas países asiáticos. Ora, a manutenção de um preço elevado desses produtos tem grande influên-

cia no custo de vida das pessoas de renda mais modesta. Podemos acrescentar, ainda, outros fatores, como a seca no Rio Grande do Sul, que poderá aumentar os preços de parte dos produtos agrícolas.

Márcio Holland se refere à elevação do preço do etanol: mesmo admitindo que a produção de cana seja maior e destinada à produção de etanol, há, agora, a possibilidade de exportar esse produto para os EUA sem aumentar a oferta interna.

O ponto que mais preocupa, assinado pelo secretário, é o modelo de crescimento baseado em estímulos ao consumo. Márcio Holland nos lembra que, desde o primeiro mandato de Lula até agora, o valor real do salário mínimo, incluindo o novo, cresceu 66%. Não se pode menosprezar o último aumento, de mais de 7,5% em valor real, que levará ao crescimento do poder aquisitivo de uma parte importante da população, inclusive dos aposentados.

O secretário lembra que o brasileiro não tem o hábito da poupança. É, pois, possível que o aumento de renda seja gasto - e isso será ampliado por uma política de crédito generosa, especialmente quando fornecido por meio de empréstimos subsidiados. Holland admite que parte dos produtos consumidos será importada (em detrimento da indústria nacional) a um preço que, dependendo da taxa cambial, poderá tornar maior o déficit nas transações correntes.

CAMISA 12

"O torcedor é, antes de tudo, paixão. É chama sagrada. Queima e ilumina o coração do homem"

Armando Nogueira

Opinião 2

DIZEM QUE FALTA ALGO A MESSI...

Há pelo menos três anos, quando Lionel Messi abocanhou pela primeira vez o título de melhor jogador do mundo, a pergunta volta à tona logo após aparecer a imagem do franzino argentino com o troféu cedido pela Fifa: afinal, ele é tudo isso mesmo?

Argumentos não faltam, desde os embaixados até os mais esdrúxulos (como achar que "é fácil" jogar neste time fantástico do Barcelona, carimbando a tese com a lapidar frase: "Até minha avó faz gol lá"). A tecla mais batida, e que sempre gera discussão, é a de que Messi brilha em clube, mas se esconde pela seleção argentina. "Nunca venceu uma Copa", costumam dizer alguns para justificar o raciocínio, que levou seus adeptos ao apogeu com o fiasco dos hermanos no Mundial da África do Sul, em 2010.

Obviamente conduzir seu país ao patamar máximo do futebol transforma a vida de qualquer jogador, e com Messi não seria diferente. Mas transformar um título em Copa do Mundo em condição essencial para elevá-lo entre os mitos e colocá-lo no Conselho Jedi da bola é exagerado e uma forma tacanha de minimizar o talento do jogador.

Messi tem 1,69m de altura e protege a bola como novatos. Leva deze-



nas de trancos e dificilmente cai, ao contrário dos pseudocraques do futebol brasileiro, que despencam no gramado a cada triscada. Usa sua habilidade incomum para ser objetivo, rumo ao gol, por isso seus dribles não são vistos como fímulas. São apenas a cereja do bolo. Se "é fácil" fazer tudo isso pelo Barcelona, mérito dos catalães, que armaram um sistema capaz de extrair o melhor de cada um de seus craques (pois lá tem outros).

O azar é da Argentina, que ainda

não aprendeu a explorar todo o potencial de Messi – e se quiser ser campeão do mundo novamente, terá de montar um sistema para ele brilhar.

Com ou sem Copa na carreira, Messi já é um ícone. E ele ainda tem 24 anos, vislumbra-se que sua soberania esteja apenas começando. Ele trilha um caminho que, queiram ou não, o colocará ao mesmo nível de Pelé, Maradona, Romário, Ronaldo e outros que são o que são, simplesmente, porque são craques.

Mauro Beting está em férias.

LUIZ GARCIA

PM na UFF


 opinião 2

Dentro de quatro anos, o Rio ganhará profissionais com formação universitária em segurança pública. Parece boa ideia, pelo menos porque toda novidade positiva nessa área é bem-vinda em princípio.

Numa guerra que a sociedade não está ganhando — na melhor das hipóteses, defendida por otimistas obstinados, estamos segurando nos dentes um frágil empate — novas ideias merecem, pelo menos, uma expectativa forrada de esperança.

A iniciativa é da Universidade Federal Fluminense, que oferece 60 vagas a novos universitários. O dono da ideia, professor Roberto Kant de Lima, diz que a formação de profissionais que existe hoje “nas academias de polícias e faculdades de Direito” não tem o que ele cha-

ma de “perspectiva da sociedade”: está amarrada à “visão do aparelho de repressão do Estado”.

Traduzindo: a ideia é treinar profissionais que pensem prioritariamente nos interesses dos cidadãos — que não seriam exatamente idênticos aos das autoridades que cuidam da segurança pública — e isso não é exatamente uma novidade. Os inéditos bacharéis em segurança estarão distantes do que o professor chama de “lógica da repressão”: vão estudar matérias como administração de conflitos, sociologia e antropologia.

O projeto não é novo: há quatro anos, foi rejeitado pela UFF. E, de 2000 a 2006, ele existiu sob a forma de um curso de especialização obrigatório para a promoção de policiais do Estado do Rio. Não deu certo, segundo Kant de Lima,

porque os policiais-alunos “vinham com suas culturas profissionais muito enraizadas”. Na nova versão, não há esse problema: os candidatos não terão experiência alguma. O que os defensores da ideia consideram uma virtude, com a mesma certeza que os adversários a condenam.

Vale a pena registrar que a novidade é elogiada por um coronel da PM, Robson Rodrigues, que tem, pode-se dizer, experiência nos dois times: é mestre em antropologia e foi comandante das UPPs — possivelmente a melhor iniciativa da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro nas últimas décadas.

Ele lembra que levar a segurança pública para o meio universitário é uma iniciativa democrática. Tem razão, com certeza: é uma forma de aproximar os agentes do Estado dos cidadãos.

Grécia no limite

Edição
14 fev
op. 2

Saída da zona do euro não está ainda descartada, apesar do voto favorável a programa de ajuste no Parlamento de um país em convulsão

A aprovação no Parlamento de um draconiano pacote de austeridade não chega a dar um desfecho para o drama da Grécia. Os cortes chegam a € 3,3 bilhões (1,5% do PIB). A rodada de arrocho é exigência de outros membros da zona do euro para liberar novos fundos.

Longe de significar uma esperança de cura, a terapia se limita a elevar a dose do remédio que até agora não recuperou o paciente.

O fracasso em cumprir o primeiro acordo, de dois anos atrás, fez ruir a confiança nos gregos. Os líderes europeus agora exigem garantias prévias. Por outro lado, a grave recessão — em 2011, o PIB caiu 6%; espera-se queda de 5% neste ano — indica que o medicamento foi mais tóxico do que se contava.

O novo plano de ajuste é duro com a Grécia. Para reduzir a dívida pública de 160% a 120% do PIB em 2020, recorre a três pilares: corte de gastos, reestruturação da dívida e injeção de novos fundos.

O pesado ajuste prevê economia equivalente a 7,5% do PIB em cinco anos. Inclui várias medidas recessivas, como a redução de 22% no salário mínimo e demissão de 15 mil funcionários públicos em 2012.

A reestruturação da dívida de € 350 bilhões precisa sair neste mês, pois há vencimentos de monta em março. Os credores privados

— que detêm € 150 bilhões — aceitaram redução de até 70% em seus direitos. O Banco Central Europeu contribuiria com cerca de € 15 bilhões. Isso traria alívio imediato de 40% a 50% do PIB na dívida.

Por fim, o FMI e o fundo europeu de estabilização fiscal criado em 2011 propiciarão € 130 bilhões em financiamento adicional.

Os três elementos se complementam. Sem os cortes, o aumento da dívida não seria contido. Sem a redução na dívida atual, o ajuste seria inútil. E sem os recursos de longo prazo, não haveria tempo para a Grécia ter alguma chance de equilibrar as finanças.

A aprovação no Parlamento abre um caminho, mas não constitui garantia de sucesso. O nível de endividamento ainda será alto, e o torniquete sobre o orçamento pode revelar-se social e politicamente inviável. Exigir mais da Grécia, em lugar de aceitar um desconto maior da dívida, é arriscar ruptura ainda mais grave que a renunciada nos distúrbios de rua, como sua exclusão da zona do euro.

A experiência internacional dá margem para algum otimismo de que, no médio prazo, o país poderia estar melhor com sua própria moeda. Mas o governo evitará tal aposta enquanto houver perspectiva de sucesso na rota atual.

A disposição dos europeus de exercer mais pressão sobre a Grécia parece indicar que o eventual abandono do euro já não soa tão impensável. A mensagem é clara: se o plano não for cumprido, o país será abandonado à própria sorte.

ARNALDO JABOR

Angústias de um 'colarinho branco'

A corrupção nacional — prazer e tradição



Cruz

bom ladrão é simpático. A senhora não tem ideia, aí, sentada nessa poltrona do Freud, do orgulho que sinto, até quando roubo verbas de remédios para criancinhas, ao conseguir dominar a vergonha e transformá-la na bela frieza que constrói o grande homem. E, agora, este sentimentozinho de 'culpa' tão chato...

"Sei muito bem os gestos rituais da malandragem brasileira: sei fazer imposturas, perfídias, tretas, sei usar falsas virtudes, ostentar dignidade em CPLs, dou beijos de Judas, levo desaforo para casa, sim, sei dar abraços de tamanca e chorar lágrimas de crocodilo... Sou

ótimo ator e especialista em amnésias políticas. Eu já declarei de testa alta na Câmara: 'Não sei nem imagino como esses milhões de dólares apareceram em minha conta na Suíça, apesar desses extratos todos, pois não tenho nem nunca tive conta no exterior!' Esse grau de mentira é tão íntegro que deixa de ser mentira e vira uma arte.

"Doutora, no Brasil há dois tipos de ladrões de colarinho branco: Há o ladrão 'extensivo' e o 'intensivo'.

"Não tolero os ladrões intensivos, os intempestivos sem classe... Falta-lhes elegância e fi-

nesse. Roubam por rancor, roubam o que lhe aparece na frente, se acham no direito de vingar de passadas humilhações, dores de corno, porradas na cara não revidadas, sapatos de mãe lavadeira.

"Eu, não. Eu sou cordial, um cavalheiro; tenho paciência e sabedoria, comecei pouco a pouco como as galinhas que roubei na infância, que grão em grão enchiam o papo... Eu sou aquele que vai roubando ao longo da vida política e, fim de décadas, já tem Renoirs na parede, iate helicópteros, esposas infelizes (não sei por que se dou tudo a elas), filhos estroinas e maluco (mandei estudar na Suíça e não adiantou).

"Eu adquiri uma respeitabilidade altaneira que confunde meus inimigos, que ficam na dúvida se me detestam ou admiram. No fundo, me acho mesmo especial; não sou comum.

"Perto de mim, homens como PC foram considerados cleptomaníacos... Sou profissional e ditador... Considero-me um Gilberto Freyre de corrupção nacional...

"Olhe para mim, doutora. Eu estou no lugar da verdade. Este país foi feito assim, na fronteira entre o público e o privado. Há uma grande insuspeitada na apropriação indébita, florescem ricos cogumelos na lama das maracatuas. A bosta não produz flores magníficas? que vocês chamam de 'roubalheira' eu chamo de 'progresso'. Não o frio progresso anglo-saxônico, mas o doce e lento progresso português que formou nossa tolerância, nossa ambivalência entre o público e o privado.

"Eu sempre fui muito feliz... Sempre adoro os jantares nordestinos, cheios de moquecas sarapatéis, sempre amei as cotoveladas cúmplices quando se liberam verbas, os cálidos abraços de famílias de máfias rurais... A senhora me pergunta por que eu lhe procurei?

"Tudo bem; vou contar.

"Outro dia, fui assistir a uma execução. Me taram um neguinho no terreno baldio. Ele implorava quando lhe passaram o fio de nylon no pescoço e apertaram até ele cair, bem embalado de uma placa de financiamento público. Na hora, até me excitei; mas quando cheguei em casa com meus filhos vendo 'High School Musical' na TV, fui tomado por este mal-estar que vocês chamam de 'sentimento de culpa'...

"Por isso, doutora, preciso que a senhora me cure logo... Tem muita verba pública; muita emenda no orçamento, empreiteiros me ligando sem parar... Tenho de continuar minha missão, doutora..."

BC facilita operações de bancos pequenos e grandes



O Banco Central (BC) procura oferecer mais dinheiro para ajudar os bancos pequenos, numa iniciativa para reduzir o custo do dinheiro. Na

sexta-feira, adotou várias medidas que devem resultar numa injeção de R\$ 30 bilhões no mercado de crédito.

Uma delas foi um ajuste técnico no recolhimento compulsório sobre depósitos a prazo das instituições financeiras, que hoje são remunerados pela variação da taxa básica de juros. O BC estabeleceu para este ano uma redução progressiva no montante dos depósitos que serão remunerados por essa variação – a partir de 24 de fevereiro cai para 80% e chega a 60% em 24 de agosto. Pode-se pensar que só o BC leva vantagem nessa redução, mas a parte não remunerada poderá ser usada pelos bancos para compras de alguns ativos, como carteiras de crédito, letras financeiras e Certificados de Depósitos Interbancários (CDI), de instituições financeiras de mesmo porte.

As letras financeiras têm por objetivo reunir recursos de longo prazo que permitiriam aos bancos oferecer créditos também de longo prazo, hoje só disponíveis no BNDES. Elas trariam grande vantagem para as instituições financeiras, que teriam uma remuneração melhor na compra des-

ses papéis, como também no seu uso, para operações de prazo longo. O CDI oferece remuneração um pouco melhor do que o compulsório e um risco reduzido.

A decisão mais interessante se refere à venda e compra, pelos bancos, de carteiras de crédito. Sabe-se que, desde o problema criado pelo Banco Panamericano, o interesse nesses ativos é encarado com certa apreensão.

Por isso o Banco Central acaba de baixar medidas prudenciais que podem ajudar a reduzir o risco dos compradores dessas carteiras. No caso dos bancos vendedores, a operação não poderá representar mais do que 20% do valor dos seus ativos totais, ante 25% anteriormente. E os ativos a serem vendidos serão limitados a 2% do compulsório, ante 1% anteriormente, para manter um colchão de segurança; ou a 50% do patrimônio de referência; ou a R\$ 100 milhões.

Os bancos que pensam em utilizar a parte não remunerada do compulsório foram avisados de que, a partir de 21 de fevereiro de 2014, a remuneração voltará progressivamente, o que lhes permite planejar o uso dos recursos liberados.

Os bancos pequenos e médios receberam positivamente as medidas, porque elas permitirão que vendam carteiras de crédito; e os grandes bancos também terão a possibilidade de aumentar a remuneração de parte dos seus depósitos compulsórios.

DÚVIDAS DO 4-2-3-1

E Kaká, melhor jogador do mundo em 2007, demorou certo tempo a se adaptar ao esquema com apenas um atacante à frente dele. “Quando levantava a cabeça para fazer a jogada e a tabela, só tinha uma opção no ataque. No início, era difícil. Acabei me acostumando. Mas sempre prefiro ter mais um jogador no ataque como opção para jogar”.

Kaká não reclamava por ser o único armador do Milan. Mas da falta de mais gente com quem trabalhar à frente. Valdivia, no Palmeiras, observa outro aspecto interessante da ausência de opções no ataque, no 4-2-3-1 tão caro aos nossos treinadores. “Com apenas um armador por dentro, toda a marcação fica sobre esse jogador” – ele mesmo. Para o rival fica menos complicado cercar o pé que pensa e que passa no time.

É algo que alguns treinadores têm tentado resolver na articulação do 4-2-3-1 que virou prancheta da lei em campos brasileiros. Uma saída é usar mais armadores de estirpe na linha de articulação. Algo que o Fluminense de Abelão tem sobrando com Thiago Neves, Deco e, se quiser, Wágner, e também Lanzini. Algo que Tite poderá adotar, se quiser, no Corinthians de Da-



Rafael Sobis pode fazer dupla função na articulação do Fluminense

nilo, Douglas e Alex.

Outra solução é que o fez o próprio Fluminense campeão brasileiro de 2010, e, também, o Corinthians vencedor em 2011. Não por acaso com o mesmo Emerson Sheik na função. Um atacante recuado que entra em diagonal, em facão, para dar mais opções aos armadores. E evitar muitas vezes o isolamento do solitário atacante. Algo que Emerson tenta repetir em 2012. Solução que Rafael Sobis parece apto para

dar a Abelão nas Laranjeiras. Esquema que também pode funcionar no Internacional com Dagoberto, com D'Alessandro e Oscar articulando no time de Dorival Júnior. Outro que teve a felicidade, em 2010, de ter Neymar e Robinho pelos lados armando o 4-2-3-1 com Ganso por dentro, e André no comando de ataque.

Os nomes, como sempre, ditam os esquemas e sistemas mais que os números. Mas as duas soluções parecem interessantes nas equipes cada vez mais marcadas (logo, manjadas) por adversários atentos.

A PREGUIÇA DE PENSAR DOS BOLEIROS

No Brasil, são poucos os atletas que conseguem virar bons comentaristas esportivos – atenção, eu disse bons! – depois que encerram a carreira. E esse assunto me chamou a atenção enquanto eu assistia aos playoffs da NFL, as finais do futebol americano. Por lá, a grande maioria que trabalha nas transmissões são ex-jogadores, muito bem preparados para atuar na mídia.

A discussão é muito mais profunda do que a qualidade das transmissões no Brasil, está relacionada a uma diferença gritante em relação aos EUA no sistema de ensino. Por lá, os atletas recebem incentivos de grandes universidades para praticarem esporte em um nível profissional. Em troca da bolsa de estudos e de toda a estrutura para treinar, eles defendem o time universitário, trazendo retorno à instituição em marketing e nas rentáveis competições que disputam.

Quando o atleta se forma no curso superior tem a opção de ser recrutado por uma equipe profissional. Muitos ficam pelo caminho, mas com um diploma que dificilmente teriam condições de pagar. Se aplicarem a cultura que aprenderam com os conceitos básicos do esporte – trabalhar em grupo, res-

ponsabilidade, pontualidade, superação, etc. – se tornarão bons profissionais em qualquer outra área.

Já os que se tornam estrelas do esporte e depois se aposentam têm estudos e qualidade para continuarem falando de esporte nas mídias.

Infelizmente em terras brasileiras, onde o jovem é geralmente da periferia e tem menos informação do que qualquer um norte-americano, os poucos que se tornam atletas pro-



Magic Johnson jogou no basquete norte-americano e virou comentarista

fissionais dispensam o conhecimento. Grande parte dos jogadores de futebol, que faturam salários exorbitantes, ganham a vida com os pés e não fazem o mínimo esforço para desenvolverem a cabeça. Preferem ficar no Twitter postando que estão na “resenha com os parças” do que se dedicarem a algo de conteúdo.

Não é apenas para virar um comentarista de TV no futuro, mas já poderiam tornar as entrevistas muito mais interessantes e, como consequência, faturar ainda mais.

Dilema federal

Editorial
17/11
09/11/12

Barreiras ideológicas e deficiências gerenciais impedem governo Dilma de cumprir meta fiscal sem comprometer investimentos

O ano se inicia com os dilemas de sempre para a gestão do orçamento federal: a necessidade de arrochar investimentos públicos para compensar o crescimento de outras despesas e assegurar o cumprimento das metas fiscais.

Aguarda-se uma repetição do ocorrido no ano passado, quando o governo Dilma Rousseff conseguiu reduzir o crescimento das despesas para 2,3%, já descontada a inflação, nos 12 meses encerrados em novembro — resultado melhor que a alta de 9,4% do último ano da administração Luiz Inácio Lula da Silva. O objetivo era conter o aquecimento da economia e facilitar a redução da taxa de juros pelo Banco Central, como acabou acontecendo.

Para realizar a tarefa, a administração federal direta precisou contrariar a retórica do desenvolvimentismo e cortar fundo nos investimentos. Um talho de 9%, de R\$ 47 bilhões para R\$ 43 bilhões (dados exatos não foram divulgados).

Mesmo assim, só se tornou possível atingir a meta fiscal graças às surpresas positivas da arrecadação, que cresceu 12,1% em termos reais nos mesmos 12 meses encerrados em novembro. Com isso, a receita de tributos alcançou novo recorde (23,5% do PIB) no período.

Em 2012, a meta fiscal para o setor público consolidado (União, Estados, municípios e estatais) é de R\$ 140 bilhões, ou cerca de 3% do

PIB de superavit primário. De novo será necessário adiar despesas, incluindo emendas de parlamentares. Estima-se que a redução total necessária fique entre R\$ 50 bilhões e R\$ 70 bilhões.

A composição dos cortes ainda está em debate no Planalto, mas dificilmente os investimentos escaparão. Os gastos já contratados são enormes, começando pelo novo salário mínimo, que tem impacto de R\$ 23 bilhões nas contas.

Além disso, há que enfrentar a perene dificuldade do governo — gerencial e política — de reduzir outros itens do custeio administrativo, neste caso por dois anos seguidos e em período eleitoral. Ressalvadas surpresas na arrecadação, Dilma terá de optar: ou cumpre a meta fiscal com diminuição dos investimentos, ou reduz a meta.

Há, contudo, alternativa melhor. O ideal seria criar condições para que mais investimentos partam da iniciativa privada, por meio da aceleração das concessões de serviços públicos, como no caso dos aeroportos. Apesar do atraso na reforma da defasada infraestrutura nacional, cada passo na direção necessária se transforma num tropeço, por razões ideológicas ou por incapacidade administrativa.

O governo se consome em tentar resolver só os problemas do dia a dia. Em linguagem coloquial, vende o jantar para pagar o almoço. Não consegue encetar um programa estratégico, capaz de dotar o Estado de gestão e planejamento de longo prazo, que vá além da mera resistência à voracidade com que a burocracia e a classe política se lançam sobre os cofres públicos.

A conjuntura não justifica artifícios pró-consumo



O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) do mês de novembro de 2011 apresentou, em termos dessazonalizados, alta de 1,15%. É um indicador

com que o Banco Central procura, a cada mês, dar uma ideia de como se apresentará o Produto Interno Bruto (PIB).

Desde abril de 2011 o índice vinha mostrando nítida tendência de queda. Assim, a retomada de novembro tem grande importância, pois melhora a estimativa para o PIB de 2011, uma vez que em dezembro a atividade sempre reage bem. Como em economia o passado sempre afeta o futuro, o resultado de outubro, de estagnação, induzia a uma visão pessimista para o final do ano, modificada pela reação de novembro.

A informação, divulgada poucos dias antes de nova reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), não deve modificar a decisão das autoridades monetárias de uma nova redução da taxa de juros básica, já prevista. Porém ela pode moderar o calibre da redução.

O governo, no entanto, estará diante de um dilema: optar por uma política mais agressiva, que poderia incluir maior expansão de crédito; ou dar maior atenção à política fiscal, aceitan-

do ou não a ideia de um superávit primário cheio ou de deduzir os investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), para não sacrificar demais os investimentos.

É uma dúvida, entre autoridades do governo, que nos parece mal colocada: não se trata de cortar investimentos, que são a condição necessária para assegurar o crescimento sustentável, ao mesmo tempo, reduzir a inflação. Mas existe a possibilidade de, mesmo investindo, reduzir o déficit. Além de diminuir despesas de custeio, a política de investimentos na infraestrutura teria de ser conduzida de maneira mais racional, encurtando os prazos de realização desses investimentos e respeitando os cronogramas, para não deixar obras paradas – isto é, aumentando a produtividade dos recursos com uma gestão responsável.

Nesse terreno o governo tem muito para aprender, como também deveria recorrer mais a projetos em parceria com o setor privado (PPPs). O governo não deve é ter a obsessão de promover artificialmente o consumo das famílias para elevar a demanda: o aumento da renda familiar com os salários e a manutenção de um quase pleno emprego são condições suficientes para assegurar a robustez da demanda.

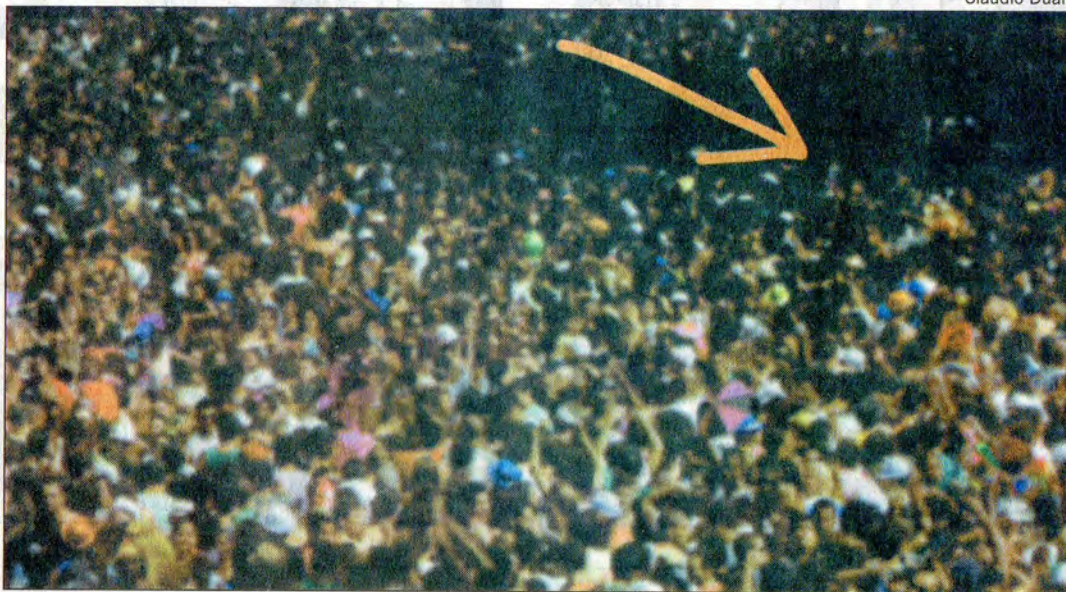
Hoje, o que o País precisa é de uma indústria mais ativa e que disponha de uma infraestrutura que reduza seus custos.

ARNALDO JABOR

O carnaval é um comício dançante

Os blocos de rua revigoram o 'tríduo momesco'

Cláudio Duarte



Já escrevi sobre o carnaval muitas vezes, me repetindo todo ano, porque minha coluna sai nas terças-feiras gordas. Vou escrever sobre o quê? Sobre a corrupção que invade o Brasil todo com seus blocos de sujos? Não dá.

Sempre que penso no carnaval me lembro dos dias da minha infância. O carnaval chegava aos poucos e não era essa explosão de felicidade maníaca que vemos hoje em dia.

Já se ouviam os primeiros clarins do carnaval na chegada do verão, com as marchinhas tocando no rádio fazendo dueto com as cigarras que cantavam entre as flores vermelhas do flamboyant de minha casa (para onde foram as cigarras pós-modernas?).

Minha primeira lembrança do carnaval era o cheiro do lança-perfume. Até hoje me irrita pensar que baniram esta linda arma da alegria. O lança-perfume era tudo. Havia umas garrafinhas de vidro, frágeis como ampolas, mas o belo símbolo do carnaval era o "rodouro metálico". Era um tubo dourado, grosso, que ejetava um fino jato de éter, gelando as costas nuas das adolescentes que se torciam em risos sensuais. O perfume flutuava pelas avenidas como uma nuvem de euforia salpicada de confetes coloridos e rasgada por serpentinas.

O carnaval de hoje parece uma calamidade pública, disputada pelo narcisismo oportunista de burgueses se despindo para aparecer na TV. O carnaval foi deixando de ser dos "foliões" para ser um espetáculo para os outros; o carnaval deixou de ser vivo para ser olhado. Não há mais músicas de carnaval — notaram? Temos de recorrer às marchinhas e sambas do passado. Mas, quase não precisamos das canções, nessa época convulsa. Só há os corpos, as multidões enlouquecidas. Quando passam as baterias das escolas, quando uns garotos sambam no pé, ainda vislumbramos os traços de uma beleza antiga. Hoje há os corpos malhados, excessivamente nus, montanhas de bundas se exibindo em uma metáfora de liberdade, pois ninguém tem tanto tesão assim, ninguém é tão livre assim.

Carnaval sempre foi sexo — tudo bem — mas, antes, havia uma doce inibição no ar, havia a suave carece, uma moralidade mínima, havia clima de amor romântico nos bailes. Dirão que sou um nostálgico "estraga-prazeres", mas tenho a sensação de que há uma drástica mudança de rumos nesse progresso vertiginoso que nos assola.

Nosso passado era feito de toscos sambinhas, de permanências coloniais; mas, mesmo de equi-

vocos do nosso atraso, havia alguma coisa original e frágil que a massificação enterrou.

Ainda bem que nos últimos anos voltaram os grandes blocos do asfalto, depois de um período em que só havia as escolas de samba e um grande vazio na cidade. Creio mesmo que essa volta aos blocos de rua tem a ver com a nova conexão entre as pessoas, numa espécie de rede social invisível nos céus do país.

O novo carnaval de rua tem algo de ocupação das cidades, de uma fome de democracia muito diferente dos tempos em que as primeiras-damas da ditadura davam uns passinhos de samba nos camarotes da Sapucaí. Nos foliões das ruas, há quase um desejo de morrer

esmagados, num fervente formigueiro onde todos se sentem um grande "um".

Há uma espécie de comício dançante que nos purga das dores do ano. Mas, para descobrir um carnaval ainda mais puro, temos de ir aos detritos que sobraram dos anos 40 e 50, assim como olhamos velhas fachadas entre prédios modernos. Os blocos de "sujos", esses sim, com uma alegria selvagem e sem frescuras, inconscientemente velam pelos carnavais do passado, por uma inocência perdida.

Podemos ver nas ruas a preciosa origem do carnaval profundo. Lá, estão os desesperados, os famintos de amor, os malucos, os excluídos da festa oficial.

A explicação antropológica de "pobres querendo ser reis" por três dias, de que há um exorcismo alegre da luta de classes, não esgota o assunto. Nos blocos dos anjos de cara suja, dos travestis escrotos, dos vagabundos, há uma autocaricatura que denuncia a "mixaria" da vida que vivem; é o carnaval dos miseráveis, a dança do escracho na melhor tradição da arte grotesca, desacralizando as obrigações da virtude e da obediência.

Em nosso carnaval há uma animalidade pulsante querendo uma "civilização" sem mal-estar, questionando o pensamento único do bom senso anglo-saxônico. Brasileiro pode não ter espírito público, consciência social; mas, certamente, tem um inconsciente à flor da pele, ao contrário dos países que pagam um alto preço pela Razão triste, por uma felicidade comedida.

Somos primitivos no melhor sentido da palavra. A sacanagem das matas profundas é diferente das surubas calvinistas de Nova York, que inventaram o sexo torturado nas boates doentias e acabaram na Aids.

Nós só pensamos em ficar nus, como se quiséssemos voltar para trás, para uma grande tribo vermelha ou mulata. Há uma "pureza" nessa explosão de carne que não se explica, há um desejo de "indianização", há o desejo de fundar outro país, avesso a autoritarismos, avesso à tragédia da pobreza. Queremos uma sociedade organizada, mas feminina; justa, mas alegre. Onde existem essas montanhas de carne, de corpos se jogando uns contra outros, onde podemos ver essa busca louca por um orgasmo utópico, essa fome de amar? No carnaval, os homens querem virar mulheres. Todos querem ser tudo: os homens querem ser seios e fecundidade e as mulheres querem ser ágeis e sedutoras, máquinas de excitar pênis dançantes. O mundo macho tem muito a aprender com as mulheres no carnaval, as filhas das mucamas, das escravas lindas.

Todas as metáforas do carnaval são ligadas à ideia de abundância, de fecundidade, tudo lembra um grande prazer quer nos salvará um dia, contra um futuro de racionalidade e paranoia. O carnaval brasileiro tem a utopia de transformar a cultura em natureza. Nosso "fim da História" seria uma grande bacanal delirante entre nossas três raças entrelaçadas em um casamento grupal doido: negros, brancos e índios dando à luz um grande bebê mestiço e gargalhante, que ensine que a vida é arte e a lógica careta é a morte.

Brasil burocrático

Edição
27 fev

País continua a bater recordes internacionais em matéria de entraves à atividade econômica e de dificuldades para empresas

Não há notícia de quais formalidades, alvarás e autorizações estão previstos para quem queira fundar uma escola de samba, ou simplesmente candidatar-se ao posto de Rei Momo. Mas é provável que essas duas instituições brasileiras, o Carnaval e a burocracia, tenham lá seus pontos de intersecção.

Nem a China milenar dos mandarins, nem a Rússia mal emersa de sete décadas de opressão estatal, nem a Índia, absorta em contemplanções e mistérios, impõem mais dificuldades do que o Brasil a quem queira abrir um negócio.

Pesquisa do Banco Mundial, aplicada nas principais cidades de 183 países, coloca São Paulo (e, por extensão, o Brasil) no 179º lugar do “ranking” internacional das dificuldades nesse quesito.

São 30 dias na Rússia, 29 na Índia, 38 na China e 119 no Brasil. A ironia é que as coisas melhoraram. Em 2007, era de 152 dias o prazo exigido. Superou-se, assim, o marco da Guiné Equatorial (137 dias) e da Venezuela de Hugo Chávez (141), ambiente inóspito em que parece mais fácil fechar empresas antigas do que abrir uma nova.

Estávamos, de qualquer modo, à frente da República do Congo (160 dias) e também do Suriname, com seus inacreditáveis 694 dias. O governo federal atribui a modesta diminuição do tempo de espera à criação, como não podia dei-

xar de ser, de um novo organismo encarregado do assunto.

Tomando em conta a extensão de seu nome oficial — trata-se da Rede Nacional para a Simplificação do Registro e a Legalização de Empresas e Negócios —, é de perguntar se a mentalidade descomplicadora de fato impregna o modo de atuar das autoridades responsáveis por sua concepção.

“Brasil burocrático”, série de reportagens que a **Folha** vem publicando sobre o assunto, já abordou outras questões além da relativa à abertura de novas empresas.

Exportar algum produto, por exemplo, é aventura que exige a aprovação de até 12 órgãos oficiais. Há mais de cem leis regulamentando a atividade, sobre a qual pesam 130 impostos e tributos. Não que seja fácil a empreitada oposta: o Brasil é um dos países onde mais tarda o desembaraço de produtos importados na aduana.

Maior pesadelo, e ademais inútil, é o do empresário que depende de certidões negativas dos órgãos trabalhistas, tributários e previdenciários do país. Como não se atualizam prontamente os bancos de dados dessas instituições, pendências já quitadas podem aparecer, mesmo depois de emitida uma primeira certidão atestando a confiabilidade de quem a requereu.

Numa espécie de troça exasperante, temos assim a burocracia da burocracia, o carimbo anulando o carimbo, o papel emperrando o papel. Muito confete e serpentina poderiam ser fabricados com tantas guias de diversas cores — se não for muito difícil abrir uma empresa para isso até o próximo Carnaval.

Desafios do financiamento do agronegócio

ANTÔNIO M. BUAINAIN



Acada safra volta à tona o problema do financiamento da agricultura brasileira, cujo padrão produtivo e cultura foram, pelo menos em parte, formados no ambiente de crédito farto e barato que prevaleceu até meados da década de 1980.

A crise da política agrícola foi um processo longo, marcado por intervenções e omissões do Estado, por um “padrão de intervenção caótico” que deixou sequelas negativas, dentre elas o endividamento e o empobrecimento da agenda de desenvolvimento do setor. A crise da política agrícola dominou a agenda política do setor durante mais de uma década, e um novo padrão só começou a emergir no início dos anos 90, com o reconhecimento da incapacidade de o Estado manter o crédito altamente subsidiado, honrar os preços prometidos pela política de garantia de preços mínimos e assegurar a assistência técnica universal. Ainda hoje, o financiamento é apontado como um dos principais gargalos para o crescimento sustentável do setor.

É bastante difundida a visão de que a agricultura brasileira depende totalmente dos recursos públicos, que o agricultor é descapitalizado e

só consegue produzir porque conta com crédito rural oficial e condições especiais de financiamento. O trabalho de dissertação de mestrado em Economia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) *Financiamento da cadeia de grãos no Brasil: o papel das tradings e fornecedores de insumos*, defendido por Felipe Prince Silva, no início de fevereiro, apresenta evidências suficientes para questionar tal ideia.

O estudo parte de um aparente paradoxo: se a agricultura é tão dependente do crédito oficial, como explicar o forte dinamismo e a consolidação do setor na Região Centro-Oeste do País justamente no período mais intenso da crise da política agrícola e de redução de recursos públicos?

Para entender a questão, o trabalho analisa os modelos de crédito rural praticados no Brasil, no âmbito do crédito agrícola oficial e do crédito agrícola comercial privado, crédito não oficial e crédito informal; e quantifica e compara o papel desempenhado pelos agentes privados e pelo setor público no financiamento de custeio de grãos, tomando como exemplos a soja e o milho nas Regiões Centro-Oeste e Sul.

A primeira conclusão é de que no Sul do País predomina o modelo de crédito agrícola oficial, feito pelos bancos comerciais – principalmente o Banco do Brasil – e pelas cooperativas de crédito, enquanto no Centro-Oeste o financiamento se baseia principalmente no crédito agrícola comercial privado, feito por agentes não bancários, como

agroindústrias, fornecedores de insumos e tradings.

De acordo com o trabalho, a partir de dados do Banco Central e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na Região Sul o crédito agrícola oficial atendeu a 70% da demanda de crédito da soja e a 59% do milho na safra 2010/2011, e apenas a 32% e a 31% na Região Centro-Oeste. Para Prince Silva, “a capacidade dos agentes do agronegócio (a montante e a jusante) de se organizar e criar instituições e mecanismos para suprir a insuficiência de crédito oficial são elementos

Estudo recente questiona a ideia de que a agricultura do Brasil depende totalmente dos recursos públicos

fundamentais para explicar a expansão da produção na região, mesmo em um cenário de redução dos recursos do Estado”.

A segunda conclusão é de que nas duas regiões os produtores aportam percentuais relevantes de recursos próprios para custear a produção, uma vez que a política agrícola limita o valor do crédito contratado em R\$ 650 mil por tomador (controlado pelo CPF). Esse teto é insuficiente para atender às necessidades de custeio da maioria dos produtores de grãos do Centro-Oeste, que produzem em maior escala, e impõe severas restri-

ções até mesmo no Sul do País. Isso obriga o produtor a buscar financiamento privado extrabancário ou a utilizar autofinanciamento, cuja parcela tem aumentado.

Trata-se, sem dúvida, de um fato positivo, em especial porque reduz a exposição do produtor ao risco de inadimplência. Mas tem também um aspecto negativo, pois reduz a disponibilidade de recursos para aqueles “pequenos gastos” que não são objeto de financiamento, mas que são muito importantes para a sustentabilidade da unidade produtiva e do negócio.

Os problemas do modelo oficial são conhecidos, e o estudo revela vantagens e desvantagens do modelo de financiamento privado predominante no Centro-Oeste.

A primeira vantagem é a própria autonomia em relação aos recursos oficiais, que no passado flutuaram de forma muito errática. O financiamento privado extrabancário também permite melhor gestão dos recursos, com efeitos importantes nos custos de produção. Um exemplo é a possibilidade de comprar os insumos na entressafra, quando os preços estão mais baixos, e evitar a conhecida novela do atraso da liberação dos recursos oficiais, que não raramente chegam tarde demais.

Além disso, o financiamento é associado à garantia de comercialização e à fixação de preço, o que reduz fortemente os riscos de mercado na medida em que os produtores fecham de forma antecipada os custos de produção e o pre-

ço de venda, deixando em aberto apenas o risco climático que hoje pode ser parcialmente segurado.

O lado negativo é que o “modelo do Centro-Oeste torna a região mais vulnerável à volatilidade do fluxo de recursos financeiros”. Com os fornecedores de insumos e tradings que financiam a produção captam parte dos recursos no mercado de crédito internacional, “um cenário de crise econômica externa e queda de liquidez pode provocar diminuição da produção na região, colocar em risco os investimentos realizados e os benefícios gerados pelas exportações...”.

Finalmente, talvez o ponto mais negativo “é o encarecimento das linhas de capital de giro para os produtores da região, já que as taxas de juros pagas são entre duas e três vezes mais elevadas que as taxas de juros com recursos controlados”. Caro, mas está disponível, enquanto o oficial é mais barato, continua chegando tarde, muitas vezes não chega e ainda é insuficiente. E vem empacotado em serviços extras que o produtor carecem em alguns pontos por serem locais. Mesmo assim, o “modelo brasileiro” de financiamento privado é atualmente, exemplo para muitos países.

* É PROFESSOR DO INSTITUTO DE ECONOMIA DA UNICAMP E-MAIL: BUAINAIN@ECO.UNICAMP.BR

Pesaram as camisas dos grandes

Para quem olhava a classificação antes da última rodada, era claro que haveria alguma surpresa nas semifinais da Taça Guanabara, fosse ela o Resende, no Grupo A, ou o Boavista, no Grupo B. Nenhum dos dois vingou e os quatro grandes conseguiram classificação com autoridade. Porém, o único deles que mostrou um futebol consistente deste o início foi o Vasco, único 100% até agora.

Botafogo, Fla e Flu precisaram ficar em situação perigosa para começarem a jogar algo próximo digno de suas tradições.

Dos três, o que menos convenceu foi o Flamengo. Levou um susto e precisou virar a partida diante do Resende, que precisava

Entre os classificados, nenhuma surpresa. Surpreendente!

somente do empate para chegar à semifinal da Taça Guanabara.

Botafogo e Fluminense fizeram jogos corretos, mas sem muito brilho, apesar do 3 a 0.

E o Vasco? Jogou o suficiente para vencer o Boavista pelo placar mínimo de 1 a 0, em golaço de Kim. E já tem vascaíno dando um parceiro ao "Dedéckenbauer". No ataque, o time agora tem "Kimbrahimovic". Haja astro!

Amanhã, teremos a rivalidade entre Flamengo e Vasco posta à prova mais uma vez. Que seja medida apenas com gols e bom futebol. Sem violência e hostilidade.

Da mesma forma que, na quinta-feira, se espera de Botafogo e Fluminense um Clássico Vovô enxuto, e não gagá.

E que ambos os jogos tenham a cara do Rio, com charme e festa.

O doleiro do TRT

Sempre que há risco de se provocar susto ou indignação no respeitável público, o pessoal lá de cima capricha no vocabulário. No mais recente escândalo, que tem como palco o Poder Judiciário, a malandragem ganhou nas altas esferas o apelido pernóstico de “operações financeiras atípicas”. Quem sabe, devem ter pensado os cidadãos diretamente interessados, assim o pessoal lá fora vai ficar mais tranquilo.

Esperemos que não. Afinal de contas, o leitor de jornal, o ouvinte de rádio e o espectador de TV já sabem traduzir a linguagem peculiar que predomina na chamada vida pública nacional. O escândalo envolveu o comércio de dólares nos cartórios e tribunais. As vendas foram consideradas “atípicas” principalmente na última década, quando envolveram um

total de quase R\$ 320 milhões. Um doleiro não identificado foi o atípico campeão, responsável por operações financeiras num total de mais de R\$ 280 milhões, quase tudo dinheiro de prósperos membros ou funcionários do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região, sediada no Rio.

Comprar dólares ainda não é crime ou pecado. Basta que a próspera turma da 1ª Região possa explicar como enricou. Em outros cinco estados, investigações recentes do CNJ descobriram irregularidades sérias em pagamentos de auxílio-moradia, diárias para viagens de juízes, jetons e adicionais por tempo de serviço. E vêm mais revelações por aí: o CNJ está passando um pente-fino nos tribunais do país inteiro.

Até agora, conhecem-se os crimes, mas não os criminosos. O bom tra-

balho de limpeza que vem fazendo o CNJ não está sendo acompanhado pela identificação dos ilustres senhores que andaram sujando a barra de suas togas. Se forem punidos, não haverá dúvidas sobre seus pecados — e, obviamente, merecerão ser publicamente identificados, como acontece com quaisquer outros cidadãos que metem a mão no dinheiro da gente.

É bom não esquecer que o doleiro que prestava seus serviços ao pessoal do TRT do Rio era funcionário do tribunal. Alguém imagina que ele fazia qualquer coisa por lá, além de vender dólares? Essa é uma pergunta óbvia, mas absolutamente necessária. Para que não se corra o risco de que a demissão do doleiro seja considerada solução e fim desse triste episódio.

Sucesso acanhado

Edição
24/1
opinio 2

Sem medidas de impacto, Dilma Rousseff contorna crises, acena para a oposição, evita contrariar interesses e obtém recorde de avaliação

Era previsível que a presidente Dilma Rousseff chegasse bem avaliada ao fim do primeiro ano de mandato, como revelou pesquisa Datafolha.

Em junho passado, a mandatária já era aprovada por 49% dos brasileiros, em meio a período adverso, marcado pelo desgaste político que levou à demissão do ministro Antonio Palocci e por números preocupantes no terreno da inflação. Mesmo assim, sua popularidade superou os índices obtidos tanto por Fernando Henrique Cardoso quanto por Luiz Inácio Lula da Silva nesse intervalo de mandato.

Dois meses depois, em agosto, quando os problemas ministeriais se ampliavam, repetiu-se o desempenho, com 48% de ótimo e bom. Podia-se argumentar, à época, que a pesquisa não havia detectado ainda o efeito da piora do ambiente econômico, causada pelo agravamento da crise internacional.

Hoje, no entanto, constata-se que nem a desaceleração da economia nem as demissões em série de ministros sob suspeita foram suficientes para causar danos à imagem da presidente. Ao contrário, com fama de "faxineira" da corrupção e gestora exigente, Dilma subiu no conceito da população.

Medidas de estímulo à economia evitaram reflexos mais graves no

consumo e na taxa de desemprego. Prevaleceu, ao fim de um ano, a sensação de um país que continua a viver tempos de bonança.

Essa percepção esclarece em parte o salto captado pelo Datafolha: dos 48% de agosto, Dilma chega agora a 59%, resultado melhor que o colhido por todos os presidentes eleitos depois da ditadura militar. Com um ano no poder, Fernando Collor alcançava 23% de ótimo e bom; Itamar Franco, 12%; FHC, 41% (no primeiro mandato) e 16% (no segundo); e Lula, 42% e 50%, respectivamente.

A diferença em relação a Lula, até certo ponto surpreendente, pode ser explicada pelo fato de o antecessor ter sido obrigado, no primeiro ano, a debelar uma perigosa crise de desconfiança com medidas ortodoxas para conter a disparada da inflação.

Dilma, por seu turno, precisou apenas corrigir rumos. Beneficiou-se do crescimento econômico acumulado nos anos anteriores e da ligação estreita com o padrinho eleitoral. Mas também foi aos poucos ganhando luz própria. Recebeu FHC no Palácio da Alvorada e mostrou-se, até aqui, menos agressiva que Lula diante da oposição e do eleitorado não petista.

Há mais, porém. Ou melhor, menos: a presidente não anunciou medidas de impacto, não patrocinou reformas, não apresentou um plano de governo. É provável que parte do êxito derive justamente dessa atitude acomodada, de quem evita contrariar interesses e administra o país só no varejo.

Nunca antes na história deste país as grandes equipes brasileiras mantiveram seus elencos de dezembro a janeiro como foram mantidos os grupos para o início de 2012. É a melhor notícia para o torcedor, para os times, para a bola, para os olhos. Quanto maior o entrosamento, melhor a qualidade do jogo. Isso não se pode discutir.

Ainda que alguns elencos não sejam aqueles de encher os olhos (além da paciência) para serem mantidos como uma boa nova, até os mais limitados conseguem se superar com a repetição de treinamento, filosofia, mecânica. E para equipes de bom nível como Santos, Corinthians, Vasco, Fluminense, Flamengo e Internacional, e outras que vão crescer como o reforçado São Paulo, a tendência é que o desempenho e os resultados sejam melhores.

Se frustra a falta de novos e grandes nomes chegando, se não é bom para o negócio um mercado murcho e sem novos atrativos (o que até acaba mudando a grade de transmissão de televisão aberta...), vai acabar sendo melhor para a bola ser melhor tratada por quem se conhece melhor.

(Sim. Escrevi três vezes a pala-



Alex é uma das referências mantidas pelo Corinthians para 2012

vra “melhor” na frase anterior para tentar pensar positivo. Para ser mais feliz que o futebol muitas vezes infeliz dos últimos tempos. É um esforço de boa vontade por um ano melhor).

Até os times com elencos mais modestos podem dar mais bola. O Atlético Mineiro – que passou os últimos meses contratando jogadores como se a direção do clube estivesse brincando de Fantasy – pode ter um ano menos conturbado com uma

equipe que se conheça e se reconheça há mais tempo (ainda que necessariamente não saiba o suficiente para honrar a camisa que veste). O Palmeiras é outro que deve ter um ano melhor (ou menos pior que 2011) com a receita de baixa caloria – sem camarão. O Botafogo foi melhor que eles no Brasileirão, e teve queda abrupta quando se esperava muito mais. Deve manter o bom nível em 2012. Ainda que o termo “bom nível” seja discutível no futebol brasileiro de hoje.

JOSÉ PAULO KUPFER



Parafusos espanados

Sempre que se instala um período de valorização do câmbio – e esse tem sido um evento recorrente na história econômica brasileira recente –, recrudescem a polêmica sobre a tendência à desindustrialização no Brasil e a necessidade de “políticas industriais” capazes de revertê-la. É um debate sem fim e, pior, sem resultados práticos.

O indicador da suposta desindustrialização, de aceitação mais ou menos generalizada, é a gradual redução da participação da indústria no PIB. De fato, em 30 anos, a fatia da indústria caiu pela metade – de 30%, em 1980, para pouco mais de 15%. Nesse período, a indústria brasileira regressou de uma produção que superava China, Coreia do Sul, Tailândia e Malásia somadas para apenas 15% do to-

tal do que elas produzem hoje.

Existe um diagnóstico também genérico a respeito do fenômeno. Ele se deveria a perdas de competitividade relativa, que dificultam exportações e facilitam importações substituidoras de produção doméstica. Daí em diante, porém, ninguém se entende.

De um lado, há quem encare essa situação com um misto de conformismo em relação à trajetória do câmbio, uma visão benigna do avanço dos serviços em detrimento da indústria no perfil da economia e críticas ao “custo Brasil” – conjunto de obstáculos tributários, trabalhistas e burocráticos muito maiores que os existentes nos competidores.

Há, de outro lado, os que concentram o foco da perda competitiva nos movimentos das cotações do dólar, recomendando compensá-la com ações de políti-

ca cambial, defesa comercial e medidas específicas para as indústrias afetadas.

A verdade é que concluir que o País evoluiu para uma economia de serviços, replicando as sociedades pós-industriais, soa tão enganoso quanto insistir no ativismo cambial e no protecionismo comercial. Uma consulta às tabelas de ocupações e rendimentos por ativida-

É preciso formular e aplicar políticas para a indústria de hoje, não para a de ontem

de do IBGE realça a esquisitice da tese da “economia de serviços”, ainda que os serviços já respondam por 70% do PIB e das ocupações. O que se constata é que essa “economia de serviços” é uma economia de serviços precários demais e

dinâmicos de menos – trata-se antes de uma patologia derivada da baixa qualidade dos empregos e da mão de obra disponíveis.

Um terço dos trabalhadores do setor de serviços, no Brasil, é remunerado, em média, com menos de 2 salários mínimos mensais e metade não ganha mais de 3,5. Na economia americana, verdadeiramente pós-industrial, pelo menos um terço das ocupações remuneram, em média, dez vezes mais.

Também as “políticas industriais” de caráter protecionista parecem desprezar o processo de adensamento e alongamento das cadeias de produção industrial, com terceirizações, outsourcings e integrações típicos dos serviços.

A moral dessa história toda é que a polêmica da política industrial acaba se parecendo com o esforço para soltar um parafuso espanado – a insistência no método convencional só resulta em perda de energia.

É preciso formular e aplicar políticas para a indústria – como, aliás, é costumeiro em todos os cantos do mundo –, mas para a indústria de hoje, não a de ontem. MUITÍSSIMO arriscado deixar a economia atrelada a fatores externos – no caso atual, cotações de commodities nos mercados externos e ingressos de recursos externos que vazam de um anômalo excesso de liquidez global.

Só que, para tanto, talvez não baste atacar distorções tributárias, trabalhistas, financeiras e burocráticas. Nada disso, nem em conjunto com taxas de câmbio desvalorizadas, impedirá perda de mercados, dentro e fora do País. Diante dos novos processos de produção, uma política competitiva eficaz terá também de alcançar o setor de serviços, abrindo espaço a empregos de mais qualidade, agregadores de valor à produção industrial.

Exemplo disso é o da indústria têxtil e de vestuário. Inútil competir com os chineses em tecidos básicos e camisetas padronizadas. Ou, como fez o governo, recentemente, baixar pacotes específicos de proteção. Mas, e se a indústria buscar mais valor, produzindo artigos de grife ou design diferenciado? Não é essa a explicação para o êxito internacional, com ou sem chineses, câmbio, carga tributária e todos os demais et cetera, da “moda praia” brasileira?

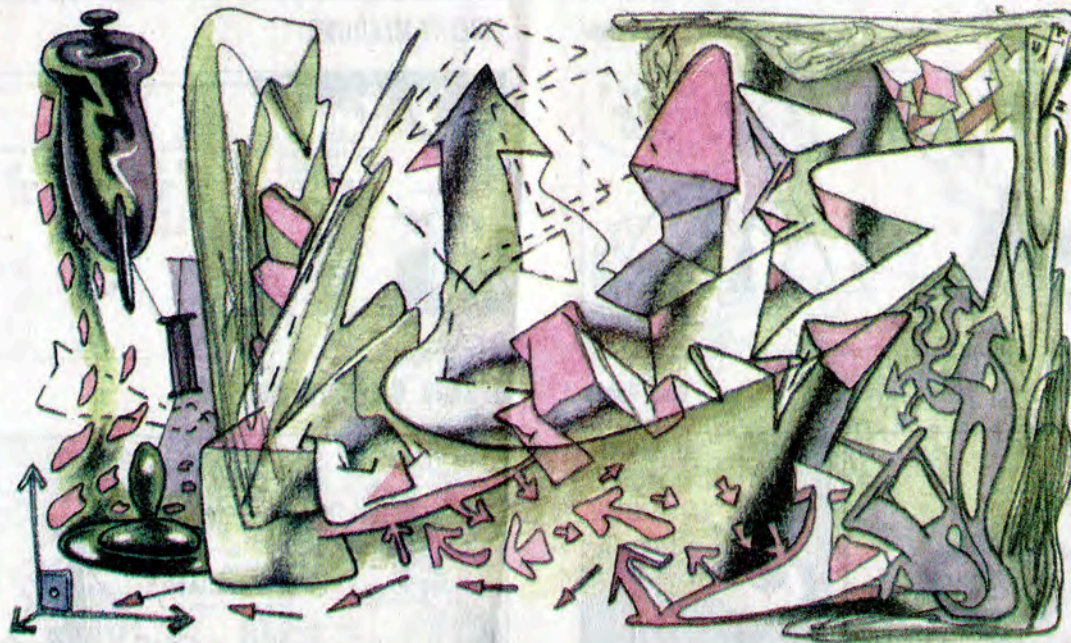
O poder de competição, nos tempos atuais, continua a depender do câmbio, de um ambiente propício aos negócios e de mão de obra qualificada. Depende, porém, mais ainda da integração das cadeias produtivas, nas quais a indústria desempenha o papel crucial de elo indutor de mais e mais partes interdependentes.

Acabou o carnaval e tenho de começar a pensar sobre o país. Dizer o quê? O Brasil está difícil de entender nesta mistura de atraso e modernização que o mundo demanda. Nada do que já vi se compara à indefinição angustiante de hoje. Nossas crises eram mais nítidas e nos chocavam pela obviedade. Já vi tantas mudanças políticas...

Eu vi as empregadas gritando, a cozinheira chorando, o rádio dando a notícia: "Getúlio deu um tiro no peito!" Anos depois, ouvi, no estribo de um bonde: "O Jânio renunciou!" Como? Tomou um porre e foi embora depois de proibir o biquíni e as brigas de galo. Ali no bonde, entendi que os "bons tempos" da utopia de JK tinham acabado, que alguma coisa suja estava a caminho. Depois, meninos, eu vi o fogo queimar a UNE, aonde chegaria o sonhado "socialismo tropical", em abril de 1964, quando fugi pela janela dos fundos, enquanto o general Mourão Filho tomava a cidade, dizendo: "Não sei nada. Sou apenas uma vaca fardada!" Eu vi, como num pesadelo, a população festejando a vitória da ditadura, com velas na janela e rosários na mão; vi a capa de "O Cruzeiro" com o Castelo Branco, o novo presidente da República de boné verde, feio como um ET.

Senti que surgia um outro Brasil desconhecido e parecia que estava vendo pela primeira vez as pedras da rua, os anúncios, os ônibus, os pneus dos carros, como um trem fantasma andando pra trás. Eu, que só vivera até então de palavras utópicas, era humilhado pela invasão do mundo real. Depois, vi a tristeza dos dias militares, Brasil ame-o ou deixe-o, a Transamazônica arrombando a floresta, vi o rosto embotado de Costa e Silva, a gargalhada da primeira-perua Yolanda, mandando o marido fechar o Congresso, vi na TV, numa noite imunda e ventosa de dezembro, o decreto do AI-5, o fim de todas as liberdades, a gente enlouquecendo e fugindo pela rua em câmera lenta, criminosos na própria terra; depois, vi a cara do Médici, frio como um vampiro, com sua mulher do lado, magra, infeliz, torcendo pela Copa do Mundo de 70, Pelé, Tostão, Rivelino e porrada, tortura, sangue dos amigos guerrilheiros heroicos e loucos, sentindo por

Meninos, eu vi...



Cruz

eles respeito e desprezo, pela coragem e pela burrice de querer vencer o Exército com estilingues; não vi, mas muitos viram, meu amigo Stuart Angel morrendo com a boca no cano de descarga de um jipe, dentro de um quartel, enquanto, em São Paulo, Herzog era pendurada numa corda e os publicitários enchiam o rabo de dinheiro com as migalhas do "milagre" brasileiro, enquanto as cachoeiras de Sete Quedas desapareciam de repente. Depois, eu vi os órgãos genitais do general Figueiredo, sobressaindo de sua sunguinha preta, ele fazendo ginástica, seminu para a nação contemplar; era nauseante ver o presidente pulando a cavalo, truculento, devolvendo o país falido aos paisanos, para nós pagarmos a conta da dívida externa; vi as grandes marchas pelas Diretas que não rolaram e, estarrecido, vi um micróbio chegando para mudar nossa história, um micróbio, vírus, sei lá, andando pela

rua, de galochas e chapéu, entrando na barrega do Tancredo Neves na hora da posse e matando o homem diante de nosso desespero, e vi então a democracia restaurada pelo bigodão do Sarney, o homem da ditadura, de jaquetão, posando de oligarca esclarecido; vi o fracasso do Plano Cruzado, depois eu vi a volta de todos os vícios nacionais, o clientelismo, a corrupção, o país ingovernável, a inflação chegando a 80% ao mês, com as maquininhas do supermercado fazendo *tlec-tlec-tlec* como matracas fúnebres de nossa tragédia, eu vi tanta coisa...

Vi o massacre de miseráveis pela fome, ou melhor, eu não vi os milhões de mortos pela correção monetária — não vi porque eles morriam silenciosamente, longe da burguesia e da mídia, mas vi os bancos ganhando bilhões no *over* e no *spread*, vi os dólares no colchão, a sensação de perda diária de valor da

vida, vi a decepção com a democracia, pois tudo tinha piorado. Vi de repente o Collor vindo de longe, fazendo um cooper em direção a nosso destino, bonito, jovem, fascinando os otários da nação, que entraram numa onda política de veados esperançosos: "Ele é macho, bonito e vai nos salvar!", e vi logo depois o Collor confiscar a grana do país todo, vi a sinistra careca de PC juntando o bilhão do bunitim, vi Zélia dançando o bolero "Besame mucho" com Bernardo Cabral na cara do país quebrado, vi depois a guerra dos irmãos Collor, Fernando contra Pedro, culminando com a campanha pelo *impeachment*, vi tanta coisa, meninos, e depois eu vi, por mero acaso, por uma súbita cisma de Itamar Franco, o FHC chegar ao poder, com a única tentativa de racionalidade política de nossa História nesse antro de fisiológicos e ignorantes, e vi a maior campanha de oposição de nossa época, implacável, sabotadora, movida pela inveja repulsiva da Academia contra ele, e vi a traição de seus aliados, unidos contra as reformas, agarrados na corrupção ou na doença infantil de suas ideologias mortas; depois, eu vi a tomada do poder pelo PT e tive a esperança de que haveria uma continuação das portas abertas pelo Plano Real e pelas medidas modernizantes do governo de FHC, e tive a maior decepção de minha vida, ao ver que jogaram o país numa rota regressista, criando um novo paternalismo de Estado: a aliança entre velha esquerda e velha direita, senhores feudais e pelegos, vi depois o governo se transformar num showmício permanente para o bem do Lula, na obsessão de desqualificar os avanços do mundo moderno.

Depois, recentemente, vejo a sucessora Dilma tentando governar, mais lúcida e mais honesta que seus aliados, ocupada o tempo todo em desfazer as armadilhas que seu chefe deixou. Os tempos anteriores eram mais nítidos até em sua sordidez. É difícil analisar nosso momento. É duro para um comentarista político. A economia vai bem, por sorte apenas. Dilma é legal, séria. Mas é muito grande a ambivalência entre Estado e sociedade, entre pelegos e democratas, entre boas intenções e dependência de alianças sujas. E vejo que não sei o que vejo.

Agora é urgente definir o reajuste dos combustíveis



Depois das juras de fidelidade à presidente Dilma Rousseff, não há por que duvidar que a nova presidente da Petrobrás, Maria das Graças Foster, tenha insistido na necessidade de um reajuste dos derivados de petróleo sem combinar essa declaração com a presidente. A entrevista dada a este jornal parece indicar que ela já tem sinal verde para aumentar aqueles preços. Esse reajuste é essencial para que as subvenções disfarçadas não levem a uma taxa de inflação artificialmente obtida.

Depois da entrevista, parece-nos urgente definir o mais cedo possível o nível e a data do reajuste – levando em conta que um aumento dos preços dos derivados de petróleo tem impacto muito grande sobre os demais preços –, e impõe-se a preocupação de não deixar que os agentes econômicos fixem os preços dos seus bens a partir do que imaginam que será o reajuste dos derivados. Essa especulação sobre o futuro preço dos combustíveis é muito ruim, donde o risco de que se antecipem reajustes acima do definido.

A tentativa poderia ser de calcular os reajustes na base da variação que sofreu o preço do petróleo no mercado internacional desde o último reajuste no plano nacional. Disso adviria um duplo erro. O primeiro, o de não levar

em conta fatores políticos vinculados a esse aumento. E o segundo, o de não levar em conta que é permitido fazer um mix de preço com a produção nacional, incluindo o custo de produção interna do óleo (não o seu preço na exportação). Este, mesmo elevado, é inferior ao do petróleo importado, que não tem que ver com o seu custo de produção.

As atas das reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom) nos habituaram à ideia de que a decisão das autoridades monetárias se baseava na hipótese de estabilidade dos preços dos combustíveis. Na próxima ata, porém, deverá haver uma revisão disso.

Não podemos desprezar a incidência do aumento dos derivados do petróleo no custo de vida; nos transportes públicos; nos custos de fabricação de produtos que dependem de combustíveis; na elevação do preço da gasolina, que certamente afastará poucas pessoas do uso do carro individual; no custo da energia produzida nas termelétricas que funcionam com derivados de petróleo; e nos produtos químicos, adubos, etc. Espera-se que, em nome do equilíbrio de custos das diversas fontes de energia, mantenha-se o preço do gás natural. Mas o gás de botijão será afetado.

O anúncio rápido da decisão evitará uma especulação, cujo efeito maléfico seria duradouro, e permitirá às autoridades monetárias adotar as medidas necessárias.

RESPOSTAS E RESPOSTAS

MIGUEL SCHINCARIOL

Ronaldinho Gaúcho não teria perdido o gol que não se perde em clássico, ainda mais com um atacante de qualidade como Deivid. Também não teria perdido o gol feito quem foi o maior jogador do mundo em 2004 e 2005 – e não mais por ele se perder em campo e fora dele desde quando resolveu se esconder a partir da Copa de 2006. Também por Ronaldinho não ter comparecido à grande área vascaína na semifinal da Taça-GB. Também pelo camisa 10 do Flamengo não ter sido visto armando, pensando, criando, assumindo, finalizando. Também por Ronaldinho ser há muito tempo muito pouco do tanto que já foi.

Do tanto que o admiro há 15 anos, quando, comentando na TV o Sul-Americano Sub-17, me encantei com o Ronaldo

camisa 10 do Brasil. Quando, naqueles arroubos próprios do Jornalismo imediato, disse, em fevereiro de 1997, que, na Copa de 2002, em vez da dupla Romário-Ronaldo que encantava o Brasil em 1997, teríamos uma outra dupla Ro-Ro. Ronaldo e Ronaldo. O que viria a ser chamado de Fenômeno meses depois. O que viria a ser diminuído para Ronaldinho. Gaúcho.

O dentuço gente boa que, dois



Neymar tem mais talento e mais fome de bola que Ronaldinho Gaúcho

anos depois, no Sul-Americano Sub-20, em Tandil, na Argentina, saindo de um treino, ouviu de mim que não demoraria a ser o maior jogador do mundo. Que não teria erro. Era questão de tempo. O mesmo que ele tem perdido desde a Copa da Alemanha. Tempo e futebol que ainda venero e me encanto. Hoje, porém, apenas num canto da memória.

Aquele Ronaldinho que se vê em brilharecos esparsos. Em espasmos de craque. Uma ou outra bola invertida com precisão. Uma ou outra falta bem batida. Um e não outro drible.

Um e quase nada para tanto e ainda tão jovem talento.

Sorte nossa que tem uma mistura de Gaúcho com Fenômeno chamada Neymar para nos encantar. Azar nosso que ainda poderiam fazer uma dupla muito melhor se Ronaldinho quisesse tudo que Neymar deseja. Como treina e joga e assume a bronca Neymar. Um que até poderia errar o gol que não se erra de Deivid. Neymar estaria na área. Não em algum lugar perdido como Ronaldinho.

Vamos lá, Gaúcho. Eu, a torcida do Flamengo e do Brasil queremos resposta.

Impunidade no poder

Lentidão no julgamento de políticos e autoridades não é fruto só do chamado foro privilegiado, mas de toda uma cadeia de ineficiências

Em abril de 1997, o Ministério Público Federal em Cuiabá começou a investigar a existência de fraudes na distribuição de incentivos fiscais por intermédio da antiga Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). O órgão era, à época, um feudo político controlado pelo então líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho.

Cinco anos depois do início das apurações, em setembro de 2002, teve início a ação penal contra o político paraense e mais 49 pessoas. Eleito deputado naquele ano, Barbalho fez valer a prerrogativa constitucional que lhe garantia julgamento em instância superior. Pediu que o processo fosse encaminhado ao Supremo Tribunal Federal —aonde chegou após dois anos e meio de espera e onde, entre idas e vindas, se arrasta sem solução até os dias de hoje.

O caso ilustra bem o quadro de impunidade que beneficia políticos acusados de praticar crimes.

A situação, exasperante, gerou uma iniciativa popular que culminou na recente aprovação da Lei da Ficha Limpa, que poderá cumprir papel depurador, mas não é a solução para os problemas.

Caderno especial publicado no domingo por esta **Folha** mostrou que uma cadeia de ineficiências conspira em favor da lentidão em ações contra deputados, senadores e outras autoridades com direi-

to ao chamado foro privilegiado.

Para alguns, esse instituto —que remete para o STF processos contra ocupantes de determinados cargos federais— é o verdadeiro responsável pelo descalabro.

O julgamento em instância superior, contudo, não representa em si uma prerrogativa indevida. Em tese, nesse patamar da Justiça as conclusões poderiam ser mais rápidas, além de menos sensíveis a pressões políticas, vez que as opções de recurso se estreitam e os juízes são mais experimentados.

Não é, entretanto, o que se observa. Ministério Público, Polícia Federal e STF não conferem a tais inquéritos a atenção que seria de esperar. Ao contrário, as investigações, na PF, alongam-se além do normal; os processos, na Procuradoria, estacionam numa espécie de hiato jurídico; e ministros do STF declaram-se assoberbados para justificar a vagarosidade.

É difícil crer que o fim do foro privilegiado resolva a questão. É verdade que a proposta do ministro Celso de Mello —interpretar a norma constitucional de forma mais restrita, reservando o julgamento em instância superior aos “delitos cometidos em razão do ofício”— poderia representar um alívio.

As dificuldades, porém, são muito mais amplas e profundas. Elas dizem respeito ao próprio funcionamento das instâncias encarregadas da investigação e do julgamento de crimes no país.

Afinal, como sabem todos, não é apenas no caso de políticos que a impunidade prospera e que o aparato policial e judiciário se mostra lento e ineficaz.

POR QUE A CBF IGNORA A COPINHA?

Os funcionários da CBF estão em férias coletivas dos dias 13 de dezembro de 2011 a 11 de janeiro de 2012. Neste período, não haverá expediente, e a entidade estará fechada, sem condições de receber, portanto, qualquer tipo de correspondência ou prestar atendimento pessoal”.

O comunicado está no site da Confederação Brasileira de Futebol. Enquanto tiram férias, ocorre a mais importante, e cada vez mais inútil, competição de base do futebol brasileiro. Algo está errado?

Pode alegar a CBF que a Federação Paulista é responsável pela Copa São Paulo. Argumento fácil de se rebater. Em 2012, 19 dos 20 clubes que disputaram a Série A do Brasileiro no ano passado estarão no torneio. E há outras dezenas de razões para que a entidade diminua um pouco suas fartas férias.

É preciso buscar lá no fundo da memória o último craque revelado na Copinha. Aos 18 anos, idade limite da competição, os grandes jogadores estão no time profissional, na Europa ou alvos de brigas judiciais entre clubes e empresários.

Neymar é fruto de bênçãos, de dom, de DNA... Não foi fabricado num campeonato de 96 clubes, estádios e gramados bizarros, jogos

CÉLIO MESSIAS



acumulados e agentes a rodo. Não se pode esperar um Neymar por ano, talvez nem por década. Então, é preciso formar os “apenas” bons jogadores para que a Seleção Brasileira pare de acumular vexames como o da última Copa América, em que não conseguiu vencer a Venezuela e, em dois jogos, não bateu o Paraguai.

Também é na Copinha que os empresários se proliferam na arquibancada e nos vestiários. Não há barreira alguma para a presença de gente

interessada em enriquecer às custas do talento alheio. E nesse jogo de interesses, perdem os clubes, de quem a CBF não cuida, e perde a Seleção.

Por isso, que me desculpe o discurso politicamente correto, mas para mim a Copa São Paulo é um desastre que poderia nem acontecer.

Ou melhor, poderia acontecer, bem organizada, com prioridade ao que interessa, a formação de jogadores, e a atenção de quem deveria zelar pelo futebol brasileiro: a CBF.

Mauro Beting está em férias

LUIZ GARCIA

Veniais e mortais

Existe em alguns países a tradição das resoluções ou promessas de Ano Novo. Pode ser hábito encantador no caso de promessas de crianças e costume com graus variados de cinismo, quando elas partem de homens públicos.

É fácil entender o motivo da diferença. Os compromissos infantis são sinceros e, pelo menos, animadores para pais e avôs. Já políticos — e outros senhores que tomam conta do país em nome dos cidadãos — freqüentemente esquecem promessas e projetos por volta do Dia de Reis. No Brasil, esses compromissos de fim de ano não são comuns. Melhor, talvez, para nós todos: escapamos de frágeis esperanças.

Mesmo assim — ou por isso mesmo, não sei bem — sempre podemos fazer uma brincadeira sem nenhuma malícia e quase amistosa com a turma que toma conta do país para a gente. Consistiria em produzirmos um rol de promessas de Ano

Novo para serem assumidas pelos nossos políticos e administradores.

Por exemplo, estas três:

1) No exercício de qualquer função pública escolherei auxiliares experientes e capacitados para desempenhá-la. Não será critério para nomeação grau de parentesco, principalmente no caso de familiares de minha digna esposa. Explica-se esse ponto pelo fato notório de que é sempre muito mais difícil demitir o irresponsável sobrinho de madame do que o inútil parente de meu próprio sangue.

2) Jamais transformarei em amigos íntimos e, principalmente, generosos quaisquer cidadãos que tenham interesses, mesmo que válidos, relacionados com minha função pública.

3) Apresentarei relação de bens pessoais de toda e qualquer natureza tanto ao ser nomeado como no momento em que deixar o cargo.

É possível que muitos — muitíssimos,

talvez — dos senhores e senhoras a quem fossem exigidos esses compromissos reagissem com solene indignação, argumentando, por exemplo, que eles significariam, digamos assim, uma premissa de mau comportamento.

Não é nada disso: seria, simplesmente, uma manifestação, tão necessária quanto espontânea, das boas intenções esperadas de qualquer ocupante de função pública.

Alguns poderiam alegar que são cidadãos de ficha limpa: seu retrospecto na vida pública já seria aval suficiente. A resposta a esse argumento seriam exemplos recentes de estripulias de alguns ocupantes de altos cargos em Brasília. A propósito, é preciso também lembrar que nenhuma administração — tanto nos governos militares como no regime democrático — foi, até hoje, imune a desvios de conduta.

Incluindo pecados veniais e mortais.

A substituição da indústria pelos serviços é ilusória



A crise que atravessa a indústria brasileira é muito séria e quem acredita que o seu fraco desempenho pode ser compensado pela expansão dos serviços

precisa levar em conta o que há de ilusório nisso.

Se examinamos a participação da indústria e dos serviços na formação do produto interno bruto (PIB), o que se vê é um forte recuo da primeira. No acumulado do ano e no terceiro trimestre de 2011 a indústria cresceu 2,3% em comparação com o mesmo período de 2010 e os serviços, 3,2%. O quadro é pior quando se olha para as categorias de indústrias: as de eletricidade e fornecimento de água aumentaram 4,1%; a construção civil, 3,8%; a extração mineral, 3,0% – mas a indústria de transformação cresceu apenas 1,2%, ante um crescimento do PIB de 3,2%.

Pensar que os serviços podem substituir a indústria de transformação é uma ilusão. O setor industrial conta com 11,2 milhões de empregados com carteira assinada, isto é, com proteção social, o que não é o caso dos serviços, em que o trabalho esporádico e sem carteira é o mais comum.

O salário médio na indústria de transformação é de R\$ 1.700 por mês, bem maior que nos serviços: R\$

1.366 na construção civil, R\$ 1.300 no comércio e R\$ 1.446 nos outros serviços. A queda do emprego na indústria terá, pois, repercussão negativa sobre a demanda.

O constante recuo, nos últimos meses, do desempenho da indústria de transformação tem consequências sérias: aumenta a dependência de produtos importados, podendo, a prazo médio, criar um desequilíbrio grave na balança comercial e, em certos casos, uma perigosa dependência em relação a países fornecedores de bens sensíveis de alta tecnologia, cujas vendas podem ser restringidas por razões diversas. Mas o maior inconveniente é que a fraqueza da indústria de transformação não permite desenvolver tecnologias novas, que fazem a força de uma nação.

Houve uma mudança, pouco notada, na distribuição dos investimentos estrangeiros no Brasil: cerca de 43% deles se dirigiram para o setor de serviços, especialmente comércio, e apenas 37,7% para a indústria. Exigem-se 60% de bens produzidos no Brasil nos automóveis, mas se aceitam até 100% de capital estrangeiro no comércio varejista. Não devemos estranhar a alta participação de commodities em nossas exportações, pois o BNDES aumentou, no ano passado, em 75% os créditos para o setor de serviços, enquanto o Programa Brasil Maior para a indústria sofre grande atraso.

GENTE QUE PENSA E PASSA

REUTERS

Poucos driblam hoje. Falta qualidade técnica, ousadia e um monte de coisa aos nossos criadores de lances. Até por isso deveria ser regra do jogo escalar mais gente que pensa e que passa no meio-campo em vez de brucutus botinudos. Se não são tantos os técnicos e/ou hábeis jogadores a serem marcados, se de um modo geral basta cercar e ocupar espaços na defesa para impedir ações adversárias, melhor seria privilegiar gente que sabe jogar na intermediária no lugar dos que apenas sabem não deixar o rival jogar.

Até para iniciar o jogo a partir da defesa. Um cabeça-de-área que sabe armar é essencial para qualificar o passe e aumentar a criatividade da equipe. Algo que se fazia antigamente com camisas 5 que mais pareciam 10. Diferente de muitos números 10 de hoje que mais parecem camisa 5 pelo que jogam. Ou são mais camisas 5-A, 5-B, 5-C que um 10 de categoria e de nota...

Na Europa, nos grandes times, tem gente que sabe fazer essa função essencial. O Milan campeão mundial em 2007 (e a Squadra Azzurra vencedora da Copa da Alemanha em 2006) tinham em Pirlo, na cabeça da área, um regista arretrato, um deep-lying playmaker.



Busquets é exemplo de volante que passa e que pensa no Barcelona

Em bom futebolês, um armador mais recuado, um criador desde atrás. Algo que, em parte, o volante Busquets muito bem fez no Barcelona. Mas quem mais?

Poucos, lá e cá. Porém, nas últimas rodadas, guardando oceânicas dimensões, Santos e Portuguesa arriscaram algo do tipo. No empate contra o bom Paulista, em Jundiaí, no domingo, Muricy escalou Anderson Carvalho na cabeça da área. No

empate contra o Palmeiras, no Pacaembu, Jorginho mandou a campo outro armador (Boquita) como primeiro volante, na cabeça-de-área. Se não houve tanto ganho em qualidade, e é cedo demais para qualquer análise, ao menos a ideia de Muricy e Jorginho é válida. Pesou, também, a falta de melhores opções, inclusive para a posição mais defensiva. Mas só de pensar em usar gente mais qualificada e criativa é um inegável avanço. Se não em resultado, ao menos em desempenho e qualidade.

Armadilha fiscal

Ed. 3/11

Superavit acima do esperado em 2011 não autoriza alívio; gastos federais ainda comprimem espaço para elevar a taxa de investimento

O governo federal poupou cerca de R\$ 10 bilhões além do que previra para 2011 no esforço de gerar superavit em suas contas. A notícia chegou enquanto se travam duras discussões a respeito do Orçamento de 2012, que será decidido por decreto pelo Executivo com base na autorização de despesa aprovada pelo Congresso.

Os adeptos do relaxamento fiscal consideram que o investimento federal no ano passado foi muito baixo, por força do controle de gastos. Padrão idêntico, argumentam, reduziria o crescimento desejado pelo Planalto em 2012.

R\$ 10 bilhões equivalem a cerca de 0,24% do PIB. A poupança de todo o setor público em 2011 pode ter ficado em 3,2% do PIB, desconsideradas as despesas com juros.

Se o investimento produtivo é tão pequeno (o do governo em particular), e se o montante em questão parece ínfimo, por que não autorizar mais despesas?

Formulada assim, a questão perde de vista o quadro mais geral dos problemas fiscais neste ano. Em primeiro lugar, há o risco de a elevação da receita ser inferior ao do espetacular resultado de 2011.

Além disso, a despesa federal crescerá ao menos em R\$ 23 bilhões, devido ao novo valor do salário mínimo. O governo pode perder outro tanto em receita com as reduções de impostos para empre-

sas decididas em 2011. E despenderá mais com o seguro-desemprego.

O superavit fiscal é composto, vale lembrar, também pelas poupanças de Estados e municípios. Em ano eleitoral, obviamente, suas despesas tendem a aumentar.

É preciso considerar, também, que gastos adicionais do governo estimularão a demanda, no momento em que o país ainda se debate com a inflação alta. Despesas menores tendem a favorecer reduções da taxa de juros pelo Banco Central, pois esta se torna menos crucial para manter as pressões inflacionárias sob controle.

O debate sobre mero 0,24% do PIB indica quão engessada se encontra a despesa pública. O aumento dos gastos obrigatórios restringe as opções para empreender o ajuste fiscal, confinando-as à rubrica vital dos investimentos.

Por fim, a despesa do setor público com juros foi de cerca de 5,8% do PIB em 2011. Descontada a poupança primária, os vários níveis de governo têm deficit de 2,6% do PIB.

O setor público apresenta saldo negativo alto mesmo após anos de crescimento do PIB e de excepcional aumento da receita de impostos. Com mais equilíbrio, teria sido possível provocar uma rápida queda da dívida pública e, por conseguinte, da taxa de juros e da despesa financeira que sua alta acarreta — um dos mais ineficientes e injustos componentes do gasto público.

Não parece haver, assim, alternativa de curto prazo à manutenção da disciplina fiscal estrita, ao menos enquanto a dívida permanecer elevada e dispendiosa.

Fracassa a tentativa de Zona do Euro de permitir o calote grego, desde que fosse um caso único.

Portugal tem uma dívida de 93% do PIB e o déficit público oscila entre 10% e 9%. Em 2012, tem que rolar € 25 bilhões. Enquanto a cúpula da Europa discutia parâmetros fiscais, a Grécia continuava sem ter um acordo com os bancos credores sobre o tamanho do calote, e Portugal começava a sangrar.

A Zona do Euro pediu à Grécia o impensável. Que aceite a nomeação de um comissário para controlar as finanças do país. Ao contrário do que se pensa, não é o mesmo que o FMI pede a endividados. É muito pior. Quem diz é a economista Monica de Bolle, que trabalhou no FMI:

— O Fundo nunca pediu para aprovar orçamento de algum governo. Estabelece uma lista de obrigações. Nem a Lei de Responsabilidade Fiscal dá o direito à União de aprovar ou reprovar orçamentos estaduais. Apenas define metas.

O impasse grego está dificultando a vida de Portugal. A pergunta dos investidores é: se a Grécia vai dar o calote, ainda que organizado, o que impedirá os portugueses de seguirem o mesmo caminho?

Os juros pagos pelo governo português dispararam, e o temido contágio está acontecendo. Para títulos com vencimento de três anos, os juros chegaram a 23%, enquanto os com vencimento de dez anos pagaram 16,8%. Os investidores estão cobrando mais caro pela dívida de curto prazo porque consideram que a probabilidade de calote é maior. O seguro contra o risco de calote (Credit Default Swap) do governo português subiu muito desde o início do ano (vejam no gráfico).

A dívida portuguesa já é classificada como *junk* (lixo) pelas três agências de classificação de risco, Standard & Poor's, Fitch e Moody's. O economista Eduardo Oliveira, da equipe de cenários da Um Investimentos, disse que tanto a Grécia quanto Portugal são duas economias pequenas, com baixa capacidade de competição, estão muito endividadas e ligadas.

definido o calote da Grécia será crucial para Portugal. Se a perda para o mercado for muito grande, os juros de Portugal vão subir ainda mais. Mas se as condições forem boas para o mercado, então os títulos portugueses podem cair — diz.

O economista Antenor Gomes Fernandes, sócio-fundador da gestora STK Capital, registra que os juros portugueses estão subindo, mesmo com toda a liquidez que está sendo promovida pelo Banco Central Europeu (BCE). Desde a entrada de Mario Draghi, o BCE passou a financiar os bancos, para eles comprar títulos dos países com problemas. Isso não está ajudando Portugal.

— O mercado se antecipa e já olha para o próximo problema. O CDS do governo grego está em 1400 pontos, subiu muito nas últimas semanas. Isso já é preço de calote. É receio do famoso “também quero”. Se os gregos vão ter perdão da dívida, por que os portugueses não vão querer também? — questiona.

Os líderes europeus continuaram reunidos ontem à noite tentando acertar esse acordo que dê uma ordem fiscal para todo o bloco, nove fora o Reino Unido e dois outros países que o seguiram. A Grécia continuava com as negociações com a Troica (FMI, BCE e Comissão Europeia) e os bancos. Enquanto isso, os credores passaram a rodar o torniquete sobre Portugal.

Para a consultoria inglesa Capital Economics existe o cenário de que Portugal dê um calote e até o cenário extremo de que o país saia do bloco. Os jornais portugueses refletiam esse agravamento da crise. O pacote que tinha sido dado ao país foi arquitetado para refinanciá-lo até o fim do ano, mas, como os juros cobrados do país subiram, Portugal pode precisar de mais ajuda. A alta dos juros cobrados de Portugal reflete, segundo a consultoria inglesa, “o aumento do ceticismo de que a participação do setor privado na reestruturação das dívidas da Zona do Euro ficará restrita à Grécia”. Ou seja, os credores sabem que vão per-

JOSÉ PAULO KUPFER



Muito chão pela frente

Instituições econômicas globais despejaram, neste primeiro mês do ano, avalanches de prognósticos sombrios sobre a economia mundial. Banco Mundial, OCDE, FMI, no que são acompanhados por uma feira de respeitáveis institutos internacionais, têm sido unânimes em vaticinar um 2012 de turbulências e recessão, com um longo e espinhoso processo até a recuperação. O clima é reforçado pelas agências de ratings que, uma após outra, não se cansam de rebaixar em série as notas de riscos dos países encalacrados, principalmente na zona do euro.

Aqui e ali, porém, surgem indicações de que nem tudo está tão perdido – ou, pelo menos, que é possível enxergar alguma luz no fim do tú-

nel. As recentes ações do Banco Central Europeu, oferecendo suportes mais escancarados a governos e bancos privados, levam alguns a considerar agora como improváveis os antes tidos como quase inevitáveis colapsos de crédito, com suas conhecidas e devastadoras consequências. Nos Estados Unidos, sinais de recuperação se sucedem, com retomada do crescimento e redução da taxa de desemprego, ainda que em níveis modestos.

Tudo misturado e embaralhado, contudo, o que se pode realmente extrair como tendência consistente da massa de dados e análises oferecida ao distinto público? Uma resposta pelo menos mais organizada e atualizada vem de um levantamento do McKinsey Global Institute (MGI), braço de pesquisas da consultoria global de ne-

gócios McKinsey, publicado em janeiro, com dados de meados do ano passado. A conclusão é que o processo de desalavancagem caminha, mas em ritmos diferentes, conforme o país, a região e até mesmo o setor econômico.

A rearrumação das economias está apenas começando e, em geral, progride a passos lentos. Em meados de

As dívidas totais, embora com perfis diferentes, ainda estão crescendo em relação a 2008

2011, no conjunto das dez economias analisadas (Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, França, Espanha, Itália, Austrália, Canadá, Japão e Coreia do Sul) houve uma pequena queda de 2% na dívida privada e um au-

mento de 26% na dívida pública, em relação ao ponto máximo registrado em 2008. O resumo da história é que ainda tem muito chão pela frente.

O estudo concentrou foco nas economias dos Estados Unidos, Reino Unido e Espanha, considerando que cada uma representa subgrupos do conjunto. Tomou como ponto de referência a experiência histórica das crises financeiras e as bolhas de crédito ocorridas na Suécia e na Finlândia, na altura da década de 1990. Nesses episódios, a uma primeira fase de redução do endividamento privado, ainda com a economia em retração, seguiu-se outra, mais longa, de ajustes nas dívidas públicas e retomada do crescimento.

Só três das dez economias analisadas – Estados Unidos, Austrália e Coreia do Sul – já registram, três anos depois do pico do endividamento, redução da dívida total em relação ao PIB. Os Estados Unidos são os mais avançados nesse processo. Os débitos do setor financeiro americano recuaram para 40% do PIB, nível vigente em 2000, e, no caso das famílias, a compressão dos débitos, em proporção da renda disponível, foi ainda maior, equivalente a 15 pontos percentuais, em relação à renda disponível. Mas não se deve esquecer que dois terços dessa redução são explicados simples-

mente pelo não pagamento do que era devido.

Seguindo o roteiro histórico das crises financeiras e do estouro de bolhas de crédito, as dívidas totais ainda estão crescendo, em relação a 2008. É o caso tanto do Reino Unido quanto da Espanha. São bem diferentes, no entanto, os perfis e a composição do endividamento em cada caso.

Nos Estados Unidos, a maior parcela deriva do endividamento das famílias, enquanto no Reino Unido são as instituições financeiras que carregam o maior percentual de endividamento em relação ao PIB. Na Espanha e na França, as empresas não financeiras respondem pela fatia mais relevante das respectivas dívidas totais. E no Japão, país que carrega um endividamento equivalente a 512% do seu PIB – o mais elevado entre as economias pesquisadas –, quase metade das dívidas é de responsabilidade do governo.

Curiosidade: a Alemanha, com sua aura de austeridade, carrega uma dívida total equivalente a 278% do PIB, dois terços dela dividida entre bancos e governo. Os alemães, proporcionalmente, estão tão endividados quanto os quebrados gregos.

edital
7 fev.
op. 2

Triste Bahia

Movimento de policiais militares baianos persegue reivindicações salariais com métodos violentos, em desafio ao Estado de Direito

Em afronta às normas constitucionais e aos direitos da população da Bahia, uma obscura associação de policiais lidera desde terça-feira movimento grevista da Polícia Militar daquele Estado que ganhou contornos dramáticos.

Se a intenção dos grevistas era aumentar o clima de insegurança e a violência nas ruas, os objetivos foram alcançados. Em menos de uma semana, já se registrou em Salvador quase uma centena de homicídios, contra 172 ao longo do mês de janeiro.

Lideranças acantonaram-se na Assembleia Legislativa, com o evidente intuito de intimidar o governo do Estado. Não se descarta um confronto mais sério com contingentes do Exército, da Polícia Federal e da Força Nacional convocados para restaurar a ordem pública.

Os grevistas reivindicavam aumento salarial de 40%, que levaria os vencimentos dos soldados a R\$ 2.685, acima do que é pago pelo governo de São Paulo (R\$ 2.366), mas já aceitam reajuste em torno de 20%. O governador Jaques Wagner (PT) alega que os policiais tiveram reajustes 30% acima da inflação em seu governo e que não dará mais que os 6,5% da inflação de 2011 previstos para todo o funcionalismo baiano.

A peculiar estridência da greve se explica no contexto de uma

movimentação mais ampla, pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 300, de 2008, que estabelece um piso nacional.

A ideia era equiparar os salários dos militares estaduais aos valores pagos pelo Distrito Federal (inicial em torno de R\$ 4.000, o mais elevado do país). Se aprovada a PEC 300, o piso será definido por lei federal em até 180 dias.

A proposta é torpedeada por petistas e aliados, pois caberia ao governo federal pagar a diferença entre soldo atual e novo piso, com um fundo de auxílio aos Estados.

A paralisação baiana, que eclodiu depois de movimentos similares no Ceará e no Maranhão, tem sido fomentada por uma articulação interestadual de PMs como trampolim para uma greve nacional.

Não há dúvida de que policiais militares precisam ser valorizados, não só com treinamento e equipamentos adequados, mas também por salários condizentes com o risco e a importância de suas funções.

Não é aceitável, entretanto, que recorram a métodos violentos e ilegais. A Constituição proíbe militares e PMs de fazerem greve.

Em entrevista à **Folha**, o governador Jaques Wagner tratou os líderes da paralisação como “bandidos”. Para um ex-sindicalista, causa perplexidade que se declare surpreendido com a greve e mostre tão escassa disposição para negociar.

Claro está que só deve fazê-lo sob a condição de retorno imediato ao trabalho e à disciplina, mas de sua habilidade como líder político e sindical depende agora a restauração da tranquilidade na Bahia.

JOSÉ PAULO KUPFER



Saída “made in USA”

Sinais interessantes têm chegado da economia americana. Números da criação líquida de postos de trabalho, nos Estados Unidos, registram taxas positivas, mês após mês, sobretudo desde o último trimestre de 2011, sempre acima das expectativas dos analistas. As estatísticas de janeiro surpreenderam ainda mais.

Depois de revisado, o total líquido de vagas abertas evoluiu de 157 mil, em novembro, e 203 mil, em dezembro, para 243 mil, em janeiro de 2012. Criação de novos empregos refletiu taxa de desemprego. Ela vem caindo também mês a mês. Em janeiro, caiu para 8,3%, o menor índice em seis anos.

Há consenso de que o quadro do emprego pinta melhor, mas não se

pode tomá-lo sem ressalvas. Primeiro, porque o desalento no mercado de trabalho ainda é elevado – muitos desistiram, pelo menos temporariamente, de procurar emprego – e as taxas de desemprego mais suaves se devem, em boa medida, à redução da população ativa. Depois, porque a recuperação é lenta e está longe de compensar as perdas ocorridas depois da eclosão da crise. No ritmo atual, a reposição dos estimados 10 milhões de vagas perdidas levaria perto de sete anos.

Gatos escaldados com a ameaça não concretizada de retomada em fins de 2010, os analistas estão tendendo a re-frear o otimismo diante dos indicadores melhores. Mas o fato é que a atividade econômica, principalmente na indústria e em segmentos dos serviços, como turismo e entretenimento, está revelan-

do vigor antes inexistente. O valor médio das horas trabalhadas na indústria, por exemplo, alcançou em janeiro o nível mais alto em seis anos.

São muitos, obviamente, os riscos de que a tendência positiva agora vislumbrada em cores mais nítidas venha a não

Afrouxamento monetário e política fiscal são a receita da saída “made in USA” da crise

se confirmar. Um recrudescimento da crise na Europa e estouros descontrolados das bolhas acumuladas na economia chinesa, possibilidades que não podem ser descartadas, com suas previsíveis repercussões negativas nas economias emergentes, tenderiam a quebrar o ritmo da recuperação esboçada nos

Estados Unidos.

De todo modo, mesmo com essas sombras no horizonte, pode valer a pena tentar investigar as razões da incipiente, talvez frágil, certamente insuficiente, mas visível retomada econômica americana. A receita da saída “made in USA” da crise é clássica e se apoia em duas pernas. Uma delas é o afrouxamento monetário, usado para sustentar o setor financeiro, mas também para reduzir os custos de produzir e, mais do que tudo, desvalorizar o dólar e, assim, impulsionar exportações. A outra é uma política fiscal se não expansionista, pelo menos não contracionista.

O déficit do governo, no ano fiscal de 2011, que se encerrou em 30 de setembro do ano passado, subiu ligeiramente em relação a 2010, para US\$ 1,3 trilhão, mantendo-se nas vizinhanças de 9% do PIB. É menos do que o pico de 10% do PIB registrado em 2009 – o mais elevado desde 1945 –, mas ainda assim muitíssimo alto e um verdadeiro Himalaia diante das pretensões das lideranças da zona do euro de limitar os déficits dos Tesouros de seus países a 0,5% do PIB.

Cabe, porém, ao esforço exportador a parcela mais expressiva da fórmula americana da retomada. Há exatamente dois anos, no discurso sobre o estado da União, o presidente Barack Obama espantou os analistas com o lançamento

do desafio de dobrar o volume das exportações em cinco anos, levando-as, em 2015, a superar US\$ 3 trilhões. A maior surpresa dessa história é que está funcionando. No ano passado, as exportações cresceram 16% e superaram US\$ 2 trilhões. Mantido o ritmo, a meta será atingida com folga.

Ainda que a taxa média de crescimento das exportações fique em 8% – metade da verificada em 2011 –, como analistas consideram mais realista, diante da possibilidade de menor crescimento dos emergentes e de contração no mercado internacional, especialmente no segmento das commodities, ocorreria um aumento de 60% no volume exportado pelos Estados Unidos. Isso seria suficiente para suportar mais de 15 milhões de postos de trabalho.

Não é só o dólar desvalorizado que anda operando o “milagre”. A taxa de câmbio mais favorável tem sido turbinada por estímulos à produção – que, por sinal, estão promovendo aumentos de produtividade – e, acima de tudo, por ações agressivas de Washington no comércio exterior. De um lado, o governo não alivia as pressões para a valorização da moeda chinesa e, de outro, não descansa na negociação de acordos comerciais com países e blocos.

Banco suíço mira fortuna de emergentes

O maior gestor de fortunas registrou ontem uma queda de 27% de suas receitas em 2011. O resultado só não foi pior graças ao forte fluxo de dinheiro vindo ao grupo do Brasil, América Latina, Ásia e Oriente Médio.

• Milionários

15%

dos clientes do banco Julius Baer já são asiáticos

emergentes já superaram os suíços: 25% são clientes locais, ante 33% de mercados emergentes. “Estamos mudando o perfil de nossos clientes”, admitiu o banqueiro, que indica estar em busca de novas aquisições, como

NOSSOS PÉS ESQUERDOS

Armando No
EFE

Gerson, Tostão e Rivellino brilharam no 4-2-3-1 de Zagallos na conquista do tri mundial, em 1970. O melhor Brasil, para não dizer o melhor campeão do mundo de todos os tempos e campos, tinha três craques canhotos. Craques sem contestação de um time idem. E ainda tinha um ambidestro de outro planeta – Pelé.

Só para escrever que não existe problema ter tanto canhoto em uma equipe. Aliás, na média, eles que não chegam a 10% da população, costumam ser mais criativos, inventivos, geniais e geniosos. No futebol, se pudesse, preferia 11 que batem com a canhota que 11 destros. Mas, sabe-se lá o porquê, criou-se a mania de dizer que fica difícil encaixar tantos canhotos num time. Que eles entortam o time. Que não sei mais quê. E é melhor não saber mesmo.

Um time que pode escalar três canhotos de estirpe é o campeão brasileiro de 2011. O recém retornado Douglas e os já ambientados Alex e Danilo podem formar uma linha de três armadores de qualidade no Parque São Jorge. Sem problema algum. Danilo se esforça para jogar pelos lados ou por dentro (onde prefere) no 4-2-3-1 de Tite. Alex se sai melhor por dentro ou à esquer-



Douglas, ex-Grêmio, é mais um canhoto de qualidade à disposição de Tite

da. Mas também pode brilhar pela direita, chegando mais à área. Douglas prefere e se dá melhor por dentro, ou um tanto mais à direita, até como vinha atuando, por vezes, no Grêmio. Com papo, dá para Tite ajustar o trio. E o treinador do Corinthians é ótimo na condução de elencos de estrelas. Ou de pretensos astros galácticos.

A questão é que, além dos três, o ótimo elenco alvinegro ainda tem o mais eficiente dos atacantes que pode vir de trás, pelos lados – Emerson.

Tem Willian, que foi muito bem pela direita vindo da intermediária. Dois homens de frente que se juntam ao artilheiro Liedson, ainda absoluto. Seja o 4-2-3-1. Ou eventualmente o retorno do 4-2-2-2, com Douglas e Alex, Liedson e possivelmente Emerson fazendo o vaivém, recuando e também atacando.

Seja qual for a opção de Tite, poucos times no continente têm tanta gente boa para escalar. E para estreitar na Libertadores de pé esquerdo. Sem problema.

O custo dos desvios

Mapeamento de R\$ 3,2 bilhões de verbas desviadas em 2011, segundo dados da PF, mostra que é preciso reforçar combate à corrupção

No ano em que seis ministros se viram obrigados a deixar seus cargos sob suspeita de irregularidades, a Polícia Federal contabilizou em suas operações, de acordo com dados que constam em relatórios internos, desvios de verbas públicas de cerca de R\$ 3,2 bilhões.

A cifra —um recorde— representa mais do que o dobro do valor apurado em 2010. Seria suficiente para construir 30 km de linhas de metrô ou liquidar quase metade do valor das obras de transposição das águas do rio São Francisco.

Não é tarefa simples quantificar perdas causadas pela corrupção, mas estudos, mesmo parciais, apontam para valores elevados. De acordo, por exemplo, com estimativas do economista Marcos Fernandes da Silva, da Fundação Getúlio Vargas, as finanças públicas teriam sido subtraídas ilegalmente em R\$ 40 bilhões, no período de 2002 a 2008.

A quantia, equivalente ao PIB da Bolívia, foi levantada com base em informações colhidas de órgãos públicos de controle —e refere-se apenas a dinheiro federal.

Não há, por certo, relação direta entre as demissões em série ocorridas no ministério em 2011 e o aumento do volume de desvios apurado pela PF, mas os dois fatos contribuem para ressaltar o quanto ainda resta a caminhar no aperfei-

çoamento do combate à corrupção.

Causa surpresa que apenas no ano passado a PF tenha produzido e enviado às sedes regionais seu primeiro manual de investigação de desvios de verbas. A tardia criação desse instrumento, não obstante, é uma das iniciativas do que pode vir a ser um auspicioso progresso na capacidade da corporação de identificar ilícitos na máquina estatal.

Faz parte desse esforço a formação de equipes especializadas em Estados como São Paulo, Bahia, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Sul. Anuncia-se para breve a instalação, em Brasília, de uma unidade específica para combater essa modalidade de crime.

É comum que se associe a incidência da corrupção no Brasil a deformações históricas de uma sociedade marcada pela informalidade e pela excessiva porosidade entre as esferas pública e privada.

Observações dessa ordem podem ter interesse para a compreensão das origens do problema, mas considerações sociológicas ou sermões éticos não são as melhores armas para enfrentá-lo.

A corrupção não é um pecado brasileiro. Verifica-se em países variados e é fruto de situações que o Estado tem o dever de coibir.

Uma polícia preparada e treinada para investigar é um dos requisitos. Outro, indispensável, é a atuação célere e efetiva do Judiciário no julgamento e punição dos culpados —pois a impunidade é a principal aliada dos que se sentem estimulados ao enriquecimento fácil à custa do contribuinte.

Melhoria nos EUA

Edição
1
10/11

Dados mais recentes sobre economia norte-americana são positivos, mas devem ser vistos com cautela, pois problemas graves persistem

O ano se inicia com renovada esperança de uma recuperação mais consistente da economia norte-americana. Com efeito, depois da decepção da primeira metade do ano passado, quando os EUA cresceram menos de 1%, muito abaixo das expectativas, os resultados relativos aos últimos seis meses têm sido vistos como sinal de alento.

O PIB teve alta de 1,8% no terceiro trimestre e espera-se algo próximo a 3,5% nos três meses finais de 2011. A geração de emprego também ganhou fôlego, atingindo a marca de 200 mil novas vagas em dezembro, o que permitiu uma queda da taxa de desocupação de 9,2%, em junho, para 8,5%.

Mesmo assim, se a estimativa do quarto trimestre se confirmar, os EUA terão crescido apenas 1,7% no ano passado, pouco mais da metade do prognóstico inicial. Espera-se uma taxa de expansão do PIB perto de 2% para este ano, o que não é um desastre, mas está longe de repetir o padrão habitual de recuperação — que apontaria para crescimento pelo menos duas vezes mais elevado que o atual.

A performance fraca de 2011 foi fruto de vários fatores. Com as informações disponíveis hoje, é possível concluir que o crescimento da primeira metade do ano viu-se comprometido por alguns choques em sequência, em especial a alta de 30% dos preços do petróleo, que reduziu a renda disponível dos consumidores, e o terremoto no Japão, que interrompeu

os fluxos de produção global em cadeias industriais importantes.

Nos últimos meses, a despeito do agravamento da crise europeia, é possível que esteja em curso uma compensação desses efeitos, que, por sua natureza, são temporários. Convém, portanto, cautela para não tomar os dados recentes como prenúncio de vigor prolongado ou definitivo “descolamento” dos EUA da crise mundial.

Ao menos por ora, o peso das dívidas imobiliárias e a situação desfavorável dos balanços dos bancos e do bolso dos consumidores conspiram para conter uma aceleração mais forte.

Uma boa notícia para 2012 foi a renovação dos estímulos fiscais para a geração de novos postos de trabalho e a extensão do seguro-desemprego, aprovadas no fim do ano passado. O Congresso tem dois meses para confirmar se elas valerão para o restante de 2012. Se isso ocorrer, como parece provável, permitirá ao governo Obama pelo menos evitar um indesejável aumento do aperto fiscal.

Com este pano de fundo, o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) tem mantido viva a possibilidade de estímulos adicionais e deverá reforçar perante o mercado sua disposição em manter os juros próximos de zero pelo menos até o fim de 2013.

Politicamente, a recuperação recente pode melhorar as chances de Obama nas eleições presidenciais de novembro. Mesmo com crescimento baixo, é possível que o alívio gradual das condições de emprego faça a diferença em uma eleição que, apesar da aparente inexistência de um oponente republicano de peso, se anuncia tensa e concorrida.

Romney busca vitória inédita

Ex-governador precisa de ampla vantagem em New Hampshire para consolidar liderança republicana

Fernanda Godoy
fgodoy@nglobo.com.br

Enviada especial • MANCHESTER, New Hampshire

No último dia de campanha antes da primária de New Hampshire, o ex-governador Mitt Romney expressou em forma de piada sua preocupação com a queda de sua vantagem nas pesquisas. Romney, que ganhou por apenas oito votos em Iowa, precisa de uma goleada aqui hoje, onde joga em casa (foi governador da vizinha Massachusetts e tem uma casa de campo no Lago Winnepesaukee, em New Hampshire).

— Espero ganhar por pelo menos 16 votos aqui, gente! — apelou o favorito republicano, no encerramento de reunião com eleitores na pequena metalúrgica Gilchrist, em Hudson, a cerca de uma hora da capital do estado.

Romney está numa situação inusitada: se vencer hoje, será o primeiro republicano a ganhar tanto o caucus de Iowa quanto a primária de New Hampshire sem estar no cargo de presidente. Seria um feito, mas com margens despencando nos últimos dias — de 43% para 33% em menos de uma semana — surgem novas dúvidas sobre sua capacidade de convencer o eleitorado e atrair simpatizantes das outras cinco candidaturas do GOP (Grand Old Party, como o Partido Republicano é conhecido), além dos independentes. Segundo pesquisa da Universidade Suffolk e do canal 7 News divulgada ontem, Ron Paul tem 20% das intenções de voto; John Huntsman, 13%; Newt Gingrich, 11% e Santorum, 10%.

Erika Babine, ex-empresária e hoje estudante, é um exemplo de como o coração dos eleitores ainda balança. Como milhares de outros independentes, ela se registrou para votar na primária republicana. Mas, a poucas horas da votação, continuava em dúvida entre Romney e a nova estrela conservadora, Rick Santorum, ex-senador pela Pensilvânia.

— Minha prioridade é votar em quem tiver mais chance de derrotar Obama. Acho que é Romney, porque Santorum ainda é pouco conhecido. Mas gosto dele também — avaliou Erika, uma ex-eleitora da democrata Bill Clinton que não gosta de Obama porque “ele não entende nada de economia nem do mundo dos negócios”.

Neste ano, as primárias são diferentes: os candidatos conquistam delegados proporcionalmente aos votos, e não na regra “o vencedor leva tudo”, que só passa a valer a partir de 1º de abril. Em Iowa, por exemplo, Romney levou 13 delegados, e Santorum, 12. Analistas acreditam que a nova regra pode estender a disputa para além da Super Terça (6 de março) — quando normalmente o quadro já está decidido, com primárias simultâneas em 12 dos 50 estados.

Nos contatos com eleitores, Romney bate na tecla de que é o mais preparado para impulsionar a retomada do crescimento econômico e a criação de empregos, devido à sua experiência no mundo da economia real — questionada pelos rivais republicanos. Ontem, o ex-presidente da Câmara Newt Gingrich voltou a cobrar de Romney explicações sobre as atividades da Bain Capital, especializada em reestruturações de outras empresas, afirmando, que ela “saqueava essas companhias, deixava as pessoas desempregadas e saía com milhões de dólares”.

Antes da eleição, Obama muda chefe de gabinete

• Outro adversário, John Huntsman, aproveitou uma frase de Mitt Romney, que mais cedo dissera gostar de “demitir pessoas”, para atacá-lo. Parece que Romney bota a política em primeiro lugar. Ele gosta de demitir pessoas, eu gosto de criar empregos — disparou Huntsman.

O contexto da frase de Romney era outro; ele se referia a “demitir” as empresas de seguro-saúde que não oferecem serviços satisfatórios. No evento na metalúrgica Gilchrist, Romney repetiu a proposta de que as pessoas passem a contratar — ou descontratar — pessoalmente seu seguro-saúde, em vez de ter acesso a ele por um plano coletivo da empresa na qual trabalham.

O ex-governador disse acreditar que, com a livre concorrência, os preços dos prêmios cairiam. Foi uma resposta a um eleitor que se queixou do preço estratosférico dos prêmios de seguro-saúde, especialmente para os mais velhos. Enquanto os republicanos trocam acusações, o presidente Barack Obama anunciou a renúncia de William Daley ao cargo de chefe de gabinete e a sua substituição por Jacob Lew, democrata de perfil marcadamente econômico.

Com 1,3 milhão de habitantes, New Hampshire tem apenas quatro votos no Colégio Eleitoral que escolhe o presidente, mas vira uma frente de batalha por ser um dos *swing states*, estados que oscilam entre republicanos e democratas no pleito presidencial. Em 2000, seus votos foram fundamentais para eleger George W. Bush.

Mas, o estado, cujo lema é “liberdade ou morte”, é um dos principais redutos de Ron Paul, o porta-voz da corrente libertária do partido, que atrai legiões de jovens, até de estados vizinhos. — Quería muito conhecê-lo de perto. Espero que meu primeiro voto para presidente seja de Ron Paul — afirmou o estudante Ryan Casey, de 18 anos, que veio de Massachusetts para um café da manhã com Paul em Manchester.



UMA ELEITORA confronta o pré-candidato Mitt Romney durante um café da manhã na associação de comércio de Nashua, New Hampshire: proximidade

MAIS SOBRE O ESTADO

PRIMÁRIAS
Era o primeiro teste dos pré-candidatos até a década de 1970, quando Iowa assumiu a frente

DOBRADINHA COM IOWA
Desde 1984, só dois candidatos venceram nos dois estados

SLOGAN
“Live Free or Die” (Viva Livre ou Morra). A frase foi escrita pelo general John Stark, o mais famoso de New Hampshire, que lutou na Guerra de Independência dos EUA



Pré-sal e caças da Embraer viram alvo de ataque de pré-candidato

Gingrich critica Obama por intenções anunciadas ao Brasil de comprar petróleo e aviões

• DERRY, New Hampshire. Aos pares ou em grupos maiores, as pessoas vão chegando à entrada do ginásio onde, na noite fria de domingo, o pré-candidato republicano Newt Gingrich é esperado para um *town hall meeting*, a mais antiga instituição democrática da Nova Inglaterra, berço da colonização e da independência dos Estados Unidos. Derry é uma cidade de cerca de 30 mil habitantes, que encaram uma temperatura de 2 graus negativos com galhardia e casacos leves: um inverno sem neve balança até a convicção do mais empedernido dos republicanos sobre a “fraude” do aquecimento global. No espaçoso ginásio com teto de madeira, cerca de 350 pessoas se juntam para ouvir Gingrich e desfrutar da oportunidade que a campanha em New Hampshire oferece: encontrar-se cara a cara com os candidatos. Gingrich, que aos 68 anos é um dos políticos mais conhecidos do país, entra acompanhado da terceira mulher, Callista, de 45 anos, uma loura platinada.

Rapidamente o alvo dos ataques vira o presidente Barack Obama. Coadjuvante, o Brasil. Gingrich mostra irritação com o fato de Obama ter afirmado à presidente Dilma Rousseff, em visita ao Brasil em março do ano passado, que os EUA tinham interesse em garantir a compra de US\$ 2 bilhões das reservas de petróleo do pré-sal (por meio de acordo para financiamento da exploração das reservas).

— Queremos que o presidente dos Estados Unidos viaje o mundo para vender produtos e serviços americanos, não para comprar. Pegar dinheiro emprestado dos chineses para pagar aos brasileiros é um modelo que não funciona.

E o Brasil continua na berlinda, com mais uma reclamação: o político republicano tampouco aprova a compra, por US\$ 355 milhões, de 20 aviões A-29 Super Tucano, caças da Embraer, em detrimento da concorrente americana, Hawker Beechcraft.

— Por que não uma empresa americana? Durante 45 minutos de discurso, ele descreve Obama como um presidente fraco e despreparado, insistindo nas comparações com Jimmy Carter (1977-1981).

— Uma coisa é a Casa Branca não saber jogar xadrez. Agora, não saber jogar damas... — cutuca, provocando risos e aplausos.

As piadas cedem lugar a um discurso apocalíptico, no qual as eleições do dia 6 de novembro são as mais importantes dos nossos tempos, e a última chance para salvar o país do declínio.

Terminado o discurso, o candidato abre a guarda para as perguntas dos eleitores, numa variação dos debates no modelo *town hall* que já foram considerados a versão do Novo Mundo para a democracia direta de Atenas. — Esse tipo de evento é uma parte muito importante da tradição política de New Hampshire. É a chance de se julgar o caráter, a personalidade da pessoa, algo que não se consegue ver na TV — diz Linda Dupere, moradora de Derry e veterana voluntária de campanhas republicanas. (F.G.)

A guerra de Michelle

Livro revela primeira-dama obcecada em defender o marido

David Alandete
Do El País

• WASHINGTON. Quando chegou há três anos na Casa Branca, Michelle Obama tinha duas opções: ser uma primeira-dama com uma agenda política, correndo o risco de ser impopular, como foi Hillary Clinton, ou ser uma esposa e mãe em segundo plano, como Laura Bush. Michelle, com a carga extra de ser a primeira esposa de um presidente negro, vagou em um ponto intermediário, com uma presença que acabou incomodando aos assessores mais próximos de seu marido, Barack Obama, por causa de sua independência.

O resultado foi uma guerra entre a Ala Oeste (onde funcionam os escritórios da Presidência) e a Ala Leste (onde vivem os Obamas). Jodi Kantor, jornalista do “New York Times” revelou essas tensões em um livro lançado hoje nos Estados Unidos, “The Obamas”. Nele, Michelle aparece como uma alterada e moderna Nancy Reagan: alguém obcecada em defender seu marido e seu legado.

Michelle considerava que parte da Ala Oeste se preocupava demais com questões po-

líticas e eleitorais — e não se preocupava o suficiente com o compromisso de Obama em transformar a nação. Ela ficava desesperada que os eleitores vissem o presidente como um político normal, e não como um líder com capacidade de transformar o país.

Segundo Kantor, Michelle criticava abertamente Rahm Emanuel, chefe de Gabinete, e Robert Gibbs, porta-voz da Presidência, e pedia mais defesa das reformas migratória e de saúde. Tanto Emanuel como Gibbs saíram do governo após alguns enfrentamentos indiretos, que abriram uma verdadeira “guerra fria” na Casa Branca. Em setembro de 2010, por exemplo, Gibbs chegou a insultá-la na frente de outros funcionários por causa de um conflito que começou com um livro publicado na França, que dizia que Michelle tinha dito a Carla Bruni que viver na Casa Branca era um “inferno” — algo que ambas negaram.

O livro diz que a fase de busca e indecisão já passou. Michelle teria, enfim, encontrado lugar defendendo novas causas, como o aumento de serviços para famílias militares. E já teria dito à Ala Oeste que está à disposição de seu presidente e marido até as eleições.

AFP/2-1-2011



MICHELLE E o marido, nas férias, em Honolulu: preocupação com a imagem e o legado do presidente

São os novos tempos

OTIMISMO Rodrigo Caetano chega e fala em crescimento sustentável do Tricolor, que vive momento de atuação mais explícita de Celso Barros nos rumos do futebol

PAULO SÉRGIO

Enviado especial



Rodrigo Lois

EM MANGARATIBA

rodrigounes@lancenet.com.br

O Fluminense apresentou ontem o diretor executivo Rodrigo Caetano como o novo homem forte do futebol. A contratação do gestor, algo tentado desde o começo do ano passado, marca, à primeira vista, o início de uma nova fase na administração do clube. A chegada do dirigente também sinaliza a participação mais explícita de Celso Barros, presidente da Unimed, nas decisões do Tricolor.

Ao lado do novo executivo, estavam o presidente Peter Siemsen, de um lado, e Celso e Sandro Lima, vice de futebol, do outro. O desafio do dirigente é novo. Enquanto em Grêmio e Vasco ele foi o responsável por processos de reestruturação, nas Laranjeiras ele terá de gerar resultados ainda melhores em um clube que já vem em ascensão em campo nos últimos cinco anos.

– A meta é manter esse crescimento sustentável do Fluminense,

Rodrigo: assiduidade na Libertadores aumenta as chances de o Flu ser campeão

que o vem caracterizando recentemente. O time tem se mantido sempre no topo, chegando com força em todas as competições e brigando por títulos – disse Caetano.

Peter Siemsen aproveitou a apresentação e fez questão de agradecer ao patrocinador pela contratação. Especula-se que o gestor chega com um salário de cerca de R\$ 350 mil mensais, todo ele arcado pela Unimed. A pessoas próximas, Celso Barros já afirmou que o valor gira em torno de R\$ 160 mil.

Certo mesmo é que Rodrigo Caetano desembarcou em Mangaratiba no carro de Celso direto do Rio. Já o presidente estava em Búzios (RJ), onde descansa com a família. Na hora de explicarem como ficaria a hierarquia do futebol tricolor, que já contava com Sandro Lima como vice de futebol e Marcelo Teixeira como gerente de futebol, foi Celso Barros quem pediu a voz e deu a melhor resposta:

– Quem está acima é o presidente Peter Siemsen, depois vem o Sandro (vice de futebol) e após está o Caetano. Não tem mistério.

Gingrich se mostra como “o verdadeiro conservador” para reaver primeiro lugar perdido nas pesquisas

VERENA FORNETTI

ENVIADA ESPECIAL A MANCHESTER

Os eleitores do Estado americano onde as placas dos veículos trazem a inscrição “viva livremente ou morra” votam hoje no republicano que julgam mais apto para concorrer à eleição presidencial de novembro deste ano.

A defesa do Estado mínimo que tanto empolga New Hampshire é o tom da campanha de todos os candidatos aqui, mas as pesquisas indicam que o ex-governador de Massachusetts Mitt Romney se consolida como favorito, embora os rivais tenham crescido nos últimos dias.

Romney já ganhou a disputa em Iowa, o primeiro Estado a fazer a prévia, mas teve apenas oito votos de vantagem.

Segundo o site independente “Real Clear Politics”, que reúne as pesquisas eleitorais mais confiáveis do país, ele tem 38,5% das intenções em New Hampshire, seguido pelo deputado do Texas Ron Paul, considerado libertário, com 19,8% do total.

O ex-embaixador dos EUA na China Jon Huntsman e o ultraconservador Rick Santorum, ex-senador da Pensilvânia, dividem o terceiro lugar, com 11,5% da preferência. Ambos têm crescido nas sondagens.

O analista John Zogby, do instituto de pesquisa Zogby Internacional, destaca que

New Hampshire é um passo importante na estratégia dos candidatos.

Os que acumulam resultados negativos nos primeiros Estados a realizar “caucus” (assembleia de eleitores) e primárias têm dificuldade para arrecadar dinheiro e continuar a disputa.

INCENTIVO

Resultados positivos impulsionam o círculo virtuoso que os analistas políticos chamam de 3 Ms: “money, media e momentum” (financiamento, atenção da mídia e impulso na campanha).

Nacionalmente, ainda segundo o “Real Clear Politics”, o ex-presidente da Câmara Newt Gingrich tem perdido votos. As pesquisas o apontavam como primeiro colocado na preferência nacional até terça da semana passada.

Desde então, Santorum alcançou o segundo lugar e Romney cresceu, o que posicionou Gingrich no terceiro posto. Segundo a última pesquisa CBS, Romney lidera (19%), seguido por Gingrich (15%) e Santorum (14%). Como a margem de erro é de três pontos percentuais, a pesquisa mostra empate.

À **Folha**, o diretor local de operações da campanha de Gingrich, Sam Pimm, afirmou que sua estratégia é diferenciar o candidato dos demais, mostrando que ele é o “verdadeiro conservador”.

“Gingrich é o que representa o legado do [ex-presidente] Ronald Reagan [1981-1989], com defesa de Estado enxuto, menos impostos, defesa nacional forte e valores tradicionais pró-vida e família” disse

Republicano promete atacar usina iraniana

Na véspera da prévia de hoje, Santorum, estrela ascendente do partido, defende apoio a Israel

Denise Chrispim Marin
ENVIADA ESPECIAL | SALEM, EUA

Em seu último comício antes das primárias republicanas que ocorrem hoje em New Hampshire, nordeste dos EUA, o ultraconservador Rick Santorum prometeu aos eleitores bombardear a usina nuclear de Fordo, no Irã, se for escolhido como candidato do partido e vencer a eleição presidencial de novembro.

Santorum disse que ofereceria um prazo para o Irã desmante-

lar a usina de enriquecimento de urânio, mas não mencionou se buscaria apoio do Conselho de Segurança da ONU. “Não declararei guerra, mas fazer ataques cirúrgicos à usina de Qom (em referência à central de Fordo), como Israel fez com a Síria”, disse – em 2007, um ataque israelense destruiu a usina síria de Deir ez-Zor.

Em seu discurso, o pré-candidato republicano disse não haver argumento sólido para o Irã apostar na energia nuclear, por ser um dos países mais ricos em petróleo. Radical na defesa do

apoio irrestrito dos EUA a Israel, Santorum, segundo pesquisas, não deve ter um bom desempenho em New Hampshire, Estado onde os republicanos são tradicionalmente mais flexíveis e tolerantes.

New Hampshire será palco da segunda etapa do processo de escolha do candidato à presidência, na qual todo e qualquer eleitor pode votar, mesmo não sendo registrado como republicano. Cerca de 40% de seu eleitorado é independente, ou seja, não está filiado a nenhum partido.

No entanto, uma vitória republicana nas eleições gerais em New Hampshire é tida como improvável – cerca de 80% dos eleitores prometem votar em Barack Obama se a taxa nacional de desemprego, hoje de 8,5%, cair ainda mais.

Romney. O grande favorito para vencer as primárias republicanas no Estado é Mitt Romney, ex-governador de Massachusetts e vencedor da primeira prévia em Iowa. Em duas pesquisas divulgadas ontem, ele se manteve na frente com folga.

Segundo sondagem da Suffolk



Campanha. Santorum, em restaurante de New Hampshire

University, ele tem 13 pontos percentuais à frente do segundo colocado, Ron Paul. De acordo com pesquisa da Universidade de New Hampshire, a diferença é de 24 pontos percentuais. Em caso de vitória, ele será o primeiro republicano a vencer as duas primeiras prévias na história do partido.

A primeira primária após New Hampshire ocorrerá na Carolina do Sul, no dia 21, onde a disputa está mais acirrada. Romney também lidera as pesquisas, mas a diferença é menor. De acordo com

o instituto Rasmussen, ele tem apenas 3 pontos percentuais à frente de Santorum (27% a 24%).

Ligado à organização católica Opus Dei, Santorum tornou-se a principal aposta dos radicais conservadores, sobretudo os fundamentalistas cristãos, para impedir a escolha de Romney, candidato do establishment republicano. Mas, segundo analistas, se o ex-governador de Massachusetts vencer mais uma vez na Carolina do Sul será muito difícil impedir que a vaga do Partido Republicano fique com ele.

WIN MCNAMEE/AFP

De olho na eleição. Obama troca seu chefe de gabinete

● Após ficar menos de um ano no cargo de chefe de gabinete da Casa Branca, Bill Daley deixou ontem seu posto e será substituído pelo atual diretor de Orçamento da Presidência, Jack Lew. De acordo com analistas, a mudança faz parte da estratégia de campanha do presidente Barack Obama. Daley era malvisto pela ala mais à esquerda do Partido Democrata. Lew, por outro lado, é tido como mais próximo da comunidade empresarial e fez carreira no gabinete do governo de Bill Clinton. Ele foi ainda um dos principais negociadores com congressistas republicanos para aprovar o aumento do teto da dívida americana, há seis meses. Daley havia assumido a chefia do gabinete em 2011, no lugar de Rahm Emanuel, amigo íntimo de Obama, que foi eleito prefeito de Chicago. / AP

Lourival Sant'Anna

ENVIADO ESPECIAL / CARACAS

Uma eventual derrota do presidente Hugo Chávez na eleição de outubro deve introduzir uma mudança de estilo nas relações entre Brasil e Venezuela, mas não um afastamento.

Definindo-se como um “seguidor do modelo brasileiro”, o candidato único da oposição, Henrique Capriles Radonski, disse ontem que pretende atrair mais investimentos brasileiros na Venezuela, tornando mais vantajosas as relações bilaterais para seu país. Capriles venceu as primárias da oposição no domingo com 1,8 milhão de votos, 62% do total.

Em entrevista coletiva, respondendo a uma pergunta do **Estado**, o candidato lembrou a proximidade de Chávez com o PT brasileiro, e o apoio público de Lula ao presidente venezuelano na última eleição presidencial, em 2006. “Estou seguro de que teremos as melhores relações com o Brasil”, disse Capriles.

“Hoje a balança comercial é fa-

vorável ao Brasil, mas, se tivermos um país aberto, com segurança para os investidores, quanto investimento brasileiro não poderá vir à Venezuela?”, questionou Capriles, advogado especializado na área comercial. “Muito, até porque o Brasil está em condições de investir em outros países. Tenho conversado com muita gente do Brasil.”

Após a vitória, Capriles criticou duramente a ajuda econômica com que Chávez brinda seus aliados. Disse não ter a intenção de ser “líder do mundo” e trabalharia para tornar mais vantajosas as relações da Venezuela com outros países. No ano passado, o Brasil exportou US\$ 208 milhões para a Venezuela, e importou apenas US\$ 68 milhões. Os principais produtos exportados pelo Brasil são carne bovina, frango, café e polietileno. O país vizinho vende derivados de petróleo e energia elétrica para os Estados da Região Norte.

“Se digo que sou um seguidor do modelo brasileiro, já de entrada estou falando bem”, defendeu-se Capriles. “Estou seguro



Apoio. Capriles (C), com Pablo Pérez e María Corina: oposição está unida desde 2007

de que também posso ter uma boa relação com o ex-presidente Lula e com a presidente Dilma Rousseff. Vou visitar muito o Brasil. Além do mais, vamos muito com a cara dos brasileiros.”

Atual governador de Miranda, onde se situa Caracas, Capriles disse que implementou no Estado o Programa Fome Zero, inspirado no plano instalado por Lula

em 2003.

Acusado de ser “de direita” por chavistas, Capriles definiu-se como “progressista” e procurou diferenciar Chávez, que alterou a Constituição para se reeleger, de Lula. “O Brasil é um país democrático”, disse. “Lula tinha cerca de 70% de popularidade quando chegou à presidência. Não mudou a Constituição para

se reeleger.”

Eleito em 1998, Chávez aprovou por referendo no ano seguinte uma nova Constituição, que previa mandatos de seis anos com uma reeleição. Promoveu em 2000 nova eleição presidencial e considerou que seu mandato começava do zero; sob a nova Constituição. Reelegeu-se em 2006 e em 2009 aprovou por re-

 De desprezado pela NBA há dois anos à maior sensação da liga no passado recente. Eis a situação de Jeremy Lin, armador do New York Knicks que estampou as manchetes dos principais veículos esportivos americanos nos últimos dias. Ontem, ele e Russell Westbrook (Oklahoma) foram eleitos os melhores da NBA na semana.

Sem Carmelo Anthony, machucado, e sem Amar'e Stoudemire, com problemas familiares, os nova-iorquinos caminhavam para outro fracasso neste ano, com uma campanha que contava com oito vitórias e 15 derrotas.

A luz no fim do túnel veio do lugar mais improvável possível. Quarto armador do elenco do Knicks, Lin saiu do banco na vitória contra o New Jersey Nets, em que foi peça fundamental: contribuiu com 25 pontos, sete assistências e cinco rebotes.

Dali em diante, tudo mudou para o Knicks. O bom desempenho fez com que o técnico Mike D'Antoni apostasse em Lin como armador titular da equipe.

A confiança do comandante foi justificada. Desde o primeiro dia em que ele integrou a escalação inicial do Knicks, foram quatro vitórias em quatro partidas.

Média de Lin é a melhor da História nos quatro jogos iniciais como titular

Outra estatística dá dimensão ainda maior à influência de Lin no momento do Knicks. Nos quatro jogos em que foi titular, Lin anotou 109 pontos (média de 27,5). Nenhum jogador na história da NBA obteve algo parecido.

Formado em Economia pela Universidade de Harvard – instituição conhecida muito mais por sua vocação acadêmica do que esportiva – Jeremy Lin deixou a cidade de Nova York em êxtase.

Em sua melhor atuação até aqui, contra o Los Angeles Lakers (em que anotou 38 pontos), era possível ver no Madison Square Garden (casa do Knicks) diversas máscaras com o rosto de Lin, além de cartazes em alusão ao descendente de asiáticos.

Antes de chegar ao Knicks, Lin já havia tido passagens ruins pelo Houston Rockets e pelo Golden State Warriors. As duas equipes o recrutaram via Liga de Desenvolvimento (D-League).

dia seguinte à festa de inauguração do Sambódromo, mas que se ouvia o barulho de martelos e estruturas que vão ser instaladas e, em al-
rechos, a cobertura es-
de *easy floor* (revesti-
o encaixável de mate-
borrachado) já estava
colocada durante a
ã. Na parte da frente do
Sambódromo, o trabalho era
de acabamento e retoques:
operários pintavam
camarotes e serravam os
de madeira que vão
for os cenários dos es-
Já nos bastidores, na
de trás das novas ar-
candadas, operários de
retes ainda aplicavam
to em trechos da cons-
e ainda havia movi-
ção de tratores na ma-
te ontem. De acordo
prefeitura, apesar da
a contra o tempo, os
ativos seguem no pra-
visto.

Intervenções na avenida custaram R\$ 30 milhões

ro da Marquês de Sapu-
o seu entorno, ontem
ande a movimentação
inhões descarregando
s, pedaços de madeira,
ras tubulares e até apa-
de ar condicionado e
s, que vão servir para
e abastecer as gela-
os camarotes. Por vol-
10h, boa parte das ca-
de plástico que vão
lar o foliões durante os

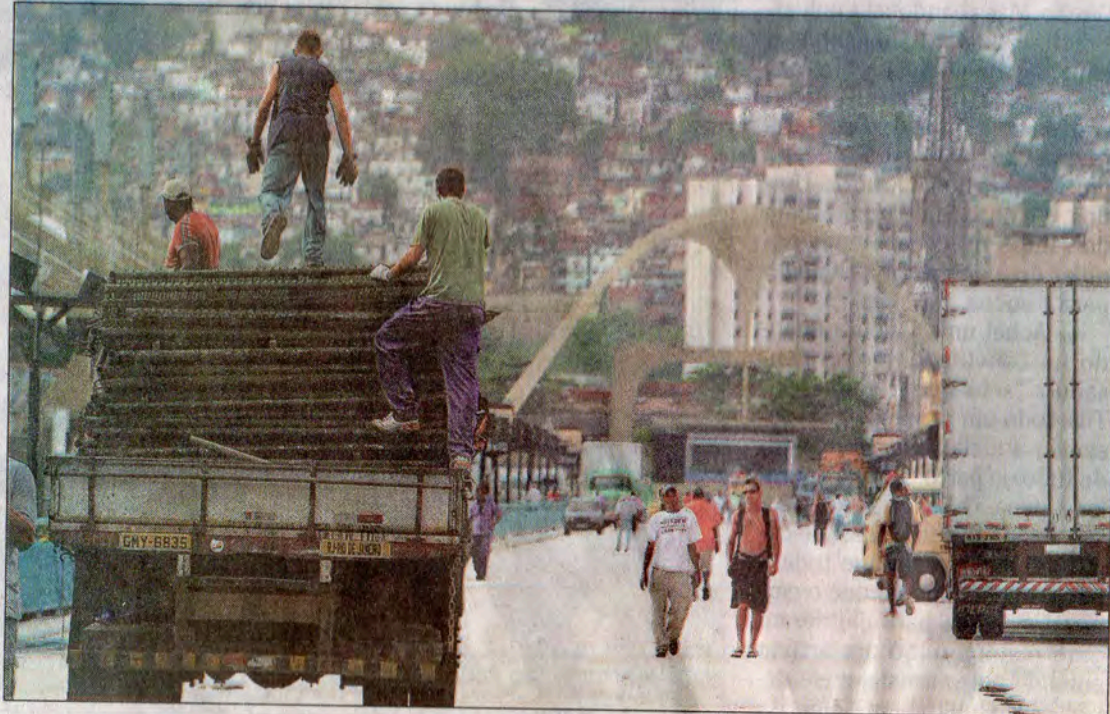
desfiles ainda estava sendo
descarregada.

Anteontem, a prefeitura en-
tregou oficialmente a obra
aos cariocas e turistas, numa
cerimônia que contou com a
presença do arquiteto Oscar
Niemeyer, que projetou o
Sambódromo. Depois de no-

ve meses de intervenções,
que custaram R\$ 30 milhões,
a remodelagem do Sambó-
dromo aumentou a capacida-
de da Marquês de Sapucaí e
modernizou o sistema de so-
norização do local. São
12.500 novos lugares, que po-
derão receber até 72.500 pes-

soas. O número de frisas pas-
sou de 1.094 para 1.823 (729
frisas a mais). Já o número de
camarotes diminuiu e passou
de 425 para 356.

Nestes dias que antecedem
o carnaval, nos camarotes o
ritmo dos operários também é
frenético. Muitos deles do la-



COMO NINGUÉM é de ferro, pausa de um operário diante de um painel.

ÀS VÉSPERAS

do desfile, é
grande o
movimento de
veículos das
empreiteiras
na pista; nos
fundos das
arquivancadas:
mais
trabalhos a
concluir

do ímpar da Sapucaí já estão
prontos, como o do Rio, Samba
e Carnaval, com 1 mil metros
quadrados no setor 5, que
este ano terá decoração inspi-
rada nos trópicos, assinada
pelo carnavalesco Alex de
Souza, da União da Ilha.

No lado par, os prazos tive-
ram que ser mais apertados
por causa das obras do Sambó-
dromo. Ontem, muitos cama-
rotes ainda estavam sendo
pintados, recebendo parapei-
tos de madeira e aparelhos de
ar condicionado. No tradicion-
al camarote da Brahma, que
este ano terá três mil metros
quadrados e vai se estender
pela área das frisas no setor 2,
a hora é de cuidar dos deta-
lhes. Segundo os organizado-
res da festa da cervejaria, a es-
trutura física— como divisó-
rias e paredes — já foi concluí-
da. também ontem, os operá-
rios passaram cuidar das ins-
talações elétricas e, a partir de

hoje, será iniciada a monta-
gem da decoração, que home-
nageia a Marquês de Sapucaí.
A previsão é que tudo fique
pronto depois de amanhã.

A quinta-feira também é a
data prevista para a conclu-
são do camarote Candybox, o
primeiro voltado para o públi-
co LGBT, no setor 8. Segundo
o publicitário Guilherme Bar-
ros, um dos organizadores do
espaço, os trabalhos corre-
ram como o esperado, dentro
do prazo, e agora a equipe es-
tá cuidando apenas da deco-
ração. Hoje chegam os mó-
veis e na quinta-feira, diz Gui-
lherme, o decorador dará os
últimos retoques. O Candy-
box terá um espaço vip de 150
DJs da cena LGBT. ■

O GLOBO NA INTERNET

Confira o ambiente especial do
GLOBO com as novidades do
carnaval 2012
oglobo.com.br/rio/carnaval

Revolta contra novo pacote de austeridade terminou com 50 prédios incendiados no centro da capital grega

Vandalismo atingiu semáforos, pontos de ônibus, metrô e bancos; atenienses veem reação legítima, mas excessiva

RODRIGO RUSSO
ENVIADO ESPECIAL A ATENAS

No fim da tarde de ontem, ainda era possível sentir o cheiro de queimado vindo do prédio em que funcionava o cinema Attikon, a poucas quadras da praça Sintagma, onde 80 mil pessoas protestaram no domingo contra as medidas de austeridade exigidas da Grécia.

Os conflitos com a polícia deixaram mais de 170 feridos, entre eles, 109 policiais. Uma parcela dos manifestantes começou a depredar a cidade, ateando fogo e atirando pedras por onde passavam. Cerca de 50 prédios foram incendiados no centro de Atenas.

Uma aglomeração parava em frente ao Attikon para tirar fotografias. "É muito triste, me sinto deprimida ao ver o cinema dessa forma, além de toda a situação que já vivemos", disse Angeliki Kallimani, 25.

Para Kallimani, os protestos são uma reação legítima à crise, "mas tudo tem limites". Ela disse que participou do movimento de "indignados" (jovens sem emprego) no ano passado, mas que não compareceu à manifestação de domingo por medo do que poderia acontecer.

O Attikon funcionava em um edifício neoclássico do século 19 e era um marco cultural da cidade. No fim do dia, três caminhões de bombeiros ainda trabalhavam para controlar o incêndio no local.

Pichações estavam por toda a parte no centro. O símbolo do movimento anarquista era uma unanimidade. Cabines telefônicas, pontos de ônibus, estações de metrô, galerias comerciais e bancos sofreram com o vandalismo. Partes de pedra das calçadas foram usadas nos ataques.

Com boa parte dos semáforos destruídos, guardas organizavam o trânsito.

Muitas das lojas no entorno da praça Sintagma preferiram não abrir as portas. Contudo, o clima no local e na praça Omônia, pontos de concentração dos protestos no domingo, era tranquilo.

Dmitris Voulgaris, comerciante de roupas na rua Ermou, que começa na praça Sintagma, contou à **Folha** que a loja da família só não foi incendiada graças ao primo, que ficou na porta até as 3h argumentando que os manifestantes acabariam com seu sustento.

"É um exagero o que fizeram, ainda mais com desemprego crescente no país. Muitas pessoas deixarão de trabalhar nos próximos dias por conta dos reparos necessários, ficando sem o salário."

O tio de Dmitris, Kostas Voulgaris, afirma que, com a crise, os lucros da loja tive-

decolando

O MELHOR PREÇO

Viaje com ofertas

decole para
BELO HORIZONTE
R\$ **54**

decole para
BUENOS AIRES
US\$ **209**

decole para
RIO DE JANEIRO
R\$ **49**

decole para
CURITIBA
R\$ **54**

decole para
MADRI
US\$ **739**

decole para
PARIS
US\$ **774**

Hotéis no Brasil!

em até **6x SEM JUROS**

Acesse já!
www.decolar.com.br

HOTEL **MACEIÓ**
D'Anatureza Resort
Grátis café da manhã

ram redução de 50% no ano passado em relação a 2010. "Com o corte no salário mínimo que foi aprovado, terei que reduzir ainda mais os meus preços", lamenta.

Caminhões com placas de vidro, para substituir vitrines quebradas por pedras, também eram parte do cenário no centro da cidade. Funcionários de lojas atingidas preferiam não comentar os acontecimentos, mesmo sem dizer seus nomes, por medo de possíveis represálias.

Chris Panoeoulos, matemático que fotografava o chamuscado prédio do Attikon, se declarou extremamente

desconfiado dos atos de vandalismo. "As pessoas em geral estão protestando apenas por conta da crise financeira, o que é legítimo. Mas esse grupo que ateou fogo não tem a ver com isso — estão tirando proveito dessa situação."

O matemático sugere que a culpa pode ser de "embaixadas interessadas em explorar a crise na Grécia". Quando questionado sobre o futuro com a aprovação do pacote, Panoeoulos diz que viverá tempos difíceis, "incompatíveis com o estilo de vida dos últimos anos".

A tentativa do comandante do Costa Concordia de fazer uma homenagem a um funcionário do cruzeiro teria provocado o naufrágio na noite de sexta-feira, informou ontem a imprensa italiana. Uma recontagem feita pela Guarda Costeira do país ontem elevou o número de desaparecidos de 16 para 29 — seriam 25 passageiros e 4 tripulantes (mais informações nesta página).

Uma mensagem deixada no Facebook pela irmã do “homenageado” reforça a tese de que Francesco Schettino saiu da rota indicada pelo sistema informatizado do cruzeiro para se aproximar da Ilha de Giglio. O Costa Concordia naufragou às 21h30 de sexta-feira, ao se aproximar da ilha, na costa do Mar Mediterrâneo. Segundo os jornais italianos, Schettino, que está detido desde sábado, planejara uma surpresa ao chefe dos garçons do cruzeiro, Antonello Tivoli, nascido na ilha, que estava em sua última viagem antes das férias.

“Venha ver, Antonello, estamos em Giglio”, teria dito o comandante ao funcionário. Segundo o jornal *Corriere della Sera*, o homenageado pensou que se tratasse de uma brincadeira. Mas, assim que percebeu que o barco de fato se dirigia a sua ilha, ligou para seus pais e pediu-lhes que se aproximassem do porto. Segundo a

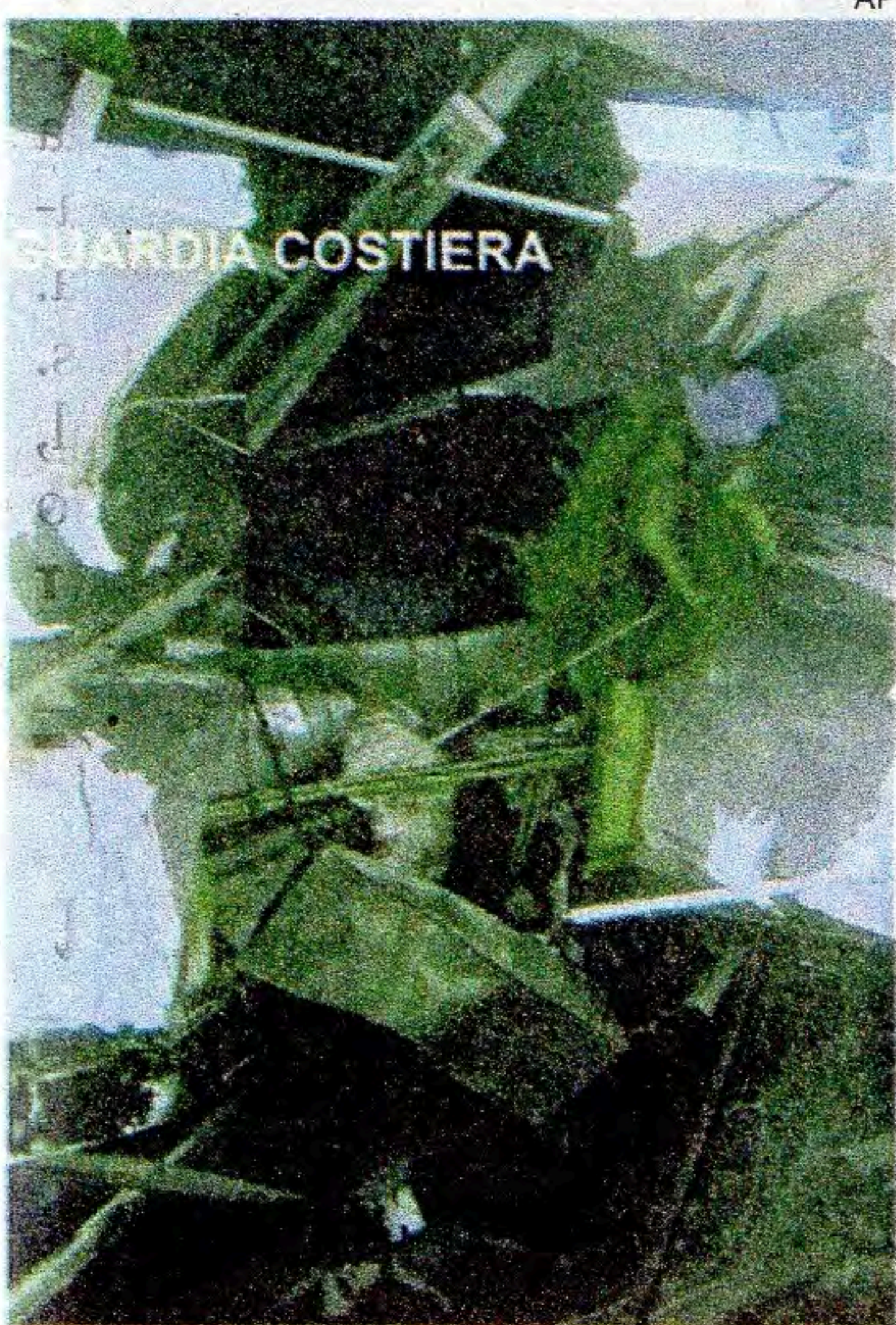
agência *Reuters*, o comandante teria se aproximado da costa também em respeito a um almirante que estava no grupo em terra.

Desde que foi socorrido em Giglio, Tivoli recusa-se a dar declarações. Pessoas próximas dizem que ele se sente responsável pela tragédia. Ainda de acordo com jornais locais, ele teria pedido ao comandante que fosse cuidadoso na aproximação. O navio acabou se chocando contra uma rocha de 20 metros a 150 metros da costa. A colisão resultou num buraco no casco de 50 metros de comprimento. A versão da família do homenageado era a de que o comandante não soou o alarme porque esperava conseguir chegar até o porto da ilha e desembarcar os 4 mil turistas. Mas acabou naufragando após uma fracassada manobra de aproximação.

O comandante, com 30 anos de experiência, diz que as rochas não faziam parte dos mapas que dispunha. Ainda segundo a imprensa italiana, o comandante fizera um gesto de aproximação da ilha semelhante em agosto.

Facebook. Um indício de que o comandante teria planejado a aproximação é uma mensagem registrada no Facebook da irmã do homenageado, Patrizia Tivoli. Na mensagem colocada às 21h08 de sexta-feira, Patrizia alertava todos os amigos da “visita” do irmão. “Dentro de pouco tempo passará perto o Concordia”, dizia. “Uma saudação grande a meu irmão que em Savona finalmente desembarcará para tirar férias.”

Luigi Foschi, presidente da empresa dona do navio, sustentou ontem a tese de que o erro foi do comandante e insistiu que o navio saiu da rota determinada pelos mapas informatizados a bordo do cruzeiro. Foschi garantiu assistência jurídica ao comandante. A Organização Marítima Internacional (OMI) defendeu cautela para apontar as causas do acidente. Entre a perda do barco, seguros e cancelamento de viagens, o prejuízo da Carnival, empresa que controla metade dos cruzeiros do mundo, pode chegar a US\$ 700 milhões, quase metade de seu lucro em 2011. Ontem, suas ações despencaram.



Choque. Rocha submersa rompeu casco de navio

Enviado especial



Bruno Marinho

EM MANGARATIBA (RJ)

brunomarinho@lancenet.com.br

● Jogador determinado, que demorou a deslanchar na carreira e sempre teve de se dedicar mais do que os outros para conquistar o espaço no futebol. A descrição poderia ser tanto do zagueiro Abel quanto do volante Edinho. Talvez por isso exista uma sintonia

tão grande entre o hoje técnico e o camisa 5 do Fluminense.

Abel Braga tem no jogador o seu espelho dentro do elenco. Entre outros nomes, é quem considera o mais parecido com aquele defensor que surgiu nas Laranjeiras e brilhou no Vasco nos anos '70. Principalmente pela força de vontade mostrada tanto em campo quanto fora dele:

– Não me incomodo quando dizem que não era um craque. Eu não era mesmo! Mas, veja, fiz história na Seleção, joguei no Fluminense, no Vasco... Eu tinha muita determinação. Um jogador que eu vejo assim, até por tudo que passou, é o Edinho.

O volante não carrega com ele a mesma fama de pouco técnico que acompanhava o zagueiro Abel. Mas, ao falarem de si mesmos, parece que

Edinho ganhou moral com Abel e seguiu como titular até título da Liberta

os dois combinaram o discurso.

– Na minha carreira, tudo sempre foi mais difícil. Parecia que as coisas

só aconteciam com os outros, nunca comigo. Eu tive de me adaptar ao Sul, sempre tive de estar mais treinado do que todos – explicou Edinho.

A dupla se conheceu no Beira-Rio e o técnico chegou ao Internacional em período complicado do volante. Em 2006, Edinho iniciou o ano perseguido pela torcida. Foi afastado do time, mas depois chamado por Abelão para entrar num jogo no Beira-Rio.

– Quando os torcedores me viram, começaram a vaiar. O Abel me perguntou se eu queria entrar mesmo assim. Eu disse que sim. Ele então falou: “Vamos mudar a opinião da torcida a partir deste jogo”.

Com crise econômica na Grécia, famílias pedem socorro a ONGs

Casais e mães solteiras buscam alimento para filhos e ajuda para aluguel

SABINE RIGHETTI

ENVIADA ESPECIAL A ATENAS

Aos 40 anos, a grega V. tem seis filhos e dois netos. Eles são filhos da sua mais velha, solteira como a mãe.

Sem emprego há dois anos por causa da crise econômica que assola a Grécia há pelo menos o dobro desse tempo, V. procurou uma ONG para conseguir alimentar as oito vidas que dependem dela e com as quais divide um cômodo em Atenas.

Há cerca de 500 casos semelhantes a esse atendidos pela ONG SOS Children's Village na Grécia.

São casais ou mães solteiras —recentemente desempregados— que procuram ajuda para pagar o aluguel e comprar material escolar, comida, roupas e remédios.

“Esse tipo de demanda não existia há dois anos. Antes, só atendíamos crianças retiradas da guarda dos pais por maus-tratos”, conta Stergios Sifnios, diretor de trabalho

social da SOS.

A crise que assola o país —e que elevou a taxa de desemprego de 8%, em 2007, para cerca de 18% atualmente— afeta mais quem tem menos dinheiro e mais filhos.

Para conter gastos, as empresas cortam os trabalhadores com menos qualificação.

Segundo a SOS, os casos de abandono de crianças pelos pais não aumentaram na crise. “Os pais que não conseguem manter os filhos pedem ajuda”, diz Sifnios.

Mas os relatos de maus-tratos têm sido mais frequentes. Esses casos costumam estar associados ao uso de álcool e de drogas —que cresce com o desemprego— e a problemas psiquiátricos dos pais.

“As instituições privadas e públicas que cuidam de crianças violentadas estão lotadas”, diz Yannopoulos Costas, fundador e presidente da ONG The Smile of the Child.

Hoje, essa instituição abriga 280 crianças em lares pela Grécia. Nos últimos três

anos, teve de recusar mais de mil crianças por falta de condições para abrigá-las.

Enquanto falava pessoalmente com a **Folha** em um prédio na zona sul de Atenas onde vivem 25 jovens abrigados, Costas recusava, pelo celular, mais uma criança.

Nesse caso, ela foi vítima de abandono. Era uma menina de quatro anos que fora deixada em um hospital no centro de Atenas pelo pai, que é do Sudão e disse que não voltaria para buscá-la.

De acordo com Costas, parte dos abrigos públicos fechou as portas nos últimos dois anos porque o governo está sem dinheiro. Em dezembro, a The Smile of the Child gastou € 1,5 milhão para manter as 280 crianças que abriga e as outras 18 mil que recebem apoio da ONG.

“Apesar da crise, ainda recebemos muitas doações. A Grécia está se unindo para ajudar quem precisa”, diz Costas. “Mas nenhum grego acredita na melhora da economia.”

Argentina investiga prática de cartel por Petrobras e outras petrolíferas

Empresas são acusadas de faturar US\$ 780 milhões por ano com sobrepreço

Janaína Figueiredo

janaina.figueiredo@oglobo.com.br

Correspondente

• BUENOS AIRES. O ministro do Planejamento argentino, Julio De Vido, e o vice-presidente e presidente interino do país, Amado Boudou, denunciaram ontem uma suposta manobra de "cartelização" de preços nas vendas no atacado de diesel, envolvendo as companhias petrolíferas Petrobras, Repsol YPF, Shell, Esso e Oil. Segundo dois dos homens mais importantes do governo da presidente Cristina Kirchner, as cinco empresas "abusam de sua posição dominante" cobrando "sobrepreços" que, em média, superam em 8,4% os valores cobrados no mercado de varejo.

Com esta suposta operação irregular, as companhias, que serão investigadas pela Comissão Nacional de Defesa da Concorrência, obtêm, de acordo com a Casa Rosada, um lucro anual de US\$ 780 milhões.

Procurado pelo GLOBO, o escritório da Petrobras em Buenos Aires não quis comentar as declarações de De Vido e Boudou, à frente do Executivo

argentino desde que a presidente iniciou sua licença médica, na primeira semana de janeiro. A denúncia caiu como um balde de água fria entre representantes da estatal brasileira, que passaram a tarde discutindo o assunto na sede da Petrobras, localizada no centro da capital argentina.

— Queremos que a Comissão Nacional de Defesa da Concorrência investigue, em profundidade, as diferenças de preços no mercado de diesel — declarou De Vido.

Governo mantém guerra particular contra a Shell

O mercado que será alvo desta investigação é amplamente dominado pela Repsol-YPF, que controla cerca de 65% das vendas. Outros 20% estão em mãos da Shell, que há vários anos mantém desavenças públicas com o governo Kirchner. Os restantes 15% se dividem entre a Petrobras (6%), Esso e Oil. Na entrevista realizada ontem no Ministério da Economia, o ministro do Planejamento fez questão de reiterar que, para a Casa Rosada, a Shell é uma empresa inimiga do governo.

— No caso da Shell, apelamos para as autoridades regionais e mundiais, porque (Juan José) Aranguren (presidente da Shell na Argentina) foi um sistemático opositor de todas as políticas deste governo — afirmou ontem o ministro argentino.

A disputa entre o Executivo argentino e a Shell já chegou aos tribunais portenhos. Em fevereiro de 2011, por exemplo, a empresa recorreu à Justiça após a divulgação de uma resolução da Secretaria de Comércio Interior que exigia a anulação de um reajuste entre 2% e 3,6% no preço da gasolina e do diesel. Os problemas começaram em 2005, ano em que o ex-presidente Néstor Kirchner (2003-2007) convocou um boicote nacional contra a Shell em repúdio ao aumento do preço de vários produtos.

A Petrobras, por sua vez, mantém uma boa relação com o governo Kirchner e evita discutir, publicamente, medidas adotadas pelo governo.

— Detectamos diferenças de até 30% entre os preços de atacado e varejo, o que gera uma situação de desigualdade — disse De Vido.

Segundo o ministro argentino, "esta diferença provoca uma grave distorção que afeta o transporte de cargas e passageiros". O governo, assegurou De Vido, "quer comprovar se houve abuso de posição dominante, cartelização ou qualquer outro comportamento irregular. Saber quem são os responsáveis e aplicar as sanções correspondentes". O ministro informou ainda que a denúncia do governo se baseia em informações apresentadas por oito federações do setor de transportes.

Brasil solicitou reunião bilateral, diz imprensa local

A secretaria que fará a investigação é comandada pelo Secretário de Comércio Interior, Guillermo Moreno, o mesmo que está à frente da intervenção do Indec (o IBGE argentino) e que, semana passada, decidiu reforçar o controle às importações, prejudicando, entre outros sócios comerciais, o Brasil. Segundo informações publicadas pela imprensa local, o governo brasileiro solicitou uma reunião de emergência com autoridades argentinas, para discutir a nova ofensiva de Moreno. ■

Cabo Frio sai na frente

Na Região dos Lagos, no Rio, primeiro aeroporto privado lucra com carga e turismo

Henrique Gomes Batista
henrique.batista@oglobo.com.br

Enviado especial • CABO FRIO

Os grupos que ganharam as concessões dos aeroportos de Guarulhos, Viracopos e Brasília não serão os primeiros a operar terminais internacionais privados do Brasil. Uma experiência na Região dos Lagos mostra que é possível um aeroporto ser funcional, lucrativo, com baixos custos e... privado. É claro que os desafios da Costa do Sol, que administra o aeroporto de Cabo Frio são diferentes dos recém-privatizados, que passam às mãos dos novos donos em maio. Em Cabo Frio, os investidores já planejam o crescimento do negócio, com olhos em pré-sal, Copa, Olimpíadas e no potencial turístico de Búzios e região.

No ano passado, o aeroporto de Cabo Frio transportou 140 mil passageiros, obteve uma receita de R\$ 45 milhões, recebeu os maiores aviões cargueiros do mundo e ganhou novos voos regulares. Com isso, a empresa, que já investiu R\$ 35 milhões no projeto, além dos R\$ 50 milhões de investimentos públicos, tornou-se a maior geradora de ICMS na cidade (graças ao aeroporto foram recolhidos R\$ 80 milhões no ano passado) e a empresa chegou, pela primeira vez, no topo do ranking de maior contribuinte de ISS do município.

Aeroporto já é lucrativo

Com três frentes de atuação — cargas, passageiros e apoio offshore para o petróleo, com o embarque diário de quase 500 pessoas em helicópteros — a empresa é, há quatro anos, lucrativa e enxerga um bom potencial para os próximos anos. Mas nem sempre foi assim.

Privatizado pela prefeitura de Cabo Frio em 2001, o aeroporto era focado em turistas. Mas a crise argentina — que tirou turistas internacionais das praias da Região dos Lagos, os atentados do 11 de Setembro e problemas com o tamanho da pista tornaram o aeroporto um "mico", gerando prejuízos mensais, por muitos anos. Diversos sócios saíram do consórcio que administrava o terminal. Mas a inauguração de uma nova pista e o foco em cargueiros fez o aeroporto crescer.

Além de contar com um voo regular de carga semanal de Miami da ABSA — empresa da LAN, agora sócia da TAM — a empresa, que conta com cerca de 500 funcionários, incluindo terceirizados, recebe cerca de 10 voos semanais com cargas, em frete. Trip e Azul voam regularmente para lá — esta última, a princípio, apenas na alta temporada — mas muitos voos *charters* de Argentina, Uruguai e Chile aterrissam lá no verão, chegando a três pousos internacionais por sábado.

Sucesso vem do transporte de carga

Carga é a grande chave do sucesso do aeroporto. Graças à atuação mais ágil dos órgãos federais — Polícia Federal (PF) e Receita Federal — na região, Cabo Frio foi sido escolhido por diversas empresas como porta de entrada de mercadorias no país, tirando espaço do Galeão.

Muitos clientes preferem aqui, porque uma mercadoria pode demorar dez dias para ser liberada no Galeão ou no Porto do Rio. Já tive um cliente que precisava levar umas peças para Angra dos Reis, mas preferiu que a carga viesse para cá em vez de descer no Rio — afirmou o contador Felipe Miranda, que representa seis empresas de petróleo na região.

O aeroporto de Cabo Frio também tem sido usado para alfândega de produtos que chegam pelo Porto do Rio ou pelo Galeão, já que as empresas podem escolher onde querem fazer a aduana. Como o terminal recebe mais material ligado à indústria de petróleo, os procedimentos são acelerados, pois a carga especi-



PISTA DO aeroporto de Cabo Frio: cerca de 140 mil passageiros circularam em 2001 pelo terminal, que recebeu os maiores cargueiros do mundo e faturou R\$ 45 milhões



AEROPORTO COSTA do Sol, em Cabo Frio, no Rio, é o primeiro aeroporto privatizado do Brasil



MONICA NEIVA reclama que falta escada rolante ou elevador

fica não tem que disputar espaço com cargas em geral do Galeão ou dos outros portos do estado.

Fico feliz com este crescimento da carga. A cidade de Cabo Frio tem o direito de pleitear o posto de *hub* (centro de distribuição) de cargas no Estado do Rio — disse Francisco Pinto, um dos sócios da Costa do Sul, ao ser questionado se pretende transformar o aeroporto em uma espécie de "Viracopos fluminense" (o Aeroporto de Campinas é o principal ponto para aviões cargueiros em São Paulo). — Não faz sentido empresas do Rio utilizarem aeroportos paulistas para cargas — completa.

A atividade de *offshore* também está em franca expansão. A atual capacidade de dez helicópteros será triplicada até julho e a Petrobras terá um novo terminal no local. O total de pessoas transportadas passará de 500 para 1.200 por dia. A proximidade com os campos do pré-sal devem fazer a cidade crescer e, com ela, o aeroporto. Para isso, ainda este ano deve sair o projeto de criação de um Condomínio Logístico e Industrial na cidade.

O governo do estado, como a Codin (Companhia de Desenvolvimento Industrial do Rio), está finalizando o acerto da área junto ao aeroporto para este condomínio de empresas. Acredito que ainda neste ano isso será realidade — conta Ricardo Valentim de Azevedo, secretário de Indústria, Comércio, Trabalho e Pesca de Cabo Frio.

Mas como é a experiência privada para os passageiros? Cátia Silva, moradora de Cabo Frio, gosta da funcionalidade do local.

— As malas chegam logo e o embarque não tem muita complexidade.



FELIPE MIRANDA, despachante, elogia: mercadorias são liberadas rapidamente

A ex-pecuarista Mônica Neiva, moradora de São Paulo, sempre utiliza o aeroporto para chegar mais rápido à sua casa em Búzios. Embora goste do aeroporto, sente alguns problemas:

— Tudo funciona bem, mas faltam alguns itens, como escada rolante ou elevador para o segundo andar, onde está a lanchonete.

Mas isso pode mudar em breve se um novo projeto da Costa do Sol sair: transformar Cabo Frio em um portal de aviação executiva, com foco na Copa e nas Olimpíadas. A ideia é dividir com o Galeão o recebimento de voos internacionais, sejam fretados ou executivos. Após todo o desembarço no local, os aviões poderiam pousar diretamente no Santos Dumont, que não é um terminal internacional.

— Em todas as Copas e Olimpí-

das, sempre houve problemas com estes voos. Nossa ideia é resolver isso, criando um pátio para até 300 aviões, que ficariam estacionados aqui durante o evento, além de permitir o recebimento de voos e passageiros. Para isso, criáramos um novo terminal de passageiros, mais amplo e confortável — afirma Francisco Pinto, da empresa que administra o aeroporto.

Assim, Cabo Frio ganharia uma nova estrutura para avançar no recebimento de passageiros — que deve ser impulsionado com a criação do Club Med na região, o que pode atrair outros quatro grandes hotéis para a localidade — e o terminal funcionaria como uma nova forma de entrada do país para voos fretados e executivos, que poderia até mesmo desafogar


Guarulhos em dias de pico em São Paulo, como em dias de Fórmula 1.

— Este projeto está pronto, estamos conversando com o governador e com a CBF. Acredito que tem tudo para sair, será bom para o país e vai dar um salto na qualidade do estado e da cidade — afirmou Azevedo, da prefeitura local.

Para Pinto, da Costa do Sol, o aeroporto de Cabo Frio é um exemplo de como a iniciativa privada consegue dar respostas rápidas e eficientes nos terminais aéreos. Ele afirma que a estrutura do local é, hoje, melhor que a do Aeroporto de Vitória, no Espírito Santo, que não chega a ser muito maior que o de Cabo Frio e que já recebeu centenas de milhões em investimentos. Ele lembra que as obras privadas costumam ser mais baratas que a públicas e que empresas privadas são mais hábeis para criar fontes alternativas de renda. Enfim, justamente os argumentos dos grupos que pagaram ágios de mais de 600% nos aeroportos privatizados no começo de fevereiro.

Pinto acredita que a concessão dos aeroportos será um sucesso e que a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) será fundamental neste processo, criando um ambiente de negócio e de operações que permitirá um novo salto de qualidade na aviação civil brasileira. Entusiasta das privatizações, Pinto acredita que aeroportos pequenos podem estar no radar da companhia, que, recentemente, recebeu a entrada do Grupo Libra, dono de um terminal portuário no Rio de Janeiro, que agora detém 60% da Costa do Sol.

— Há vários aeroportos pequenos no país que hoje são considerados inviáveis e que podem ser mais lucrativos — resume o executivo. ■

 A NBA reúne suas estrelas no próximo fim de semana em Orlando, mas nenhuma está mais brilhante do que a do “Michael Jordan” do Oriente.

Jeremy Lin surgiu como um cometa reluzente em um punhado de jogos pelo New York Knicks, tornando-se um astro tão iluminado que já é capaz de ofuscar as maiores estrelas da liga.

Linsanity, como é chamado entre dezenas de trocadilhos, já é comparado a LeBron James e Kobe Bryant, dois dos principais concorrentes ao prêmio de MVP (melhor jogador) da temporada. E não fica muito atrás, como mostram os números comparativos nesta página.

Mas, por ter aparecido nos céus da NBA apenas nas últimas partidas, ele nem teve tempo de ser escolhido para o All-Star Game que acontece neste domingo, em Orlando, na Florida.

Ao menos, a liga teve a sensibilidade de incluí-lo de última ho-

ra no jogo dos calouros, que será na sexta-feira e deverá ter a participação do brasileiro Tiago Splitter – que se lesionou no sábado, e não tem retorno definido.

Há ainda uma chance de Lin ganhar um convite para o jogo principal do All-Star, já que o titular do time do Leste, Derrick Rose, está

**No All-Star Game,
Lin pode substituir
Derrick Rose, que
está machucado**

machucado e ficou de fora das últimas partidas do Chicago Bulls.

Pelo que mostrou nos últimos jogos pelo Knicks, Lin não pode ficar fora do All-Star. Afinal, um fenômeno raro como esse, de um jogador que saltou da mediocridade para o estrelato, não pode ver a festa maior da NBA pela televisão.

SUSTO COM A INFLAÇÃO NA 'CALLE' FLORIDA

Brasileiros ainda são maioria entre os turistas na Argentina, mas os preços já não atraem tanto

Ariel Palacios
CORRESPONDENTE
BUENOS AIRES

Ustéde tchiéne casacos de cuero?

A pergunta, pronunciada em português com sotaque carioca em uma loja da tradicional Calle Florida, em Buenos Aires, foi disparada por Sarah Albuquerque, dona de casa do Leblon que aproveitou o feriado de carnaval para visitar a capital argentina na companhia de outras três amigas.

"Estou amando esta cidade!", exclamou enquanto abria a carteira para pagar em dólares um casaco que couro que dificilmente usará no calor do Rio de Janeiro.

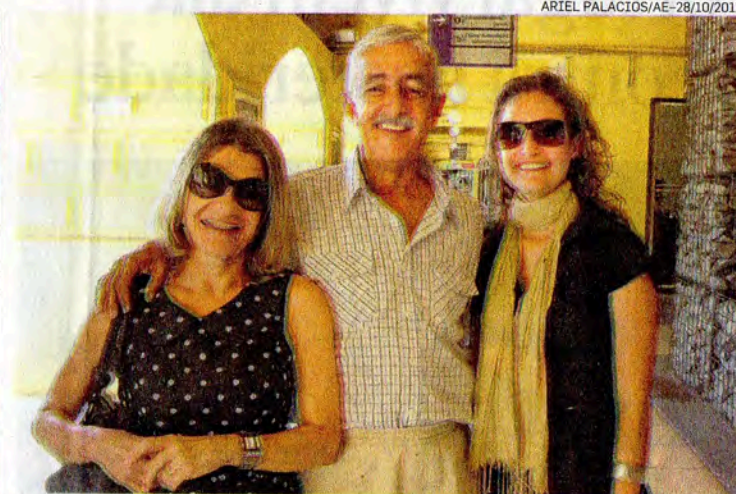
"Custou US\$ 230, uma bagatela", explicou. "Usarei poucas vezes na minha cidade, mas vale a pena, o acabamento é finíssimo". Sarah era apenas uma entre os milhares de turistas brasileiros que aproveitaram o feriado do carnaval para visitar a Argentina. Buenos Aires transformouse no principal destino dos brasileiros em sua primeira viagem ao exterior.

A última medição oficial sobre o fluxo de turistas estrangeiros na Argentina indicou que em dezembro passado os brasileiros representaram 22,2% do total de visitantes estrangeiros. Estimativas extraordinárias indicam que um milhão de brasileiros estiveram na capital argentina no ano passado.

Depois de sair da loja, enquanto Sarah e as companheiras de viagem caminhavam pelo trecho da rua Florida, entre a avenida Córdoba e a rua Paraguay, vendedores dos comércios de couro e pullovers da área improvisavam no português para fazer publicidade de suas ofertas.

"Os brasileiros tem dinheiro, vem aqui principalmente para comprar, e gastam muito! Temos que aproveitar essa boa vontade de nossos vizinhos e suas carteiras generosas", comenta o comerciante Pablo Negri. Ele interrompe os comentários ao detectar uma potencial cliente brasileira na rua. "Boa tárdgi! Nóish temos roupa dgí coro!", pronuncia tentando imitar o sotaque brasileiro, enquanto estende a mão à turista para entregar um cartão com o endereço da loja.

Turismo. Os especialistas afirmam que Buenos Aires transformou-se em um ponto de interesse para os turistas brasileiros por vários motivos. Um dos principais seria a proximidade geográfica do Brasil, que torna a capital argentina um ponto no exterior de rápido acesso para uma viagem durante um fim de semana ou feriado. Outro fator é a semelhança do idioma, o que facilitou



Conta. Os Cavalcanti gostaram dos preços dos restaurantes

ta a compreensão entre visitantes e nativos. A capital argentina também atrai pelo que os turistas brasileiros denominam de "charme europeu" da arquitetura local.

Além disso, especialmente ao longo da última meia década, graças à valorização da moeda brasileira, a Argentina tornou-se barata. Esta qualidade, no entanto, está gradualmente perdendo terreno, já que a inflação argentina provocou uma disparada dos preços nos últimos dois anos. Embora a inflação oficial elaborada pelo governo da presidente Cristina Kirchner desde 2010 indique

um aumento acumulado inferior a 18%, os economistas independentes afirmam que nos últimos 24 meses a escalada inflacionária chega a quase 60%.

Os casacos de couro que custavam entre US\$ 93,00 e US\$ 140,00 há um ano, hoje custam de US\$ 160 a US\$ 350,00. Ainda assim, os brasileiros gastam em média US\$ 160 por dia na Argentina, mais que o dobro da média de US\$ 72,20 que os turistas costumam gastar no país.

Entre os produtos mais procurados pelos brasileiros estão os artigos de couro, roupas e calçados. Também são muito procura-

dos os vinhos, chocolates e tradicionais "alfajores".

Os baianos Cleide, Walte Priscila Cavalcanti desembarcaram na capital argentina quarta-feira e partiram o fim de semana da cidade. Para resumir sua primeira visita ao país usaram uma simples palavra: "Adoramos!", disse Cleide. Para ela, a cidade "inspira cultura". Eles elogiaram a qualidade e os preços dos restaurantes. Só não gostaram de um detalhe: "Os argentinos acham que o Maradona é melhor que o Pelé".

João Souza Sales, sua mulher Joana D'Arc e seus filhos Patrícia e Patrick viajaram de Brasília, acompanhados por Diana Soares, de Manaus. Os Sales estavam em sua quarta visita à Buenos Aires desde 2006. Notaram que os preços aumentaram gradativamente, e dispararam desde 2010. "Tenho pena dos argentinos", disse Joana D'Arc.

Mariano, vendedor de uma loja de roupa masculina na avenida Santa Fe, diz que os turistas brasileiros sempre pedem desconto: "Sempre tenho de explicar que na Argentina, o desconto é coisa rara...".

Grande retrospectiva mostra potência cromática de Chagall

Com 150 obras em dois museus de Madri, mostra foca artista que não se enquadrou em nenhuma vanguarda

Judeu russo que se radicou em Paris, Chagall pintou seres fantásticos e teve pleno domínio das cores

SILAS MARTÍ
ENVIADO ESPECIAL A MADRI

Em intervalos curtos de tempo, na virada para a década de 1920, Marc Chagall pintou uma casa cinza e depois uma azul. Três décadas depois, mergulhou o mundo em tons azulados e, mais tarde, em vermelho sanguíneo.

Toda a potência cromática do artista russo, que morreu aos 97 anos em 1985, aparece com força na primeira retrospectiva dedicada a ele na Espanha. A mostra está dividida entre os espaços Thyssen-Bornemisza e a Fundação Caja Madrid.

Nas 150 obras espalhadas pelos dois museus, fica claro como Chagall arquitetou um universo paralelo em sua trajetória e teve pleno domínio da cor. Sobrevivente das duas grandes guerras do século 20, o judeu russo que se radi-

cou em Paris não se enquadrou em nenhuma vanguarda e expurgou em telas oníricas os horrores do qual foi testemunha.

Já no começo da carreira, anos antes da Revolução Russa — que levou, por tabela, à renovação do pensamento plástico naquele país —, Chagall rompeu com o construtivismo de Kazimir Malevitch (1878-1935) e flertou com proposições impressionistas e expressionistas, distante da tradição judaica que não permitia a figuração.

VACAS E AMANTES

Logo suas vacas e amantes, temas constantes em sua obra, passam a flutuar em planos surreais. Vilas como Vitebsk, onde nasceu, foram reconfiguradas em cores vibrantes, rotas incertas e escala distorcida, como se as dimensões de tudo o que retratava dependessem de uma espécie de hierarquia afetiva.

Desse jeito, uma vaca enorme pode guardar um casal de amantes no flanco; a figura de um anjo, plasmada a partir das telhas vermelhas das casas de uma vila, pode se de-

bruçar sobre uma cidade.

São seres fantásticos que desfilam por alegorias de cor intensa. Azul e vermelho dominam muitas de suas composições. Há o contraste entre o sono profundo de casais apaixonados, que parecem se perder nas nuvens, e paixões faiscantes em terra, com flores, sol de raios rubros e mulheres que aparecem cavalgando galos gigantesco.

UNIVERSO PARALELO

Chagall nunca explicou as repetições em seus quadros de galos, peixes, vacas, violinistas, poetas e amantes. Mas suas feras fantásticas habitam sem conflitos esse vasto universo paralelo, livre dos horrores da guerra e mais próximo do sonhos.

Talvez por isso tenha feito tantas composições semelhantes em tons distintos, como se reavaliasse sua visão de mundo de acordo com um filtro cromático do momento. Algo entre a paz e possíveis pesadelos.

O jornalista **SILAS MARTÍ** viajou a convite do Escritório de Turismo da Embaixada da Espanha e da Arco.

Choque de realidade

Após feriadão, cariocas enfrentam sufoco em carros e ônibus, no metrô e nos trens

Isabela Bastos, Ludmilla de Lima e Rafaela Santos
grandetrio@globo.com.br

Marcos Tristão

Depois de três dias de feriadão, a segunda-feira foi um triste choque de realidade para o carioca, que enfrentou o caos na chegada ao trabalho. A interdição pela prefeitura de parte da Rua Primeiro de Março, para as obras do Porto Maravilha, deu um nó no trânsito, com reflexos no Aterro do Flamengo, na Ponte Rio-Niterói e no Elevado da Perimetral. Com a pista do viaduto (sentido Zona Sul) praticamente parada durante toda a manhã, a impaciência tomou conta de passageiros de ônibus, que abandonaram os coletivos e seguiram a pé sob sol forte. Ruas da Lapa e arredores ficaram lotadas de carros, e motoristas tentaram fugir dos congestionamentos por Santa Teresa. Como se não bastasse, quem tentou chegar ao Centro de metrô ou de trem enfrentou interrupções e panes nesses serviços.

O prefeito Eduardo Paes fez uma avaliação negativa do primeiro dia útil da interdição na Primeiro de Março — que começou no sábado — e prometeu reforço no esquema especial para orientar motoristas. Segundo ele, a prefeitura esperava transtornos, mas não com essa magnitude.

— Essa interdição não era mais complicada do que as outras que já fizemos. Nesse caso não se aplica a história de quebrar os ovos para fazer um omelete. O problema foi de operação mesmo — disse Paes.



TRÂNSITO CAÓTICO: passageiros abandonam os ônibus e caminham entre carros e motos, no Elevado da Perimetral, tentando escapar do engarrafamento no Centro

Operação começará de madrugada

Para tentar amenizar os congestionamentos, a CET-Rio aumentou, ainda na tarde de ontem, de 30 para 40 o número de operadores de trânsito no local da interdição. Além disso, agentes farão plantão, a partir da madrugada de hoje, para evitar que carros e caminhões estacionem em áreas proibidas. Ontem, segundo a presidente da CET-Rio, Claudia Secin, uma carreta e duas caçambas deixadas na rua atrapalharam a fluidez do tráfego. Ela atribuiu o caos ainda à falta de informação dos motoristas e à volta do feriadão.

— Muita gente voltou do feriado hoje e vimos motoristas confusos, parando para pedir informações. Isso ajudou a formar uma onda de choque que, ao chegar ao Trevo dos Estudantes (na Avenida Beira-Mar), travou o trânsito de quem vinha da Perimetral para o Centro e a Zona Sul. Acreditamos que, com os ajustes na operação e os motoristas se habituando às mudanças, a situação vá melhorar ao longo da semana.

Por volta das 9h, o engarrafamento na Ponte (sentido Rio) começava antes da grande curva e prosseguia pelos elevados do Gasômetro e da Perimetral e pela rampa de descida para a Zona Portuária. Os engarrafamentos mobilizaram internautas nas redes sociais, e a Perimetral acabou figurando em quarto lugar entre os dez assuntos mais citados no Twitter no Rio. Na Perimetral, passageiros desceram do elevador pelo acesso próximo à Candelária, numa romaria sob sol escaldante. O vendedor Celso Freitas suava a camisa para chegar ao trabalho, na Avenida Rio Branco. Morador de São Gonçalo, de onde saiu às 8h30m, ele lamentou não ter usado as barcas para chegar ao Rio, apesar dos recorrentes problemas no sistema aquaviário. As 11h, ele ainda estava na Perimetral.

— Essas obras estão dando um nó na cidade. E ainda vou chegar suado ao trabalho — disse o vendedor, na Candelária, depois de meia hora de caminhada.

Até quem estava na contramão do rush matinal, precisando sair do Centro em direção à Zona Norte ou a Niterói precisou ter paciência. Como 27 linhas de ônibus municipais e intermunicipais tiveram sua rota modificada pelas interdições, e os ônibus ficaram presos no engarrafamento, a viagem se tornou mais longa. Muitos motoristas reclamaram ainda terem sido surpreendidos.

— O trânsito está todo parado desde o Aterro. Eu tinha que passar pela Rua Dom Gerardo. Mas o caminho foi fechado. Vou ter que perguntar o que fazer a algum guarda — contou a motorista Carla Dondeco.

Os transtornos foram sentidos

CONHEÇA AS MUDANÇAS NO TRÂNSITO



Foto do leitor Levindo Carneiro



EU-REPÓRTER

A ESTAÇÃO General

Osório do metrô completamente vazia: trecho entre Copacabana e Ipanema ficou fechado meia hora devido a problema na sinalização da rede

também no Aeroporto Santos Dumont, onde passageiros enfrentaram uma longa fila para pegar táxis. Com os veículos presos nos engarrafamentos, a oferta era escassa.

A interdição na Primeiro de Março é a terceira grande modificação no trânsito do Centro e da Zona Portuária desde outubro. Ela chegou a ser anunciada para novembro pela prefeitura, mas foi adiada para janeiro para coincidir com as férias

escolares. O fechamento de parte da rua visa a permitir a perfuração de um túnel sob o Morro de São Bento, que fará parte da Avenida Binário. Quando for reaberta em dezembro, a Primeiro de Março passará a funcionar como rampa de acesso ao novo túnel e à nova avenida.

No metrô, passageiros também enfrentaram transtornos ontem de manhã, devido a duas panes no sistema. As estações General Osório,

Cantagalo, Siqueira Campos e Cardeal Arcoverde ficaram fechadas por meia hora. Segundo a concessionária Metrô Rio, a paralisação foi necessária por questões de segurança, após uma falha na sinalização automática. A interrupção causou reflexos nos demais trechos, e os trens ficaram parados na linha por 20 minutos. Mais cedo, por volta de 8h40m, os usuários já tinham enfrentado problemas no metrô. Uma falha no

fechamento de uma das portas de uma composição que ia para a Pavuna fez com que passageiros tivessem que desembarcar na estação Glória.

O advogado Luís Pacheco, que trabalha na Cinelândia, chegou mais de trinta minutos atrasado ao escritório. O trem ficou parado cerca de trinta minutos entre as estações Carioca e Urugualana, no Centro.

— A única coisa que informaram aos passageiros foi que o metrô estava parado, aguardando liberação — contou Pacheco.

No metrô, suplício até a Cinelândia

Já o analista de sistemas Daniel Serrano pegou o metrô às 8h, na Pavuna, e só conseguiu chegar à Cinelândia às 11h30, ou seja, três horas e meia depois. Segundo ele, a viagem, em condições normais, levaria cerca de 40 minutos. Serrano conta que o metrô parou várias vezes no trajeto, sem que os passageiros soubessem o que estava ocorrendo.

— Peguei um metrô sem ar-condicionado e tive que descer duas vezes, no Maracanã e em Del Castilho, para tomar ar e, assim, tentar continuar a viagem — disse o analista.

A concessionária Metrô Rio disse que às 11h50m todos os problemas tinham sido resolvidos e os intervalos, normalizados. A Agência Reguladora de Transportes (Agetransp), que fiscaliza o metrô, informou que instaurou processos e enviou fiscais para apurar os motivos dos incidentes.

Na SuperVia, a manhã também foi marcada por transtornos. Durante uma vistoria numa composição do ramal de Santa Cruz, os passageiros tiveram que trocar de trem por duas vezes. Segundo a concessionária, a fiscalização é rotineira, para que sejam feitos ajustes técnicos e mecânicos. A empresa informou ainda que o trem não precisou ser retirado de circulação e logo voltou a operar.

Ainda de acordo com a concessionária, os passageiros foram retirados para que não ficassem esperando o fim da manutenção. A SuperVia informou também que os usuários, quando são obrigados a trocar de trem, aguardam na mesma plataforma a composição substituída. A vistoria não teria provocado atrasos significativos no ramal. ■

COLABORARAM Ana Carolina Torres e Clarissa Monteagudo (do Extra) e Fernanda Baldotti

© GLOBO NA INTERNET GALERIA Confira fotos do caos no trânsito provocado pelas obras na Zona Portuária globo.com.br/rio

CAPITAL DA revolução

Em Homs, na **Síria**, é o governo de Assad que se queixa de ser alvo da violência de forças **rebeldes**

KAREN MARÓN
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,
EM HOMS (SÍRIA)

Uma rodovia de duas pistas ladeada por plantações de oliveiras, trigo e cevada é a primeira imagem da entrada de Homs, um dos centros da rebelião na Síria, prestes a completar um ano.

Mas a tranquilidade é apenas aparente. Precários postos de controle militar estão protegidos por pilhas de sacos de areia; outros são feitos com chapas de alumínio.

Em cada um há dois ou três soldados do governo e um civil armado, desempenhando funções de controle.

À esquerda o monte Líbano se eleva, a 20 km de distância, um dos corredores da entrada de armas para os rebeldes, muitas vindas de território libanês.

Em Homs, o regime do ditador Bashar Assad tem tido dificuldade em manter a situação sob controle, mesmo tendo enviado tanques.

Ativistas de oposição apontam a ocorrência de massacres cometidos pelo governo. A imprensa internacional tem acesso restrito à cidade.

LIXO NAS RUAS

As ruas conservam seu movimento, mas na Al Ghota — a avenida principal, onde está encravado um bairro misto de cristãos e muçulmanos — todos os estabelecimentos comerciais estão fechados.

Alguns proprietários que vivem do outro lado da cidade têm medo de deslocar-se, em razão dos ataques e dos sequestros.

Outros dizem que aderiram à greve geral na cidade, mas porque foram obrigados por grupos armados.

Em compensação, o mercado (“souk”) da cidade vibra ao ritmo de seus comerciantes e dos compradores. Muitas mulheres vestem o “hijab”, véu islâmico.

O cenário infunde certa aparência de normalidade à cidade, embora as ruas este-

jam cheias de sujeira porque os lixeiros têm medo de serem atacados enquanto fazem seu trabalho.

No Hospital Militar de Homs, forças de segurança do regime que dizem ter sido alvos de rebeldes mostram a situação tensa que vive o regime na cidade.

A **Folha** foi levada até lá pelo governo, interessado em mostrar vítimas entre suas tropas.

Mohammed Fuad, 22, está deitado num leito, com a cabeça ferida e queimaduras graves nas duas mãos.

Um grupo armado não identificado interceptou seu veículo e disparou aberta-

“Aumentaram os disparos na cabeça e na parte superior do corpo”

ALI MOHAMMED ASSI
diretor do Hospital Militar

mente, sem dar tempo aos soldados de se defenderem. Foi uma emboscada, segundo ele, na qual se usaram pistolas e explosivos.

Do outro lado do quarto, Mohammed Alush, 35, distribuidor de verduras, encontra-se em situação delicada.

Seu braço e suas pernas foram destroçados em um tiroteio. Ele foi levado ao hospital porque não há leitos disponíveis nos centros de saúde para civis.

Alush, que estava em sua camioneta entregando batatas, foi interceptado no bairro de Tal Alshar.

Três mascarados cruzaram com o veículo e dois começaram a disparar.

“Não entendemos o que está acontecendo aqui”, disse à **Folha** em voz baixa. “Queremos que a paz e a segurança voltem.”

Alush é casado, tem quatro filhos e é alauíta, ramo do islã seguido por Assad.

Quando se pergunta a Alush se o ataque tem algo a

ver com sua religião, ele não sabe explicar.

FERIDOS

“Desde o início dos incidentes, recebemos entre 15 e 20 feridos diariamente, e 785 soldados já saíram mortos daqui”, afirmou à **Folha** o general de brigada e médico Ali Mohammed Assi, diretor do Hospital Militar.

“Cerca de 85% dos pacientes são homens. Num primeiro momento recebíamos feridos a balas, mas nos últimos meses estamos recebendo pessoas com lesões provocadas por estilhaços de explosões de lança-granadas e outros artefatos”, diz.

O próprio hospital exibe sinais de disparos em sua fachada.

“O que vem aumentando nos últimos tempos são os disparos na cabeça e na parte superior do corpo. É a especialidade dos franco-atiradores”, comenta Assi.

Tradução de CLARA ALLAIN

País rejeita plano da Liga Árabe para a saída do ditador

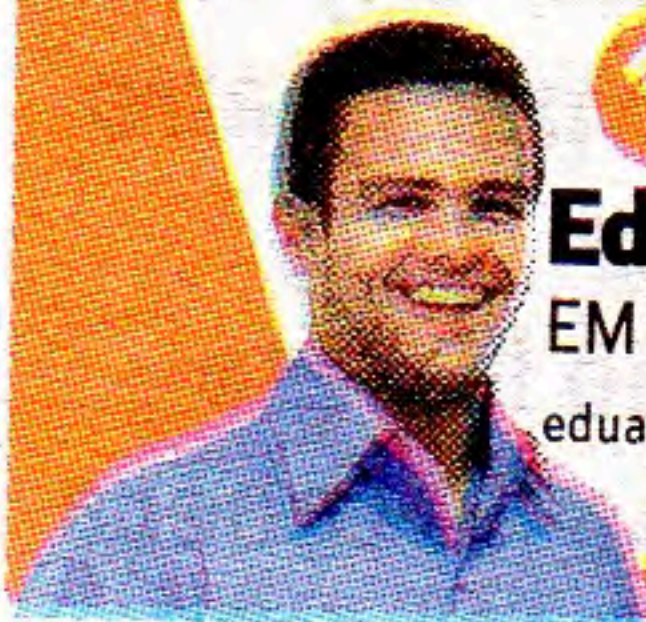
DAS AGENCIAS DE NOTÍCIAS

A Síria rejeitou ontem o pedido da Liga Árabe pela saída do ditador Bashar Assad. O governo sírio tachou o plano de “complô e violação da soberania”, segundo a agência Sana.

Reunidos no Cairo, no domingo, os ministros da Liga Árabe exigiram que Assad transferisse o poder ao seu vice, Farouk Charaa, em duas semanas. Também foram propostas eleições para um governo de união nacional.

A Liga pressiona o regime sírio, em meio a crescente cerco internacional pelo fim da violência no país. Desde março de 2010, 5.000 morreram na Síria.

Enviado especial



Eduardo Mendes

EM SUCRE (BOL)

eduardomendes@lancenet.com.br

● O Flamengo completa hoje uma semana de treinos na Bolívia e comemora os resultados do planejamento traçado ainda no fim do ano passado. Se o clube projetou dez dias para se adaptar à altitude de Potosí antes de estreiar na primeira fase da Libertadores, os jogadores já se consideram, antes mesmo do prazo estipulado, ambientados ao ar rarefeito das cidades bolivianas.

– Nos sentimos bem melhor. Tirando quem chegou hoje (ontem), todos estão bem. Em Potosí só é mais frio, mas isso não mata ninguém – disse o volante Willians.

A logística traçada pela comissão técnica e pela diretoria rubro-negra foi elaborada por meio de uma empresa contratada pelo Fla que também presta serviços para outros clubes brasileiros.

O Rubro-Negro, porém, é o primeiro cliente que optou por fazer

uma pré-temporada no local.

Em anos anteriores, Palmeiras e Cruzeiro também fizeram a escolha por esse grupo, mas chegaram a Sucre apenas alguns dias antes da partida contra o Real Potosí.

Outro diferencial do Flamengo foi o treino realizado no Estádio Victor Agustin Ugarte, no domingo. Depois de cinco dias trabalhando a uma altitude de 2.700 metros, os rubro-negros estiveram pela primeira vez nos 4 mil metros de Potosí.

Além das atividades planejadas dentro de campo, fora das quatro linhas o clube também se organizou. O hotel no qual os jogadores estão concentrados em Sucre foi fechado exclusivamente para o Fla.

Mais do que garantir privacidade aos jogadores, o clube conseguiu estabelecer, por meio do restaurante do local, um cardápio exclusivo que respeita a dieta elaborada pelo nutricionista rubro-negra.

O Flamengo ainda monitorou o seu adversário. Na quarta-feira passada, o clube enviou um fotógrafo e um cinegrafista para registrar o amistoso do Real Potosí com um time local no Agustin Ugarte.

Resta saber, agora, como esse planejamento irá influenciar em campo no duelo de amanhã.

Uma moeda dada pela filha se transformou no grande amuleto de Thomas Langmann, produtor do grande vencedor do Oscar, *O Artista*, vencedor de cinco estatuetas, entre elas a de filme, diretor e ator. "Eu a emprestei ao Jean Dujardin momentos antes de ele ser anunciado vencedor entre os atores e, depois, guardei no meu bolso, esperando a minha vez", disse ele. "Fizemos um tributo ao cinema, especialmente o americano, mas não esperávamos tanto carinho em retorno."

Na verdade, o grande amuleto de *O Artista* é um senhor ligeiramente calvo, que já foi mais gordo e que aplicou um beijo na face de Langman antes de subir os degraus da fama até o almejado Oscar. Trata-se do produtor Harvey Weinstein que, além do feito de conseguir prêmios importantes para um longa mudo e em preto e branco, faturou ainda com a premiação de melhor atriz para Meryl Streep (*A Dama de Ferro*) e com a escolha de *Undeclared* como melhor documentário de longa-metragem, premiações surpreendentes, pois outros eram favoritos.

"Harvey foi um dos principais incentivadores do filme, acreditando que poderíamos estar aqui", disse Langmann. "Mesmo sem nos conhecer, ele foi à França um mês antes do Festival de Cannes, assistiu ao longa, riu muito e resolveu apostar suas fichas."

Weinstein, de fato, é um jogador nato, especialmente quando aposta em filmes com perfil de azarão. No ano passado, ele também saiu vencedor com os prêmios ao seu *O Discurso do Rei* e, em 2003, foi o principal articulador para que *Cidade de Deus* - que fora ignorado no ano anterior pela Academia na categoria de filme estrangeiro - desse o primeiro passo para se tornar um sucesso mundial ao ser indicado em quatro categorias para o Oscar, inclusive a de filme.

Harvey e seu irmão Bob precisavam de um grande êxito. Com dívidas crescentes, eles foram obrigados a vender o acervo da companhia de 250 filmes ao Goldman Sachs, um dos maiores bancos de investimento do mundo por US\$ 50 milhões, algo como queimar os móveis para manter o ambiente aquecido. Também receberam um crédito de US\$ 75 milhões de outros investidores, a Ziff Brothers. Na semana passada, os Weinsteins saldaram a dívida ao pagar com um crédito de US\$ 150 milhões, ainda que boatos no mercado sussurrem que eles já fizeram novo empréstimo, agora de US\$ 200 milhões.

O céu também clareou para a equipe de *O Artista* com a premiação de domingo. O diretor Michel Hazanavicius, por exemplo, anunciou que pretende refilmar

Por trás de
O Artista,
vencedor
do Oscar,
está
Harvey
Weinstein,
hábil
criador de
sucessos

ENTEN

COO

The Search, longa dirigido por Fred Zinnemann em 1948 e estrelado por Montgomery Clift. No Brasil, chamou-se *Perdidos na Tormenta*. "É um melodrama com fundo político, mas acredito que ainda é atual", afirmou.

Já o ator Jean Dujardin parecia ainda estar no ambiente do filme, pois pouco falava e só jogava charme para as mulheres - na verdade, escondia com seu largo sorriso a dificuldade de falar inglês. Ele reconheceu ter dito um palavrão durante o discurso de agradecimento. "Estava muito empolgado e não percebi", justificou ele, confessando ter realizado uma interpretação emotiva e não racional em *O Artista*. "Assisti a vários filmes, especialmente de Douglas Fairbanks e Gene Kelly como inspiração." Dujardin garantiu ainda que pretende seguir carreira no cinema americano. "Nem que seja em outro filme mudo."

Legado já começou!

TRANSFORMAÇÃO A 150 dias da Olimpíada, Londres já usufrui das mudanças na cidade com a revitalização de Stratford, em East London, no epicentro dos Jogos

Enviado especial



Thiago Rocha
EM LONDRES (ING)
thiagor@lancenet.com.br

A chegada em Stratford já sugere um bairro em radical transformação. O vagão do trem ou do metrô serve de mirante para o Parque Olímpico, perímetro que concentra as principais instalações dos Jogos de Londres, com início daqui a exatos 150 dias. Na saída da estação, pomposa e cheirando a nova, um intenso canteiro de obras bloqueia a visão para o novo termi-

nal de ônibus. Ao lado, uma escadaria dá acesso ao Westfield Stratford City, um shopping center nababesco (leia mais abaixo). Nada mau para uma região até pouco tempo conhecida como Outcast London – Londres rejeitada, em português.

Stratford é um dos distritos de East London, a área escolhida para simbolizar o legado que a Olimpíada deixará na cidade inglesa. A revitalização segue em ritmo acelerado para que as favelas, os galpões abandonados, os leitos de rio poluídos e o desemprego sejam parte do passado de um bairro com 8 mil habitantes, e com estimativa para abrigar 20 mil nos anos seguintes aos Jogos.

OLANCE! esteve em Stratford no último dia 10, quando participou de

População no bairro pode subir de 8 mil para 20 mil após os Jogos Olímpicos

um tour com quase 40 jornalistas do mundo todo para ver as obras, em fase de conclusão no Parque Olímpico, a grande vedete do legado. O local se transformará num dos maiores parques públicos da Europa – passará a se chamar Parque Olímpico Rainha Elizabeth, em homenagem aos 60 anos de reinado de Elizabeth II.

Por mais de duas horas, a reportagem percorreu ruas (e foi difícil

achar quarteirão que não tivesse tapumes ou operários em ação) e conversou com moradores e comerciantes. Em geral, o otimismo prevalece.

– Agora posso fazer compras no meu lugar preferido – comemorou David Smith, de 43 anos, que circulava com sacolas de compras da Waitrose, sofisticada rede de supermercados da Inglaterra, que abriu uma loja no novo shopping center.

As obras são para modernizar, mas preservam características da “velha” Stratford. Na Broadway, uma das principais avenidas, o comércio local segue inalterado, e ainda ganhou como acesso um viaduto para quem vem de outros distritos.

Antes ignorado por turistas, East London vem mostrando vocação pa-

ra a vida noturna. Pubs e restaurantes das mais diversas especialidades fincaram bandeira por lá. Passou a ser também área cultural alternativa de Londres, com muitos artistas plásticos e músicos. Nesses quesitos destaca-se Brick Lane, reduto de indianos e bengalis, de Bangladesh.

Esse novo panorama corrobora com o discurso de David Cameron, primeiro-ministro britânico, apesar do futuro indefinido de algumas instalações após os Jogos (leia ao lado).

– As sedes não apenas já estão de pé e funcionando, como já têm um futuro. E podemos ter muito orgulho disso – disse, ao jornal britânico “The Independent”, em janeiro.

Definitivamente, a Olimpíada já começou em Londres.

Decisão tem relação com dispositivo que permite a Atenas impor a credores desconto em seus títulos

Notícia vem no mesmo dia em que Parlamento alemão aprova sua participação no pacote de ajuda à Grécia

RODRIGO RUSSO
DE LONDRES

A agência de classificação de riscos Standard & Poor's rebaixou ontem à noite a nota da Grécia para a categoria de calote seletivo.

A justificativa são os termos que o país oferece para o acordo com os credores do setor privado.

A Grécia implementou a chamada cláusula de ação coletiva, dispositivo que permite ao país —ao obter as respostas de 50% dos credores, com dois terços favoráveis ao perdão voluntário— forçar os demais a também aceitar as perdas.

A própria agência admite, contudo, que elevará a classificação do risco da Grécia para “CCC”, nota que ainda demonstra risco de inadimplência, caso esse acordo seja bem-sucedido.

O presidente do conselho de ministros das Finanças da zona do euro, Jean Claude Juncker, rapidamente enviou um comunicado à imprensa declarando que esse rebaixa-

mento já estava previsto e foi levado em consideração pelas autoridades na elaboração do plano.

A Grécia tem até o dia 12 de março para concluir a operação com os credores, uma das exigências da “troica” (Banco Central Europeu, Comissão Europeia e Fundo Monetário Internacional) para a liberação de um novo auxílio financeiro.

ALEMANHA

Também ontem, mesmo com a opinião pública reticente, o Parlamento alemão aprovou a participação do país nesse segundo pacote de resgate à Grécia.

Com isso, a Alemanha deve contribuir com € 36 bilhões dos € 130 bilhões que

serão emprestados a Atenas para que o país consiga evitar um calote, ao menos no curto prazo. No dia 20 de março, a Grécia precisa pagar parte da dívida, de € 14,5 bilhões.

Há duas condições para que a parte alemã do empréstimo seja efetivada: a Grécia deve implementar as reformas e medidas de austeridade que prometeu e o acordo com os credores privados precisa ser bem-sucedido.

Em seu discurso para defender o empréstimo, a chanceler Angela Merkel declarou que, embora haja riscos e o pacote possa não ser a solução definitiva, é preciso manter a zona do euro intacta.

“A Europa fracassará se o euro fracassar. A Europa vencerá se o euro vencer”, afirmou. Sua coalizão, contudo, já tem dúvidas sobre a moeda única continuar na Grécia.

No fim de semana, o ministro do Interior, Hans-Peter Friedrich, declarou à revista “Der Spiegel” que o país mediterrâneo teria mais chances de recuperar sua economia se abandonasse o euro. Pressionado, Friedrich voltou atrás e votou favoravelmente ao empréstimo.

Nesta semana, os líderes europeus se reunirão para discutir aumento do fundo europeu permanente de resgate a países em crise.

“ Se um número suficiente de credores não aceitar a oferta, acreditamos que a Grécia deva enfrentar um iminente calote total

STANDARD & POOR'S

em relatório da agência de classificação de risco sobre a atual situação da dívida soberana grega

PHOENIX, Arizona. O Arizona realiza hoje uma das mais aguardadas primárias para a escolha do publicano que disputará a presidência dos Estados Unidos contra o democrata Barack Obama. Mas o ex-governador Mitt Romney e o ex-senador Rick Santorum nem de longe são os candidatos do partido que mais despertam reações apaixonadas neste conservador estado do oeste americano. Na região metropolitana de Phoenix, todos os holofotes estão apontados para o xerife Joe Arpaio. Com US\$ 6 milhões em doações — quase três vezes o que Santorum arrecadou — e uma bagagem de polêmicas e graves acusações de racismo e violação dos direitos humanos no combate à imigração ilegal, ele busca o sexto mandato como autoridade policial máxima do condado de Maricopa, o mais importante do estado, nas eleições em novembro.



JOE ARPAIO: ídolo conservador

do governo federal com o estado, firmado em 2007, pelo qual a polícia foi autorizada a atuar como agente de imigração. O mandato, pensado para combater traficantes, foi usado por Arpaio de forma ampla, e ele passou a conduzir arrastões para checar documentos de imigrantes.

Legislação de 2010 permite blitz contra imigrantes

Batizada pelos oponentes como “política da exploração do medo”, a ação de Arpaio tornou-se altamente popular e foi endossada pelo governo estadual com a aprovação em 2010 da lei 1.070, mais duro conjunto de regras anti-imigração dos EUA.

A legislação permite abordar e interrogar pessoas sobre seu status migratório e detê-las para averiguação. Amparado por ela, Arpaio protagonizou cenas como a entrada numa cidade majoritariamente latina, Guadalupe, em um tanque.

— Imigrantes vêm em hordas para o Arizona e tiram nossos empregos, aumentam a violência e custam para os nossos bolsos. Arpaio impõe a lei e impede o caos no estado — diz o taxista Doug Wunderwood, de 38 anos.

Para ONGs locais, porém, Arpaio utilizou o amparo legal

para fazer uma cruzada racista e midiática contra imigrantes, abusando de sua autoridade.

— Os governos criaram um monstro — diz Alessandra Meetze, da seção local da União Americana pelas Liberdades Civis — A maioria absoluta dos mais de dois milhões de hispânicos que vivem no Arizona é legal, então não é correto que sejam parados na rua “sob suspeita” por causa da cor de sua pele.

O Departamento de Justiça dos EUA divulgou relatório em dezembro afirmando que Arpaio dirige um departamento de polícia com ações nada transparentes, que se apoia na raça como critério para investigações e conduz batidas e prisões arbitrárias, contra a lei e a Constituição.

A campanha de Arpaio tem uma resposta padrão para a alegação: nega o uso da raça como

critério e afirma que o relatório é “um ataque com motivações políticas do governo Obama”.

A corrida pela reeleição de Arpaio reforça o discurso conservador republicano e não à toa ele tem sido cortejado pelos candidatos à nomeação presidencial do partido. Chegou a ser gerente de campanha de Rick Perry, que deixou a disputa, e até agora não endossou nenhum outro nome. No último debate, Romney e Santorum defenderam o endurecimento da legislação e até mesmo a construção de cercas ao longo da fronteira com o México.

Mas existe um efeito colateral do fenômeno Arpaio que favorece os democratas: a crescente mobilização da comunidade hispânica contra o xerife. Entidades como Cidadãos por um Arizona Melhor trabalham numa campanha de registro em massa

de eleitores latinos, que formam um terço da população do estado, de olho tanto na disputa para o departamento de polícia quanto nas eleições presidenciais.

O primeiro resultado já apareceu: o senador estadual republicano Russell Pierce, autor da lei 1.070, não foi reeleito em 2011. Randy Parraz, presidente da entidade, admite que derrotar Arpaio é mais difícil, até porque ele tem dinheiro. Já gastou US\$ 2,5 milhões desde 2009 e tem hoje US\$ 3,4 milhões no caixa de campanha. É mais de dez vezes o arrecadado por Penzone.

A entidade pagou por anúncio no qual acusa Arpaio de indisciplina fiscal e de leniência na investigação de crimes sexuais, além de, em nome da perseguição a imigrantes, ter abandonado o combate ao crime.

— Os fatos não se susten-

tam. Não passa de cortina de fumaça para a agenda radical de fronteira aberta — rebate Chad Willems, gerente da campanha de Arpaio.

Pesquisas indicam vitória de Romney no estado

Mesmo sem o apoio do xerife, Romney, que enfrenta sério risco de perder a primária de hoje em Michigan — seu estado natal — encontra um cenário mais tranquilo no Arizona. Favorecido por uma campanha estruturada, apoiada por republicanos de peso, como o senador e ex-candidato a Presidência John McCain e a governadora Jan Brewer, e pela forte presença de praticantes da sua religião — o ex-governador é mórmon — Romney lidera com folga a maioria das pesquisas de intenção de voto. ■

Romney lidera pesquisas nos dois Estados, mas é ameaçado por Santorum em Michigan

MÉDIA DAS ÚLTIMAS PESQUISAS*

MICHIGAN

Elege 30 delegados para a Convenção Republicana. Em 2008, Romney venceu.



Mitt Romney



Rick Santorum



Ron Paul



Newt Gingrich



ARIZONA

Elege 29 delegados para a Convenção Republicana. Em 2008, John McCain venceu.



Mitt Romney



Rick Santorum



Newt Gingrich



Ron Paul



* Cálculo do site Real Clear Politics com base em levantamentos de diferentes institutos

DELEGADOS CONQUISTADOS ATÉ AGORA

Mitt Romney 105

Rick Santorum 71

Newt Gingrich 29

Ron Paul 18

DELEGADOS AINDA EM DISPUTA 2061



AS PRÓXIMAS PRÉVIAS

- 3 de março - Washington
- 6 de março - “Super Terça” - Alasca, Geórgia, Idaho, Massachusetts, Dakota do Norte, Ohio, Oklahoma, Tennessee, Vermont, Virgínia e Wyoming

ÁGUAS DE JANEIRO

Chuva e pavor voltam a atormentar Friburgo

Cidade serrana tem novos deslizamentos, sirenes soam e moradores de 15 bairros abandonam suas casas

Isabel de Araújo

isabel.araujo@oglobo.com.br

Luiz Ernesto Magalhães

luiz.magalhaes@oglobo.com.br

• “Quando chove, ninguém dorme”. A frase da costureira Maria da Penha de Souza, moradora do bairro Córrego Dantas, em Nova Friburgo, resume o sentimento de quem vive na Região Serrana, diante da possibilidade de uma nova tragédia. Passado praticamente um ano desde a devastação provocada pela enxurrada de 12 de janeiro do ano passado, que deixou mais de 900 mortos, o cenário de Friburgo quase não mudou.

Na avaliação do prefeito em exercício, Sérgio Xavier, apenas 40% das obras necessárias para recuperar a cidade foram feitas pelo antecessor. Demerval Barbosa Neto, chefe do Executivo à época do temporal passado, foi afastado por decisão da Justiça, em novembro, sob acusação de sonegar informações ao Ministério Público estadual (MP) no inquérito que investiga suspeita de desvio de verbas.

— Precisamos de R\$ 700 milhões para recuperar a cidade. A verba já foi liberada, mas dependemos ainda de uma série de burocracias para iniciar as obras — queixou-se Sérgio.

Secretário de Defesa Civil admite estar enxugando gelo

A cidade voltou a sofrer com a chuva contínua que começou há uma semana. Ontem de madrugada, moradores de 15 bairros foram acordados ao som dos alarmes que avisam a população sobre riscos de enchentes. Em estado de alerta — que chegou a ser elevado a máximo —, o município registrou, em 24 horas, 100mm de chuva, considerado o limite da segurança. Apesar das obras de contenção de encostas feitas no Morro do Teleférico após o temporal do ano passado, houve deslizamentos que atingiram até a Praça do Suspiro, na região central da cidade. Desta vez, a terra não chegou a invadir a Igreja de Santo Antônio, soterrada no ano passado e que ainda está sendo recuperada.

Também ocorreram pequenos deslizamentos no Campo do Coelho e nas Braunes, per-



MORADORA DO bairro de Córrego Dantas, Maria da Penha de Souza mostra a varanda de sua casa: durante a tempestade de ontem, a água chegou ao segundo degrau da escada

“

Infelizmente, não são todos os moradores que atendem ao pedido (para sair de casa), mas a resposta da comunidade é positiva.

Sérgio Simões, secretário estadual de Defesa Civil

que toda a sua equipe está “enxugando gelo”:

— Há dois meses, dragamos o Rio Bengalas, na altura de Córrego Dantas. Há 15 dias, a cidade foi atingida por uma forte chuva, e todo o material foi carregado novamente para dentro do rio, inclusive máquinas que estavam nas margens. Nossa previsão para o verão é a seguinte: dragamos o rio, mas, se chover, o material torna a ser depositado no fundo, porque a maioria das encostas precisa

de obras de contenção.

Nas áreas rurais, moradores tiveram dificuldade para sair de casa. A chuva agravou o problema de acesso aos bairros. No início de dezembro, pontes reconstruídas após a tragédia do ano passado cairam durante outro temporal.

Apesar da sensação de pavor que tomava conta da cidade, o prefeito em exercício pede tranquilidade aos moradores.

— Não registramos vítimas. A cidade está normal. Agimos de

forma preventiva, ativando as sirenes — minimizou Xavier.

De manhã, a Defesa Civil registrou a passagem de 300 pessoas pelos pontos de apoio. À tarde, apenas 87 permaneciam nesses locais. O secretário estadual de Defesa Civil, Sérgio Simões, participou de vistorias.

Em Córrego Dantas, uma ponte improvisada sobre o Rio Bengalas, que substituiu a estrutura levada pelo temporal de dezembro, quase foi arrastada:

— Não temos mais condições de aguardar uma ponte de concreto para a travessia dos moradores — reclamou o vice-presidente da associação de moradores do bairro, Édmo Silvestre.

No bairro Rui Sanglard, 30 pessoas decidiram passar mais uma noite nos abrigos. O grupo se queixa de não ter sido avisado pelo sinal de alerta, mas, sim por vizinhos.

— Algumas pessoas ouviram os sinais de comunidades vizi-

nhas e correram. Na mesma hora, peguei meus filhos e vim para cá — conta a faxineira Mirian Correia, em um dos pontos de apoio da prefeitura.

No mesmo bairro, duas famílias ainda buscavam refúgio e queriam passar mais uma noite no ponto de apoio.

— Voltaremos para casa só quando a chuva cessar — disse Alexandra Pinheiro.

Mirian passou a noite em claro, sentada num banco, acompanhada pelo marido e dois casais. Não havia colchete para todos.

— Deixei os colchões para meus pais e meus filhos dormirem. Só quando amanheceu a prefeitura mandou outros colchões — explicou a faxineira, que chegou 1h da madrugada no centro de apoio. ■

O GLOBO NA INTERNET
GALERIA Confira os estragos da chuva
oglobo.com.br/rio

Artistas do **Rio** defendem uma **estética carioca** em tempos de arte dominada pelo **mercado**

SILAS MARTÍ
ENVIADO ESPECIAL AO RIO

Num apartamento no Leme, janelas abertas à brisa do mar da zona sul do Rio, um artista e professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage define o que entende por uma "estética carioca".

"Se existe uma pesquisa de ponta na arte brasileira, ela está no Rio", diz Franz Manata, entre goles de uísque. "Tem essa linhagem clara, de ir para a rua, esse projeto que herdamos do Hélio Oiticica, uma intensidade violenta."

Faz mais de meio século que a rixa entre paulistas e cariocas ganhou nome com o neoconcretismo de Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape e afins contra o concretismo — paulista — dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos.

Agora, essa rivalidade sobrevive, opondo uma cena pautada pelo mercado em São Paulo a propostas de arte mais experimentais no Rio.

Enquanto o dinheiro se concentra quase todo de um lado da ponte aérea — Fortes Vilaça, Millan e Luisa Strina, as maiores galerias do país, fazem "business" em SP —, as estrelas brasileiras na cena global hoje trabalham no Rio — Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Ernesto Neto, Vik Muniz e Tunga, entre outros.

Mas, além deles, uma nova cena desponta, de artistas ainda despreocupados com o mercado, engajados em performances que cruzam estética e política e defensores de um hedonismo vistoso, que resiste à ideologia da Operação Choque de Ordem, da atual administração carioca.

Em rodinhas na calçada, entre a "miséria e a burguesia" muito próximas uma da outra no tecido urbano do Rio, artistas e ativistas costumam tramar seus planos, que vão de exposições a manifestações, debates e estratégias para chamar a atenção.

"Somos um sucesso de público e um fracasso de vendas", diz Pedro Victor Brandão, jovem artista que ficou conhecido por criar fotografias que se apagam com o passar do tempo. "Aqui tem uma rede de afetos, um ritmo mais cooperativo do que competitivo, algo que envolve o galerista, o artista e a instituição

MODERNOS



Em pé, Bruno Queiroz, Ana Hupe, Maíra das Neves, Felipe Braga, Bernardo Mosqueira, Isabela Sá Roriz, Daniel Toledo, Jona Traub Cseko e Ícaro dos Santos; sentados, Saulo Laudares, Laura Burocco, Gustavo Speridião, Pedro Victor Brandão, Franz Manata e Rafael Polo, no Rio

numa trama mais fértil."

Dessa fertilidade brotou o projeto que ele e os artistas do coletivo Opavivará mostraram na primeira edição da ArtRio no ano passado, uma tenda que servia chás alucinógenos em plena feira. Não ficou vazia nem um minuto, mas tampouco chegou a ser arrematada por algum dos colecionadores mais alegres.

Mesmo assim, o total de vendas da feira bateu recorde no país, com um balanço de R\$ 120 milhões que causou inveja entre paulistas, sinal de que logo as águas calmas do mercado carioca podem engrossar em tormenta.

"Às vezes, a presença forte do mercado dá uma obliterada no que acontece", diz Brandão. "Aqui tem uma experimentação maior e obras são menos formatadas, mas tem o caos das Olimpíadas e da especulação imobiliária", diz o artista Daniel Toledo.

Nessa alta de preços, Toledo teve de trocar um amplo ateliê em Santa Teresa por um "cubículo" no Humaitá.

FACTORY CARIOCA

Mais radical, Maíra das Neves, paulistana que adotou o Rio, criou um ateliê minúsculo, de um metro quadrado, numa antiga fábrica de doces e bancou a ocupação do terreno com doações de amigos.

"Quería usar a unidade mínima do mercado imobiliário para fazer o máximo", diz Das Neves, ajustando cadeiras penduradas sobre seu metro quadrado, onde costuma servir cachaça aos amigos. "Encontrei um espaço aqui que não tive em São Paulo, as instituições são mais descontraídas e não tem tanta pressão."

Ela divide com outros 21 artistas o espaço da Bhering, uma antiga fábrica de chocolate na zona portuária convertida em conjunto de ateliês, uma espécie de Factory de Andy Warhol à moda carioca, com direito a churrasco nas festinhas de aniversário.

"Enquanto o mercado sempre foi em São Paulo, aqui você fica meio sem rumo", diz Barrão, do coletivo Chelpe Ferro, que também trabalha na fábrica. "E isso é bom."

Nessa falta de rumo, artistas ainda sem galeria e sem ateliê conseguem emplacar suas obras em grandes acervos lidando direto com os colecionadores, evitando a mediação — cara — de galerias.

Gilberto Chateaubriand, patrono do Museu de Arte Moderna do Rio, é um desses que compram direto dos artistas, às vezes levando a obra debaixo do braço.

"Nem sei quanto vale meu trabalho, os artistas aqui estão envolvidos com a experiência de sair fazendo", conta Isabela Sá Roriz. "Mesmo com trâmites burocráticos e falta de estrutura, você faz funcionar", diz Felipe Braga.

bonitos, beacalis e carais modernos; reportagem

Largada. Embora não consiga empolgar as bases do partido, o ex-governador de Massachusetts Mitt Romney tem uma pequena vantagem sobre dois de seus rivais: o libertário Ron Paul e o ex-senador Rick Santorum, que defende uma agenda mais conservadora

Corrida republicana à Casa Branca começa hoje em Iowa com 3 favoritos

Gustavo Chacra
CORRESPONDENTE / NOVA YORK

Com três pré-candidatos empatados na primeira colocação, os republicanos começam a escolher hoje na prévia em Iowa o concorrente de Barack Obama na disputa pela presidência dos EUA em novembro. Divididos, os opositores buscam alguém que ao mesmo tempo defenda os valores conservadores do partido e tenha condições de atrair o voto independente para superar o atual presidente americano.

Mitt Romney, de acordo com a maior parte dos analistas, ainda se destaca como o nome mais forte, apesar de não empolgar a base republicana. Ao longo dos últimos meses, o ex-governador de Massachusetts conseguiu se consolidar entre os primeiros colocados nas pesquisas nacionais, enquanto seus rivais mais conservadores e ligados ao Tea Party alternavam-se na liderança.

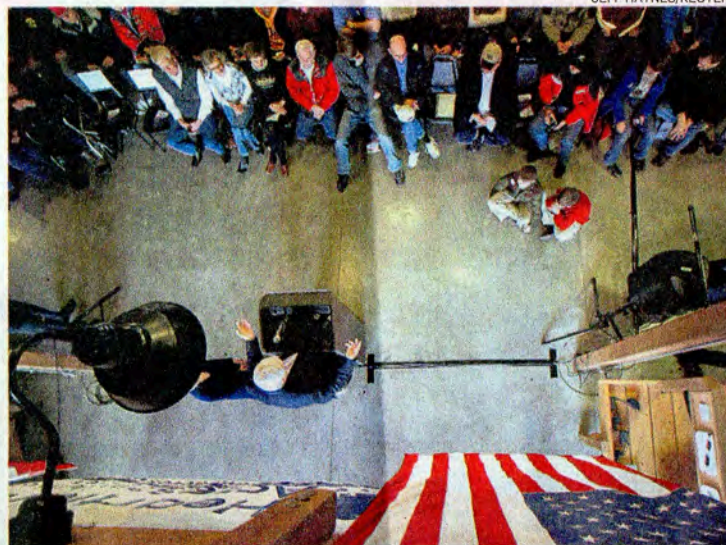
Nas últimas duas semanas, dois novos nomes ganharam força em Iowa. Primeiro, o do libertário Ron Paul. Aos 76 anos, o deputado do Texas mantém um forte apoio entre os jovens seguidores de seus ideais de acabar

PARA ENTENDER

Caucus é o método de prévia eleitoral pelo qual a escolha do vencedor é decidida por delegados de distritos em reuniões realizadas em escolas, sedes governamentais, residências etc. A maioria dos Estados, porém, adota o método de primárias, na qual os eleitores votam por meio de cédulas. As prévias definem os delegados de cada Estado que ganham o direito de votar nas convenções nacionais dos partidos.

com o Federal Reserve (FED, banco central dos EUA) e de uma política externa isolacionista, removendo as bases militares no exterior e suspendendo a ajuda militar para aliados como Israel.

O outro é o ex-senador Rick Santorum, que viu os seus esforços renderem frutos nas últimas pesquisas no Estado, depois de passar todo o ano passado nas últimas colocações. Fazendo campanha por mais de seis meses em Iowa e defendendo uma agenda conservadora (ontem afirmou que bombardearia o



Arrancada. Newt Gingrich discursa em feira agrícola em Iowa

Irã), ele conseguiu empatar tecnicamente com os outros líderes. Segundo levantamento publicado ontem pelo Public Policy Puling, o pré-candidato tem 18% das preferências, contra 19% de Romney e 20% de Paul.

Um bom resultado em Iowa costuma fortalecer uma candidatura para a presidência. Obama venceu no Estado em 2008, impulsionando seu nome frente ao de Hillary Clinton e John Edwards. Por outro lado, Mike Huckabee, que ganhou no caucus republicano, acabou superado no restante das primárias por John

McCain (terceiro em Iowa) na disputa republicana de quatro anos atrás.

Ao mesmo tempo, um desempenho fraco em Iowa pode significar o fim do sonho de chegar à Casa Branca. As doações diminuem e os próprios eleitores acabam buscando nomes com mais força.

A conservadora Michele Bachmann, que chegou a liderar as pesquisas em setembro no Estado, viu seus índices de intenção de voto despencarem e hoje está na sexta colocação com apenas 8%. O governador do Texas, Rick

Perry, que ao lançar a sua candidatura em setembro também ocupou momentaneamente a liderança, perdeu força depois de fiascos em debates e tem 10%.

Newt Gingrich, que já liderou os republicanos no Congresso nos anos 90 e travou uma guerra aberta contra o então presidente Bill Clinton, do Partido Democrata, chegou a ser visto como favorito em dezembro por publicações como o *Wall Street Journal*. Mas uma série de propaganda negativa de seus rivais afetou a sua popularidade em Iowa, hoje em 14%. Além disso, sua campanha sofre críticas por ser extremamente desorganizada.

O único candidato que não se importa com o resultado de hoje é Jon Huntsman. O ex-embaixador de Obama na China e considerado o mais moderado republicano na disputa, decidiu concentrar seus esforços em New Hampshire, onde ocorrem primárias na próxima semana.

Este Estado no nordeste americano tem um perfil bem mais liberal do que Iowa e candidatos menos conservadores têm mais chances. Romney, segundo a última pesquisa, está disparado em primeiro, com mais de 40% dos votos – o dobro de Paul e o triplo de Huntsman, em um distante terceiro lugar.

REPUBLICANOS

● Mitt Romney

Apesar de ser considerado o nome mais forte em uma disputa contra Barack Obama, o ex-governador do Massachusetts convence a base republicana

● Ron Paul

Deputado pelo Texas, tem o apoio de quem pretende acabar com o FED, as bases americanas no exterior e a ajuda militar ex-

● Rick Santorum

Ex-senador, ascendeu nas pesquisas após seis meses de campanha defendendo uma agenda conservadora

● Newt Gingrich

Chegou a ser apontado como favorito na disputa das prévias publicanas, mas sucumbiu às críticas dos adversários

● Jon Huntsman

Moderado, o ex-embaixador de Obama preferiu concentrar esforços em New Hampshire

● Rick Perry

Já ocupou a liderança, mas perdeu nos debates o prejuízo

Proposta inicial é de R\$ 14,5 milhões a serem pagos de forma parcelada

aguardavam um contato oficial para abrir a negociação.

VONTADE DE LOVE É TRUNFO

Recentemente, em várias peldas de fim de ano, Vagner Love declarou a sua vontade de voltar a atuar em um clube do Brasil. Por isso e pela boa relação que tem com o Flamengo, um eventual acerto salarial e tempo de contrato não será problema.

Um dos maiores trunfos da diretoria rubro-negra em ter o atacante é exatamente a vontade do jogador. Ele já conversou com o presidente do CSKA, Yevgeny Giner, solicitando ao mandatário uma maior facilidade para sua saída, deixando claro o seu desejo de voltar a atuar no futebol brasileiro.



As notícias do MENGÃO chegam antes até você!

Envie **MENGO** para **46952**:

Serviço SMS ao custo de R\$0,10/mensagem recebida. Até 3 msgs/dia. Disponível em todas as Operadoras.

reporter

VEM? Enfim, Flamengo envia oferta por Vagner Love e aguarda

CLAUDIO PORTELLA, EDUARDO MENDES E PEDRO HENRIQUE TORRE
reporterfla@lance.net.com.br

Enfim, o Flamengo enviou a proposta de 6 milhões de euros (R\$ 14,5 milhões) aos russos do CSKA para ter Vagner Love. O pagamento seria feito de forma parcelada, conforme o LANCE! apurou.

Inicialmente, a diretoria havia programado fazer a oferta na primeira semana de janeiro. Contudo, perto do fim de 2011, a cúpula rubro-negra conseguiu fechar o planejamento em torno da aquisição do atacante e oficializou aos russos a proposta na sexta-feira, penúltimo dia do ano.

– Estamos muito otimistas com o desfecho desta negociação. O Vagner sempre esteve no nosso planejamento. Buscamos fazer o melhor possível para tê-lo conosco. Tivemos reuniões importantes e em cima do laço conseguimos enviar a proposta ao CSKA. Estamos esperando a resposta e confiantes em um acerto – disse o vice de finanças rubro-negro, Michel Levy.

Com isso, a transação envolvendo Love torna-se prioridade para este início de 2012.

A diretoria, agora, espera a resposta do CSKA (RUS). O jogador permanece em férias no Rio de Janeiro. Os russos já tinham ciência do interesse do Rubro-Negro, mas

Discórdia olímpica

DOPING Britânicos 'brigam' com Agência Mundial Antidoping para barrar em Londres-2012 atletas que se doparam deliberadamente, e caso vai parar na CAS

RAFAEL VALES
rafaelva@lancenet.com.br

Em pleno ano olímpico, o país-sede dos Jogos de Londres se vê envolvido em um conflito de grandes proporções nos bastidores do esporte. O tema da discórdia é se atletas britânicos que se doparam de propósito no passado podem ou não competir na Olimpíada que começará em 27 de julho.

De um lado, a Associação Olímpica Britânica (BOA, em inglês) possui uma regra interna que proíbe a convocação para os Jogos Olímpicos de competidores que usaram substâncias proibidas deliberadamente. Esta determinação foi criada em 1992 pela BOA, e elimina tais atletas mesmo que estes alcancem índices para competir.

Por outro lado, a Agência Mundial Antidoping (Wada) não concorda com este regulamento dos britânicos. Mesmo com esta lei em vigor há 20 anos na Grã-Bretanha, somente agora a entidade máxima mundial de controle de dopagem está questionando tal regra.

A discussão começou após a Corte Arbitral do Esporte (CAS) derrubar em outubro a lei 45 do Comitê Olímpico Internacional (COI), que instituía que atletas suspensos por doping por mais de seis meses

seriam excluídos da Olimpíada seguinte. Com isso, a regra britânica também foi colocada em xeque.

Após cartas trocadas entre Wada e BOA, a divergência ganhou as páginas da internet após as entidades divulgarem notas oficiais trocando farpas. Enquanto a BOA alega que a Wada deveria ser mais rígida no controle antidoping, a agência argumentou que os britânicos devem aceitar as regras de dopagem.

Para solucionar o caso, a Corte Arbitral do Esporte (CAS) julgará o conflito, a pedido da BOA. A decisão é esperada para abril.

Dois atletas britânicos estão diretamente interessados neste julgamento: o velocista Dwain Chambers e o ciclista David Millar.

O primeiro foi suspenso por dois anos e banido dos Jogos Olímpicos por ter se envolvido no escândalo Balco - nome do laboratório americano que aplicou substância proibidas em diversos atletas.

Millar, por sua vez, também ficou proibido de competir por 24 meses na década passada e confessou ter se dopado deliberadamente.

Procuradas pela reportagem, tanto a BOA quanto a Wada não quiseram se pronunciar, e apenas repassaram as notas oficiais que publicaram sobre o conflito.

Entenda o conflito

O que a BOA defende

A Associação Olímpica Britânica (BOA, em inglês) criou em 1992 a Eligibility Bye-Law, regra própria de seleção de atletas para as edições das Olimpíadas de Verão e Inverno. A entidade tem como política não convocar para estes eventos qualquer atleta que confesse ter se dopado, ou quando fica comprovado que ele agiu de má-fé ao usar substâncias proibidas.

Com a palavra

Cristiano Caús

ADVOGADO ESPECIALIZADO NA ÁREA DESPORTIVA

Chance dos britânicos perderem é enorme

A Wada é a agência que controla o sistema antidoping internacionalmente, e quem é signatário dela é obrigado a seguir as suas normas.

O que a Wada defende

A Agência Mundial Antidoping (Wada) argumenta que a Eligibility Bye-Law não é compatível com o Código Mundial Antidoping. A entidade internacional entende que a atitude da BOA de barrar nos Jogos Olímpicos os atletas que se dopam deliberadamente configura uma segunda punição àquela já sofrida em casos de suspensão, advertências e multas para o competidor.

Como a Grã-Bretanha segue as regras da agência, ela não pode aplicar uma outra punição além da que já foi dada. Os comitês nacionais são meras agências de marketing. O que importa nesses casos é o que determinam as federações internacionais das modalidades, pois os atletas são filiados a elas, e não aos comitês. E as federações também são signatárias da Wada.

Assim, acredito que a chance dos britânicos perderem essa disputa é enorme.

Regra poderia 'enxugar' Brasil

Como efeito de comparação, caso a regra britânica de barrar atletas nas Olimpíadas dentro de seu próprio regulamento (Eligibility Bye-Law) fosse aplicada no Brasil, pelo menos dois atletas poderiam não ir para os Jogos ingleses.

Em 2009, Daiane dos Santos foi suspensa por seis meses por ingerir a substância diurética furosemida. A ginasta admitiu que utilizou um produto com este componente para perder peso, mas argumentou que só fez isso porque estava afastada das competições. Daiane deve competir por equipes na ginástica artística em Londres.

No mesmo ano, atletas da Rede Atletismo foram flagrados no antidoping, entre eles Bruno Lins. Foi provado que houve um esquema que envolveu técnicos e o fisiologista Pedro Balikian para melhorar ilegalmente a performance deles. Lins, que foi suspenso por dois anos, voltou às pistas e conseguiu índice para Londres.

Outro Li!

Mais Olimpíada

VEJA AMANHÃ MAIS UMA REPORTAGEM DA SÉRIE ESPECIAL

Silêncio e negócios. Presidente desembarcou ontem em Havana levando plano para fazer empréstimos à ilha castrista alcançarem US\$ 1,37 bilhão; questões políticas espinhosas, como o pedido de ajuda feito por opositores, ficarão de fora da agenda oficial

Longe de dissidentes, Dilma chega a Cuba com linha de crédito milionária

Lisandra Paraguassu
ENVIADA ESPECIAL / HAVANA

A presidente Dilma Rousseff chegou ontem à noite em Havana para sua primeira visita oficial a Cuba. A julgar pelos sinais enviados por Brasília, o governo cubano tem mais razões para ser otimista do que a dissidência. Dilma leva à ilha mais uma linha de crédito, dessa vez de US\$ 523 milhões. Com isso, o financiamento brasileiro à ilha chega a US\$ 1,37 bilhão.

Já na chegada, Dilma parou para tirar fotos com três jovens que a aguardavam no lobby do Hotel Meliá Cohiba, entre elas Irina Nikolova, filha do embaixador da Bulgária em Cuba. "Ela se surpreendeu e me disse que é a segunda búlgara que conheceu hoje", contou Irina, de 27 anos, que viveu no Brasil entre 1993 e 2000, quando seu pai, Tchavdar Nikolov, serviu no País.

Com a visita da presidente brasileira, o regime cubano - que investe em algumas mudanças econômicas para tentar tirar a ilha da inércia financeira - espera do Brasil mais investimentos pesados em obras de infraestrutura. Por seu lado, os dissidentes, apesar de todos os sinais contrários vindos de Brasília, ainda acreditavam ontem que o governo brasileiro não manteria a tradicional indiferença às violações dos direitos humanos no país.

O Itamaraty não esconde que o propósito da visita de Dilma é econômico e comercial. O Ministério das Relações Exteriores tem reiterado que o Brasil não tem intenção de tratar publicamente de temas espinhosos, como a repressão cubana.

A avaliação do Brasil, segundo o chanceler Antonio Patriota, é que "a situação dos direitos humanos em Cuba não é emergencial". Incluir na agenda presidencial encontros com opositores, mesmo que para tratar de direitos humanos - na teoria, um tema caro a Dilma - não cairia bem.

O que interessa ao governo brasileiro é incentivar o regime cubano a seguir adiante com as mudanças econômicas. A avaliação da di-



Boas-vindas. Chanceler de Cuba, Bruno Rodríguez, recebe a presidente Dilma Rousseff: créditos e silêncio sobre cenário político

● Questão delicada

ANTONIO PATRIOTA

CHANCELER BRASILEIRO

"A situação dos direitos humanos em Cuba não é emergencial (sexta-feira, numa entrevista em Davos)"

JOSÉ DANIEL FERRER

DISSIDENTE CUBANO

"Sabemos que não fará o mesmo (que Lula, em 2010), mas também não falará por nós"

plomacia brasileira é a de que ajudar Cuba a avançar economicamente é a melhor colaboração que se pode dar ao país. Por isso, o País vai financiar do término do Porto de Mariel, uma obra de US\$ 683 milhões, até a compra de alimen-

tos e máquinas. O comércio entre os dois países cresceu 31% de 2010 para 2011, chegando a US\$ 642 milhões. Mas essa é quase uma via de mão única: apenas US\$ 92 milhões são de exportações cubanas, especialmente medicamentos.

Há pouco para Cuba vender e muito para comprar. Chegam do Brasil equipamentos agrícolas, sapatos, produtos de beleza, café, em alguns momentos, até açúcar.

Hoje extremamente dependente da Venezuela, que garante praticamente todo o petróleo usado na ilha a preço de custo, os cubanos repetem uma situação que já viveram nos anos 70 e 80 com a União Soviética, antes de Moscou falar e abandonar Cuba à própria sorte. "A Venezuela é nossa nova URSS. O equilíbrio

Odebrecht será 1ª estrangeira a entrar no setor de açúcar

● A Odebrecht anunciou ontem que fará investimentos na produção de açúcar em Cuba - a primeira injeção de capital estrangeiro no principal setor da economia cubana, estatizado desde a revolução de 1959. A empresa

cubano hoje se chama Hugo Chávez", avalia o economista Oscar Espinosa Chepe. "Há muito potencial, especialmente na agricultura, mas é preciso investimento. É preciso buscar investimentos estrangeiros reais, bus-

brasileira deve firmar um contrato envolvendo um engenho em Cienfuegos, região central da ilha caribenha.

O acordo terá duração de 10 anos e buscará "ampliar a produção" e "ajudar na revitalização" da indústria. A Odebrecht pretende ainda produzir etanol em território cubano e construir uma destilaria. O projeto seria nos moldes dos investimentos da empresa em Angola. / REUTERS

car um país mais sério."

Três grupos de dissidentes pediram audiência a Dilma ou a alguém de sua comitiva, mas não receberam resposta. "O que podemos esperar é que a presidente fale das pessoas, do povo cuba-

ECONOMIA CUBANA



PIB	US\$ 114 bilhões
Crescimento	1,5%
Inflação	2,9%
Funcionários públicos	4 milhões
Metas do governo	Criar 1 milhão de empregos privados até 2015
Salário mínimo	US\$ 17

Comércio com o Brasil

- Exportações para a ilha em 2011 cresceram **70%**
- Importações de produtos cubanos aumentaram **27%**
- Comércio com o Brasil em 2011 movimentou **US\$ 642 milhões**
- O Brasil é o **quinto** maior parceiro comercial, atrás de Espanha, China, Canadá e Venezuela

INFOGRÁFICO/AE

O MUNDO

As mazelas que Dilma não verá

Chegada da presidente a Cuba acirra disputas em país que vive espécie de apartheid social

Chico de Gois
chico.gois@oglobo.com.br

Enviado especial • HAVANA

As mudanças anunciadas pelo governo de Raúl Castro como forma de mostrar ao mundo que o país passaria a dar melhores condições de vida à população ainda não conseguiram livrar os cubanos de um apartheid social. Enquanto milhares de turistas desfrutam do bom e do melhor e chegam a acreditar que o comunismo imposto tem lá suas vantagens, os cubanos não têm permissão para usufruir das belezas de cartão-postal, como a praia de Varadero, os hotéis de luxo ou mesmo uma Coca-Cola. A presidente Dilma Rousseff, que desembarcou ontem em Havana, provavelmente não verá de perto as condições — e contradições — impostas aos cubanos. No aeroporto, ela recebeu flores do chanceler Bruno Rodríguez e não fez comentários.

Embora o governo diga de boca cheia que em Cuba todos têm acesso à educação e à saúde e que o nível de desnutrição infantil é o menor em toda a América, o dia a dia da população ainda é marcado pelas cadeiras onde são anotados os suplementos dados aos habitantes: um pãozinho por dia, oito ovos a cada três meses, meio litro de óleo por mês.

Apesar do socialismo da pobreza, poucos cubanos pedem esmolas aos turistas. A tática para obter algum trocado é diferente. Perguntam logo a nacionalidade e procuram na memória algo de positivo sobre o país do estrangeiro. E, então, começam a contar sua história, sempre de dificuldades. Se o turista não se compadece a ponto de oferecer algum CUC — sigla para pesos conversíveis, a moeda utilizada pelos estrangeiros e que equivale mais ou menos a US\$ 1 —, o interlocutor oferece uma caixa de charutos por um preço que é a metade daquela nos postos autorizados.

Há alguns que mostram com orgu-



A PRESIDENTE Dilma recebe um buquê de flores do chanceler Bruno Rodríguez (à direita), em sua chegada ao Aeroporto José Martí, em Havana

Enrique de la Osa/Reuters

lho uma cédula de identidade onde está escrito que têm autorização para trabalhar por conta própria. Mas, como contou o chafeiro Javier, o ganho mal dá para sobreviver porque, apesar de trabalhar muito, tem de pagar várias taxas ao governo.

— Está vendo esta cerveja? — diz, oferecendo um gole. — Só posso tomar uma lata, aos domingos. É o máximo que me permite. Não há dinheiro.

Dilma não deverá discutir abertamente questões internas de Cuba e nem mesmo problemas de direitos humanos, apesar da torcida dos dissidentes. O clima está mais nebuloso depois da morte do preso Wilman Villar Mendoza, há duas semanas, após uma greve de fome de cerca de 50 dias. A morte dele, aliás, virou uma disputa de marketing entre o governo e os opositores. Enquanto os comunistas tentam fazer de Villar um preso comum, com antecedentes de violência doméstica, os contrários ao governo

se esforçam para demonstrar que ele era um opositor ativo, preocupado com a família. Mesmo involuntariamente, a visita de Dilma contribuiu para o acirramento da briga ideológica.

Ontem, membros da União Patriótica Cubana (UPC), que faz oposição ao governo, convocaram uma entrevista coletiva com a viúva de Villar, Maritza Pelegrino. Moradora de Santiago de Cuba, a 800 km da capital, Maritza chegou a Havana no domingo. A viagem foi custeada pela UPC e pela Comissão de Direitos Humanos e Conciliação. A ideia era ela falar sobre as qualidades do marido para a imprensa estrangeira. Mas, num país onde o governo sabe tudo o que se passa, a imprensa oficial também compareceu. E o que era para ser uma entrevista, acabou se transformando quase em uma inquisição.

Maritza recordou que no dia em que o marido foi preso os dois estavam discutindo às 3h. A mãe dela, preocu-

pada, foi aos vizinhos, que chamaram a polícia. Villar, esclareceu, resistiu à prisão e acabou espancado e detido. Depois da morte, o governo se apressou em difundir que ele estava batendo na mulher, o que ela negou ontem.

Bom humor no desembarque

• José Daniel Ferrer García, coordenador da UPC, divulgou uma nota em que atesta que Villar "estreitou os vínculos com o grupo" em agosto passado. E é nesse ponto que o governo se apega para dizer que ele passou a frequentar um grupo de oposição somente após ser preso por violência doméstica, para acobertar "crimes comuns".

As perguntas feitas pelos repórteres da imprensa estatal pareciam as de um delegado de polícia:

— Por que vamos acreditar na sua versão, se o governo diz o contrário? — questionou uma repórter. — Sua mãe disse que ele batia na senhora. A senhora confirma?

José Daniel Ferrer García diz que o governo quer mudar o enfoque:

— Não se pode esquecer que Villar estava sob custódia do Estado e morreu nas mãos dele.

Embora sem muita esperança de que os direitos humanos estejam na pauta da reunião com Raúl, García pensa que, pelo menos, Dilma poderia falar com o ditador em particular.

Dilma chegou a Havana por volta das 16h45m (19h45m em Brasília). Na comitiva estão os ministros Antonio Patriota (MRE), Alexandre Padilha (Saúde) e Fernando Pimentel (Desenvolvimento, Indústria e Comércio), além do governador Jaques Wagner, da Bahia.

Ela não deu entrevistas, mas perguntada se iria sair para passear, brincou com os jornalistas:

— E vocês acham que vou contar?

A agenda da presidente prevê a assinatura de me-

morandos de entendimentos nas áreas de agricultura e saúde. Há a possibilidade de estabelecer voos regulares entre os dois países. Dilma também visitará as obras de ampliação do Porto de Mariel, tocadas pela construtora Odebrecht, com financiamento do BNDES, e que devem ser concluída em 2013. Na semana passada, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) liberou mais US\$ 230 milhões para a obra.

Para o Itamaraty, a visita tem como objetivo contribuir para que o país caribenho avance no desenvolvimento econômico e social. A linha de crédito aprovada pela Camex para Cuba totaliza US\$ 523 milhões e eleva a US\$ 1,37 bilhão os financiamentos. O comércio bilateral tem oscilado, mas com forte ganho para o Brasil. No ano passado, o intercâmbio foi de US\$ 642 milhões — o Brasil exportou US\$ 550 milhões, e importou apenas US\$ 92 milhões.

Território rebelde vira símbolo da resistência à repressão síria

A exemplo de Benghazi, na Líbia, Zabadani torna-se um baluarte da insurgência no país

Exército Livre da Síria espera criação de zona de exclusão aérea para haver operações mais efetivas na localidade

KAREN MARÓN

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,
EM ZABADANI (SÍRIA)

“Se Deus quiser, vamos libertar mais território. Somos livres, somos Zabadani”, diz à **Folha** um jovem de 22 anos que se define como “combatente pela liberdade”, em um frio reduto montanhoso.

A conquista de Zabadani em janeiro pelo ELS (Exército Livre da Síria) e sua conversão em um ponto estraté-

gico, depois de dias vertiginosos de confrontos nos subúrbios da capital, faz com que alguns comandantes rebeldes falem de libertação de território da mesma forma como fizeram os adversários do líbio Muammar Gaddafi.

A pequena cidade, no cimo de uma ladeira rochosa, tornou-se símbolo dos manifestantes opositores do regime do ditador Bashar Assad.

“Temos que criar uma Benghazi”, afirma um antigo tenente-coronel do Exército, que desertou, em referência à capital rebelde da Líbia.

“É importante que exista uma zona de exclusão aérea e um território protegido que nos permita operar com maior efetividade”, diz.

O Exército retirou seus tanques e blindados de Zabadani —localizada a 30 quilômetros de Damasco— após feroz resistência de soldados desertores, seguida de trégua.

Depois que o cerco foi relaxado, alimentos e provisões voltaram a chegar à cidade.

A presença do governo se limita a alguns postos de controle nos limites de Zabadani. Mas há sinais visíveis de ataques, como edifícios destruídos por disparos de artilharia, caixas de munição espalhadas pelas ruas e marcas das lagartas dos tanques.

Um porta-voz do alto comando do ELS, Ismail al Naima, está ansioso por controlar o entusiasmo quanto à libertação. Ele afirmou que o

principal objetivo do ELS, cujo comando fica em território turco, é minorar a capacidade das forças do governo para atacar a população civil.

“Não temos o controle militar da área, mas fomos capazes de repelir as forças do regime”, afirma. “Faltam-nos munições. Eles têm tanques, artilharia pesada e aviões.”

A presença dos combatentes da resistência pode ser sinal da chegada de uma fase mais violenta no conflito.

Todos estão armados e preparados para a defesa e o ataque. Cada um dos combatentes porta um fuzil Kalashnikov. Eles adquiriram experiência na produção de bombas caseiras capazes, dizem, de destruir tanques e blindados.

“Cedo ou tarde, eles tentarão conquistar a cidade, e precisamos estar preparados”, diz Nabil Kassab, 31, desertor das forças do governo.

A cidade mostra sinais de um esforço coordenado de defesa. As ruas estão bloqueadas por barricadas, e homens armados, equipados com rádios portáteis, formam uma milícia organizada.

Ainda que Zabadani não tenha valor tático para os rebeldes, o sucesso em defendê-la pode ter importância real. Se a cidade for mantida por mais tempo, Assad parecerá mais fraco, e a criação de um governo provisório da oposição será mais provável.

Os EUA decidiram ontem fechar sua embaixada em Damasco, preocupados com a segurança de funcionários. Todos os 18 diplomatas, incluindo o embaixador Robert Ford, já deixaram a Síria e estão a caminho de Washington. Também ontem, a Grã-Bretanha retirou seu representante na Síria.

A decisão americana ocorre em meio a discussões de potências ocidentais e países árabes sobre qual deve ser a estratégia para lidar com a crise síria de agora em diante, já que o caminho da ONU parece bloqueado. No fim de semana, Rússia e China vetaram uma resolução do Conselho de Segurança condenando a violência e exortando o ditador Bashar Assad a iniciar uma transição. Em mais um dia de violência, as forças do regime teriam matado ontem 50 civis em Homs e 16 em outras cidades, segundo ativistas. A informação não pôde ser confirmada, pois a Síria restringe o trabalho de jornalistas.

“O recente aumento da violência, incluindo os atentados em Damasco em 23 de dezembro e 6 de janeiro, fez aumentar a preocupação em relação à proteção da nossa embaixada a ataques. Nós, juntamente com outras missões diplomáticas, expressamos esses temores ao governo sírio, mas o regime não respondeu adequadamente”, disse a porta-voz do Departamento de Estado, Victoria Nuland, por meio de nota à imprensa.

Os atentados a que ela se referiu são atribuídos pelo governo sírio a “terroristas ligados à oposição”. Os opositores dizem que o próprio regime teria organizado os ataques.

Apesar do fechamento da embaixada, Ford “será mantido como embaixador dos EUA para a Síria, trabalhando de Washington”. No comunicado, não fica claro se o embaixador sírio nos EUA deverá deixar Washington. Países do Golfo Pérsico já haviam fechado suas missões em Damasco.

Alguns analistas afirmavam que, além das questões de segurança, os EUA buscam com o fechamento da embaixada isolar ainda mais Assad. Em entrevista para a rede de TV NBC antes do Super Bowl no domingo, o presidente Barack Obama disse que



Sob vigília. Membro do Exército

continuará exercendo “mais e mais pressão” até que os EUA consigam ver uma transição. Ao mesmo tempo, o líder americano voltou a descartar a possibilidade de uma intervenção militar nos moldes da que ocorreu na Líbia.

A Rússia enviou seu chanceler, Sergei Lavrov, a Damasco, onde ele se reúne hoje com Assad. Especula-se que os russos já trabalham com a possibilidade de saída do líder sírio do poder, mas o Kremlin até agora não deu publicamente nenhum sinal nesse sentido. Moscou quer que o processo não tenha influência do Ocidente e, principalmente, pressiona para que parte do regime continue no poder, mantendo as relações próximas com os russos – que têm um entreposto militar em Tartus.

Na Síria, o regime fazia propaganda do que considera apoio da Rússia, China e também de países latino-americanos como Venezuela, Nicarágua e Cuba. De acordo com o jornal israelense *Haaretz*, há oficiais da Guarda Revolucionária do Irã atuando na repressão aos opositores na Síria.

LONDRES. Todo dia ela faz tudo sempre igual. Há quase 60 anos, o chá, as torradas, a manteiga, a geleia e o cereal *tupperware* são servidos pontualmente às 8h. Então ela abre os jornais, enquanto ouve sua rádio favorita, a BBC 4, e depois dá uma olhada na correspondência. Um ordinário café da manhã para uma mortal fora do comum: Elizabeth II, 85 anos, a segunda monarca depois da rainha Vitória a ocupar o trono do Reino Unido por seis décadas. O desjejum real de ontem teve um sabor especial: o dia marcou o aniversário de morte de seu pai, George VI, data em que Elizabeth Alexandra Mary, há 60 anos, assumiu o trono do Reino Unido.

As principais celebrações do jubileu acontecerão entre os dias 2 e 5 de julho — Elizabeth foi empossada em maio de fevereiro de 1952 e coroada no dia 2 de junho do ano seguinte. Mas o fervor em torno da festa já começou. Em geral, a rainha passa reclusa no dia de Adesão, como a data é conhecida, mas ontem foi diferente. Uma salvação de 41 tiros no Hyde Park seguida por uma salva de 62 armas na Torre de Londres agitou a manhã londrina. Logo cedo, a rainha visitou uma escola em Norfolk, leste da Inglaterra, reafirmou sua dedicação ao serviço e se disse profundamente comovida com o apoio da população ao jubileu de diamantes.

Apoio esse que foi sacudido por uma notícia publicada há pouco mais de 20 dias pelo "Guardian": uma carta do ministro da Educação, Michael Grove, sugeriria que, para marcar com grandiosidade o jubileu de diamante, os súditos da rainha a presentassem com um lutuoso iate, no valor de 60 milhões de libras (R\$ 163 milhões). A ideia do ministro levou o debate dos gastos com as celebrações para um terreno perigoso. A rainha, que gosta das fofocas de Westminster, não deve ter apreciado o burburinho. A resposta do governo foi mediata e afundou a ideia do financiamento do iate com dinheiro público.



SALVAS DE canhões disparadas da Torre de Londres marcam os 60 anos do reinado: Elizabeth II viu 12 primeiros-ministros



A RAINHA visita uma escola no leste da Inglaterra: iate causou polêmica

O iate substituiria o Britannia, embarcação real que serviu à rainha por 44 anos. Em 1994, durante o governo do trabalhista Tony Blair, o Britannia deixou de servir à família real, e há 13 anos está em Edimburgo, na Escócia, funcionando como uma atração turística. No dia 11 de dezembro de 1997, a fa-

mília real se despediu em cerimônia oficial do iate. Bastou uma lágrima para fazer história.

— Foi a única vez em que vi a rainha chorar — lembra o inglês Thomas Lowry, aposentado do mercado financeiro e fervoroso defensor da monarquia. — Foi incrível e inesperado, por-

que ela é sempre muito discreta.

Afinal, monarcas não choram em público. Meses antes, no dia 31 de agosto de 1997, a rainha havia economizado qualquer demonstração de emoção na morte da princesa Diana. Apenas cinco dias depois, numa resposta às críticas da opinião pública, Elizabeth fez um discurso lamentando a morte.

Mas a figura pública de uma rainha durona é diferente sob a ótica de seus oito netos. O príncipe William gosta de dizer que a avó é uma fonte de inspiração para ele e para o irmão, Harry, e que foi ela quem esteve com eles dando apoio após a perda da mãe.

Elizabeth Alexandra Mary não nasceu destinada a ser rainha. Ela era apenas a terceira na linha de sucessão do trono. Mas quis o destino que seu tio, o duque de Windsor, se apaixonasse por uma americana divorciada, abdicando do trono em 1936. Daí para a frente, a jovem Lizbeth, de apenas 10 anos, teve de reescrever a sua história. A começar pela nova casa para onde ela, a irmã caçula, princesa Margareth, o novo rei George VI e sua mulher, a rainha

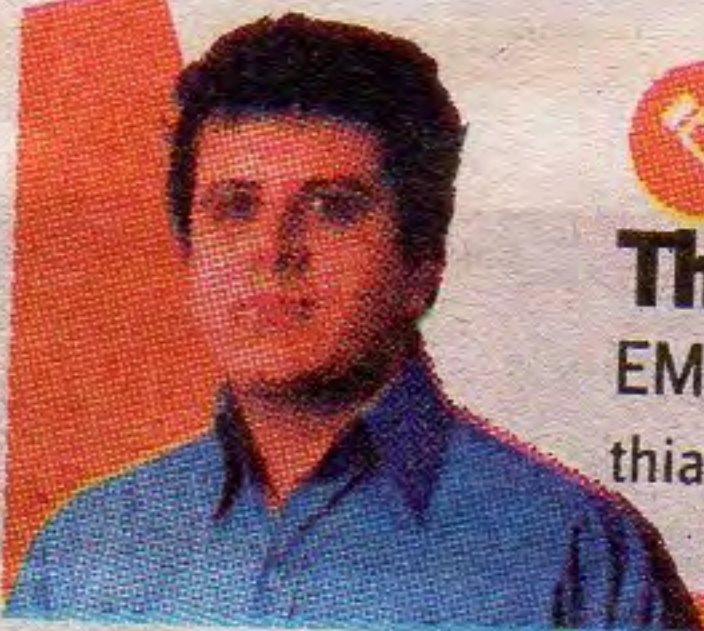
mudaram no ano seguinte: o Palácio de Buckingham. Quando criança, Lizbeth não frequentou escolas, aprendeu com tutores. Era uma menina calma, reservada e apaixonada por bichos, principalmente cavalos — paixão que cultivava até os dias de hoje. Ela ainda monta, e com estilo. Como mostrou aos seus súditos no segundo dia de janeiro, numa de suas propriedades, no condado de Sandringham, no noroeste da Inglaterra: de capa azul, botas e batom vermelho e, como de hábito, no lugar do capacete de proteção, um lenço.

— Uma ideia da qual é difícil convencê-la — disse a filha Anne, sobre a teimosia da rainha em não se proteger, como registrado no livro do jornalista Andrew Marr, "The Diamond Queen", uma das biografias lançadas este ano.

Afora o fato de ser uma octogenária amazônica, Elizabeth II tem uma agenda oficial tão intensa — de visitas a hospitais até encontros com chefes de Estado — que políticos bem mais jovens teriam dificuldade para acompanhar. Em 60 anos, a rainha já fez mais de 300 viagens ao exterior. No Reino Unido, visitou 25 mil lugares. Os anos de reinado acumularam mais de 3,5 milhões de cartas endereçadas à rainha.

Classificá-la é tarefa complexa, mesmo para estudiosos da realeza. Ela conviveu com 12 primeiros-ministros — de Winston Churchill a David Cameron — viu guerras e períodos de crise, como agora. Esteve à frente de seu tempo e abriu as portas da realeza para o povo: a primeira transmissão de TV do palácio real, feita pela BBC, foi justamente a cerimônia de sua coroação. Não teve medo de ousar: desde as cores alegres ao se vestir até a forma de lidar com divórcios (e infidelidades) de seus filhos e noras. Viu também o herdeiro do trono, William, se casar com a plebeia Kate Middleton. Lida constantemente com as gafe do marido de longa data, o príncipe Phillip. Aos 85 anos, Elizabeth se mantém uma mulher moderna.

Enviado especial



Thiago Rocha

EM LONDRES (ING)

thiagor@lancenet.com.br

Considerado o Oscar do esporte, por premiar os melhores atletas da temporada, a Laureus Awards pode desembarcar no Rio de Janeiro nos próximos anos. Quem garante é o americano Edwin Moses, presidente da entidade e ex-atleta olímpico.

O contato entre as partes ocorre desde junho de 2011. Márcia Lins, secretária de Esportes e Lazer do estado do Rio, está em Londres (ING), que sediou ontem a Laureus deste ano, e no último domingo

reuniu-se com Guy Sanan, executivo da Laureus, e fez um convite a ele e a Moses visitarem o Brasil em abril.

Moses esteve ontem pela manhã em um projeto social que a Laureus colabora em conjunto com o Milwall,

Se vier para o Brasil, Laureus acontecerá na América do Sul pela primeira vez

clube da Segunda Divisão do futebol inglês. Em rápida conversa com a reportagem do LANCE!, confirmou a intenção de a premiação ir à América do Sul pela primeira vez.

– É uma possibilidade. Há umas conversas, trabalho com essa possibilidade. Eu não decido isso, não é minha área na organização, mas pensamos nisso. Provavelmente teremos mais algumas conversas com o pessoal do Rio. Mas, sim, é uma possibilidade – revelou o americano, campeão olímpico dos 400m com barreiras nos Jogos de Montreal-1976 e Los Angeles-1984.

Londres recebeu o evento pela primeira vez, justamente no ano em que abrigará os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. A ideia é fazer o mesmo com o Rio de Janeiro para promover a edição de 2016. A escolha da sede é feita em reunião anual entre os executivos e embaixadores da Laureus – veja todos os premiados deste ano no LANCENET!.

O editor viaja a convite do Laureus

Marcelle Ribeiro

marcelle@sp.oglobo.com.br

● SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP). Mais atos de vandalismo e reclamações de ex-moradores marcaram o dia seguinte à desocupação da área conhecida como Pinheirinho, em São José dos Campos, onde, desde 2004, viviam cerca de 6 mil moradores. Uma biblioteca e um caminhão foram incendiados ontem e, na noite de domingo, duas padarias e um carro também foram destruídos pelo fogo.

Em abrigos e áreas onde estão sendo atendidos, ex-moradores diziam não ter onde ficar e não conseguem retirar seus bens de suas antigas residências. Apesar da presença ostensiva da PM, muitos comerciantes da área não abriram as portas de seus estabelecimentos. De manhã ainda houve conflitos entre moradores e a PM, que voltou a usar bombas de efeito moral.

Desde o início da operação de reintegração, às 6h de domingo, até as 17h de ontem, 34 pessoas foram detidas ou presas e quatro menores foram apreendidos nas redondezas do Pinheirinho e em bairros vizinhos, segundo a PM. De acordo com a prefeitura de São José dos Campos, 20 pessoas ficaram feridas desde o início da operação no Pinheirinho.

O presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em São José dos Campos, Aristeu César Pinto Neto, disse que pediu ao Instituto Médico-Legal informações sobre óbitos ocorridos na cidade desde o início da reintegração, para averiguar possíveis mortes em confrontos com agentes de segurança durante a ação. PM e prefeitura negam que tenha havido mortes.



BOMBEIROS TENTAM controlar incêndio em um caminhão próximo à área de Pinheirinho: vandalismo

Por volta das 10h de ontem, moradores xingaram e jogaram pedras em policiais, que responderam com bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo. Horas depois, a biblioteca Jansen Filho, próxima à área de conflito, foi queimada e, em seguida, um caminhão foi incendiado. Às 19h, os policiais interditaram uma via próxima ao Pinheirinho, dispararam bombas de gás lacrimogêneo e novos tiros de borracha contra manifestantes.

Duas mil pessoas se alojaram numa igreja da região — o grupo reúne pessoas que afirmam não ter recebido oferta de abrigo pela prefeitura de São José dos Campos e gente que conta não se sentir segura dormindo num dos dois abrigos do município, que reuniam ontem 650 pessoas. A prefeitura, por sua vez, informou que ofereceu

abrigo a todos, assim como alimentação e colchonetes.

A desempregada Maria dos Santos, o marido, e as duas filhas do casal, de 14 e 15 anos, moram oito anos Pinheirinho:

— Dormimos na igreja e não temos pra onde ir. Aqui está mais seguro. Não tem gás de pimenta. Estou apavorada.

Durante todo o dia, ex-moradores tentavam retirar de suas antigas casas e barracos objetos como eletrodomésticos e móveis. De manhã, cerca de 15 caminhões de mudança podiam ser vistos recolhendo os pertences dos ex-ocupantes do Pinheirinho, com a presença de oficiais de Justiça e PMs.

Segundo a PM, a retirada dos bens, realizada com a ajuda de 40 oficiais de Justiça, só foi acelerada durante a tarde, com a simplificação do procedimento

e com a chegada de mais pessoas para o trabalho. A retirada deve continuar hoje e não se sabe quando vai acabar.

Líder comunitário, Valdir Martins, filiado ao PSTU, afirmou que os ex-moradores da área podem ocupar outra área:

— Vamos nos organizar e fazer novas ocupações.

A Associação Democrática por Moradia e Direitos Sociais, que representa os ex-moradores, entrou no STF com um mandado de segurança com pedido de liminar para tentar reverter a decisão do STJ, que na noite de anteontem afirmou que a competência jurídica sobre a reintegração é da Justiça estadual. ■

O GLOBO NA INTERNET
GALERIA Veja as imagens do dia seguinte a reintegração
 oglobo.com.br/pais

OTIMISMO Após reunião, Fla vê chance de ter Love mais próxima e marca novo encontro

BRUNO BRAGA E ROBERTO MURAD

reporterfla@lancenet.com.br

● O Flamengo deu um passo importante na contratação do atacante Vagner Love. Pela primeira vez um dirigente rubro-negro conseguiu conversar diretamente com o presidente do CSKA, Yevgeny Giner, para tratar da negociação do Artilheiro do Amor. O vice de finanças, Michel Levy, se encontrou com o mandatário russo na tarde de ontem, em Moscou, e garantiu que o Flamengo continua firme na briga.

– Por enquanto não dá para dizer muita coisa, mas estamos brigando. Foi apenas o primeiro round – comentou Levy.

O dirigente terá uma nova reunião com o presidente do CSKA nos próximos dias. O fato de a negociação estar evoluindo deixou os rubro-negros otimistas, já que as conversas com os dirigentes russos são muito complicadas.

Um fator relevante foi a presença de Vagner Love na reunião. Ele é muito querido por Yevgeny Giner e já recebeu a garantia de que vai ser liberado para sair do CSKA após sete anos no futebol russo diante de uma proposta de dez milhões de euros (R\$ 22,8 milhões), mas o Rubro-Negro só está disposto a pagar oito milhões de euros (R\$ 18,2 milhões).

O maior empecilho é a forma de pagamento. O Rubro-Negro quer

parcelar em três vezes, sendo que a primeira delas seria no valor de R\$ 6,7 milhões. As outras duas teriam de ser pagas ao longo do ano. Os russos não costumam negociar seus jogadores de forma parcelada.

Também presente na reunião, o advogado de Love, Diogo Souza, foi mais cauteloso ainda do que o vice de finanças Michel Levy e preferiu não entrar em detalhes sobre a reunião com o presidente do CSKA.

– Só posso falar que estamos negociando – afirmou Diogo.

Promessa do Mito

ACREDITEM Antes de viajar, Dedé mandou um recado aos vascaínos. Ele promete uma temporada promissora

RODRIGO CIANTAR

rodrigociantar@lancenet.com.br

Poucas horas após ter perdido a final da Taça Guanabara, Dedé já estava de banho tomado e malas prontas para se juntar à Seleção Brasileira. Mas, ciente do clima de desânimo que acabou tomando conta da torcida, fez questão de deixar um recado. Ou melhor, uma promessa, pouco antes de embarcar:

– Coisas boas ainda virão neste ano. Podem confiar.

O zagueiro cruz-maltino conversou por alguns minutos com a equipe de reportagem do L!, no Aeroporto Tom Jobim, e, apesar do incômodo com a derrota para o Fluminense, fez questão de mostrar otimismo, talvez como uma forma de transmitir confiança aos vascaínos, ou para manter a postura de ídolo, de Mito, que conquistou junto à torcida há algum tempo.

– Nos empenhamos muito até aqui. Nosso grupo é muito forte, unido. Não abaixamos a guarda. Sabemos que a torcida está triste

com a gente, mas vamos com tudo para esse retorno. Podemos ganhar a Taça Rio e ainda sermos campeões cariocas. Não vou desistir – disse ele.

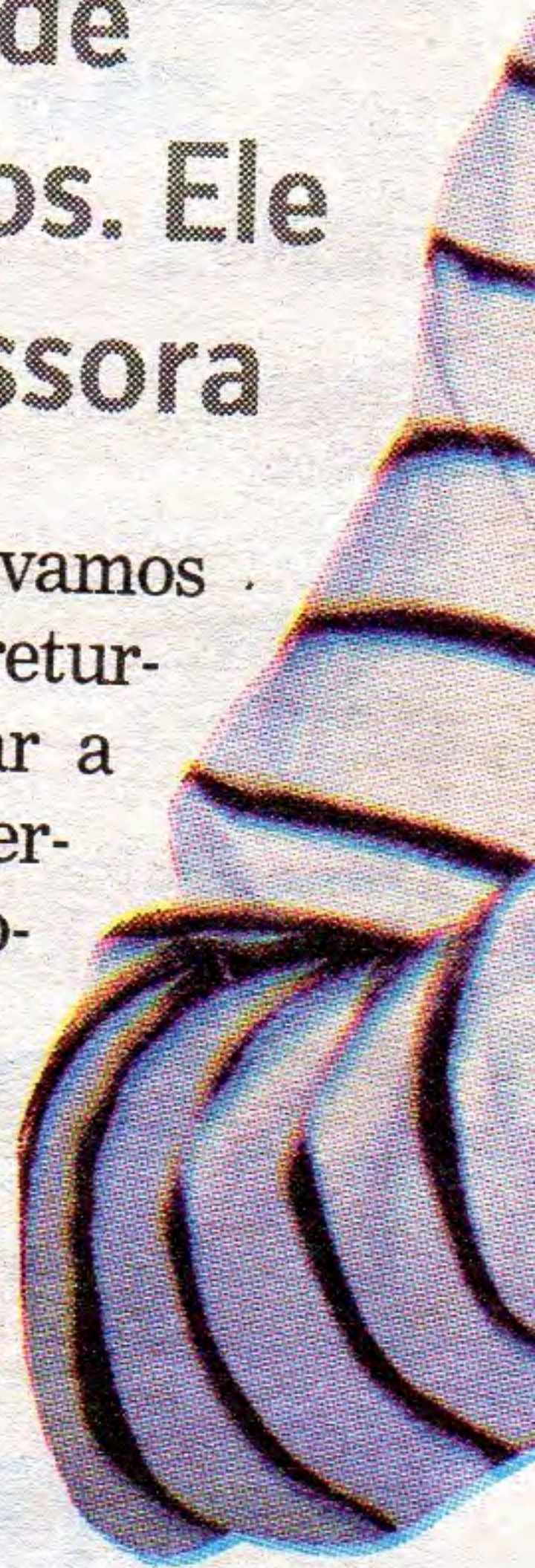
Enquanto caminhava pelo aeroporto, Dedé ouviu algumas gracinhas de torcedores rivais, ainda pelo clima da decisão da Taça Guanabara. Um deles gritou “vice”, ao avistar o defensor.

– Tem problema não... – disse Dedé, na maior tranquilidade.

Pouco tempo depois, dois vascaínos passaram pelo zagueiro e, sem pestanejar, o parabenizaram pela luta, num gesto de apoio.

– Temos que mostrar que também confiamos neles – disse Alberto Ramos, torcedor do Vasco.

Por conta do amistoso da Seleção Brasileira contra a Bósnia, hoje, Dedé não enfrenta o Bonsucesso, amanhã. Mas volta para a rodada seguinte, contra o Olaria.



PT e PSD serão aliados em outros municípios

Rui Falcão diz que existe garantia de apoio em sete cidades, apesar de parceria em SP ser com tucanos

Marcelle Ribeiro

marcelle@sp.oglobo.com.br

Guilherme Voitch

guilherme.voitch@sp.oglobo.com.br

● SÃO PAULO. O presidente nacional do PT, Rui Falcão, disse ontem que a aliança do PSD do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, com o ex-prefeito José Serra (PSDB) na capital paulista não deve afetar as conversas do partido de Kassab com petistas de outras cidades e estados. Segundo Falcão, o PT conta com o apoio do PSD em sete municípios, e a aliança pode acontecer também em outros sete — ele não citou o nome das cidades.

— O PSD já vem dialogando conosco em vários estados, independentemente da capital paulista. Tem (conversas) no ABC, em Osasco e em outros estados. O PSD está se estruturando e se definindo, e isso não significa que não possa aumentar (o número de alianças).

Rui Falcão afirmou que não se surpreendeu com o anúncio do tucano José Serra de se candidatar à prefeitura de São Paulo, pois “já parecia que ele seria candidato”, e afirmou que o PT está em contato com partidos da base para ampliar as alianças.

— O PT continuará a fazer o que vinha fazendo. Estamos compondo um esboço de programa de governo e nosso candidato já está indo visitar os bairros. Já estávamos contatando partidos da base aliada, e esses contatos prosseguem, principalmente com PSB e PRB. Mas também vamos dialogar com PCdoB e PMDB, que têm candidatos.

Perguntado se a entrada de Serra vai tornar a disputa mais difícil, ele disse que não sabe avaliar, mas citou um ponto fra-

co-do adversário:

— Temos que ver como ficará a campanha, e o nível de rejeição — afirmou Rui Falcão, referindo-se ao fato de Serra apresentar o maior índice de desaprovação na corrida pela prefeitura.

Questionado se, com o apoio de Kassab a Serra, o PT intensificará as críticas à atual administração, ele afirmou que o partido já vinha apontando problemas da cidade. E disse que as eleições na capital paulista sempre têm um viés nacional.

Rui Falcão deu as declarações após um encontro com a Comissão Eleitoral do partido, que, segundo ele, já tem candidato próprio definido em 68 das cidades com mais de 150 mil eleitores, e apoiará aliados em outras dez. Em outros 18 grandes municípios, o PT terá candidato à prefeitura, mas ainda não sabe quem será. E em 22 cidades, a legenda discute se fará alianças ou se terá candidato próprio. PCdoB, PSB e PDT são os partidos que mais fecharam acordos para apoiar o PT nestas eleições.

Assim como Rui Falcão, o pré-candidato do PT à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad, também afirmou ontem que “já esperava” pelo anúncio da pré-candidatura de José Serra:

— Sempre achamos que a maior possibilidade era dele entrar na disputa. Neste século, é a quinta eleição que ele disputa.

Haddad falou ainda sobre Kassab, que flertou com o PT, mas voltou atrás após o anúncio de Serra. Segundo ele, a mudança o deixou mais “tranquilo”.

— Não via com conforto uma aliança com a atual administração — afirmou ele, após visita ao terminal de Nova Cachoeira, na Zona Norte de São Paulo. ■

Aliado a tucanos em SP, PSB apoiará Haddad, diz presidente do partido

Eduardo Campos se encontrou com Dilma e convocou reunião da legenda

CATIA SEABRA
NATUZA NERY
DE BRASÍLIA

Presidente nacional do PSB, o governador de Pernambuco, Eduardo Campos, informou por meio de sua assessoria que o partido deverá apoiar a candidatura do petista Fernando Haddad para a Prefeitura de São Paulo.

Isso apesar de a legenda integrar o governo do tucano Geraldo Alckmin e ser aliada de primeira hora de Gilberto Kassab (PSD), ambos comprometidos com a candidatura de José Serra (PSDB).

Ontem, Campos jantou com a presidente Dilma Rousseff e, antes, telefonou para integrantes do PSB de São Paulo convocando-os para reunião amanhã em que anunciará sua preferência.

O gesto tem apoio dos vereadores do PSB que temem desaparecer numa coligação da magnitude da liderada por Gilberto Kassab.

Ao apoiar Haddad, Campos tenta ganhar pontos contra o PMDB na disputa pelo lugar de parceiro preferencial do PT nas eleições de 2014.

Também faz parte do acordo, conduzido pelo ex-presidente Lula, que o comando nacional do PT sufoque rebelião contra a reeleição do prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, do PSB.

A operação faz parte de uma ofensiva para impedir o isolamento da candidatura de Haddad. Isso inclui pressão sobre Dilma para que ela atenda PR e PDT na Esplanada dos Ministérios.

▶ SÃO PAULO

OLHOS DE SERRA NÃO MENTEM, DIZ KASSAB

Gilberto Kassab acreditou em José Serra quando ele disse que não vai abandonar a prefeitura, se eleito novamente. Em 2004, Serra assinou documento se comprometendo a ficar até o fim do mandato, mas saiu antes. As circunstâncias são outras, diz Kassab. “[O eleitor] vai acreditar porque é verdade. Os olhos não mentem.”

da dos Ministérios.

Pelo acordo em gestação, o Ministério dos Transportes será ocupado por um político indicado pelo PR.

Na semana retrasada, líderes do partido apresentaram suas indicações — lista encabeçada pelo vereador Antônio Carlos Rodrigues e por Cesar Borges — à ministra Ideli Salvatti (Relações Institucionais).

O PT também procurou Paulo Pereira da Silva (PDT). Ele resiste ao nome de Vieira da Cunha (RS), favorito de Dilma, para o Ministério do Trabalho. Mas, a pedido do PT, deverá concorrer à prefeitura em vez de apoiar Serra.

Em agenda na zona norte, Haddad se disse “tranquilo”.

“Eu não via com conforto a possibilidade de aliança com a atual administração. (...) Vou poder representar melhor as ideias em que acredito.”

O presidente do PT, Rui Falcão, também retomou o discurso de oposição. “Não podemos nos esquecer que a cidade está devastada.”

Colaboraram UIRÁ MACHADO E DANIEL RONCÁGLIA, de São Paulo

Nenhum dos 6 ministros demitidos por Dilma após suspeita de irregularidades chegou a ser punido

BRENO COSTA
DE BRASÍLIA

A perda do cargo foi, até agora, a única punição sofrida pelos ministros demitidos por suspeita de corrupção em 2010. A incômoda marca do primeiro ano do governo Dilma Rousseff é de uma queda na Esplanada dos Ministérios a cada dois meses.

Todos eles voltaram a ter rotina normal enquanto aguardam a conclusão de inquéritos e outras investigações preliminares.

Nenhum dos ministros demitidos chegou a ser processado por corrupção ou improbidade administrativa.

Primeiro da série que ficou conhecida como "faxina", Antonio Palocci (Casa Civil) era o ministro mais poderoso do governo Dilma até junho.

Saiu por conta de negócios mal explicados em sua consultoria, a Projeto, em caso revelado pela **Folha**. Isso não impediu o petista de, em seguida, reabrir a empresa que o derrubou.

NO CONGRESSO

Dois dos ministros não ficaram de mãos vazias: deixaram suas respectivas pastas, mas voltaram às suas cadeiras na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Alfredo Nascimento (PR), ex-ministro dos Transportes, deixou a pasta em julho e ainda levou ao seu gabinete no Senado parte dos assessores que também foram alvo das demissões na pasta.

Pedro Novais (PMDB), que comandou o Ministério do Turismo até setembro, voltou

FIM

LEVO

ONDE ESTÃO? Ministros que deixaram o governo Dilma por suspeitas de corrupção



ANTONIO PALOCCI
(PT)
ex-Casa Civil

Por que caiu

7 de junho

Como consultor privado, aumentou em 20 vezes seu patrimônio em quatro anos. Em 2010, empresa faturou R\$ 20 mi

O que aconteceu depois

Após quarentena, reabriu a Projeto Consultoria. Responde a inquérito em SP e DF. Sofreu "censura ética" da Comissão de Ética



PEDRO NOVAIS
(PMDB)
ex-Turismo

14 de setembro

PF apontou irregularidades em convênios do ministério com ONGs. Sua mulher usava motorista da Câmara para compras

Em relatório, CGU não apontou responsáveis por irregularidades. De volta à Câmara, Novais não apresentou nenhum projeto



WAGNER ROSSI
(PMDB)
ex-Agricultura

17 de agosto

Revelou-se que o ministério pagava empresas registradas em nome de laranjas. Rossi foi acusado de ceder a lobby privado

Foi indiciado pela PF sob acusação de envolvimento em convênio fraudado com a PUC-SP. Retornou à vida partidária



ALFREDO NASCIMENTO
ex-Transportes

6 de julho

Pasta teve descumprimento no aumento dos preços de contratos de obras em andamento e foi acusado de suprimir licitações

Voltou ao Senado e abrigou em seu gabinete três ministros exonerados na faxina nos Transportes

para a Câmara.

Em comum entre Novais e Nascimento está a não apresentação de qualquer projeto de lei ou requerimento no retorno ao Legislativo. O peemedebista nem sequer chegou a discursar.

Dos seis ministros demitidos após suspeitas de envolvimento em irregularidades, só Carlos Lupi (PDT), último a perder o cargo, em dezembro, não é alvo de inquérito.

O caso mais avançado é o de Orlando Silva (PC do B), que deixou o Ministério do Esporte em outubro. O STJ (Superior Tribunal de Justiça) autorizou a quebra do sigilo bancário e fiscal de Orlando e do governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz (PT), que o antecedeu no cargo.

Super Semana CV

Viaje agora e comece a
ou se preferir pague e

Seg.	Ter.	Qua.	Qui.
	7	4	5

Após ano de crise, Cabral usa UPPs para se recompor

Governador afastou-se da presidente ao criticar a distribuição dos royalties do petróleo e, agora, tenta recuperar seu cacife político

Luciana Nunes Leal / RIO

Na noite de reinauguração do Palácio Guanabara, sede do governo restaurada graças a empresas privadas que bancaram as obras de R\$ 19,2 milhões, o governador Sérgio Cabral (PMDB) resumiu a atual gestão, em discurso bem-humorado: “O governador é o Pezão, o primeiro-ministro é o Regis e eu fico ali animando a festa”.

Foi esta dupla – Luiz Fernando Pezão, vice-governador e coordenador de infraestrutura, e Regis Fichtner, secretário da Casa Civil – que tocou o dia a dia da administração e esteve ao lado de Cabral nos momentos críticos do ano passado.

Depois de uma sucessão de crises, denúncias, más notícias no plano pessoal e do esfriamento da relação com a presidente Dilma Rousseff, o governador encerrou 2011 tentando capitalizar a bem-sucedida ocupação da Favela da Rocinha pelas forças de pacificação, logo depois da prisão do traficante Antônio Bonfim Lopes, o Nem.

A política de combate ao crime, baseada nas Unidades de Po-

lícia Pacificadora (UPPs), está a cargo do terceiro homem forte do governo, o secretário de Segurança, José Mariano Beltrame.

Pezão fala em “urucubaca” quando comenta sobre 2011. “Todo mês vinha uma pancadaria”, lamenta. O vice elege as enchentes na região serrana, em janeiro, que deixaram mais de 900 mortos, o pior pesadelo do ano. “A situação das cidades fugiu do controle”, reconhece.

A crise política veio em junho. Depois de um desgastante embate com bombeiros em campanha salarial, em que determinou a prisão dos responsáveis pela invasão do quartel-general da corporação, Cabral viveu um drama pessoal que descambou em uma série de suspeitas de favorecimento, tráfico de influência e falta de decoro.

O acidente de helicóptero que

● Escudo

LUIZ FERNANDO PEZÃO
VICE-GOVERNADOR DO RIO

“O Brasil pune muito o sucesso das pessoas”

matou sete pessoas no sul da Bahia, entre elas a namorada de um de seus filhos, mostrou a proximidade do governador com o empresário Fernando Cavendish, dono da construtora Delta, que tem contratos milionários com o governo do Estado. Revelou também a ligação estreita de Cabral com um dos homens mais ricos do mundo, Eike Batista, que costumava emprestar seu avião para o governador.

Mais uma vez, Pezão foi o esteio de Cabral. O vice tinha acabado de viajar para alguns dias de férias no sul da Itália. “Voltei correndo. Fiquei seis horas na cidade”, relembra. E sai em defesa do governador. “Como é que não pode ser amigo do empreiteiro? Vai ser só amigo do operário? O Brasil pune muito o sucesso das pessoas”, reage Pezão.

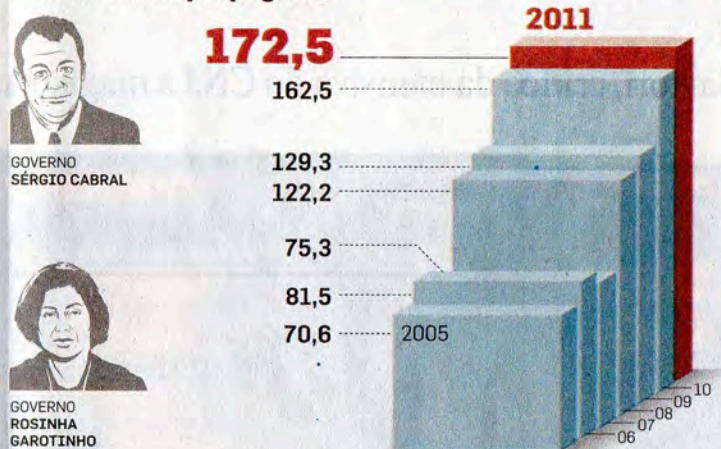
Embate com Planalto. A tensão voltou em setembro, quando avançava no Congresso a proposta de distribuição dos royalties do petróleo que tira recursos do Rio. Cabral elevou o tom das críticas aos parlamentares e cobrou “coerência” da aliada Dilma Rousseff e o compromisso de

DESPESAS RECORDES

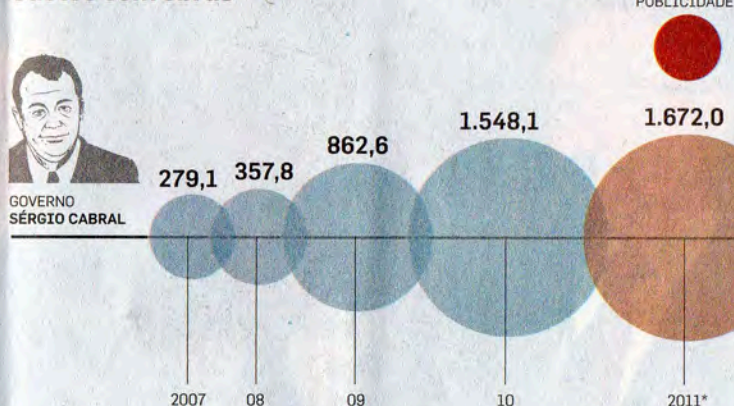
● Em 2011, Cabral gastou R\$ 172,5 mi em propaganda e R\$ 1,6 bi em obras

EM MILHÕES DE REAIS

Publicidade e propaganda



Gastos com obras



*Até 18 de dezembro

FONTE: PORTAL DA TRANSPARÊNCIA DA SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO DO RJ

INFOGRÁFICO/EA

vetar qualquer mudança prejudicial aos Estados produtores.

No Palácio do Planalto, o comportamento do governador foi mal recebido. Um integrante da coordenação política da presidente reclamou que ele foi “tratado como um filho” pelo ex-presidente Lula e que Dilma fez questão de manter a mesma política de atenção às demandas do Estado. Não aceitaria, portanto, ser desa-

fiada e colocada contra a parede.

Dilma teve uma conversa com Cabral e Pezão, no início de outubro, mas a aprovação do projeto no Senado reacendeu o mal-estar. A crise dos royalties arrefeceu com a decisão de empurrar para 2012 a discussão na Câmara. O desfecho deste imbróglio será decisivo para o futuro da relação entre Dilma e Cabral.

Por enquanto, o discurso do

governador é de total apoio à eleição da presidente.

Afilhado. Aos poucos, Cabral começa a tratar da sua sucessão. Neste ponto, estão de volta os dois escudeiros. O governador costura uma ampla aliança para a eleição de Pezão em 2014.

Há três semanas, em reunião com o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, e parlamentares do recém-criado PSD, que já é a maior bancada na Assembleia Legislativa fluminense, o governador lembrou a importância de prorrogar a aliança fechada para a reeleição do prefeito Eduardo Paes (PMDB) em 2012. Cabral comprometeu-se com o apoio ao candidato de Cabral.

Um dos cenários da sucessão estadual é a repetição de uma chapa só de peemedebistas, com Regis Fichtner candidato a governador e Pezão. Ninguém no governo fluminense fala abertamente sobre a eleição, mas a ideia começa a se espalhar. Fichtner tem maior visibilidade no governo com discursos constantes em eventos. Foi ele quem coordenou as obras do Guanabara, o que ganhou os elogios na festa de reinauguração. Naquele mesmo dia, 15 de dezembro, Pezão mandou o anúncio das mudanças na zona sul para a construção da linha 4 do metrô.

A proposta de chapa pura pode se fortalecer diante da possível saída do PT da aliança em 2014, com a candidatura do senador Lindbergh Farias ao governo. O petista tentou disputar com Cabral em 2010, mas foi vencido por Lula a desistir. Agora, está decidido a lutar por uma candidatura. O discurso oficial é conciliador. “Ainda é possível que surja um candidato unificado de PT e PMDB”, diz o senador. “Vamos ver como serão os pré-candidatos lá na frente.” / COLABOROU VERA ROSA

Cleide Carvalho

cleide.carvalho@sp.oglobo.com.br

• SÃO PAULO. O Acre gastou R\$ 1,042 milhão de janeiro a 20 de dezembro de 2011 para sustentar os haitianos que entram ilegalmente no Brasil pela fronteira com Peru e Bolívia. O valor representa 65% de todo o orçamento anual da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do estado, sem contar os gastos com saúde e os recursos aplicados pelas prefeituras dos dois municípios mais atingidos pela onda de imigração, Brasileia e Epitaciolândia. Anteontem, mais um grupo de 47 haitianos chegou a Brasileia, onde fica o posto da Polícia Federal mais próximo da fronteira.

— O caos está instalado em Brasileia. São 15 mil habitantes na área urbana do município, e os haitianos representam 10% deste total. A cidade não tem condições de absorver essa gente e não temos capacitação suficiente para atendimento. Chegamos ao limite, o estado está exaurido e precisa de ajuda do governo federal — diz o secretário Nilson Mourão.

Segundo Mourão, a onda migratória de haitianos para o Brasil, iniciada em dezembro de 2010, transformou-se numa rota organizada, e as pessoas são trazidas por agenciadores que atuam no Haiti. Por isso, acrescenta, cabe ao governo federal — que tem dado visto humanitário de permanência no Brasil por dois anos, com direito a trabalho com carteira assinada — ajudar a resolver a situação.

Mourão afirma que a única ajuda do governo federal até agora foi doar 14 toneladas de alimentos, que o governo do Acre tem de ir buscar em Rondônia, onde fica o posto da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

— Precisamos de recursos e da presença do governo federal no estado — afirma o secretário.

Apenas nos três últimos dias de 2011, 550 haitianos chegaram à cidade. Diariamente, a Polícia Federal concede vistos humanitários e os

haitianos seguem para São Paulo, Porto Velho e Manaus. De acordo com Nilson Mourão, o destino dos haitianos é decidido ainda no Haiti. Inicialmente, chegavam apenas homens. Agora, passaram a chegar famílias inteiras. Pelo menos 30 crianças estão em Brasileira. Centenas de haitianos que chegaram desde a última sexta-feira estão dormindo no coreto da praça da cidade.

— A Defesa Civil do Acre tem outros problemas para cuidar. Já começou o período de cheia do Rio Juruá e estamos começando a registrar enchentes. Não temos pessoas capacitadas em número suficiente para atender os imigrantes — afirma Mourão.

Ainda de acordo com o secretário, imigrantes de outras nacionalidades não preocupam o Acre e não configuram uma onda migratória organizada, como os haitianos. Segundo ele, não passaram de 50 os imigrantes que entraram pela fronteira do Acre originários de países como Paquistão, Nigéria, Libéria, África do Sul, Tanzânia e Zimbábue, que chegam sozinhos ou em grupos pequenos, de cinco a seis pessoas.

O Brasil lidera a Força de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti e, de acordo com Mourão, o governo federal poderia fechar um acordo de cooperação para treinamento de haitianos para reconstrução de seu próprio país.

— O governo federal, por meio do Ministério das Relações Exteriores, tem de buscar soluções para esta onda de imigração. O Acre é uma das rotas. A outra é Tabatinga, no Amazonas. Temos notícias de mil haitianos em Tabatinga e dois mil que já estão trabalhando em Manaus — diz Mourão.

Pelo Acre, já entraram 2.500 haitianos desde janeiro de 2011. Nesta terça-feira, Brasileia contabilizava 1.250 deles, à espera de vistos humanitários. Quando conseguem o visto e tiram CPF e carteira de trabalho, eles seguem para outros estados.

— Somos uma parada provisória. Eles não ficam aqui no Acre — afirma o secretário.

De acordo com Damião de Melo, funcionário da secretaria que cuida dos haitianos, 38 haitianos foram recrutados para trabalhar numa fábrica de piscinas em Chapecó, Santa

Editoria de Arte

Catarina, e muitos parentes estão sendo trazidos. Uma construtora do Mato Grosso também deverá mandar representante ao Acre para contratar haitianos para trabalhar na construção civil.

Em Brasileia, os haitianos recebem três refeições por dia — café da manhã, almoço e jantar. Ontem, foi servido feijão, arroz e frango frito.

— Nunca vi gostar tanto de frango — diz Melo.

Os haitianos rejeitam verduras e carne de porco.

— Hoje servimos beterraba, cenoura e tomate, mas eles jogam fora. Tenho tentado convencê-los a comer algum legume ou verdura, mas eles tiram do marmiteux.

Segundo Melo, cerca de 350 haitianos se juntaram e alugaram casas na região, para permanecerem até a obtenção do visto, que pode levar 40 dias. Faltam funcionários no posto da Polícia Federal para analisar tantos pedidos.

ROTA DA IMIGRAÇÃO



DISPOSIÇÃO

Love chega até antes da hora e esbanja vontade

ROBERTO MURAD

robertomurad@lancenet.com.br

● O primeiro dia de treino de Vagner Love foi animador. Ele chegou antes de todos os outros jogadores no Ninho do Urubu, com trinta minutos de antecedência, e demonstrou a disposição que encantou a presidente Patricia Amorim em sua primeira passagem pelo Flamengo. Se depender da vontade do atacante, ele fará a estreia no dia 12, contra o Nova Iguaçu, pelo Carioca. Apesar da animação, a comissão técnica ainda não tem uma data definida para o primeiro jogo do Artilheiro do Amor.

Love ficou cerca de 45 minutos na academia fazendo musculação, sob a supervisão de um preparador físico. Enquanto os demais jogadores faziam um treino técnico no primeiro campo do centro de treinamento, o atacante passou a dar voltas ao redor do campo com um largo sorriso.

Assim que terminou a atividade, alguns atletas fizeram questão de cumprimentar Love. Deivid e Léo Moura bateram um papo rapidamente com ele e lhe deram as

Vagner Love quer fazer a estreia contra o Nova Iguaçu, no dia 12 de fevereiro

boas-vindas. O esperado encontro com Ronaldinho não aconteceu, já que o camisa 10 deixou o campo antes de a atividade terminar.

Ao fim do treino, Vagner Love foi para o vestiário e encarou as brincadeiras dos novos companheiros. Lá ele reencontrou as instalações ainda provisórias, com algumas melhorias.

O ar-condicionado que ele e Adriano Imperador compraram no primeiro semestre de 2010 ainda se encontra lá. Love já pode se consi-

O triste recomeço visto pelas janelas do medo

Vizinhos de prédios que desabaram tentam retomar rotina, mas admitem tristeza e temor de nova tragédia

Isabel de Araujo

isabel.araujo@oglobo.com.br

Waleska Borges

waleska.borges@oglobo.com.br

Com os joelhos ainda machucados, a advogada da área cível Marivalda Marques Soares, de 48 anos, voltou ontem ao escritório onde trabalha no edifício 7 da Avenida Treze de Maio. O assistente dela, que a acompanhava no dia do desabamento, não retornou. Segundo Marivalda, ele está em pânico, disse que não voltará ao trabalho e sequer vai passar a pé nas ruas próximas ao local. Mesmo abalada, Marivalda, assim como dezenas de trabalhadores e moradores das redondezas, fez da segunda-feira um dia de recomeço.

— Caminhávamos para o metrô quando pedaços de reboco e aparelhos de ar-condicionado despencaram, segundos antes de os prédios desmoronarem. Tentamos fugir, mas eu caí no chão, no meio da nuvem de poeira. Fiquei me perguntando se estava viva e pedi a Deus que perdoasse meus pecados — diz ela, acrescentando que, ao chegar em casa, parentes a fotografaram cheia de poeira.

A tragédia assustou também a radialista aposentada Julieta Duarte Loureiro, de 69 anos, que está improvisando, no corredor do apartamento, um fogareiro com uma panela e álcool em gel, onde cozinha macarrão, já que está sem fornecimento de gás desde a tragédia. Da janela, acompanha a remoção dos escombros. Ela estava na porta do



A ADVOGADA Marivalda Soares olha para o local da tragédia: no dia, ela ficou coberta de poeira (detalhe)

prédio onde mora, conversando com amigos, quando os edifícios ruíram. Julieta correu para rua porque a sua portaria estava fechada. Naquele dia, não dormiu. Nas manhãs e tardes seguintes, quando os bombeiros procuravam pelos corpos, ela assistiu a tudo da sua janela. Do mesmo local, lembra a aposentada, viu outras tragédias, como o incêndio no prédio da Caixa Econômica e da Vale:

— Vi os bombeiros pegando partes de corpos e colocando em plásticos pretos. Isso tudo é muito triste, mas não vou me mudar. Moro aqui há 39 anos.

Hoje, o vazio onde havia os prédios provoca tristes lembranças ao advogado Serafim

Gomes, de 66 anos. Na infância, vivida numa casa em Santa Teresinha, ele via da janela do seu quarto um terreno vazio onde antes havia um imóvel que foi atingido pela queda de uma encosta. Passados 61 anos, a vista de uma nova janela — desta vez, do seu escritório no 16º andar do Edifício M.L. Renha II, no número 41 da Avenida Treze de Maio — volta a assombrar seus pensamentos:

— Abri a porta do escritório e me deparei com um pouco de poeira nas janelas. Limpei o vidro e tomei um baque: os prédios que estava acostumado a ver pela janela há cinco anos foram reduzidos a pó.

A visão dos escombros en-

tristece o cabeleireiro André Luiz de Oliveira, que trabalha num salão de beleza na Avenida Treze de Maio 33B. O profissional estava acostumado a ver a movimentação no Edifício Liberdade. Um andar acima do salão trabalha a manicure Aline de Souza, funcionária de um outro salão de beleza. Ela se proibiu de olhar pela janela. Aline estava trabalhando no momento do desabamento e tem tido pesadelos desde então.

— Ouvi um estrondo e corri para a janela. Em questão de segundos, o chão começou a tremer e uma nuvem de fumaça tomou a rua. Achei que ia morrer. Parecia que estava-



COM MÁSCARAS, funcionários fazem a limpeza de uma lanchonete

mos no meio de um terremoto. Não consigo nem olhar para os destroços. Quero esquecer o desmoronamento, mas a janela não me deixa.

Funcionários se dedicam à limpeza das lojas

Com as lojas ainda fechadas ao público, no início da manhã funcionários retiravam a lama e a terra acumuladas. Muitos trabalhadores diziam que estavam com medo. Comerciantes reclamavam ainda do prejuízo por terem passado tanto tempo com as lojas fechadas.

— O prejuízo maior é o emocional. Muitas das vítimas eram nossos clientes — disse o gerente de um restaurante na Treze de Maio, Sílvio Santos Fausto, de 33 anos.

Sílvio estava na porta do estabelecimento — de frente para o local onde ficavam os prédios que desabaram — quando viu um pedaço de reboco e

um aparelho de ar-condicionado caindo. Em seguida, viu outros edifícios desmoronarem.

Com máscaras ou panos tapando o nariz, cerca de 50 funcionários da lanchonete tiravam ontem a sujeira deixada pela tragédia.

Proprietário de uma loja de roupas masculinas na esquina da Avenida Treze de Maio com a Travessa do Poeta de Calçadas, Rafael Balasseano, de 55 anos, disse que vai fazer uma liquidação:

— Tenho que pagar o aluguel, os funcionários, e ficamos vários dias fechados.

Gerente de uma loja de roupas femininas na Avenida Ammirante Barroso esquina com a Treze de Maio, Roberta Batista, de 28 anos, disse que as 13 vendedoras do estabelecimento estão apavoradas. No momento dos desabamentos, seis funcionários estavam dentro da loja. ■

TJ-SP quer cobrar União por processo

Presidente do tribunal, Ivan Sartori diz que comarcas do Estado cuidam de 1,5 milhão de ações que deveriam tramitar na Justiça Federal

Fausto Macedo

O presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, desembargador Ivan Sartori, disse ontem, em entrevista à rádio *Estadão/ESPN*, que vai cobrar da União recursos correspondentes a 1,5 milhão de processos de competência da Justiça Federal que são conduzidos pelas comarcas do Estado. “Nada recebemos da União para tocar essas ações.”

A iniciativa de Sartori é pioneira e pode se propagar por todo o País porque outros tribunais de Justiça alegam sobrecarga ante a responsabilidade por demandas exclusivas da União.

Ele planeja bater à porta da presidência do Supremo Tribunal Federal para sugerir a inclusão no orçamento da União dos valores relativos às despesas com as ações – e o remanejamento desse

dinheiro para os cofres do tribunal que governa.

Os processos são relativos a causas previdenciárias, imposto de renda, execução de tributos federais, entre outros. A Justiça Federal preside a todas as ações de interesse da União, mas onde não há vara federal o trabalho é realizado pelas estaduais. “Não é justo que a gente cuide desses processos, precisamos de recursos”, protesta Sartori.

O TJ paulista atua em 279 Comarcas. Apenas em 31 Comarcas a Federal está presente. Levantamento realizado por ordem de

RÁDIO
ESTADÃO ESPN
FM 92,9 - AM 700

Ouçã a íntegra da entrevista

www.estadao.com.br/e/tjssp

Sartori, 2010 como ano base, revela que cada nova ação da Justiça estadual tem custo de R\$ 965. O cálculo é feito a partir do orçamento da corte dividido pelo número de processos distribuídos.

Na Justiça Federal cada novo processo sai por R\$ 2.070. O dado é relativo ao âmbito global de atuação do Tribunal Regional Federal da 3.^a Região, que atende São Paulo e Mato Grosso do Sul – excluído o último, cada ação fica por R\$ 1.987,89.

Gasto. Em 2010 um volume de 1.510.819 processos de competência federal tramitava nas varas estaduais – naquele ano, 160.111 novos processos federais deram entrada na Justiça do Estado. O deslocamento dos autos federais para o Estado chama-se competência delegada, prevista na Constituição e em lei específica. Estima-se que a Justiça Fede-

ral teria despesa de R\$ 320,27 milhões se recebesse aquela massa de ações que em 2010 passou para a responsabilidade da Estadual. O gasto orçamentário alcançaria R\$ 3,003 bilhões com a migração de todo acervo (1,51 milhão de processos) tutelado pelas varas do TJ paulista.

A conta não inclui custos com estrutura, construção de novos fóruns federais, contratação de pessoal e de magistrados, logística, informatização.

Sartori destaca que respeita e reconhece a importância da Justiça Federal. Mas avalia que sua corte possui estrutura precária para dar conta também de demandas que não são de sua alçada. “Não é justo que fiquemos com esses processos, perdemos até a capacidade de trabalho porque temos que dispensar nosso tempo para essas causas”, alerta. “Para a União sai de graça por-



Sem estrutura. Sartori atribui lentidão ao acúmulo de a

que ela não paga nada”, anota. Até podemos fazer (a condução das ações federais), mas precisamos de verbas, estrutura, pessoal. A Justiça estadual, que atua mais perto do cidadão, está relegada a segundo plano.”

Sobre os custos dessa que não é sua, ele observa. Federal economiza muito na da em que suas ações vêm nós. Uma ação para a União ta duas vezes e meia a m que um processo no Estad

PDT indica a Dilma dois nomes para substituir Lupi no Trabalho

SIMONE IGLESIAS

DE BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff recebeu na semana passada indicação de dois nomes do PDT para assumir o Ministério do Trabalho: o deputado Vieira da Cunha (RS) e o secretário-geral do partido, Manoel Dias.

Os nomes foram apresentados pelo presidente nacional do PDT, Carlos Lupi, em reunião no Planalto. Ele deixou o ministério no ano passado envolvido em suspeitas de irregularidades.

“O nome depende mais do perfil que a presidente quer do que da nossa vontade. Mas é pouco provável [que ela escolha um técnico] porque o Ministério do Trabalho é eminentemente político”, disse o ex-ministro.

Dilma tem um bom relacionamento com os dois cotados desde a época em que era filiada ao PDT, mas deverá optar por Vieira da Cunha.

O deputado Brizola Neto, que vinha disputando a indicação, perdeu o apoio do partido depois que passou a fazer críticas públicas a Lupi, que voltou ao comando partidário dia 9 de janeiro.

Ontem, Brizola Neto disse que o retorno de Lupi deveria ter passado por análise do diretório porque denúncias não foram esclarecidas.

Um grupo liderado pelo ex-deputado Vivaldo Barbosa apresentou pedido de saída de Lupi da presidência, mas não chegou a ser votado.

O presidente do PDT disse que não deixará o cargo antes de março de 2013, quando se encerra seu mandato.



Desafio. Reunião em comissão do Senado se transformou em disputa dos partidos sobre requerimentos de convocação

Direitos humanos vira 'arma' em ano eleitoral

Após atacar PSDB por ação no Pinheirinho, PT é criticado por greve na Bahia e reintegrações em Estados sob seu governo

João Domingos / BRASÍLIA

A crise na segurança pública da Bahia animou os partidos de oposição e deixou na consciência do Palácio do Planalto a certeza de que a mesma arma usada hoje pelos petistas para atacar os tucanos de São Paulo vai se virar con-

tra o governo e se propagar pelas campanhas municipais neste ano eleitoral. O objetivo dos opositores é transformar em vidraça ações de reintegrações de posse comandadas por Estados sob o comando do PT.

A tática de promover uma "guerra dos direitos humanos" entre governo e oposição ficou nítida ontem. O que era para ser uma reunião da Comissão de Direitos Humanos do Senado sobre o funcionamento dos planos de saúde terminou numa intensa disputa de requerimentos de convocação de pessoas que, de

uma forma ou de outra, podem ter algo a responder sobre ações violentas.

Para tanto, a oposição ganhou ajuda até de um parlamentar peemedebista. "É o Pinheirinho do Jaques Wagner", afirmou o deputado Lúcio Vieira Lima, presidente do PMDB da Bahia, referindo-se à greve dos policiais militares no Estado. Embora do partido do vice-presidente da República, Vieira Lima é um dos líderes da oposição ao governador petista. O PMDB baiano articula uma chapa para disputar a Prefeitura de Salvador que pode incluir

PSDB, DEM e PPS, os três principais partidos de oposição ao governo federal. Wagner apoia a candidatura do deputado petista Nelson Pellegrino.

O presidente nacional do DEM, senador José Agripino Maia (RN), criticou tanto o governo estadual quanto o federal pela crise na segurança da Bahia, afirmando que ambos são como "unha e carne" naquele Estado e foram negligentes no episódio. "O Brasil está perplexo e preocupado com o que ocorre na Bahia, pela incapacidade do governo do PT de, pela via da negociação, evitar uma greve desse porte", disse, em um seminário realizado ontem em São Paulo.

Tribunas. Até agora, o PT vinha tentando encurralar o PSDB por causa da operação policial que cumpriu mandado de reintegração de posse no bairro do Pi-

nheirinho, em São José dos Campos (SP), e desalojou do local 1,6 mil famílias, num total de 6 mil pessoas. O PT tem usado todas as tribunas possíveis – além da Câmara e do Senado, o partido recorre a redes sociais, internet e encontros partidários – para dizer que a operação no Pinheirinho, ordenada pelo governador tucano Geraldo Alckmin, desrespeitou os direitos humanos.

Na sessão de ontem no Senado, a oposição expôs o contra-ataque aos petistas. Dos membros da Comissão de Direitos Humanos, estavam presentes apenas os petistas Paulo Paim, que preside o colegiado, e Wellington Dias (PI). Mas o tucano Aloysio Nunes Ferreiro (SP), que não faz parte da comissão, também apareceu na sessão para acompanhar os passos dos senadores governistas.

Os debates sobre planos de saúde ainda estavam sendo realizados quando Dias pediu a palavra. Ele lembrou que havia um pedido do colega Eduardo Suplicy (PT-SP) para apresentar um requerimento destinado a debater a reintegração de posse do Pinheirinho.

O senador do Piauí demonstrou não ter conhecimento pleno sobre o assunto – chamou o Pinheirinho de "Pinheiro". Os nomes dos convidados para o de-

● Vidraça

LÚCIO VIEIRA LIMA

DEPUTADO FEDERAL E PRESIDENTE DO PMDB NA BAHIA
 "(A greve da PM) É o Pinheirinho do Jaques Wagner"

JOSÉ AGRIPINO MAIA

SENADOR (RN) E PRESIDENTE NACIONAL DO DEM
 "O Brasil está perplexo com o que ocorre na Bahia, pela incapacidade do governo do PT de evitar uma greve desse porte"

bate seriam definidos posteriormente. Suplicy quer convocar o prefeito de São José dos Campos, o tucano Eduardo Cury.

Revide. Aloysio Nunes deu o troco. Apresentou requerimentos para que seja ouvida a ministra Maria do Rosário (Secretaria de Direitos Humanos), sobre uma desocupação de uma fazenda realizada pelo governo do Distrito Federal, comandada por Agnelo Queiroz (PT). A oposição ao petista afirma que houve violência por parte dos policiais. A pasta de Maria do Rosário disse ter constatado "diversas violações" dos direitos humanos na operação do Pinheirinho, e o PSDB cobra da secretaria diagnóstico semelhante na ação promovida no Distrito Federal.

O outro requerimento convidado para audiência pública supostas vítimas da desocupação de uma área invadida em Brasileia, no Acre, governado pelo petista Tião Viana, em 2011. Pelo regimento, Aloysio não poderia apresentar os requerimentos, por não ser membro da comissão. Mas Paulo Paim, em acordo com o tucano, aceitou os pedidos.

A exploração da ação policial em São Paulo já fora incorporado ao arsenal retórico do governo. Nem a presidente Dilma Rousseff ficou de fora da articulação governista para culpar os tucanos. No dia 26, durante encontro com líderes do Fórum Social Temático, em Porto Alegre, Dilma disse a eles que considerava "uma barbárie" a ação no Pinheirinho. Mesmo assim, a presidente ouviu protestos organizados pelo PSTU e pelo PSOL contra a desocupação do Pinheirinho por todos os locais por onde passou. / COLABOROU GUSTAVO URIBE

Confronto entre tropas federais e policiais em greve na BA
 Págs. C1 e C3

Fred tem agora as condições ideais para fazer de 2012 o grande ano

BRUNO MARINHO E GUILHERME MARTINS

reporterflu@lancenet.com.br

● O palco está armado. Falta agora só o ator principal da peça brilhar. Fred está diante do melhor cenário para seu futebol em toda a carreira, cercado de coadjuvantes de peso, com um roteiro emocionante pela frente e sem risco de novos acidentes.

– Sem dúvida. Estou muito motivado e acho que tenho grandes chances de ter um grande ano – comentou o atacante ao LANCE!.

Fred está inteiro para 2012. Ao contrário dos últimos anos, ele inicia a temporada sem problemas físicos – a última lesão foi em setembro do ano passado, que o tirou do Superclássico das Américas.

Não só ele está 100%, como Rafael Sobis e Deco, o que é ótimo. Afinal, com os dois escudeiros em campo no segundo turno do Brasileirão de 2011, Fred marcou 18 gols em 13 jogos (média de 1,38). Nas outras 12 partidas que fez sem eles em toda a competição nacional, ele só balançou as redes quatro vezes.

'Estou motivado e acho que tenho grandes chances de ter um grande ano'

Ao trio se juntou agora Wágner, garçom de Fred nos tempos de América-MG e Cruzeiro. Auxiliado pela canhota do amigo, o centroavante voou e foi o artilheiro da Copa do Brasil de 2005, com 15 gols. Até o esquema tático do Fluminense versão-2012, no 4-2-3-1, ajudará Fred a repetir o sucesso da primeira temporada no Lyon, da França.

LATERAIS EM CENA

Além de Rafael Sobis, Deco e Wágner, Fred acredita que Bruno e Carlinhos serão essenciais para que ele tenha de fato seu melhor ano e mate logo a fome de gols.

– Estou doido para fazer gols em 2012. Seria maravilhoso que fosse logo amanhã. Temos dois laterais que sobem muito. O que sempre falo para eles é que quero que eles me tenham como referência – disse.

Protagonista do Flu em 2011, Fred tem este ano o melhor cenário

Roberto Maltchik
roberto.maltchik@bsb.oglobo.com.br

● BRASÍLIA. A Embaixada dos Estados Unidos alertou ontem, em nota de emergência, os cidadãos americanos para que adiem visitas não essenciais à Bahia, em razão da crise de segurança provocada pela greve da Polícia Militar, que completa hoje uma semana. Segundo o comunicado, os cidadãos devem continuar monitorando os desdobramentos da paralisação, por meio da imprensa brasileira, tanto em Salvador quanto em outras localidades do estado. Desde sexta-feira, os americanos passaram a desaconselhar as viagens à Bahia até que “as condições de segurança tenham se estabilizado”.

A recomendação foi mantida, apesar da chegada das forças federais de segurança. O motivo foi o aumento significativo do número de homicídios ao longo da última semana. Também pesaram os registros de saques e roubos de carros. O cerco à Assembleia Legislativa também “cria risco de violência”, destaca a mensagem. A embaixada faz recomendação expressa para que os americanos em Salvador se afastem do prédio do Legislativo, localizado entre o aeroporto e o centro da cidade.

De acordo com a agência portuguesa Ansa, o cônsul do Chile no Rio de Janeiro, Samuel Ossa, também recomendou que os chilenos não viajem à Bahia. “Apesar de as Forças Armadas estarem controlando os setores turísticos, eu não recomendaria a ninguém viajar, porque não se sabe o que vai acontecer. Pelo menos não até que termine esta situação”.

disse o diplomata ao site do jornal chileno “El Mercurio”.

Ele destacou que “os locais turísticos estão mais controlados”, mas que isso não garante que “de repente” as forças do Exército “entrem na Assembleia (Legislativa) e cheguem atirando e que sobre para algum turista”.

França e Inglaterra são mais cautelosas

Diferentemente de americanos e chilenos, franceses e britânicos foram mais cautelosos e pediram aos compatriotas que se limitem a ficar atentos ao noticiário para evitar locais com maior risco. Ao GLOBO, o cônsul da França em Salvador, Pierre Sabaté, afirmou que a segurança nos principais pontos turísticos já está reforçada com a presença das Forças Armadas.

— Não podemos entrar nessa paranoia. Sabemos que os principais alvos são locais de disputas entre grupos rivais. Para quem pede auxílio, informo que é importante observar o noticiário, na TV. Espero que o desfecho seja o melhor possível — afirmou Sabaté, que calcula em cerca de 40 mil o número de franceses que visitam anualmente a Bahia, sendo que um grupo expressivo vai ao estado no carnaval.

Na embaixada do Reino Unido, em Brasília, a informação é semelhante: cautela e acompanhamento diário do noticiário para evitar locais com risco elevado. Não há recomendação, por enquanto, para que viagens sejam adiadas.

Procurados, o Itamaraty e o Ministério da Justiça não se pronunciaram sobre as manifestações dos consulados.



MESMO COM o Exército presente em Salvador, o cônsul do Chile diz que “não se sabe o que vai acontecer”

Cabral aposta em acordo com PM

Alerj vota hoje projeto que antecipa reajuste para as forças policiais

Natanael Damasceno
natand@oglobo.com.br

● A Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) leva hoje a plenário o projeto de lei que antecipa os reajustes salariais das forças policiais do estado. O projeto, enviado pelo governo na semana passada, modifica duas leis de junho de 2010 que previam reajustes mensais de 0,915% até dezembro do ano que vem, propondo a concessão dos aumentos em apenas três parcelas. Em entrevista à rádio CBN, o governador Sérgio Cabral afirmou ontem de manhã que não acredita que policiais militares e bombeiros do Rio entrem em

greve nesta sexta-feira, dia em que começa a Operação Carnaval em todo o estado.

O presidente da Assembleia Legislativa, Paulo Melo, afirmou, por sua assessoria, que pediu o reforço do policiamento para evitar confusões como a que ocorreram na Bahia, mas o governador afirmou que não acredita em radicalização.

— Eu não tenho dúvidas de que os nossos profissionais de segurança têm consciência de que esta é uma profissão de serviço público essencial. De que, pela credibilidade que conquistaram, pelo apreço que a população tem por eles,

guimos, vamos ter não só um carnaval, mas um dia a dia tranquilo — afirmou Cabral.

O governador, no entanto, afirmou que pode existir um movimento para trazer a greve da polícia que começou na Bahia na semana passada também ao Rio.

— Desde o primeiro dia do governo temos diagnosticado tentativas de desestabilizar o estado. São ações que vêm de um grupo reduzido que não tem tido apelo junto às corporações. Esse grupo tem o apoio de políticos que foram derrotados, mas as corporações no Rio não vão se conta-

Presidente cobra 'atitude republicana' de novo ministro

Aguinaldo Ribeiro assume Cidades no lugar de Mário Negromonte, também do PP, que teve atuação questionada

Lula Marques/Folhapress

FLÁVIA FOREQUE
MÁRCIO FALCÃO
DE BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff cobrou ontem atuação "rigorosamente republicana" do seu novo ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro.

Após ver ministros deixarem o governo sob acusação de favorecimento a partidos ou redutos eleitorais, a presidente pediu ao deputado tratamento igualitário na distribuição de verbas aos Estados.

"Sem respeitar a Federação, não é possível executar os programas dentro do Ministério das Cidades, porque a atividade exige parceria. E isso impõe ao seu titular capacidade de negociação, bom trânsito político e postura rigorosamente republicana."

Em seu discurso, Ribeiro defendeu mudanças na relação entre gestores e órgãos de fiscalização.

Segundo ele, a Controladoria-Geral da União, o Tribunal de Contas da União e o Ministério Público podem "desestimular" administradores.

"Nós temos uma burocracia



Aguinaldo Ribeiro, ministro das Cidades, com Dilma; ao fundo, o antecessor, Negromonte

cia. (...) É tudo assim tão complicado que chega em alguns momentos a ser desestimulante para quem é gestor."

Para o ministro, o Congresso precisa rever essa relação a partir da discussão das atuais regras.

"Estamos invertendo, deixando que estruturas que deveriam ser instrumento de transparência, de zelo, passe

a ser instrumento de medo para o gestor."

Ribeiro disse, após a fala, que não estava fazendo ataques, mas que era necessário modernizar a legislação e que se colocava como um interlocutor com os órgãos para estabelecer mecanismos de transparência.

Ribeiro fez ainda vários ataques a Dilma. "Não deixa

de ser altamente simbólica que uma descendente de primeira geração de um imigrante búlgaro esteja empossando nesta cerimônia o filho da nossa querida Paraíba. Esse é apenas um exemplo da enorme força do país e de sua incrível mobilidade social".

O ex-líder do PP na Câmara dos Deputados classificou de "factoide" a informação

de que teria omitido da Justiça Eleitoral em 2010 ser dono de empresas.

Segundo outra reportagem, também publicada pela **Folha**, Ribeiro é dono de duas emissoras de rádio no interior da Paraíba, registradas em nome de empregados.

"Não adianta tentar fazer factoide onde não existe. Todas as empresas estão declaradas, (...), isso já foi explicado" disse o ministro, que afirma ter declarado as empresas à Receita Federal.

Em um discurso curto de despedida, o antecessor Mário Negromonte, também do PP, negou mais uma vez qualquer tipo de irregularidade em sua gestão à frente do Ministério das Cidades. "Saio como entrei: sem nenhum processo e de cabeça erguida", afirmou.

Ele é de ala partidária contrária a de Aguinaldo.

A situação de Negromonte agravou-se após a **Folha** revelar a participação dele e do secretário-executivo, Roberto Muniz, em reuniões privadas com um empresário e um lobista interessados num projeto do ministério.

O futebol está diante do que pode ser a última Copa Libertadores. Quem então levantará o troféu antes do Apocalipse previsto para o fim deste ano, segundo interpretações de ruínas maias?

Mas estarão alguns dos hieróglifos da antiga civilização, localizados em Tabasco, no México, real-

mente marcando não só o término do ciclo de 5.125 anos do Calendário de Contagem Longa, como da vida na Terra como conhecemos?

Será o mundo afetado por inúmeras catástrofes naturais, entre terremotos, enchentes, furacões, quando chegar o derradeiro 21 de dezembro de 2012? Como lidaremos com isso?

Pensando assim, já que será a última Libertadores, veremos um time

brasileiro no pódio, para aliviar?

O Flamengo sobreviverá a altura de Potosí e se acertará? O reforçado Vasco brigará pelo título? O Fluminense mostrará na prática o favoritismo que adquiriu na teoria? Melhor: será que presenciaremos um mata-mata carioca apocalíptico?

O Corinthians conseguirá enfim conquistar a Libertadores, nem que seja a última delas? E o Santos, se-

guirá como rei no topo da pirâmide?

Mas e o Internacional, não pintará o continente novamente de vermelho? O Boca não voltará com força total? A Universidad do Chile será todo esse Barcelona das Américas? Mas será essa lenda dos maias mito ou verdade? Perguntas, são muitas. A única certeza que temos é que a Libertadores de 2012 será emocionante do início ao fim. Seja ele qual for.

Outras previsões feitas do fim do mundo



O dilúvio alemão - 1499

O astrólogo Johannes Stoeffler disse que o mundo acabaria com uma enchente, em 20 de fevereiro de 1524. O dia em questão amanheceu chuvoso em Iggelheim, mas sem inundações. Porém, centenas de pessoas entraram em pânico e morreram na confusão.

Nostradamus - século XV

Segundo intérpretes, o francês teria previsto que o mundo chegaria ao fim quando a Páscoa caísse no dia 25 de abril, o que já aconteceu quatro vezes desde então (1666, 1734, 1886 e 1943). Outra vertente diz que seria em setembro de 1999. Ambas erraram.

Escrito em Gizé - 1881

O astrônomo Charles Smith acreditou que a vida na Terra acabaria em 1881, segundo evidências encontradas na Pirâmide de Gizé, no Egito. Ele acreditava que os 1881 entalhes de uma das galerias do lugar marcavam a data.

Três vezes errado - séc. XX

O pastor evangélico norte-americano Harold Camping tentou prever o fim de tudo três vezes, errando em todas. Na primeira, seria no dia 6 de setembro de 1994, mas nada ocorreu. Depois, ele chutou o Apocalipse para maio de 2011, e falhou novamente. A última tentativa foi em 21 de outubro de 2011. Água!

No futebol dos maias, o perdedor era morto

DIVULGAÇÃO

Se engana quem pensa que os maias nada têm a ver com o futebol. Eles praticavam um jogo de bola semelhante, chamado de "Pitz".

Em Chichén Itzá, cidade arqueológica no México, encontra-se o maior campo desse jogo em toda a América Central, com 168 metros comprimento e 70 de largura.

O objetivo do jogo era colocar a bola num aro que ficava no alto, usando cabeça, coxas, joelhos e cotovelos. No fim da partida, o capitão dos perdedores era sacrificado. E tem gente que reclama de hoje...



Os campos tinham forma da letra "I"

Projetos de R\$ 850 milhões contra enchentes

Entre as obras previstas está a construção de barragem e de canais para evitar que cheias de rios inundem cidades

Fábio Vasconcellos

fabiovas@oglobo.com.br

• O governo do estado detalhou ontem três projetos, no total de R\$ 850 milhões, que poderão reduzir os danos causados pelas enchentes em cidades das regiões Norte e Noroeste, além do município de São Gonçalo. Entre as obras, está prevista a construção de extravasadores (canais para desviar o excesso da água das chuvas) no Rio Muriaé e de uma barragem em Cardoso Moreira. As propostas, segundo o secretário estadual do Ambiente, Carlos Minc, já foram aprovadas pelo ministro

da Integração Nacional, Fernando Bezerra, e pelo governador Sérgio Cabral, em reunião na semana passada.

O primeiro extravasador, com cerca de cinco quilômetros de extensão e 40 metros de largura, será construído na cidade de Laje do Muriaé, onde moradores sofrem com as cheias do Rio Muriaé. Outros dois extravasadores, com dimensões semelhantes, serão construídos em Itaperuna e Italva. Nos três casos, os canais vão captar o excesso de água das chuvas antes de o rio passar pelas cidades e despejá-lo após o perímetro urbano. Os extravasadores custarão, cada um, entre R\$ 40 mi-

lhões e R\$ 45 milhões. Já a barragem em Cardoso Moreira está orçada em R\$ 200 milhões.

Secretário quer construção de barragem em Minas

Em Campos, a Secretaria do Ambiente quer recuperar mais de 200 canais e diques construídos há mais de 20 anos pelo governo federal. Segundo o órgão, esses canais, que deveriam auxiliar a agricultura, estão abandonados, ajudando a piorar a situação das cidades quando o nível do Rio Paraíba do Sul sobe.

Minc negou que as propostas tenham sido apresentadas somente agora por causa dos danos causados pelas chuvas. O

secretário explicou que há quase três anos foram elaborados os projetos para a recuperação dos canais de Campos, mas apenas parte foi aprovada. Minc citou ainda as obras que deverão começar em breve no Rio Imbuauçu, em São Gonçalo:

— Esses projetos não foram apresentados só agora. Eles foram apresentados ao longo do tempo. Por exemplo, o projeto de São Gonçalo. Nós apresentamos dois. Um já tinha sido aprovado e vai para a licitação e o outro foi aprovado agora. No caso de Laje do Muriaé, esse projeto foi apresentado no ano passado. Com relação à Bacia de Campos, nós apresentamos o

projeto completo há três anos, mas só foi aprovada a recuperação dos canais de São Bento.

Minc acrescentou que solicitou ao governo federal que seja feita uma barragem em Minas Gerais para impedir que o excesso de água do Rio Muriaé inunde as cidades do Rio. Ele disse que o estado tem outros projetos de prazo mais curto para reduzir ou impedir os danos causados pelas chuvas.

— Essas obras (apresentadas ontem) são estruturantes, levam tempo e demandam anos para se fazer. No curto prazo, nós temos o Limpa Rio. Só na Região Serrana, tiramos 630 mil metros cúbicos (de se-

dimentos) de rios e canais. Nós ainda o sistema de recuperação de cheias, que passou para 62 estações e salvou cidades em Friburgo e Muriaé.

Planos incluem dragagem de rios em São Gonçalo

Para São Gonçalo, o governo apresentou ao Ministério da Integração uma proposta de dragagem do Rio Alcântara e recuperação de suas margens. Os canais recuperados cerca de oito quilômetros do rio, com a recuperação de até mil famílias ribeirinhas. Em fevereiro, o Inea lançou edital para dragar o Rio Paraíba do Sul (também em São Gonçalo) para recuperar suas margens.

IPVA com desconto de 3%

Quem puder deve quitar tributo neste mês,

MARCOS CÉZARI
DE SÃO PAULO

Começa a vencer amanhã o prazo para que os donos de veículos usados licenciados no Estado de São Paulo paguem o IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores) deste ano.

O vencimento entre amanhã e 24 deste mês vale para o pagamento à vista, com desconto de 3% concedido pela Fazenda paulista, e para o pagamento da primeira parcela (ver quadro à direita).

O vencimento toma por base o algarismo final das placas dos veículos. Assim, amanhã vence o prazo para as placas de final 1; na quinta-feira, para as de final 2; e assim sucessivamente.

Quem não pagar até o vencimento terá multa de 0,33% ao dia, limitada a 20%, e juro pela taxa Selic.

Em fevereiro, o imposto poderá ser pago de uma só vez, mas sem o desconto, entre os dias 13 e 29.

Em média, neste ano, os contribuintes pagarão 3,75% menos de IPVA, segundo a Secretaria da Fazenda paulista.

A Fazenda já enviou, em dezembro, o Aviso de Vencimento para os proprietários dos veículos. Para pagar, basta o código do Renavam.

O pagamento pode ser feito nos bancos (nos guichês dos caixas, nos caixas eletrônicos, pela internet, por telefone e por débito agendado), nas lotéricas e nos correspondentes bancários.

À VISTA É VANTAGEM


Se tiver condições financeiras, o contribuinte deve quitar o imposto neste mês, com o desconto de 3%, em vez de em fevereiro, sem o desconto. É que os 3% equivalem a juros de 3,1% ao mês, taxa que não é obtida em aplicações financeiras.

Além do tributo estadual, é preciso pagar o seguro obrigatório (o Dpvat). O valor é o mesmo de 2011 (para os veículos de passeio, R\$ 101,16).

A taxa de licenciamento anual (R\$ 62,70) não precisa ser paga com o IPVA. Ela poderá ser paga entre abril e dezembro, conforme o calendário anual. Para receber o documento em casa, é preciso pagar R\$ 11 pela postagem.

RAFAEL CARVALHO

rafaelcarvalho@lancenet.com.br

 O Vôlei Futuro entra em quadra hoje, às 20h, para defender a liderança da Superliga, contra o Usiminas/Minas, também invicto na competição, contando com uma bela atuação da experiente central Walewska, sua capitã.

Após passar sete anos fora do país, a campeã olímpica demorou até se readaptar ao vôlei brasileiro. Sua última equipe no vôlei nacional havia sido o Açucar União/São Caetano E.C, entre 2003 e 2004.

– Já estou há seis meses aqui (Brasil). Agora já estou adaptada, mas no início foi bem difícil. Quando eu estava fora, a Superliga deu uma caída. Mas, agora, voltou a ser competitiva. As jogadoras de Seleção estão todas aqui – disse.

Pouco tempo após a volta, Walewska conquistou o Campeonato Paulista e, agora, já pensa na possibilidade de ser campeã nacional.

– Nossa primeira meta foi alcançada (título) Paulista. Agora,

queremos nos classificar bem para ter o mando de campo nos playoffs – revelou a capitã do Vôlei Futuro.

Para o confronto de hoje contra o Usiminas/Minas, o Vôlei Futuro teve uma semana intensa de treinos. Segundo Walewska, a maior preocupação da equipe paulista é com o ataque rival, que conta com as cubanas Herrera e Daymi, maiores pontuado-

A campeã olímpica demorou um pouco até se readaptar ao vôlei brasileiro

ras da competição até agora.

– Prestamos atenção nelas. Estamos com uma marcação preparada.

O Vôlei Futuro lidera o torneio com cinco vitórias em cinco jogos e possui 15 pontos. Já o Minas tem 13 e ocupa o terceiro lugar. Assim como o rival, as mineiras estão invictas

Nos pés deles

BOA FASE EM DOSE DUPLA

Aleggol deixa críticas para trás e já tem média de um gol por jogo. Fagner é garçom da Colina

ALEXANDRE ARAÚJO E BRUNO BRAZ
reportervasco@lancenet.com.br

● A boa fase no elenco vascaíno tem vindo em dose dupla. Com números expressivos neste início de temporada, Fagner e Alecsandro são os destaques do Gigante da Colina. O lateral-direito já soma quatro assistências em cinco jogos. O atacante acumula média de um gol por jogo e, com os seis até agora, já chega praticamente na metade do que fez no ano passado (marcou 13 gols no total).

— Ano passado eu não tinha feito a pré-temporada com o Vasco. Não comecei o Carioca com a equipe e agora estou tendo um bom começo de ano. No Internacional e no Cruzeiro, tive bom desempenho também. Sempre quando se faz uma boa pré-temporada, como foi este ano em Atibaia (SP), o alicerce fica maior — afirmou Alecsandro.

Na visão de Fagner, o que vem lhe facilitando é a atenção que os adversários têm dado aos astros do elenco, principalmente os meias Juninho Pernambucano e Felipe.

— Temos uma equipe muito madura, que sabe criar alternativas. Quando não dá pelos lados, vamos pelo meio. Isso tem feito a diferença. A questão é que os adversários vêm fechando o meio por causa do Felipe e do Juninho. Isso nos facilita pelas pontas — disse o camisa 23, citando também Thiago Feltri.

Na vitória sobre o Fluminense, Alecsandro virou “cliente” do garçom Fagner pela segunda vez em 2012. O lateral revelou que os êxitos não surgiram por acaso.

— Sempre falo para ele buscar o primeiro pau ou ficar entre os zagueiros. Estou sempre buscando ele ou o Diego Souza, que são jogadores altos — afirmou.

ATACANTES DOS PRINCIPAIS TIMES DO PAÍS

Com seis gols em seis jogos, Aleggol é um dos goleadores no ano, levando-se em conta os principais times do país.

BOTAFOGO
Loco Abreu
5 gols e 6 jogos

FLAMENGO
Deivid
1 gol e 5 jogos

SÃO PAULO
Willian José
4 gols e 4 jogos

Lucas
3 gols e 6 jogos

PALMEIRAS
Fernandão
2 gols e 5 jogos

GRÊMIO
Kleber
4 gols e 6 jogos

CRUZEIRO:
Anselmo Ramon - 2 gols e 3 jogos

FLUMINENSE
Fred
1 gol e 4 jogos

CORINTHIANS
Emerson
2 gols e 4 jogos

SANTOS
Alan Kardec
4 gols e 6 jogos

Neymar
4 gols e 3 jogos

INTER
Dagoberto
2 gols e 2 jogos

ATLÉTICO-MG:
André
2 gols e 3 jogos

Careta e apelido na moda

Desde que chegou ao Vasco, Alecsandro nunca foi unanimidade entre a torcida. Porém, decisivo em jogos importantes, aos poucos ele vai conquistando o carinho dos vascaínos. Se ainda não é carregado nos braços pela galera, ao menos vai criando moda.

Primeiro veio a careta, marca registrada na Copa do Brasil, agora, o apelido Aleggol. Em entrevista ao L!, em 3 de fevereiro, ele mesmo pediu que fosse chamado assim.

— Quando vim para o Vasco, sabia da responsabilidade. Sempre gosto de ser aplaudido, mas se os aplausos não vêm, tenho que continuar buscando melhorar — disse, ressaltando a história do Vasco com atacantes:

— Ser camisa 9 é sempre difícil. Se você não faz gol, é questionado. E às vezes faz e mesmo assim recebe críticas. E no Vasco ainda é pior, porque o clube teve Roberto Dinamite, Edmundo e Romário...

Desempenho bom, com ressalva

⚡ Os números de Alecsandro nesta temporada ganham destaque se comparados aos de atacantes de outras equipes que disputam a Série A do Campeonato Brasileiro (ver tabela ao lado), e mostram que o camisa 9 cruz-maltino tem tido um bom desempenho este ano.

Porém, o jogador ainda corre para ser o artilheiro do Campeonato Carioca. No Estadual, ele balançou as redes cinco vezes e ainda está atrás de Rômulo, do Friburguense, que já marcou sete vezes, e de Somália, do

Duque de Caxias, que fez seis gols.

Vale lembrar que o Vasco, assim como o Fluminense, tem uma rodada a menos por causa da tabela da Libertadores. Por esse motivo, ambos os times jogam amanhã e no fim de semana.

Mas a classificação já assegurada pela equipe de São Januário pode atrapalhar os planos de Alecsandro, já que o técnico Cristovão Borges pretende poupar alguns jogadores e dá uma oportunidade a outros que se destacaram na pré-temporada.

Pátria entra na compra e venda de energia

Gestora de ativos adquiriu 50% da comercializadora Capitale, que intermedeia a venda de energia para grandes consumidores

Marina Gazzoni

O Pátria Investimentos fechou a aquisição de 50% da comercializadora de energia Capitale. O negócio marca a entrada da gestora de ativos no mercado de compra e venda de energia para grandes consumidores. Esse segmento já movimentava em torno de US\$ 10 bilhões no Brasil e desponta como uma nova oportunidade de negócios para instituições financeiras.

Criada em 2010 por Daniel Rossi e Rafael Mathias, dois executivos do setor de energia, a Capitale faturou R\$ 215 milhões em 2011. O valor da aquisição não foi divulgado.

A empresa faz intermediação de negócios entre produtores e consumidores de energia no mercado livre, ambiente no qual grandes consumidores podem escolher seu fornecedor e negociar preços. Esse mercado representa 27% do consumo de energia do País e permite que empresas consigam descontos de pelo menos 25% no preço da energia. O interesse do Pátria nesse

mercado segue uma tendência internacional de aproximação entre empresas do setor com players do mercado financeiro. No Brasil, o primeiro passo nesse sentido foi visto em 2010, quando o banco BTG Pactual comprou 100% da Coomex, que, na época, faturava R\$ 500 milhões.

“Esse mercado lembra o que era a bolsa de valores anos atrás. É um mundo muito próximo do mercado financeiro”, disse o sócio do Pátria Investimentos, Luiz Otavio de Magalhães.

Como Pátria como sócio, a meta dos fundadores da Capitale, que permanecerão à frente da empresa, é expandir a companhia. “Queremos negociar um volume maior. E, eventualmente, fazer aquisições de empresas complementares e começar a negociar outras commodities”, dis-

● Investimentos

O Pátria já mostrou interesse em outros ativos de energia: investiu mais de R\$ 1 bilhão na Ersa, depois envolvida no acordo que criou a CPFL Energias Renováveis.

se Rossi. Entre as possibilidades de novos produtos estão contratos atrelados a gás natural e etanol, por exemplo.

Bolsas de energia. A comercialização de energia ainda é considerada incipiente no Brasil. Hoje, a maior parte dos contratos é negociada por telefone, no mercado de balcão.

O segmento deve passar por uma virada quando as negociações migrarem efetivamente para bolsas de energia. Hoje, o projeto mais avançado nesse sentido é a Brix, lançada em julho de 2011 por um grupo de cinco sócios, entre eles o empresário Eike Batista. A Brix desenvolveu uma plataforma virtual que reúne em um mesmo ambiente as ofertas de compra e venda de energia no mercado livre, como uma bolsa de valores. Em fevereiro, a Brix estima negociar cerca de 10% do volume do mercado livre e um terço dos contratos de curto prazo, disse o presidente da empresa, Marcelo Mello.

Mas, em breve, a Brix terá concorrência. Um grupo de 12 comercializadoras, entre elas a Ca-



Sociedade. Rafael Mathias (E), Luiz Otávio Magalhães (C) e Daniel Rossi anunciaram o acordo

pitale, pretende lançar em um mês outra plataforma virtual de compra e venda de energia, o Balcão Brasileiro de Comercialização de Energia (BBCE). “Com um grande grupo de comercializadoras sócias do projeto, podemos ter uma grande liquidez”, disse o presidente da BBCE, Flávio Cotellessa.

Tanto a Brix quanto a BBCE ainda estão longe de ser verdadeiras bolsas de energia. Para isso, elas terão de criar câmaras de liquidação financeira, o que está nos planos de ambas. Quando isso ocorrer, será possível lançar contratos atrelados a energia com liquidação financeira – ou seja, em vez de receber energia

no vencimento do contrato, o comprador receberá dinheiro como ocorre no mercado futuro de ouro e petróleo. “Haverá inúmeras oportunidades para o setor financeiro em energia”, disse Mello. O Pátria e o BTG se anteparam a essa tendência ao investir em comercializadoras. **BOROU RENÉE PEREIRA**

Aids: gays são substituídos em vídeo

Ministério da Saúde altera propaganda

Evandro Éboli

ebolli@bsb.oglobo.com.br

● **BRASÍLIA.** O Ministério da Saúde apresentou ontem o novo vídeo dirigido ao público jovem gay e que substituirá o filme vetado na semana passada, que tinha cenas de dois rapazes numa boate. O novo filme, mais burocrático e cheio de números do Boletim Epidemiológico da Aids, traz dois locutores (um homem e uma mulher) apresentando dados sobre a infecção entre jovens homossexuais.

O ministério determinou ao Programa de Aids que retirasse do ar, semana passada, o vídeo com as cenas da relação homossexual. O material de divulgação do programa chegou a anunciar que o filme que gerou a polêmica seria veiculado também na TV aberta e na internet. O ministério determinou o veto e informou

que o vídeo não deveria ter sido divulgado na internet e que será exibido só em espaços fechados frequentados por homossexuais. O vídeo, com logotipo do ministério, foi distribuído nas redes sociais.

No novo vídeo, os locutores apresentam dados sobre a infecção em jovens gays e afirmam que, nos últimos 12 anos, aumentou 10% a infecção entre jovens de 15 e 24 anos. Dizem que, entre jovens de 13 a 19 anos, a relação é de dez mulheres infectadas para cada oito homens.

O vídeo será veiculado em TV aberta a partir de hoje. Semana passada, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, negou que houve censura ao vídeo dos gays. Mas, para o presidente do Grupo Pela Vidda, de São Paulo, Mario Scheffer, a nova campanha é um improviso e comprova que houve censura à campanha original.

Índice coloca o Brasil à frente de outros países do grupo Brics

Segundo medição do economista Jim O'Neill, que cunhou a sigla, brasileiros têm melhores condições de crescimento

País supera a Rússia, a Índia e a China em itens como estabilidade, mas O'Neill vê problemas no real supervalorizado

PATRÍCIA CAMPOS MELLO
DE SÃO PAULO

O Brasil tem as melhores condições para crescimento e as maiores perspectivas de aumento de renda per capita entre todos os Brics. Isso é o que mostra o Índice de Condições de Crescimento (tradução livre de Growth Environment Score, ou GES, na sigla em inglês), criado por Jim O'Neill, o economista da Goldman Sachs que cunhou o termo Brics em 2001.

No ranking do índice, o Brasil vem em primeiro lugar, seguido de China, Rússia e Índia. "O Brasil vai se manter na liderança de condições de crescimento e continuará à frente da China", disse O'Neill à **Folha**. "Acreditamos que a renda per capita do país [atualmente em cerca de US\$ 13 mil] possa dobrar nos próximos 10 a 15 anos, aproximando-se do nível de algumas nações europeias."

Mas o economista, que hoje é presidente do conselho da Goldman Sachs Administração de Ativos, faz uma ad-

vertência: o "excesso de popularidade" do Brasil é uma ameaça. "O Brasil é popular demais, especialmente sua moeda", diz.

Para O'Neill, será "inevitável", nos próximos anos, uma reversão da valorização do real. "É muito raro que uma moeda desafie os fundamentos de longo prazo como o real, que está valorizado demais."

Segundo ele, é importante o governo brasileiro apertar a política fiscal para poder reduzir juros, o que diminuiria a atratividade do real para investidores estrangeiros. Senão, pode haver uma correção caótica da taxa de câmbio. "Quanto mais perdurar esse real sobrevalorizado, mais fraca ficará a indústria."

A equipe de O'Neill elabora o índice GES desde 2005,

“ Se eu fosse a presidente Dilma, meu modelo seria alcançar a Coreia [do Sul], com ampla disseminação de tecnologia e pontuação de 7,5 no índice GES

JIM O'NEILL
economista que cunhou o termo Brics

acompanhando 180 países em 13 critérios: inflação, déficit público, taxa de investimento, abertura comercial, penetração de celulares, de computadores, média de anos de estudo secundário, expectativa de vida, estabilidade política, cumprimento de leis e corrupção.

O Brasil lidera os Brics porque, em algumas das variáveis mais difíceis — como corrupção, estabilidade política e educação —, o país tem pontuação melhor.

O'Neill admite que a boa colocação do Brasil em corrupção e educação pode causar surpresa. "Uma maneira de interpretar isso é que os outros Brics são muito, muito fracos", afirma ele.

POUCA ABERTURA

Em contrapartida, o país vai muito mal em taxa de investimento sobre o PIB (20%, de acordo com o FMI) e abertura ao comércio internacional, com a pior pontuação entre os Brics.

E os outros Brics? A China precisa avançar muito em tecnologia e cumprimento de leis e regras; na Rússia, os pontos fracos são expectativa de vida, cumprimento de leis e corrupção; na Índia, corrupção, estabilidade política, educação e tecnologia precisam de grande melhora.

Sob acusação de estupro, participante do 'BBB' é eliminado

FOTOS: TV GLOBO / FREDERICO ROZÁRIO

O modelo paulista Daniel Echaniz, de 31 anos, será ouvido hoje em uma Delegacia de Polícia do Rio

Pedro Dantas / RIO

A Rede Globo anunciou na noite de ontem que o modelo paulista Daniel Echaniz, de 31 anos, foi eliminado da 12.ª edição do Big Brother Brasil, por causa de "um grave comportamento inadequado". Segundo nota divulgada pela emissora, "após rigorosa avaliação da Rede Globo, iniciada no domingo de manhã, a notícia foi comunicada ao ex-*brother*".

Echaniz é suspeito de ter se aproveitado da embriaguez da estudante gaúcha Monique Amin, de 23 anos, para cometer estupro. Isso fez com que a Polícia Civil do Rio iniciasse uma investigação. Ambos foram filmados numa cama, sob um edredom, e o modelo movimentava o corpo de forma ritmada, enquanto a estudante parecia dormir.

No início do programa de ontem, o apresentador Pedro Bial anunciou que a emissora havia iniciado uma investigação sobre o caso e que a decisão seria anunciada ao longo da atração. Em seguida foi apresentado um vídeo sobre o paredão, durante o qual não houve menção ao episódio. Ao final desse primeiro bloco da atração, Bial anunciou a eliminação do modelo. Depois, o programa continuou, sem novas menções ao acontecido.



Envolvidos. Monique e Daniel ficaram embaixo de edredom

Policiais estiveram no Projac ontem para tentar examinar Monique. Segundo a polícia, a estudante prestará depoimento dentro da casa do programa, às 10 horas de hoje. Echaniz deve ser ouvido também hoje na 32.ª Delegacia de Polícia, na Taquara.

A ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Iriny Lopes, enviou ontem ofício ao Ministério Público Estadual do Rio solicitando a tomada das "providências cabíveis" no caso.

A cena que gerou a suspeita de estupro foi transmitida ao vivo para assinantes do programa pela TV e internet, na madrugada de sábado para domingo. O vídeo de 3min59s foi reproduzido por vários sites e blogs.

A mãe da jovem afirmou que estava "perplexa", pois tinha certeza de que a filha não estava consciente. O empresário de Monique, Cristiano Rosa, soltou um comu-

nicado criticando o agente de Daniel, Sergio Mattos, que questionou ironicamente no microblog Twitter se Monique estava desacomodada: "Ela geme dormindo?". Em nota, Rosa escreveu que o comentário era inadequado e "fruto de uma cultura machista".

"É muita especulação. Eles estavam se pegando. Como modelo, Daniel nunca nos deu trabalho. Ele tem uma carreira internacional, já trabalhou com a *Vogue* francesa e desfilou em Milão", afirmou ontem Mattos ao **Estado**.

Mattos e o diretor do programa, José Bonifácio Brasil de Oliveira, o Boninho, afirmaram que o rapaz é vítima de racismo. "O Brasil é racista. Quantas pessoas já ficaram debaixo do edredom e nunca aconteceu nada?", disse Mattos. Boni diz não ter considerado o caso um estupro, já que não era possível confirmar que os dois fizeram sexo.

OGX faz descoberta na Bacia de Santos

Confirmação faz ação da empresa de Eike registrar maior alta da Bovespa

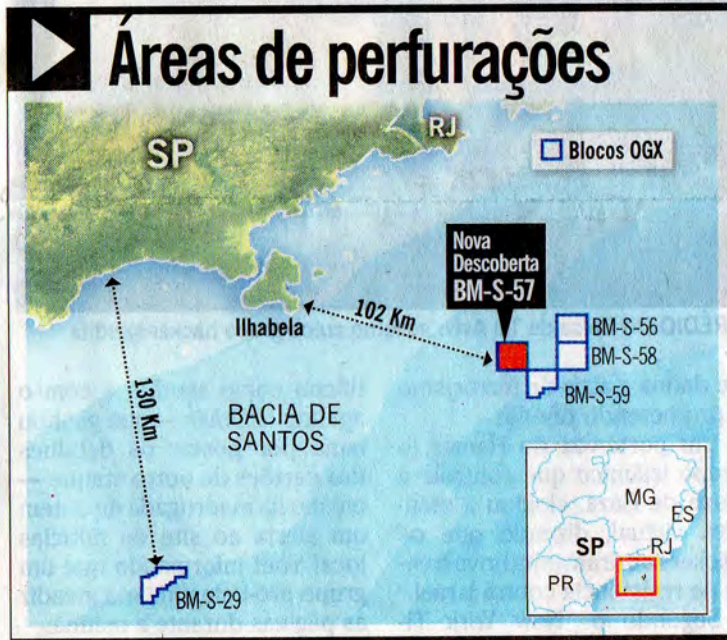
Editoria de Arte

Ramona Ordoñez
ramona@oglobo.com.br

• A OGX, empresa de petróleo do grupo EBX, do empresário Eike Batista, comunicou ontem, em fato relevante à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), ter feito uma importante descoberta de petróleo e gás natural no bloco BM-S-57, no pós-sal na Bacia de Santos.

A descoberta ocorreu durante perfuração de poço situado a 102 quilômetros da costa do Rio de Janeiro e na divisa entre o estado — perto de Paraty — e São Paulo, em águas rasas, com 155 metros de distância do nível do mar ao solo marinho. Essa é a primeira descoberta comercial no bloco, onde já tinha sido perfurado um outro poço não comercial.

A descoberta levou as ações da empresa a registrarem a maior alta na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) e a maior contribuição para a elevação de 1,37% no Ibovespa, índice de referência da Bolsa. As ações ordinárias da OGX subiram 5,79%, a R\$ 14,98, após a empresa anunciar a descoberta de



petróleo e gás natural, como antecipou ontem Ancelmo Gois em sua coluna.

Segundo o colunista de O GLOBO, as estimativas de reservas no campo seriam de três bilhões de barris de petróleo leve. Ainda segundo a coluna de ontem, Eike já teria comunicado a descoberta à presidente Dilma Rousseff e ao ministro de Minas e Energia,

Edison Lobão.

A OGX, no entanto, não confirmou esse volume de reservas, explicando que o poço ainda está sendo perfurado e que, sem a realização dos testes, não é possível fazer estimativas.

Em nota, a companhia destacou que essa é uma importante descoberta devido à grande coluna — de mil metros —

com hidrocarbonetos (petróleo e gás). A forte presença de gás natural gerou um “kick” (um evento que ocorre quando a pressão, seja do óleo ou do gás, é maior do que o peso da lama injetada durante a perfuração do poço), o que, segundo a empresa, está sendo controlado. A OGX esclareceu que o poço já está sendo preparado para reinício da perfuração.

Vazamento da Chevron começou por causa de ‘kick’

O vazamento da Chevron, no início de novembro, durante perfuração de um poço no Campo de Frade, na Bacia de Campos, teve início exatamente por causa de um “kick” — o peso da lama não foi suficiente para conter a forte pressão do petróleo e do gás no reservatório, que acabou vazando para as rochas, provocando grandes fissuras no solo marinho por onde vazaram cerca de 2,4 mil barris de petróleo.

A OGX está se preparando para iniciar a produção de petróleo no próximo dia 28 em outro campos da empresa na Bacia de Campos. ■

COLABOROU Bruno Villas Bôas

RAFAEL CARVALHO

rafaelcarvalho@lancenet.com.br

 As cubanas Daymi Ramirez e Yusleyni Herrera, do Usiminas/Minas, passaram por muitas dificuldades antes de virarem destaques na Superliga. Às 20h de hoje, pela oitava rodada da competição, as duas terão como rival a Unilever. No Maracanãzinho, elas querem dar outro passo rumo à afirmação no vôlei brasileiro.

Maiores pontuadoras do torneio até o momento – Herrera com 125 pontos e Ramirez, com 110 –, as cubanas vieram para o Brasil em busca de melhores condições de trabalho. Inclusive disseram ao L! o quanto eram exigidas quando viviam em Cuba. Segundo Herrera, o termo correto é “sacrificadas”. As jogadoras contam que a remuneração era muito baixa para os treinos que faziam, sempre pesados.

– Falta profissionalismo. Por isso, deixei a seleção – disse Herrera.

Daymi passou por uma situação desagradável. E, que segundo ela, não foi a primeira e nem vai ser a última vez que ocorrerá a um cubano. Durante suas férias, a oposto foi

visitar a família na ilha. Na volta para o Brasil, foi impedida de viajar e se reapresentou com atraso ao Usiminas/Minas (leia mais abaixo).

Agora já adaptadas ao Brasil e a Minas Gerais, Herrera e Ramirez dizem ter esquecido os problemas pelos quais passaram. Apesar da possibilidade de se tornarem as “artilheiras” da Superliga Feminina, as duas miram a conquista do título.

– Não ligo muito para isso (ser a maior pontuadora). Trabalho e treino para o meu time ganhar os jogos. Se estou bem nas estatísticas, é graças ao coletivo. Quero ajudar o time a ser campeão – contou Ramirez.

O Usiminas/Minas, que venceu o Sollys/Nestlé na última rodada, tem o quarto posto na classificação, com 16 pontos. Até agora, foram seis vitórias e um revés. A equipe está dois pontos atrás da vice-líder Unilever, atual campeã do torneio nacional, que venceu os últimos seis jogos.



TV



21h SESI-SP X VÔLEI FUTURO
SPORTV

Militares criticam opiniões de ministras e omissão de Dilma

Em nota, presidentes dos três clubes da reserva atacaram declarações de Maria do Rosário e de Eleonora Menicucci

Tânia Monteiro / BRASÍLIA

Em sinalização de como os militares da reserva estão digerindo a instalação da Comissão da Verdade, presidentes dos três clubes militares publicaram um manifesto censurando a presidente Dilma Rousseff e atacando as ministras dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, e da Secretaria das Mulheres, Eleonora Menicucci, por supostas críticas dirigidas à caserna.

A carta, embora assinada por oficiais da reserva, traduz a insatisfação de militares da ativa, que são proibidos de se manifestarem. Eles se queixam de Maria

do Rosário por supostamente estar questionando a Lei da Anistia e da titular da pasta das mulheres por “críticas exacerbadas aos governos militares”.

Os militares reclamam que Dilma, como comandante em chefe das Forças Armadas, deveria ter repreendido suas auxiliares, e não ter aplaudido o discurso de posse da nova ministra, endossando suas palavras supostamente contra a categoria. “Os Clubes Militares expressam a preocupação com as manifestações de auxiliares da Presidente sem que ela, como a mandatária maior da nação, venha a público expressar desacordo”, diz a nota.

Ao se queixarem da postura da ministra Maria do Rosário, os militares citam que ela deu declarações na qual “mais uma vez asseverava a possibilidade de as partes que se considerassem ofendidas por fatos ocorridos nos governos militares pudessem in-

gressar com ações na Justiça, buscando a responsabilização criminal de agentes repressores, à semelhança ao que ocorre em países vizinhos”.

Na nota, os presidentes dos clubes Militar, Naval e da Aeronáutica reclamam de Maria do Rosário alegando que “mais uma vez esta autoridade da República sobrepunha sua opinião à recente decisão do STF”, que rejeitou a revisão da Lei da Anistia. “A Presidente não veio a público para contradizer a subordinada.”

Nova ministra. O manifesto censurou ainda a presidente Dilma por ter afiançado o discurso supostamente revanchista de posse de Eleonora. Segundo os militares, a nova ministra “teceu críticas exacerbadas aos governos militares e, se auto-elogiando, ressaltou o fato de ter lutado pela democracia (*sic*), ao mesmo tempo em que homenageava os companheiros que tombaram na refrega”. Os militares ressaltaram que “a plateia aplaudiu a fala, incluindo a sra Presidente”.

Procurada ontem, Maria do Rosário disse que não leu o manifesto e que, portanto, “não comentaria” o documento. A ministra Eleonora não foi localizada pela reportagem.

Curso superior não tem elevado renda, diz estudo do IBGE

Nos últimos 8 anos, ganho de quem fez faculdade teve 0,3% de aumento real, contra 30,6% dos com nível fundamental

Número de trabalhadores com diploma universitário cresceu 63%, o que, para economista, contribuiu para a queda na renda

MARIANA SCHREIBER
DE SÃO PAULO

O diploma de curso superior não tem assegurado, necessariamente, crescimento do poder de compra nos últimos anos, mostra recente estudo feito pelo IBGE.

Na média, a renda dos trabalhadores com diploma universitário ficou praticamente estagnada de 2003 a 2011.

Nesse período, o salário médio desse grupo teve ganho real (acima da inflação) de apenas 0,3%, indo a R\$ 3.850,52.

Na outra ponta, a remuneração média dos trabalhadores que têm até oito anos de escolaridade subiu 30,6% acima da inflação nesses últimos oito anos.

O estudo do IBGE abrange as regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Porto Alegre.

Para o economista da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) João Saboia, a estagnação da renda média entre graduados mostra que não há um apagão generalizado

de profissionais qualificados. Segundo o IBGE, o número de trabalhadores com curso superior cresceu 63% nos últimos oito anos.

O economista do Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa) Naércio Menezes recorre à lógica da oferta e da demanda para afirmar que o número maior de profissionais com nível superior limitou o ganho de renda nesse grupo.

Mas isso varia de acordo com as áreas de formação, dizem os dois economistas.

Saboia analisou o perfil dos cargos formais gerados para profissionais com ensino superior em 2010 e notou que a carência de mão de obra é mais concentrada em áreas de perfil técnico, como física, química, engenharia, matemática e biotecnologia.

A demanda por esses profissionais vem crescendo com a expansão dos setores de construção civil, infraestrutura e petróleo, explica.

HUMANAS X EXATAS

Segundo levantamento feito pela **Folha** a partir de dados do Ministério da Educação, apenas 13,6% dos alunos que concluíram a universidade entre 2001 e 2010 se graduaram em cursos de exatas como os listados acima.

A grande maioria (67,6%) veio de áreas de humanas, como direito, educação, ciên-

cias sociais e artes. Saboia observa que parte desses profissionais não está conseguindo empregos em suas áreas.

Em seu estudo, ele descobriu também que 16% das novas vagas ocupadas em 2010 por pessoas com curso superior eram cargos de assistentes e auxiliares administrativos. Outros 4,7% eram postos técnicos de nível médio na indústria e no comércio.

“Tem muita gente se formando, mas não exatamente no que o mercado está precisando, então essas pessoas não estão sendo valorizadas”, afirma Saboia.

Presidente da Asap (consultoria que faz recrutamento de profissionais com salários entre R\$ 6.000 e R\$ 15 mil), Carlos Eduardo Dias afirma haver um apagão de profissionais qualificados em todas as áreas.

Em algumas, segundo ele, não faltam pessoas gradúas, mas faltam profissionais com boa formação.

“O nosso ensino superior ainda não tem a qualidade que deveria ter. Falta qualidade na formação, e sobra vaga no mercado”, disse.

Dias reconhece, porém, que o problema é mais grave em áreas técnicas. Segundo ele, os salários oferecidos a engenheiros cresceram entre 30% e 50% acima da inflação nos últimos cinco anos.

Segundo a polícia, foram registrados 1.984 acidentes, 27,4% a menos do que e

Carolina Brígido
carolina@bsb.oglobo.com.br

• **BRASÍLIA.** Balanço parcial da Polícia Rodoviária Federal revela que houve redução no número de acidentes e de vítimas fatais nos três primeiros dias do carnaval, em comparação com o mesmo período no ano passado. De sexta-feira a domingo, foram contabilizados 1.984 acidentes, com 1.148 feridos e 122 mortes. Em 2011, no mesmo período, houve 2.732 acidentes, com 1.625 feridos e 135 mortes. A redução é de 27,4% no número de acidentes, 29,4% nos feridos e 9,6% nas mortes. Os dados foram divulgados ontem e referem-se apenas a acidentes em estradas federais.

Segundo a Polícia Rodoviária Federal, um quinto das mortes ocorreram em apenas dois acidentes. No sábado, dois ônibus de turismo se chocaram na BR-153, próximo ao município de Estrela do Norte, em Goiás. Morreram 14 passageiros no local e dezenas ficaram feridos. Também houve a colisão frontal de um automóvel com um ônibus, na BR-349, no município de São Félix, na Bahia. Oito dos nove passageiros do carro morreram no local. O acidente aconteceu na sexta-feira pela manhã. Há indícios de que o motorista dormiu ao volante.

Em três dias, mais de 31 mil multas foram aplicadas

Ontem pela manhã, um micro-ônibus da Viação Única com 16 passageiros caiu de uma ribanceira de aproximadamente 60 metros de altura na BR-040, em Petrópolis, na Região Serrana do Rio. Equipes do Corpo de Bombeiros fizeram o resgate, que foi considerado de alto risco. Uma mulher morreu no local e os outros passageiros foram levados ao hospital. Até ontem à tarde, outro passageiro tinha morrido no hospital. Por conta do acidente, o tráfego fluía apenas em meia pista.

De sexta-feira a domingo, policiais rodoviários federais fiscalizaram mais de 80 mil veículos e emitiram mais

de 31 mil multas. Dos cerca de 15 mil motoristas que sopraram o bafômetro, 701 foram reprovados e impedidos de seguir viagem dirigindo. Desses, 276 foram presos por crime de trânsito no momento da fiscalização. No mesmo período, a polícia conseguiu apreender 700 quilos de cocaína, 328 quilos de maconha e crack suficiente para fazer mais de três mil pedras.

Na volta para casa, para dar mais fluidez ao trânsito nas rodovias de pista simples, o tráfego de caminhões bitrem, caminhões-cegonha e veículos com dimensões excedentes foi restringido. Esses veículos não poderão circular nas vias hoje das 16h à meia-noite, e amanhã, das 6h ao meio-dia. Quem descumprir a determinação estará sujeito a pagar multa de R\$ 85,13. O condutor desses veículos será obrigado a permanecer com o veículo estacionado até o final do horário de restrição.

PRF recomenda cautela nas ultrapassagens

Em sua página na internet, a Polícia Rodoviária Federal faz recomendações a motoristas que seguirão viagem no feriado de carnaval. Uma delas é manter uma distância segura do carro à frente. Segundo o órgão, no carnaval passado foram registrados 1.346 acidentes do tipo colisão traseira, correspondentes a 31% do total.

Outra recomendação é cautela em ultrapassagens. Segundo a polícia, 40% das mortes em estradas federais ocorridas no carnaval passado foram ocasionadas por colisões frontais causadas por ultrapassagens proibidas. A polícia também lembrou que, no carnaval do ano passado, 15% das mortes nas estradas foram por atropelamento. Outra dica é evitar dirigir à noite — no feriado de 2011, 40% das mortes nas estradas ocorreram nesse período. O balanço completo dos acidentes será divulgado nesta quinta-feira. ■

• LEIA MAIS SOBRE O ÔNIBUS QUE DESPENCOU EM PETRÓPOLIS, na página 11

CBF: votação, sob ameaça

DANIEL LEAL E MARCELO DAMATO

futbr@lancenet.com.br

As federações rebeldes poderão dificultar as mudanças estatutárias que serão propostas pelo presidente da CBF, Ricardo Teixeira, na Assembleia Geral Extraordinária da entidade marcada para o dia 29, no Rio de Janeiro.

Os rebeldes tentaram marcar o encontro por iniciativa própria, na mesma data. A intenção era debater o futuro da CBF caso Teixeira se afastasse de seu cargo.

O dirigente, no entanto, abafou a reunião ao convocar assembleia com uma pauta própria, o que irritou os rebeldes, liderados pelas federações de Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Um dos pontos que serão debatidos pelas federações é a reforma parcial do estatuto da CBF. As entidades ainda não sabem quais modificações serão propostas. Porém, comenta-se nos bastidores que as alterações devem estar ligadas à sucessão de Teixeira.

– Pode não haver nenhuma proposta de mudança quanto a poderes, como também pode ter. Temos de sentar à mesa e ouvir a proposta – disse o mandatário da Federação Goiana de Futebol (FGF), André Pitta, fiel a Teixeira.

Os rebeldes ameaçam barrar a

votação. Oficialmente, afirmam que a proposta de mudança deveria ser entregue antecipadamente para poder ser votada já na reunião do dia 29. Segundo apurou a reportagem, as federações tomarão conhecimento das alterações apenas dois ou três dias antes do encontro.

– Se for debater qualquer proposta estatutária, não vai ser nessa reunião. Se tiver, vai ser numa outra, especificamente para isso, dizendo o que vai ser reformado. Não pode ser assim, tem de dizer primeiro o que vai ser reformado – contestou o presidente da Federação Baiana de Futebol (FBB), Edinaldo Rodrigues.

Barrar a votação também seria uma reação à convocação da assembleia. Porém, os rebeldes precisarão buscar novos aliados para atrapalhar os planos de Teixeira.

Segundo o estatuto da CBF, a aprovação das mudanças depende do voto favorável de dois terços dos presentes. Hoje, são sete as federações rebeldes: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina e Pará. Faltaria, então, o apoio de três outras para barrar as alterações.

Na visão de rebeldes, há alguma manobra por trás da mudança estatutária. Porém, não sabem ainda ao certo a intenção de Teixeira.

Uso de peles de animais leva ativistas para a porta da Bienal

Gloria Coelho exibiu vestido com pele de vaca; Ellus, casaco de chinchila, e Fause Hatén, estola de raposa

Valéria França
Flávia Guerra

Coelhos de isopor reciclável e raposas de madeira passaram o fim de semana expostos na porta de entrada da São Paulo Fashion Week, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Ao lado, plaquinhas com os dizeres “no fur” fincadas na terra. As 140 esculturas faziam parte de uma manifestação realizada por ativistas da Move Institute, ONG que luta contra o uso de pele de animais na moda.

Depois de passar pelas obras – assinadas por artistas plásticos como Renata Debonis, Vermelho e Mônica Chan –, os convidados que chegaram ao prédio para a São Paulo Fashion Week ganhavam um adesivo para colar no peito com os mesmos dizeres das placas. Nas salas de desfile, o couro e a pele de bicho nunca estiveram tão em alta na Bienal como nesta temporada de inverno.

“Queremos trazer esse tema para a moda, propor incentivos para pesquisas de tecidos e novas tecnologias”, explica Adriana Pierin, presidente do instituto criado há dois anos. Muito estilista colocou pele de verdade nas suas coleções.

Fause Hatén, por exemplo, trouxe estolas de raposa, golas de visom que contrastavam com os looks em levíssima seda pura. “Não sou a favor nem contra o uso de peles. E não quero entrar nesta polêmica. O que importa é que sou a favor da liberdade. Sempre uso pele sintética e acho ótimo. Mas nesta coleção, mais que tudo, eu queria usar peles.”

Glória Coelho, ontem, surpreendeu ao misturar pele de vaca – bem

parecida com a dos tapetes de casas de fazenda – com tecidos fluidos. “Não vejo problema em usar couro de vaca ou de boi”, diz Glória. “O boi e a vaca fazem parte da cadeia alimentar.”

Reinaldo Lourenço não cogita o uso de materiais sintéticos. “Acho muito ingênua esta história. As pessoas comem o boi, então aproveita-se o couro. O material sintético não tem a mesma textura, nem o mesmo caimento.” E a pele? “Foi a primeira indumentária do homem. Se não fosse a pele não teríamos sobrevivido.”

Na passarela surgiram, sim, materiais alternativos. Foi o caso da Ellus, que apresentou jeans resinado, que dá aspecto de couro ao tecido. Mas a grife também colocou na mesma passarela um casaco com pele de chinchila.

“Eu, que sou contra o uso de peles, tentei inicialmente usar couro sintético. Mas fui pesquisar e cheguei à conclusão de que o couro sintético é feito de PVC, ou seja, plástico. Então, voltei ao couro natural”, diz João Pimenta, estilista da marca que leva seu nome.

O Brasil exportou US\$ 2,5 bilhões de couro e pele em 2011. Em quantidade, segundo o Centro das Indústrias de Couro do Brasil, 2% a menos que em 2010. O setor espera uma redução maior ainda este ano. Em 2011, Itália e China compraram 52% do total enviado para fora do Brasil. A saída parece ser o aumento do consumo interno.

estadão.com.br

Multimídia. Veja mais fotos e a cobertura completa dos desfiles

<http://blogs.estadao.com.br/moda>

Sacolinha estimula rec

Ambientalistas apostam em embalagem biodegradável pa

Menos de 2% do lixo orgânico passa por tratamento que produz húmus e fertilizantes para uso na agricultura

TONI SCIARRETTA
DE SÃO PAULO

O fim da sacolinha plástica nos supermercados paulistas, que será substituída a partir de amanhã pelas similares biodegradáveis, é uma das maiores apostas dos ambientalistas para tirar do papel a indústria brasileira de compostagem de lixo orgânico, hoje a mais atrasada das cadeias de reciclagem.

A compostagem é o processo industrial de decomposição de material orgânico, como restos de alimentos, feita por micro-organismos e que produz húmus e fertilizantes para a agricultura. A nova sacolinha está preparada para abrigar matéria orgânica e seguir para a compostagem.

Diferentemente das reciclagens de latinhas de alumínio, caco de vidro, papel e plástico, que já existem em diferentes escalas no país, a compostagem mal engatinha.

A estimativa é que funcionem cerca de 300 usinas de compostagem, a maioria ligadas a laboratórios e projetos pilotos de universidades. Segundo o IBGE, menos de 2% do lixo orgânico brasileiro passa por um processo de tratamento de compostagem.

No Brasil, o lixo orgânico representa mais de 50% dos resíduos sólidos residenciais. É ele que representa os maiores riscos para a saúde pública —restos de alimentos entram em decomposição assim que são descartados, atraem insetos e ratos, geram odores desagradáveis, produzem chorume e propicia a proliferação de micro-organismos causadores de doenças.

Reciclar o lixo orgânico é um desafio na maioria dos países do mundo, mesmo onde a coleta seletiva está mais avançada, como na França e

Parque fabril da Extrusa, que faz saco compostável em Guarulhos



países, só agora as metas de redução de gás metano por conta do efeito estufa estimulam a compostagem.

O metano é produzido nos aterros sanitários, técnica de tratamento que o Brasil adota para substituir os lixões.

NEGÓCIO DE ESCALA

Segundo André Vilhena, diretor do Cempre (Compromisso Empresarial para a Reciclagem), a compostagem está atrasada porque depende de escala e da coleta seletiva, que tem previsão de chegar a todas as cidades em 2014.

Para Vilhena, à medida que ocorrer a coleta seletiva, o lixo doméstico coletado nas cidades deverá se converter em lixo orgânico, seguindo direto para compostagem.

“Quando se retiram os re

mo vidro, metal, plástico, o que sobra é quase sempre lixo orgânico. O fim da sacolinha plástica trabalha a redução do uso, que tem um ganho ambiental importante.”

“Mesmo que a sacolinha biodegradável não vá parar em uma usina de compostagem —provavelmente, ela vai para um aterro ou para um lixão—, o uso dela representa um avanço em relação ao plástico. No aterro, ela vai sofrer um processo de degradação que demora mais tempo do que na compostagem, mas que é muito menor do que o do plástico comum”, disse Mônica Abreu Azevedo, pesquisadora do Lesa (Laboratório de Engenharia Sanitária e Ambiental) da Universidade de Viçosa (MG).

O plástico demora, com

Pagamento do IPVA é prorrogado novamente

Após problemas, Secretaria estadual de Fazenda altera as datas de carros com placas final zero, 1, 2, 3 e 4

Isabel de Araujo

isabel.araujo@oglobo.com.br

Ana Paula Viana

ana.paula@extra.inf.br

• Após uma enxurrada de reclamações de motoristas que não conseguiam imprimir corretamente as suas guias do IPVA 2012, a Secretaria estadual de Fazenda decidiu prorrogar o prazo para contribuintes que têm carro com placa final zero, 1, 2, 3 e 4. De acordo com a nova tabela, o pagamento da cota única com desconto e da

primeira parcela foram alterados, respectivamente, para 12, 14, 15, 19 e 21 de março.

A notícia foi divulgada por volta das 15h40m, para alívio de pelo menos 300 proprietários de veículos com placas de final zero e dois, que ontem chegaram a aguardar até quatro horas para serem atendidos na sede secretaria, no Centro do Rio. O prazo para estes dois finais, que terminaria ontem, já tinha sido prorrogado uma vez. Segundo os motoristas, muitos problemas foram detectados

no Renavam de veículos emplacados em 2011 ou que tiveram a documentação alterada em dezembro passado.

Secretaria alega que há “inconsistências de dados”

Em nota, a secretaria de Fazenda informou que a prorrogação era necessária, pois “foram identificadas inconsistências de dados”. Com a mudança, a segunda e a terceira parcela destas mesmas placas também tiveram suas datas modificadas. Os vencimentos das de-

mais placas estão mantidos.

— Estou há dias tentando resolver meu problema pelo telefone, mas só dá ocupado. Botei kit-gás em novembro passado e não me deram o desconto no IPVA — disse a produtora de TV Roberta Rocha, que ontem foi à secretaria, no Centro do Rio.

Até mesmo quem conseguiu ser atendido continuou confuso com a situação. O empresário Ari Luiz Piovezan, que chegou ao órgão ao meio-dia, foi atendido às 16h. Ele precisava

tirar certidões do veículo, mas saiu de lá com os documentos em nome de Paulo Teixeira:

— Inacreditável a bagunça. Não faço ideia de quem é este tal de Paulo. Não vou encarar outra fila de quatro horas para resolver meu problema — disse Piovezan.

Motoristas param o trânsito para protestar

Cansados de esperar por uma resposta para seus problemas, dezenas de motoristas fecharam uma das faixas

de rolamento da Rua Visconde de Rio Branco, em frente à secretaria, por aproximadamente uma hora. O protesto, começou por volta das 10h acompanhado por policiais militares e guardas municipais, que conseguiram liberar o trânsito.

— Fui imprimir a guia de pagamento do IPVA e simplesmente meu Renavam não era — reclamou o economista Riley Rodrigues, que ontem ainda buscava solução para seu problema. ■

Alimentos recuam e IGP-M registra deflação de 0,06%

Varição em 12 meses do índice da FGV que reajusta contratos de aluguel desacelera e acumula a menor alta em quase 2 anos

Márcia De Chiara

Influenciado pela queda dos preços dos alimentos, tanto no atacado como ao consumidor, o Índice Geral de Preços-Mercado (IGP-M) surpreendeu e voltou a registrar deflação em fevereiro. A queda foi de -0,06% no mês. Em 12 meses, a variação acumulada atingiu 3,43%, a menor em quase dois anos. A menor variação acumulada anterior ocorreu em abril de 2010 e foi de 2,88%.

“A taxa acumulada do IGP-M em 12 meses pode desacelerar um pouco mais no mês que vem”, diz o coordenador de análises econômicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Salomão Quadros. Mas ele não considera que a deflação do IGP-M se repita no mês que vem. De toda forma, a tendência de suavização da inflação acumulada em 12 meses é uma boa notícia porque o IGP-M é o indicador mais usado pelos inquilinos para reajustar os contratos de aluguel.

Os três indicadores que compõem o IGP-M perderam fôlego em janeiro para fevereiro. O Índice de Preços por Atacado (IPA), que tinha tido deflação de

-0,07% em janeiro, encerrou este mês com queda de -0,26%. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) teve alta de 0,27% este mês, depois de ter subido 0,97% em janeiro. O Índice Nacional da Construção Civil (INCC) fechou fevereiro com elevação de 0,42%, ante um acréscimo de 0,67% no mês passado.

Consumidor. Quadros destaca que, apesar do IPA responder por 60% do IGP-M e ter registrado variação negativa em fevereiro, foi o IPC que mais contribuiu para a deflação do indicador. Em números exatos o IPC recuou 0,70 ponto percentual de janeiro para fevereiro e o IPA 0,19 ponto percentual. Mas tanto o IPC quanto o IPA foram fortemente influenciados pelo recuo dos alimentos.

No IPC, por exemplo, o grupo

● **Educação desacelera**
Os gastos com educação tiveram forte retração de janeiro para fevereiro no IPC e, junto com a queda dos preços dos alimentos, explicam a desaceleração da inflação ao consumidor neste mês.

alimentação teve deflação de -0,05% em fevereiro, com desaceleração 1,47 ponto percentual em relação a janeiro. O destaque de fevereiro foi para carne bovina (-3,13%), hortaliças e legumes (-1,66%) e massas e farinhas (-1,09%).

No IPA, os preços dos produtos agropecuários, que tinham subido 1,10% em janeiro, registraram deflação de 0,28% em fevereiro. A soja em grão teve variação negativa de 0,31%, depois de ter subido 3,31% em janeiro. A cotação do café em grão recuou 2,39%; os bovinos, -1,13% e as aves, -5,26%.

“Houve uma inversão entre o comportamento dos preços no atacado das matérias-primas agropecuárias e das matérias industriais de janeiro para fevereiro”, observa Quadros. Influenciada pela seca e pela entressafra, os preços dos produtos agropecuários exerceram pressão alta no IGP-M de janeiro, enquanto as matérias-primas industriais seguiram em baixa. Em fevereiro, porém, com o fim da entressafra e o início da colheita dos grãos e as chuvas que melhoraram as pastagens, os preços agropecuários recuaram e as cota-



Inflação do aluguel. Inquilinos serão favorecidos pela deflação do mês de fevereiro

MARCHA À RÉ

Varição da inflação acumulada em 12 meses, medida pelo IGP-M

EM PORCENTAGEM



FONTE: FGV

ções dos insumos industriais reverteram a trajetória de queda.

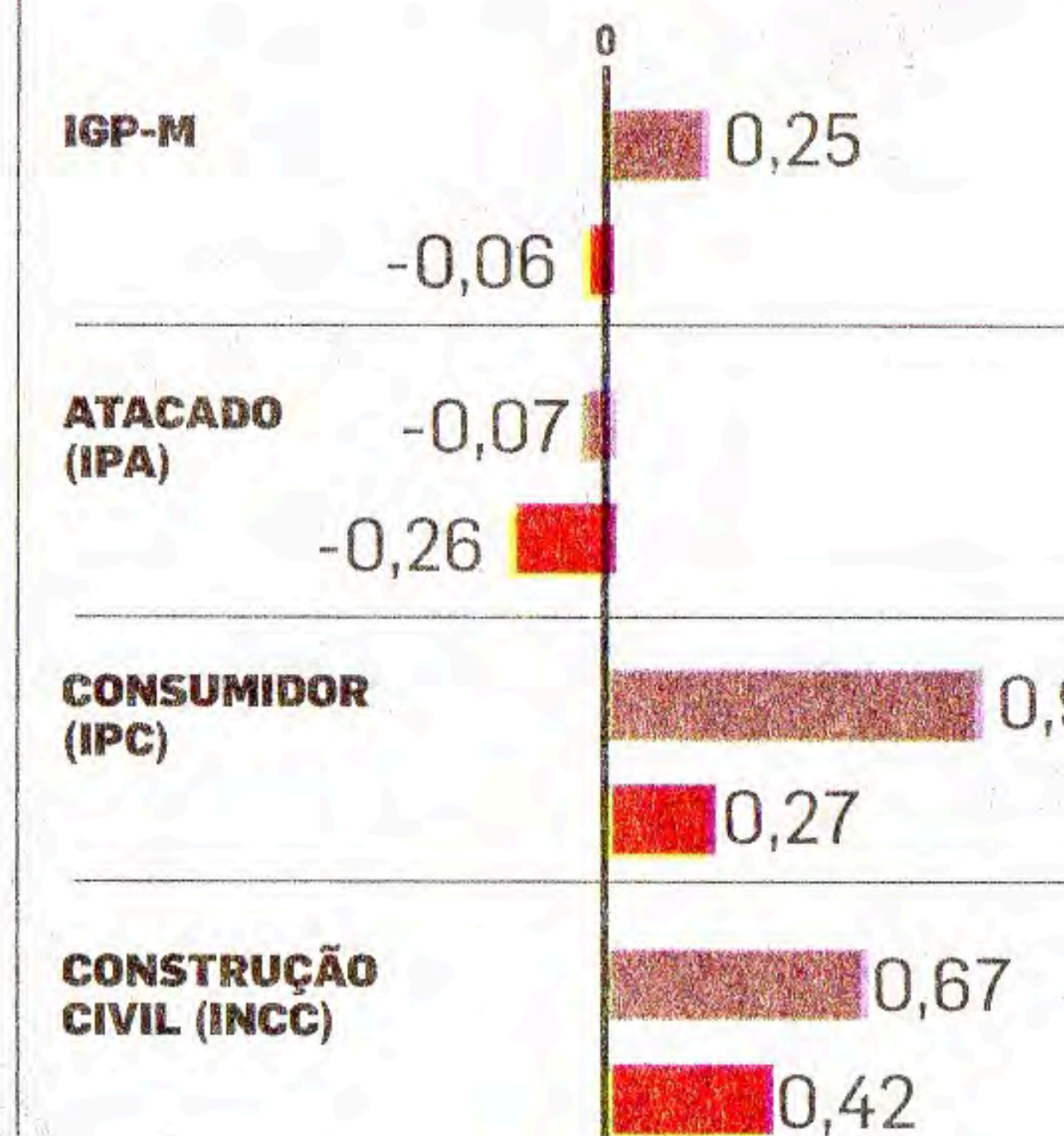
O economista ressalta o comportamento do minério de ferro como exemplo de matéria-prima industrial. Em janeiro, o preço do minério no atacado tinha recuado 5,44% e, em fevereiro, a

retração foi menor, de -2,94%. Apesar de, isoladamente, o minério ter sido o produto que mais contribuiu para a deflação do IPA-M (-0,15 ponto percentual), Quadros diz que a tendência é deflação do preço minério perca força rapidamente.

Varição do IGP-M no mês

EM PORCENTAGEM

JANEIRO FEVEIRO



INFOGRÁFICO/A

“A deflação do IGP-M, registrada este mês, é uma situação temporária”, diz. Além da queda do preço do minério perder força, ele não acredita que a retração dos preços agropecuários seja mantida no mesmo ritmo no mês que vem.

Entulho resultante do incêndio se torna um problema ambiental

CLAUDIO ANGELO
SIMONE IGLESIAS
DE BRASÍLIA

A retirada de entulho resultante do incêndio na estação brasileira Comandante Ferraz, na Antártida, sem que haja agressões ao frágil ecossistema local é uma das principais preocupações do governo no momento.

Na madrugada de sábado, o incêndio destruiu as instalações da estação, deixando dois mortos e um ferido.

A limpeza do sítio determinará o prazo de reconstrução, estimado em até três anos por alguns pesquisadores e em nove meses pelo ministro Celso Amorim (Defesa).

A baía do Almirantado, onde Ferraz está situada, é área de proteção especial. É proibido jogar esgoto no mar e todo o lixo produzido precisa ser levado para o Brasil.

A se confirmar o prognóstico de perda total da base, (cujo complexo tem 2.250 m²), seus restos se converterão em lixo potencialmente tóxico. Há combustível, esgoto e produtos químicos que podem contaminar solo e água.

“Ainda estamos no período de chuva. Com a água, produtos químicos podem escorrer e pôr em risco a flora e os

organismos marinhos”, diz Verônica Vallejos, do Instituto Antártico Chileno, vice-presidente do CEP (Comitê de Proteção Ambiental) do Tratado da Antártida.

Segundo ela, o tratado, que regula todas as atividades no continente, não estabelece prazos para a retirada dos restos, nem pode impor multas por dano ambiental. O que se espera, porém, é que o país apresente ao CEP um plano de remediação.

A ministra Izabella Teixeira (Meio Ambiente) diz que traçar o plano dependerá de relatório da Marinha sobre a extensão do dano. “A gente não sabe nem o que perdeu.”

Vallejos reconhece, porém, que a limpeza de Ferraz vai demorar, porque o inverno antártico começa em um mês. Até outubro, pelo menos, o acesso à região por navio é dificultado pelo gelo.

Segundo um interlocutor da Defesa, é difícil estimar prazo para tirar material tóxico por causa da “complexidade” do ambiente e porque é preciso estabelecer um plano para minimizar os danos.

“Uma obra nova terá de tirar todo o lixo e isso é operação para um verão inteiro”, afirma Francisco Aquino, pesquisador da UFRGS.

Mais uma vítima reconhece acusado de estupro

Jovem foi assaltada em São Conrado. TJ suspende liberdade condicional do suspeito

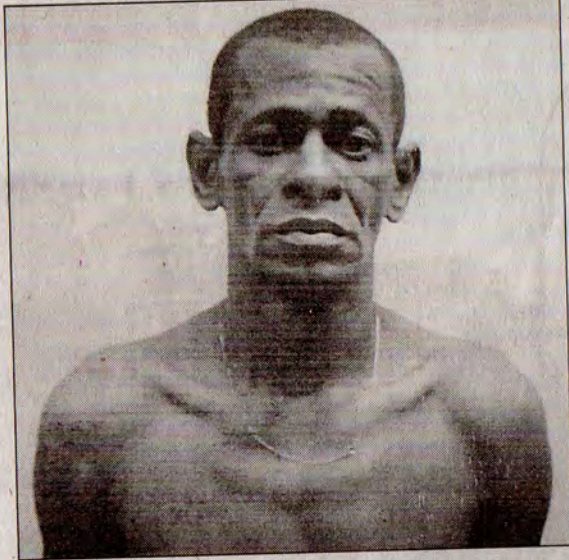
Renata Leite

renata.leite@oglobo.com.br

Ludmilla Lima

ludmilla.lima@oglobo.com.br

Luiz Ackermann



PAULO ROBERTO na 15ª DP: condicional suspensa e transferência para o presídio Ary Franco

torista foi perigosa. Ele diz que não é aconselhável outras pessoas fazerem o mesmo porque o ladrão pode estar armado.

O presidente do Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ), desembargador Manoel Alberto Rebêlo dos Santos, adiantou ontem que será pedida a transferência de Paulo Roberto para um presídio federal fora do Rio. Rebêlo explicou que Paulo Roberto estava solto porque havia preenchido todos os requisitos necessários à liberdade condicional. O criminoso acumula uma pena de mais de 25 anos de prisão em três condenações — uma por roubo e duas por tentativa de roubo, todos os casos sem uso de arma, e nenhuma condenação por homicídio ou delito sexual.

Ontem, a liberdade condicional foi suspensa pela juíza Juliana Benevides, da Vara de Execuções Penais do TJ. A magistrada

disse que havia concedido o benefício a Paulo Roberto no último dia 9, durante o mutirão carcerário do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Segundo a juíza, o detento já tinha ultrapassado em mais de dois anos o tempo necessário à liberdade condicional.

Seis dias após a sua decisão, no entanto, houve o caso em que Paulo Roberto foi acusado do estupro dentro do ônibus da linha 540 (Largo do Machado-Leblon). No último sábado, ele voltou a ser preso.

— Ele estava preso no sistema desde 15 de abril de 1994. Pela Lei de Execuções Penais, há quase três anos (desde julho de 2009) ele fazia jus à liberdade condicional — afirma a juíza. — Estava tentando segurar, mas chegou um momento em que não havia mais empecilho algum. Também havia parecer favorável do Ministério Público. ■

• Mais uma vítima de Paulo Roberto da Silva Dias, acusado de estuprar uma menina de 12 anos num ônibus, procurou a 15ª DP (Gávea), ontem, e o apontou como autor de um assalto que ocorreu em São Conrado, no último dia 19. A jovem de 20 anos o reconheceu ao assistir a uma reportagem sobre a prisão do suspeito. Na delegacia, a vítima contou que foi abordada pelo bandido num ponto de ônibus. Ele teria dito estar com uma arma e, após roubar R\$ 80 dela, teria fugido num coletivo.

Segundo o delegado da 15ª DP, Fabio Oliveira Barucke, esta foi a sexta vítima que procurou a delegacia e reconheceu Paulo Roberto, além de ser o quarto roubo notificado. Barucke disse ainda que o motorista e o cobra-

dor que conseguiram imobilizar Paulo Roberto não precisaram prestar depoimento na 15ª DP, porque as vítimas reconheceram o bandido, que foi levado para Polinter e depois para o Presídio Ary Franco.

— Ele (o bandido) vai res-

ponder pelo estupro a vulnerável (porque a vítima é menor de idade) com pena de 15 anos e roubo pelos crimes que cometeu. Cada pena por roubo equivale a dez anos de detenção — explicou o delegado.

Para Barucke, a ação do mo-

● Léo Moura classificou a relação de sete anos com o Flamengo como um casamento, no sábado passado. E pelo visto, o divórcio está fora de cogitação. Embora tenha iniciado o ano sob desconfiança, o lateral conseguiu se recuperar e, com atuações decisivas, tem sido essencial para o time em 2012. A boa fase já faz a diretoria se mexer para segurá-lo por mais tempo.

Como o vínculo do jogador se encerra no fim deste ano, a cúpula de futebol planeja iniciar as conversas com Léo Moura para discutir a renovação de contrato em maio. Recentemente, o lateral chegou a dizer que tinha o sonho de encerrar a carreira no clube e descartou vestir outra camisa no Brasil. Se depender da diretoria, o projeto do camisa 2 pode virar realidade. O vice de futebol Paulo César Coutinho garante que o jogador ficará quanto tempo quiser no Fla.

– Enquanto ele quiser jogar, vai ficar no Flamengo. Se for de sua vontade, ficará até encerrar a carreira. Pretendemos chamá-lo para

conversar em maio ou até antes. Não vamos deixar para tratar da renovação dele em cima, porque é uma peça importantíssima – garantiu Paulo César Coutinho, ao LANCE!

A possível renovação do vínculo poderá ajudar Léo Moura a entrar na galeria dos dez jogadores que mais vestiram a camisa do Flamengo. Já

Léo Moura afirmou que tem o sonho de encerrar a sua carreira no Flamengo

são 378 partidas, 88 a menos do que Zinho, com 466. Desde 2005 na Gávea, ele é um dos principais jogadores da posição na História do clube.

– É até difícil falar sobre mim. As pessoas me elogiam e chegam a comentar isso comigo nas ruas. O Leandro e o Jorginho também se destacaram pelo Flamengo – ressaltou Léo Moura, que marcou dois gols em 2012, os dois em jogos da Libertadores, seu principal objetivo.

APO ganha site e transparência

FISCALIZAÇÃO Órgão responsável por assegurar a execução das obras de infraestrutura dos Jogos pode ser monitorado online

MICHEL CASTELLAR

michelcastellar@lancenet.com.br

Já está no ar na internet o site da Autoridade Pública Olímpica (APO), consórcio público criado para assegurar que todas as obras de infraestrutura para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016 sejam finalizadas. Pelo endereço virtual www.apo.gov.br, qualquer cidadão pode acompanhar todos os passos do consórcio público, que reúne os governos federal, estadual e municipal.

Pelo site, que ainda está em construção, já é possível a qualquer um ter acesso ao estatuto da APO. E verificar, por exemplo, que de acordo com o parágrafo primeiro, do art. 3º, o consórcio público poderá assumir o planejamento e a execução de obras ou de serviços caso um de seus consorciados não cumpra as obrigações previstas e coloque em risco a realização das obrigações assumidas perante o Comi-

tê Olímpico Internacional (COI) para os Jogos Rio-2016.

Vale lembrar que o COI, pelo não cumprimento de uma obrigação assumida, pode não só multar como exigir um indenização do Rio.

Na página virtual da APO, ainda é

Quatro diretorias executivas foram criadas para monitorar as obras

possível ter acesso às atas das reuniões realizadas pelo Conselho Público Olímpico (CPO), que é presidido por Henrique Meirelles (representante da presidente Dilma Rousseff) e formado ainda pelo governador do Rio, Sérgio Cabral Filho, e pelo prefeito carioca, Eduardo Paes. Na última, realizada em 27 de dezembro,

foram aprovados o estatuto e o orçamento de 2011.

Quanto às cifras utilizadas no ano passado, não houve novidade e os valores foram mantidos: R\$21 milhões. Destes, R\$20,8 milhões foram bancados pelo governo federal, R\$100 mil pelo governo estadual e os outros R\$100 mil, pelo município. A previsão para 2012 é a de que sejam utilizados cerca de R\$80 milhões.

A APO será administrada por um conselho de governança (veja mais abaixo), subordinado ao CPO. Ainda no organograma foram inseridas quatro diretorias executivas com o objetivo de agilizar o andamento do acompanhamento dos projetos e obras em execução.

São elas: Diretoria de Infraestrutura Esportiva e Meio Ambiente; Diretoria de Infraestrutura de Mobilidade, Trânsito e Tráfego; Diretoria de Infraestrutura e Serviços de Segurança e Prevenção; e a Diretoria de Operações e Serviços.

► FOCO

Arquivo Nacional recebe fotos e cartas de Prestes

Viúva doa acervo que inclui imagens da vida política e familiar do líder comunista

MARCO ANTÔNIO MARTINS
DO RIO

Maria Prestes, viúva do líder comunista Luiz Carlos Prestes (1898-1990), doa hoje ao Arquivo Nacional, no Rio, o acervo pessoal do “Cavaleiro da Esperança”.

São dez álbuns de fotos e 27 pastas de documentos, telegramas e cartas trocadas com lideranças comunistas de diversos países e com os filhos. A doação acontece no aniversário de 114 anos de seu nascimento, em Porto Alegre.

“É parte da minha vida. Da nossa vida. Prestes não era só político, era um ser humano”, conta Maria, 81, que passou 40 anos ao lado do Velho, como era conhecido no Partido Comunista e na família.

“Imagino que seja importante para as pessoas conhecerem esse outro lado do homem que se questionava por que as pessoas não liam”, diz.

Prestes teve oito filhos, sete com Maria e uma, Anita Leocádia, com a dirigente comunista alemã Olga Benário Prestes (1908-1942). Ele também criou dois filhos de um casamento anterior de Maria.

Entre as fotos, há imagens de Luiz Carlos ainda bebê, em 1898, com os pais; do exílio em Moscou, da filiação do

pintor Cândido Portinari ao PCB e de uma visita a Cuba, com o ex-presidente Lula.

Há também fotos da vida em família, como a que mostra o líder comunista tomando sol na praia do Futuro, no Ceará, em 1989.

“Ele já estava muito debilitado. Íamos para a praia pela manhã. Depois, ele voltava para casa e sempre tinha alguém querendo conversar com o Velho”, lembra Maria.

A divulgação da foto desagradou Anita. Em e-mail ao jornal “O Globo”, a primogênita de Prestes denunciou o “desrespeito à sua memória e à sua vontade, pois todos que com ele conviveram sabem que Prestes jamais concordaria com tal divulgação”.

Maria discorda: “É um prazer dar continuidade à memória dele, que não se limitava à política. Era uma pessoa que sentava para conversar, orientar os filhos à mesa do café”.

Depois de catalogado e digitalizado, o acervo ficará disponível para consulta no site do Arquivo Nacional.



FOLHA.com

Veja mais fotos de Prestes doadas ao Arquivo Nacional

folha.com/no1028960

Vendas de automóveis batem recorde em 2011

Apesar do crescimento de 2,9% ante 2010, desempenho do ano ficou abaixo do esperado

Marcelo Rehder

A indústria automobilística bateu novo recorde de vendas no mercado brasileiro em 2011. O emplacamento de carros e comerciais leves somou 3,426 milhões de unidades, segundo fontes do setor. O número representa crescimento de 2,9% sobre a marca anterior, registrada em 2010, quando foram vendidos 3,329 milhões de veículos. Foi o quinto recorde consecutivo de vendas registrado pelas montadoras no País.

Ainda assim, o resultado ficou abaixo das estimativas da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que projetava para as vendas internas do setor como um todo crescimento de 5% no começo de 2011 e revisou sua previsão para 3,3% em novembro último. As projeções iniciais da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve) para o ano apontavam crescimento de 4,2% nas vendas de automóveis e comerciais leves.

Apostas. As montadoras acreditavam que o pagamento do 13.º salário ajudaria a empurrar as vendas no fim do ano, assim como as medidas do governo que reduziram as exigências para financiamentos de longo prazo impostas em dezembro do ano passado, quando a intenção era frear o consumo.

Além disso, em meados de dezembro, passou a valer a elevação em 30 pontos percentuais da alíquota do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre veículos importados. As vendas de importados

vinham apresentando forte crescimento desde o início do ano. O novo valor do imposto

● **Desempenho**
3,426
milhões de unidades foram
emplacadas no ano passado

329,2 mil
unidades foram vendidas em
dezembro, desempenho 8,8%
inferior a mesmo mês de 2010

tem validade até o fim de 2012. O desempenho de dezembro ficou 8,8% abaixo do alcançado em igual período de 2010. As vendas de carros e comerciais leves novos somaram 329,2 mil unidades no mês, ante 361,2 mil em dezembro do ano anterior. Já na comparação com novembro de 2010, o resultado foi um crescimento de 7,8%.

Ranking. A italiana Fiat segue na liderança do mercado de automóveis e comerciais leves. A fabricante somou 754.276 unidades vendidas em 2010 (22%

de participação). A alemã Volkswagen ficou com a segunda maior fatia do mercado, com 698.404 unidades (20,4%), seguida pela americana General Motors, com 632.259 (18,4%).

A Ford manteve-se no quarto lugar, com 314.016 unidades vendidas (9,2%) e a Renault, em quinto, com 194.294 (5,7%).

Os números oficiais das vendas de automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus, assim como o ranking das montadoras, serão divulgadas amanhã pela Fenabreve. /COLABOROU

ALINE BRONZATI



THIAGO TEIXEIRA/AE-16/7

Prêmio esquecido pode ir para Saúde

Projetos no Congresso mudam destino de dinheiro não retirado nas loterias federais

Marcio Allemand

marcio.allemand@oglobo.com.br

● O destino do dinheiro que os sortudos ganham nas loterias federais — mas se esquecem de buscar — pode mudar. Dois projetos de lei em tramitação no Congresso determinam que os prêmios esquecidos passem a ser destinados ao Fundo Nacional de Saúde (Funasa).

Um é do deputado federal Onofre Santo Agostini (DEM-SC), já sob análise da Câmara. O outro é do senador Paulo Davim

(PV-RN). Davim tenta, desde junho do ano passado, aprovar o projeto que originalmente previa que os recursos tivessem como destino único o Programa Saúde da Família; em dezembro, a Comissão de Assuntos Sociais do Senado alterou o texto, ampliando os beneficiados.

Davim cita que em 2010 a Caixa Econômica arrecadou R\$ 8,8 bilhões com as apostas e que o montante de prêmios não retirados chegou a R\$ 169 milhões, boa parte de premiação secundária. Hoje, os prêmios não reclamados são uma das fon-

tes do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies).

O sorteio da Mega da Virada premiou cinco apostas: em Belém (PA), Brasília (DF), Carmo do Cajuru (MG), Mauá (SP) e Russas (CE). Enquanto os outros quatro ainda não retiraram os R\$ 35,5 milhões a que cada um tem direito, o ganhador da aposta feita na Rodoviária Interestadual de Brasília foi retirar sua parte ontem mesmo. Ele disse que escolheu os números aleatoriamente e que o bilhete premiado custou apenas R\$ 2, valor da aposta simples.

Novidade
Alessandro será
titular amanhã

É bom

aproveitar...

PÊNALTÍ É COM ELE Com lesão de Prass, Alessandro, enfim, fará sua estreia. Na base, ganhou fama de pegador de pênaltis

BRUNO BRAZ E LUIZ GUILHERME FREITAS
reportervasco@lancenet.com.br

No Vasco desde 2010, o goleiro Alessandro, enfim, terá a sua chance após a lesão de Fernando Prass. Sem ter atuado um jogo oficial sequer pelo Gigante da Colina, ele poderá se apresentar ao torcedor. E dentre suas principais características, chama a atenção a de pegador de pênaltis, conquistada ainda nas divisões de base.

A fama surgiu, principalmente, nos tempos de Fluminense. O ar-

queiro defendeu os juniores do Tricolor das Laranjeiras entre 2006 e 2007 e lá, por muitas vezes, salvou a equipe nas penalidades máximas.

No torneio Otávio Pinto Guimarães de 2006, por exemplo, conseguiu duas façanhas. Nas quartas de final, decidiu a favor do Flu ao pegar dois. Na semifinal, repetiu a dose defendendo mais dois.

– Ele teve destaque, tanto na Copa São Paulo de Futebol Júnior quanto no OPG, por ser um baita pegador de pênaltis. Todas as disputas que tive-

mos com ele, vencemos – ressaltou Anthoni Santoro, treinador do goleiro na época de Fluminense.

Animado com a chance, apesar de admitir o natural frio na barriga, Alessandro tem planos ambiciosos em São Januário:

– Com certeza é a grande oportunidade. Estava esperando faz tempo, treinando fortemente. Ter ficado ano passado no banco dá mais motivação. Espero fazer minha carreira no Vasco, conquistando muitos títulos, mas com um passo após o outro.

Em seu período de Flu, ele teve como companheiro o Mito Dedé. Em 2008, foi transferido para o Grêmio, no qual ficou por um ano, até que Rodrigo Caetano o trouxe para o Vasco, a princípio para ser o terceiro goleiro. Com a saída de Tiago, assumiu o posto de reserva imediato de Prass.

As notícias do VASCÃO
chegam antes até você!

Envie **VASCO** para **46952**.

Serviço SMS ao custo de R\$0,10 / mensagem recebida. Até 3 msgs./dia. Disponível em todas as Operadoras.

TJ-SP investiga pagamentos fora do contracheque a juízes

Valores teriam sido depositados na conta de 29 desembargadores de 2006 a 2010

CNJ diz que não há regra específica para registrar remunerações, mas situação dificulta investigação da corte

FREDERICO VASCONCELOS
FLÁVIO FERREIRA
DE SÃO PAULO

O Tribunal de Justiça de São Paulo investiga se pagamentos privilegiados para 29 desembargadores entre 2006 e 2010 foram feitos diretamente nas contas correntes dos magistrados, sem registro em contracheques.

“Essas antecipações possivelmente tenham sido pagas dessa maneira. Verificaremos nossas fichas financeiras”, diz o recém-empossado pre-

sidente do TJ, Ivan Sartori.

Segundo o CNJ (Conselho Nacional de Justiça), órgão responsável pelo controle administrativo dos tribunais, “não há nenhuma disposição específica em lei geral sobre como devem ser preenchidos os documentos comprobatórios de remunerações”.

Porém, o presidente do TJ lembrou que pagamentos fora do padrão e sem emissão de contracheques já causaram indignação no tribunal em 2010, na gestão do desembargador Antonio Carlos Viana Santos, morto em janeiro de 2011, e geraram pedidos de regularização pelos juízes.

“Seriam pagamentos irregulares em termos de formalização pelos contracheques. Mas os créditos ocorreram e eram detectáveis em folha de

pagamento”, disse Sartori.

Magistrados ouvidos pela **Folha** reclamaram que a não emissão de contracheques muitas vezes impossibilitou a identificação dos depósitos em suas contas correntes.

A falta de transparência na corte é agravada pela dificuldade de obter informação no setor de folha de pagamentos. A recusa em fornecer dados sobre remunerações causou a primeira rusga significativa do tribunal com o CNJ.

Em 2009, após alerta da entidade de servidores Assojuris, o conselho constatou que o TJ fez depósitos fora dos contracheques para juízes.

O então presidente do TJ-SP, Roberto Vallim Bellocchi, negou-se a fornecer ao CNJ comprovantes dos pagamentos daqueles que recebiam o

chamado “auxílio-voto”, espécie de comissão extraordinária por votos proferidos.

Relator do caso, o então conselheiro Joaquim Falcão constatou que o “auxílio-voto” permitia driblar o teto constitucional dos juízes.

Pretendia-se verificar se pagamentos de remuneração haviam sido contabilizados como indenizações, evitando a incidência de impostos.

A **Folha** procurou Bellocchi por meio do TJ, da Associação Paulista de Magistrados e de seu ex-escritório, mas o magistrado aposentado não foi localizado.

Em 2010, a gestão de Santos relatou ao CNJ que as verbas sem contracheques constaram de “folhas complementares” e de “atestados de rendimentos” pagos aos juízes.

Eike Batista agora quer ser um produtor de café

EBX está em busca de negócios

Ramona Ordoñez

ramona@oglobo.com.br

• O empresário Eike Batista, que no último fim de semana se tornou o primeiro produtor privado nacional de petróleo no mar, agora está voltando seus olhos para os campos em terra. Só que desta vez o objetivo de Eike não é explorar petróleo em terra, mas se tornar um cafeicultor. O grupo EBX confirmou ontem que estuda oportunidades de negócios para entrar no se-

tor de café, sem dar maiores detalhes.

No fim de semana a OGX iniciou os Testes de Longa Duração (TLD) no campo de Waimea, na Bacia de Campos. O início efetivo da produção deve começar nas próximas horas, o que representará um marco para a empresa de Eike Batista. A previsão é que o poço atinja uma produção média entre 15 mil e 20 mil barris diários de petróleo, chegando a 50 mil barris no fim do ano.

Cotado para assumir presidência do Inep enfrenta oposição interna

PEDRO FRANÇA/AGENCIA SENADO

Luiz Cláudio Costa é alvo de críticas por parte de servidores do órgão, que encaram troca como questão política

Rafael Moraes Moura / BRASÍLIA

Cotado para assumir o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o secretário de educação superior do Ministério da Educação (MEC), Luiz Cláudio Costa, enfrenta resistência no órgão. Ontem, ele se reuniu com a atual presidente, Malvina Tuttman, para discutir a transição, apesar de o MEC não confirmar sua ida para o órgão e dizer que o martelo ainda não foi batido.

Filiado ao PT e homem de confiança do ex-ministro Fernando Haddad, Costa é alvo de críticas por parte de servidores do Inep, que encaram a troca de comando como uma questão política: sai uma educadora de perfil téc-

Nova área. Luiz Cláudio Costa é especialista em agricultura

nico, entra um petista especializado em engenharia agrícola.

O cargo de presidente do Inep é um dos mais vulneráveis de Brasília: esta é a quarta mudança pelo quarto ano consecutivo. Malvina é vista no Inep como uma presidente que lutou a favor do instituto e cobrou o consórcio Cespe/Cesgranrio quanto à aplicação do Enem.

Malvina não presidia o Inep em outubro de 2010, quando questões do pré-teste vazaram de um colégio de Fortaleza. Tem mestrado e doutorado na área de educação, com destaque para as áreas de planejamento e avaliação educacional.

Costa, por sua vez, tem graduação em matemática e mestrado em meteorologia agrícola pela

Universidade Federal de Viçosa (UFV), instituição da qual já foi reitor. Também é mestre em meteorologia agrícola pela UFV e possui Ph.D. na mesma área pela Universidade de Reading, na Inglaterra. É professor do Departamento de Engenharia Agrícola da UFV. Entre suas áreas de atuação estão agrometeorologia, engenharia de água e solo e impactos de mudanças climáticas na agricultura.

À frente do Inep, a realidade será outra: deverá tratar do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e outras avaliações, como o Censo Escolar, o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa).

“Quanto mais se trocam os presidentes, mais o Inep fica distante de retomar a função primordial de produzir dados sobre educação, refletir sobre eles e torná-los públicos com transparência. O Inep devia ser o Ipea (*Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*) da educação e gozar da mesma autonomia, mas está muito distante disso”, critica o coordenador-geral da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, Daniel Cara.

